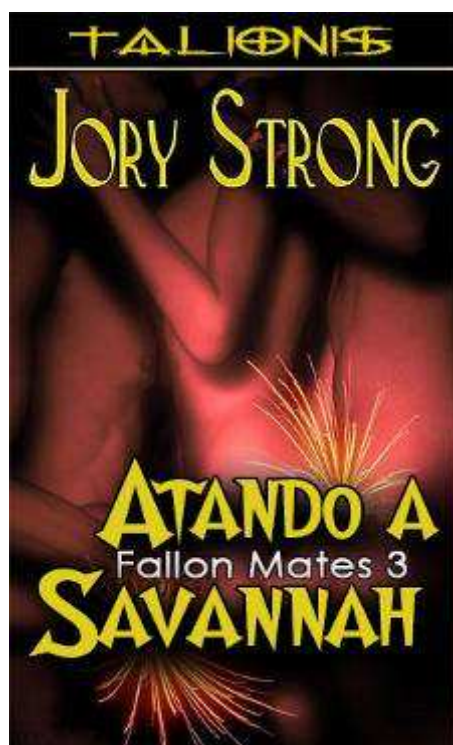




Jory Strong

Atando Savannah

Fallon Mates 3

Disp em Esp: Club de Las Excomulgadas

Envio do arquivo e Formatação: Δίκη

Revisão Inicial: Tessy

Revisão Final: Dani A.

Imagem: Elica

Talionis

Tanto pelo bem de Belizair, como o de seu próprio clã, Draigon d'Amato fará o que se requer dele.

Escolherá um Co-companheiro Vesti, e aceitará à mulher humana que os cientistas do Conselho determinaram que é sua companheira. Mas apesar de estar resignado a seu destino, tão logo vá a Savannah Holden, o dever se transforma em desejo, e deseja reclamá-la imediatamente.

Por desgracia para ele, Savannah é uma mulher policial que tenta marcar uma diferença na Terra. E se essa não fosse suficiente provocação, ela já tomou um Vesti como amante. Não qualquer Vesti, e sim Kye d'Vesti, cujo clã tem a reputação de torcer, ou mas bem romper, as leis que Draigon se sente obrigado a defender.

Para Kye, compartilhar uma companheira de vínculo vai contra cada instinto de sua herança Vesti.

Mas, com os criminosos decididos a impedir que Savannah se aproxime muito, manter a sua lutadora e independente companheira, segura, e afastada dos problemas, é um trabalho para dois homens.

Draigon e Kye descobrem que compartilhar as tarefas de guarda-costas tem certos... Benefícios, e seu "dever de dar prazer" é um que realizam com grande entusiasmo. Até que um deles toma seu "dever de proteger" muito literalmente, com um resultado devastador.





Comentário da Tessy: Essa Série está cada vez melhor!! A autora conseguir reunir tudo de bom... Adrenalina, romance, sexo e um trio pra lá de especial, cada um com uma característica que completa a outra parte deste trio maravilhoso... Não percam! E já estou me coçando pelo próximo!!! Kkkkkkkk.

Comentário da Dani A.: Eu concordo com a Tessy. A série está ficando cada vez mais animada. E deixa você curiosa para saber o que vem depois.

Prólogo

Draigon d'Amato dos Baraqijal, estava de pé junto à janela da casa de seu clã. Ao longe, estavam as desoladas montanhas de cor vermelha, um lugar de desfiladeiros e perigo. De morte. Um lugar tão inóspito, como as milhas douradas do deserto vermelho que separava Shiksa das montanhas, e além deles, as selvas de Belizair.

Seu corpo podia estar em seu mundo, mas sua mente estava na Terra. Seus pensamentos em Adan, um amigo da infância, um companheiro caçador de recompensas, um guardião da lei, um Amato, que tinha feito o que Draigon ainda não se atrevia a fazer. Aceitar, não só uma mulher humana como companheira, e sim a um Vesti como Co-companheiro.

Ainda quando a mulher de Adan, era em realidade uma metade para Lyan, qualquer que conhecesse os dois homens saberia que o resultado seria o mesmo, independentemente de qual dos homens tivesse a lei do Conselho atrás dele na hora de reclamar à humana. Se Krista Thomas da Terra tivesse sido companheira de Adan, ainda seriam Lyan e Adan quem estabelecesse o vínculo com ela.

Sem dúvida, os membros do Conselho estavam fora de si porque Lyan, alguém que tão frequentemente se encontrou em perigo de ser sancionado, agora tinha a lei de seu lado e sua bênção. Isto, de fato, era um êxito importante para todos eles.

A tensão fez que Draigon fizesse rodar seus ombros para estirar as brancas plumas de suas asas. As veias destas, e as bordas debruadas de um vermelho aceso, entrelaçado com o dourado, que faziam jogo com seu cabelo, eram um reflexo do nó de carvão quente que se queimava em suas vísceras.

Ele era o filho mais velho, e sabia por que seu pai tinha pedido que retornasse a seu lar quando sua missão em Sinnett terminasse. Tinha-o visto nos olhos de sua mãe quando a saudou. Tinha-o visto na face de sua prima Zantara. E como sempre, sua grave situação tinha quebrado o coração e a alma de Draigon. Fez-o amaldiçoar os Hotalings por seu vírus. Amaldiçoou o clã Araquel da casa Vesti por trazê-lo para Belizair, onde levou a cabo uma devastação sem precedentes. Onde ainda podia levar a extinção tanto dos Vesti como dos Amato.



Seu estômago se revolveu. Fazia muito tempo, os Vesti e Amato tinham lutado, quase até o ponto de destruir a si mesmos. Inclusive antes do vírus Hotaling, poços de desconfiança, lembranças de longa data e hostilidades ocultas, mantinham-se entre as duas raças. Agora, a situação em Belizair ameaçava perfurando a parede que protegia aqueles prejuízos contidos, justo quando se requeria que as duas raças trabalhassem juntas para evitar a extinção. Requerendo homens sem casal para formar alianças e compartilhar uma companheira.

Draigon suspirou quando ouviu a voz de seu pai em outra parte da casa. Não passaria muito tempo agora.

Tinha pensado que quando chegasse o momento de assentar-se e formar uma família, compartilharia a companheira com o irmão mais próximo a ele em idade. Ou talvez for parte de um grupo de quatro pessoas, se sua mulher queria uma segunda para unir-se a eles. Os Amato sempre tinham estabelecido laços no acerto estivesse bem para os envoltos. Mas seguir por esse caminho agora, significaria que não haveria nenhum filho.

Draigon esfregou o peito, ainda sabendo que nada eliminaria a tensão que sentia ali. Se só algum de seus irmãos menores tivesse sido emparelhado...

Igual a muitos varões não emparelhados em Belizair, quando se disseminaram em seu mundo as notícias das primeiras gravidez bem-sucedidas, seus irmãos se dirigiram aos cientistas do Conselho e tinham proporcionado amostras de DNA. Draigon não o tinha feito. Nunca tinha tido a intenção de ir. Mas à medida que os passos de seu pai se aproximavam, Draigon se preparou mentalmente para o inevitável de seu destino. A cena de desolação e dureza desdobrada frente a ele, era um reflexo da realidade do caminho esboçado diante dele. Um Co-companheiro Vesti. Uma mulher humana. Faria o que se requeresse dele.

Capítulo 1

Savannah Holden fez uma careta ao abrir seu armário e começar a tirar seu uniforme. Seus ouvidos começavam a avermelhar e sua pele a irritar-se, ao pensar em que o capitão a alcançasse antes que pudesse deixar o edifício. Sabia que ele a buscaria agora que estava de volta da conferência, mas isso não significava que tivesse a intenção de fazer mais fácil que a encontrasse. Estava em espera de uma nova repreensão sobre informar o que dissessem suas fontes e depois deixar que outros, neste caso os meninos da Antidroga, encarreguem-se a partir daí.

Maldição. O capitão não entendia. Ou se o fazia, então estava fazendo um bom trabalho ao ignorá-lo.

Quando se uniu à polícia, em realidade, imaginou-se detendo os caras maus. E o tinha feito. Mas se tivesse querido que as brigas de bêbados ou as disputas familiares fossem parte diária da descrição de seu trabalho, então teria procurado trabalho como segurança em um bar, ou vigiado aos ruidosos trabalhadores de um rancho em seus dias livres.

Ela queria ser um detetive. Queria usar seu cérebro para solucionar um crime. Não é que acreditasse que ser um policial diário fosse uma profissão de baixa fila. De maneira nenhuma.



Mas... Sempre tinha sido muito boa com os quebra-cabeças e era uma assassina nos jogos de mesa. Uma mente assim deveria ser utilizada, não é? Ela era mais que um corpo quente que preenchia um uniforme, não?

Demônios! Sim!

Colocou seus jeans e olhou seu relógio. Tinha bastante tempo para chegar ao The Dive.

Savannah sorriu. Sim, esse lugar trazia muitas lembranças. A maioria deles implicavam a Krista Thomas. Eram mais como irmãs, que amigas. Poderiam passar meses, inclusive anos, mas cada vez que se viam, era como se não houvesse passado o tempo absolutamente.

O tema musical de The Twilight Zone se movia pela mente de Savannah e riu suavemente. Tinha estado pensando muito em Krista ultimamente. Isso significava que a veria logo. Sempre tinha sido assim, uma espécie de estranho sexto sentido que deixava dar-se conta de coisas que não podiam ser explicadas. Pena que o sexto sentido não a pudesse levar a título de detetive. Detetive Savannah Holden. Sim, gostava como soava.

Definitivamente melhor que Rancheira Savannah Holden. Ou, Savannah Holden Esposa de Rancheiro. Não, não é que ela não soubesse tudo sobre a vida no rancho, desde como plantar milho, ou tirar a merda das vacas, até o final do ciclo da cadeia alimentícia. Tinha nascido e se criou no Rancho Bar None, e tinha sabido de ciência certa que o gado era um trabalho duro, mais horas de trabalho que as de um policial e só ligeiramente menos perigoso.

Mas a vida no rancho não a atraía, e além disso, apesar de saber montar, usar o laço, curar o gado e castrar os touros, tão bem como qualquer de seus irmãos, estes realmente não a necessitavam. E aí está, em poucas palavras a raiz do assunto, reconheceu a si mesma. Ela queria que seu trabalho significasse algo. Queria que sua vida tivesse valor. Queria ser necessária.

Olhou seu relógio de novo. Tinha um montão de tempo para encontrar-se com O Furão. Maldição. Tinha que tentar recordar seu verdadeiro nome. Dale? Ou era Ricky? Merda. Era terrível com os nomes reais. Tinha dado um apelido e depois, nunca pensou nele de outra maneira.

Seus pensamentos se estenderam por volta da conversa telefônica que tinha mantido com ele mais cedo. “Tenho algo para você”, havia dito.

“Escuto-o”

“Não aqui. É muito importante para contá-lo por telefone. Se tem escuta, o bronze beijará seu traseiro e pedirão que tome a insígnia de detetive.”

“Onde?”

“Conhece um lugar chamado The Dive?”

“Claro.”

“Vemo-nos ali.” E ficaram de acordo na hora.

O telefone celular de Savannah soou. Riu quando o respondeu e escutou a voz da Krista, o tema de The Twilight Zone voltou a soar brevemente em sua mente, depois que Krista disse que vinha a Reno. “Lembra-se daquele chiqueiro chamado The Dive?”, perguntou Savannah.

Krista riu. “Sabe que sim. É o único lugar na cidade onde estavam acostumada nos deixar entrar com nossas carteiras, obviamente falsas, quando tínhamos dezesseis anos.”

“Nego-me a falar disso. Por que não nos encontramos no The Dive? É um lugar bastante seguro nestes dias e logo que troque de roupa me dirigirei ali de todos os modos. Supõe-se que



tenho que me encontrar com um informante, mas meu assunto com ele não deveria levar muito tempo.”

“Bem, vemo-nos ali.”

Savannah pôs o telefone no suporte de seu cinto e rapidamente trocou a blusa, depois se inclinou e colocou os tênis, uma melhor escolha que suas botas de vaqueiro habituais, porque tinha a urgência de escapar antes que o capitão pudesse chegar até ela.

— Ouça, Holden, espera — Disse uma voz masculina, quando ela saiu do vestiário.

Savannah se encolheu em reação, antes que seu cérebro processasse quem a chamava. Deu a volta, vendo como Fowler, o cara mimado da Antidroga, fechava a distância entre eles e punha amigavelmente um braço ao redor dos ombros.

— Deseja que sua carreira termine? — Perguntou Fowler.

Ela fez uma careta.

— Provavelmente pareça dessa maneira. Está seguro que quer ser visto comigo?

Ele riu. Um som contagioso que era impossível de resistir. Por outra parte, ele era material de revista de moda masculina. A encarnação de cada uma das fantasias de algumas secretárias, e as de algumas oficiais, ela incluída, desde que se tinha mudado a Las Vegas.

Começaram a caminhar pelo corredor, com o braço ainda pendurado ao redor de seu ombro. Savannah tentou mantê-lo em perspectiva. Ele nunca a havia tocado. Nunca deu a impressão de estar interessado nela. E ainda se o estava... Atar-se com um policial era uma má ideia. Tinha-o tentado algumas vezes e tinha jurado não voltar a fazê-lo.

Giraram um canto e Savannah amaldiçoou em silêncio ao ver dois policiais caminhando em sua direção. Fowler deu um pequeno apertão silencioso em apoio.

— Olá, Creech, Mastrin — Disse ao passar.

— Tem certeza que não quer que sua carreira termine? — Brincou Savannah um minuto depois — Creech e Mastrin não são parte de meu clube de fãs. É seu caso no que acabo de interferir.

Ela não tinha pensado em enredar-se em uma operação do Antidroga. E em sua defesa, havia dito à informação que tinha recebido, a respeito de um par de prostitutas menores de idade. Se alguém houvesse dito, estamos nisso, ou... Não interfira, faz parte de uma investigação ativa, ela ficaria feliz em deixar o caso. Não estava interessada em trabalhar na entorpecentes.

Mas em vez de uma resposta satisfatória a sua informação, tudo o que tinha conseguido era um vago “bem”. E ela não podia deixá-lo passar. Não depois de dar um passeio, e ver uma das garotas caminhando frente ao hotel residencial. A menina não tinha estado oferecendo-se abertamente, por isso Savannah não tinha podido agir... Então.

Maldição, inclusive agora, não podia tirar a garota de sua mente. Seus olhos atormentados, desiludidos, em sua pequena face de duendezinho.

Fowler tirou o braço do ombro de Savannah.

— Olhe, Quer trabalhar na entorpecente? Posso falar por você.

— Não acredito que sirva para o Antidroga.

— Está de brincadeira? A pessoa fala com você. E isso é uma grande parte da equação. Pensa nessas garotas que apanhou, alguém veio a você com a informação. Certo?



— Correto — Disse Savannah, embora não era exatamente a verdade. Ela tinha ido à fonte de informação, em vez que a informação fosse a ela.

— Vê o que quero dizer? — Ele riu e a olhou de maneira esperançosa — Quer compartilhar a informação?

Savannah sorriu abertamente.

— Acredito que é seguro dizer que esse foi um trato de uma só vez. O cara ouviu rumores e tem filhas jovens.

Fowler deu uma piscada e dirigiu um sorriso que poderia derreter uma pedra.

— OK, OK. Não quer compartilhar, está bem — Tirou uma caderneta e uma caneta de seu bolso, escreveu algo e depois arrancou a folha, dando a Savannah — É meu número de celular. Se conseguir alguma outra informação e quer que alguém tome a sério, me chame.

Savannah colocou o papel em seu bolso traseiro. Ele começou a pôr a caderneta em seu lugar, e então vacilou.

— Tem número de celular? — Savannah o deu. Então guardo a caderneta e a caneta em seu bolso — Tenho que ir. Mas o digo a sério, se alguma vez quer tentar entrar no Antidroga, farei o que possa para te ajudar. Só me avise.

— Obrigado — Disse ela, e se afastou, dirigindo-se em direção contrária aos vestuários, e quando girou a esquina se encontrou cara a cara com o capitão. Genial! Era a hora feliz nos corredores da delegacia de polícia?

— Holden. Pensa que há alguma razão para acreditar que os meninos do Antidroga não podem dirigir seu trabalho? Alguma razão pela qual teve que tomar por si mesma essa operação de vigilância enquanto estava fora?

Ela fez uma careta.

— Não, Capitão, mas...

Ele levantou a mão e ela pensou que sua face tinha tomado uma cor vermelha pouco saudável.

— Pare de seguir com isso, Holden. Sei que cresceu escutando os contos escandalosos de seu avô e vendo histórias do selvagem oeste, onde o menino do chapéu branco ganhava e salvava a situação, disparando no processo e convertendo-se em xerife. Mas não trabalhamos assim por aqui. Você paga por ser uma novata, talvez beije alguns traseiros quando estraga algo, e espera que chegue seu momento. Terá a sua insígnia de detetive, talvez, se pode evitar zangar a seus superiores, e sem pisar a outra pessoa.

Savannah inclinou a cabeça, sabendo que o que dizia o capitão era certo. O problema era que sempre tinha sido um pouco... Impetuosa. Um pouco desenfreada. Mas infernos, como poderia ter sido de outra maneira depois de ter crescido com irmãos briguentos, e ajudantes no rancho que trabalhavam duro e jogavam igualmente com a mesma força? Era se manter ao dia ou a deixavam para trás, e ela não estava disposta a perder a ação.

O capitão deu uma olhada a seu relógio, assinalando o final de seu bate-papo. Savannah soltou um suspiro de alívio, até que seus olhos olharam nos seu e ele disse

— Tenta não se colocar em problemas o resto do dia, Holden.

Seus pensamentos foram ao Furão e teve que esforçar-se muito para controlar sua



expressão e não parecer tão culpada como se sentiu de repente. Sabia que o capitão tentava ajudá-la, e durante um segundo, teve a tentação de contar sobre a chamada do Furão, tendo-o na ponta da língua.

Mas se reprimiu, mantendo-a na borda de sua consciência e prometendo-se de que se a informação fosse boa, trataria de controlar sua impulsividade. Trataria de trabalhar em equipe, talvez inclusive informasse ao capitão e aceitasse seus conselhos.

— Tentarei — Murmurou e sentiu que o capitão olhava suas costas até que ela girou a esquina e saiu do edifício.

Krista já estava no The Dive quando chegou.

— Lamento chegar tarde — Disse Savannah enquanto abraçava a sua amiga — O capitão tinha que me dar minha repreensão semanal sobre investigar fora das horas de serviço.

Krista se pôs a rir.

— Como se reunir com um informante esta noite?

Savannah revirou os olhos.

— Nem o mencione! Com um pouco de sorte o capitão não descobrirá. A menos que se filtre

— Olhou a seu redor — Podemos entrar. O Furão saberá onde me encontrar.

— O Furão?

— Parece uma doninha, cheira como uma doninha e age como uma doninha pelo que o chamo o Furão, embora acredite que seu verdadeiro nome é algo assim como Dale ou Ricky.

Maldição. Tinha memorizado seu endereço, mas seguia sem recordar seu nome verdadeiro. Tinha tido a intenção de tirar a ficha do Furão antes de seu encontro, mas depois de encontrar-se com o capitão, não teve mais remédio que sair do edifício e não fazer nada suspeito. Merda. O capitão tinha boas intenções, assim era difícil estar zangada com ele, mas... Savannah encolheu de ombros enquanto ela e Krista tomavam um reservado no fundo.

— O que está investigando para ter se metido em problemas? — Perguntou Krista.

— Obtive informação sobre um par de garotas menores de idade envolvidas em prostituição. Minha fonte não sabia quem as dirigia, mas me deu um endereço e uma descrição das garotas. Dei um passeio por ali, e depois passei a informação, mas... Não posso tirar da mente a imagem de uma das garotas. Holland — Savannah olhou a Krista, e se deu conta que parte da razão pela que a menina a tinha impressionado tanto era porque Holland recordava Krista, e ela tinha estado pensando em Krista muito frequentemente ultimamente.

— Deteve as garotas? — Perguntou Krista.

— Retirei-me e voltei de incógnita para vigiar o lugar. Então chegou uma garota mais velha, de dezenove anos e com o nome de Camryn, sei agora. De todos os modos, ela estava com um cara que irradiava “pervertido” por todos os lados. Holland e outra garota de sua idade estavam fora trocando algo de seus iPod. Camryn e a escória pararam. Falaram. Assinalaram. O psicopata riu a gargalhadas e depois se meteu no hotel residencial com Holland e a outra menina menor de idade. Para não voltar esta história muito longa. Chamei para pedir reforços e depois entrei. O pervertido tirou a roupa interior. Holland estava no banheiro e a outra moça estava nua na cama.



Krista franziu o cenho.

— E foi você a que se meteu em problemas?

— Resulta que a Antidroga tinha estado investigando um serviço de acompanhantes com o que estas garotas estavam conectadas. Mas o perverso que detive era um trabalho por conta própria. Não é que nenhum dos participantes admitisse algo.

— Então o que acontecerá?

— Ao perverso talvez o deterá por conduta lasciva com um menor, se ao menos se consegue isso — Savannah encolheu os ombros — Não vi nenhuma troca de dinheiro, e em realidade não os “apanhei no ato”, mas de maneira nenhuma podia ir dali, uma vez que os vi entrar.

— E as garotas?

— Não sei. Estava pensando em fazer um seguimento. Vou fazê-lo, logo que possa dirigi-lo sem os cara da Antidroga no meio. Uma das garotas está bastante endurecida já, mas a outra, Holland... — Savannah encolheu os ombros — Você pensaria que fazer este trabalho me faria ser mais dura, mas algo nela ainda parece vulnerável, pode que não seja tarde para ela — Uma garçonete passou pela mesa. Uma vez que tomou seus pedidos e se foi, Savannah trocou de tema — Então, o que te traz para Reno?

— Pensei que seria agradável me afastar por um tempo, talvez usar a cabana se estiver disponível.

— Problemas com um homem? — Perguntou Savannah, vendo como uma ampla gama de emoções passavam pela face de Krista — OH, moça, está mau. Quer me falar sobre o imbecil que quebrou seu coração? Talvez tem uma ordem de prisão ou algo assim, e posso me assegurar que as rodas da justiça fiquem em marcha.

Krista se pôs a rir.

— O que realmente quer dizer é... Se assegurar de que as rodas da justiça derrubem o cara e o esmaguem.

Savannah sorriu abertamente.

— Isso também — Depois, em um tom mais sério, acrescentou — Sinta-se livre de utilizar a cabana durante todo o tempo que a necessite. Sou toda ouvidos se quer falar.

A garçonete chegou e pôs as bebidas e a comida na mesa, depois se foi. Krista clareou garganta e tomou um nacho, sua face ruborizou antes de dizer

— Não é só um cara, são dois. E não romperam meu coração exatamente. Quero estar com eles, mas não posso.

As sobancelhas do Savannah se elevaram. Tomou um nacho e o meteu em um frasco que continha queijo quente.

— OH, Deus! Fala de ambos ao mesmo tempo, ou dois namorados diferentes em dois lugares diferentes?

— Ambos ao mesmo tempo.

Savannah fez todo um espetáculo agitando o ar diante sua face.

— Foi sua ideia ou deles?

O rubor de Krista se fez mais intenso.



— Todos estivemos de acordo com isso.

— Deixa-me sem palavras.

— Será a primeira vez.

Savannah sorriu.

— Sim, meu capitão diria isso também — Sua face ficou séria — Então, o que te detém? Tem medo que o diretor de sua escola descubra e te despeça por faltar ao moral?

— Sim, algo assim.

Savannah alcançou o braço de Krista e deu um pequeno aperto.

— Bom, vá e viaje a qualquer lugar e desfrute de sua fantasia. É o que eu faria.

A surpresa passou pela face de Krista e Savannah riu.

— O que? Não acha que eu também tenho fantasias? — Suas sobrancelhas subiam e desciam de uma maneira cômica — Tenho uma imaginação muito ativa.

Krista riu.

— Então, tomaria a dois caras de uma vez?

— OH, sim! E eu gostaria de tirar o laço.

— Não!

Savannah sorriu.

— Sabe quanto eu gosto dessas coisas de laços e cordas. Agora me conte sobre esses dois caras — E Krista o fez.

— A palavra magníficos não faz justiça. Eles parecem... — Krista pôs-se a rir — Dá-me vergonha dizer isto. Mas vou fazer. Parecem guerreiros, do tipo que aparece na capa de uma novela de romance erótico. Bronzeados, musculosos. Parecidos, mas diferentes — Ela enrugou o nariz — Complementam entre si, e tenho a impressão de que foram amigos por muito tempo.

Savannah soprou.

— Imagino que não tomaram muito tempo para conversar.

Krista riu com tom rouco, e admitiu.

— Não — Vacilou — Ainda acha que o amor pode chegar depois de uns poucos minutos, depois da luxúria a primeira vista?

— Sim. Acredito que é possível reconhecer alguém com o que pode passar o resto de sua vida, e que ao mesmo tempo, seus hormônios estejam a toda marcha e deseje saltar sobre seu corpo — Suspirou Savannah — Eu só posso sonhar. Assim além de magníficos, que aspecto têm?

— Ambos têm o cabelo comprido até os ombros, mas o de Adan é dourado e o de Lyan negro — A expressão de Krista só podia ser descrita como de sonho — São como fantasias andantes. É uma loucura. A primeira vez que me tocaram, senti... Como se fosse mais que luxúria. E depois quando eu estava... Na cama com eles...

Savannah levantou a mão diante dela.

— Pare. Não siga. Me diga se tiverem alguns amigos magníficos e depois encontra um quarto para se trancar com eles!

Krista pôs-se a rir.

— Suponho que não há nenhum homem de fantasia em sua vida agora mesmo.

— Nem sequer perto. Quão únicos vejo são policiais e delinquentes, não exatamente



candidatos de primeira no departamento das relações.

— E os vaqueiros do rancho de seus pais? Pelo que lembro, aí é onde pode encontrar tipos de aspecto estupendo.

Savannah fez rodar seus olhos.

— Agora que meus irmãos se feito cargo para que meus pais possam viajar, qualquer cara que encontram me olhando termina comprovando cercas. Me disseram que montar vigiando o cercado com uma furiosa ereção é muito doloroso. Nestes dias tudo o que tenho que fazer para deixar vazio um quarto cheio de vaqueiros, é entrar nele! E sim, tem razão, o barracão do Bar None ainda está cheio de coisas doces para a vista.

Krista riu.

— Tão perto e de uma vez tão longe.

— Tem razão — Disse Savannah, enquanto comprovava seu relógio e franzia o cenho.

— Seu informante chega tarde? — Perguntou Krista.

— Sim, uns dez minutos. O Furão é um tipo nervoso. Pelo geral chega cedo, espreita entre as sombras até que se certifica que é seguro, e depois aparece. O de chegar tarde não é típico dele — Levantou-se de sua cadeira — Acredito que vou olhar fora, no caso de...

Krista se levantou também.

— Irei com você.

— De maneira nenhuma, este é um assunto policial.

— Um assunto oficial da polícia?

Savannah sacudiu a cabeça, com tristeza.

— Esse é o problema das confissões, sempre se voltam contra você. Vamos. Nestes dias, The Dive é um lugar bastante tranquilo. Realmente não espero nenhum problema. O Furão provavelmente conseguiu uma oferta melhor e por isso não veio, mas eu me daria um chute no traseiro se mais tarde descobrisse que ele me esperou fora.

— Que tipo de informação te vende?

— Não sei — Nem sequer estava segura se O Furão esperava um pagamento por ela.

— Não sabe!

Savannah fez uma careta.

— Tudo o que disse foi que era algo grande. Algo tão grande que se o desenrolar, terão que me dar à insígnia de detetive, e meus dias como polícia de patrulha terminaram — Saíram do bar e Savannah disse — Esse parece o carro do Furão.

O carro estava estacionado na rua, do outro lado do beco. Um novíssimo Beamer negro, um modelo caro.

— Isto me dá mau presságio — Disse Krista — Por que não estacionou aqui?

— Não sei. Mas só há uma maneira de descobrir.

— Não deveria pedir reforços ou algo assim?

Savannah negou com a cabeça, mas não disse nada, enquanto parava na caminhonete, o tempo suficiente para tirar sua arma, antes de dirigir-se para o Beamer. No beco, levantou a mão em sinal pare, depois ficou de cócoras com sua arma em posição, antes de rodear o veículo para comprovar o beco.



O pênis de Kye d’Vesti ficou em alerta e palpitante, quando viu a mulher com o cabelo de fogo sair do bar com Krista Thomas, a companheira de vínculo de seu primo Lyan, e seu Co-companheiro Adan d’Amato. Pelas estrelas, a beleza ruiva era a escolhida. Era sua companheira.

Não necessitava que o Conselho e seus cientistas o confirmassem. O sangue se vertia em seu pênis, correndo como fogo por suas veias, a necessidade o fazia querer deixar seu esconderijo e ir reclamá-la, e essa era toda a prova que necessitava. Ela era dele.

Também estava armada e era perigosa.

Kye negou com a cabeça como se queria apagar as imagens transmitidas de seus olhos a seu cérebro. Sua próxima companheira acabava de tirar uma de suas armas primitivas de uma capa de seu lado? Afastava-se agora mesmo na forma de um caçador que rastreia uma presa?

O fazia.

Kye não sabia se ria ou gritava de raiva, enquanto rapidamente determinava o destino e se transportava para este. Agora que tinha encontrado sua companheira, de maneira nenhuma permitiria que acontecesse algo. Ela era sua única esperança para ter filhos, não era que o desejo de descendência estivesse em sua mente nesse preciso momento, embora foder sim o estava. OH, sim, definitivamente foder sim estava em sua cabeça.

Mas primeiro tinha que deter esta loucura de convidar o perigo a sua vida. Ela era muito, muito valiosa... Para ele, para sua raça, para um dos Amato não acasalados, com o que teria que compartilhá-la. Kye franziu o cenho diante a ideia e depois a afastou, seu coração sacudindo-se em seu peito ao ver Krista arrastar a sua amiga de cabelo de fogo, e afastá-la do beco, justo quando o carro ao que se aproximava estalava em uma explosão que sacudiu o lugar e enviou metal, vidro e partes de tijolos, jogados como projéteis mortais em todas as direções.

Capítulo 2

Em um instante Kye esteve ali, a raiva e uma resolução mortal o atravessavam em uma corrida selvagem. Até este momento, nunca havia sentido as emoções primitivas que tão frequentemente alcançavam os varões Vesti. Mas agora, enquanto olhava a sua companheira, coberta de escombros, esses sentimentos o encheram, transformando-o em um adversário mortal. Queria encontrar quem é que tivesse feito isto, e fazê-lo pagar, devagar e dolorosamente. Queria levar a sua companheira para casa, e assegurar que sua vida nunca estivesse em perigo de novo.

Os olhos de Kye se dirigiram para a companheira de Lyan, e o amor por ela cresceu em seu coração. Se não fosse por Krista, sua própria companheira estaria morta.

— Lyan? — Perguntou Krista, franzindo o cenho em perplexa confusão.

— Não, sou Kye.

Krista se sentou lentamente, dirigindo sua atenção a sua amiga.



— Savannah, está bem?

Savannah gemeu e rodou para seu lado, antes de sentar-se também.

— Sim, nada que um Advil e água oxigenada não possam curar — Passou uma mão pelo cabelo, enviando pequenos pedaços de vidro e tijolo ao chão — Homem, sabia que não ia gostar do que estava nesse Beamer!

Seu sorriso enviou uma onda de fúria por Kye. Não se dava conta sua companheira que alguém tinha estado esperando-a? Que tinham tentado matá-la?

Krista negou com a cabeça e estremeceu.

— Talvez deveria deixar a cidade por um tempo, Savannah. Alguém te fez uma armadilha.

Savannah esfregou as mãos, reprimindo as caóticas emoções que a atravessavam, em um alarde de fanfarronice.

— Onde há fumaça, há fogo. Esta poderia ser minha grande oportunidade. O que viu antes da explosão? O que te deu o aviso?

— Viu o carro que se afastava da calçada enquanto se dirigia para o Beamer?

— Sim — Savannah franziu o cenho. Teria deixado passar por cima algo óbvio?

— A janela baixou e depois saiu algo, como uma antena. Eu só tinha um mau pressentimento...

— Merda! Tinha estado tão centrada no Beamer... Foi bom para nós que se deu conta.

As fossas nasais de Kye se estenderam com fúria. Os cristais de cor púrpura de seus pulsos formaram redemoinhos e palpitararam, quando suas emoções puseram em perigo seu controle. A necessidade de levar sua mulher, e conseguir que estivesse segura, era quase esmagante.

— Quem quer te machucar? — Exigiu ele.

Um fogo verde brilhou nos olhos de sua companheira, e enviou mais sangue a seu pênis. Quando a afastasse daqui, ela sentiria a picada de sua mão em seu traseiro antes de montá-la.

— E você é? — Sua companheira, Savannah, teve a coragem de perguntar em tom desafiante.

— Kye d’Vesti, primo de Lyan d’Vesti.

Os olhos de Savannah se abriram amplamente, e seus lábios formaram um pequena “O”. E disse a Krista

— Wow.

Krista ruborizou mais, antes que sua atenção se dirigisse para Kye.

— Enviaram-no Lyan e Adan? Como souberam que estava aqui?

— Lyan ainda não sabe onde está. Ele me falou de você e eu senti curiosidade, por isso te segui de Las Vegas.

Krista ficou rígida.

— Por que senti curiosidade?

Kye sorriu, a diversão deslocou temporariamente a fúria assassina e a luta pela posse selvagem, que sentia dentro dele.

— Não é que cada dia ponham de joelhos meu feroz primo. Quis conhecer a mulher que o tinha domado — Ele negou com a cabeça — Advirto-a, uma vez que Lyan recupere seus sentidos, virá atrás de você.



— E dirá que estou aqui?

A gama de emoções em conflito na face de Krista, o desejo e o desespero, deixaram Kye mais curioso que nunca, sobre o que estava ocorrendo entre Adan, Lyan e sua formosa companheira de vínculo, mas negou com a cabeça e a tranquilizou dizendo.

— Não, tem minha palavra de que não direi nada.

É obvio, ele não tinha nenhuma necessidade de dizer a seu primo. O soro que Lyan injetou na corrente sanguínea de Krista, quando afundou nela suas presas de emparelhamento, tinham forjado uma conexão que permitia sentir onde estava sua companheira. Uma vez reclamada, era impossível que uma companheira Vesti escapasse.

Os olhos de Kye se obscureceram momentaneamente quando sua atenção se moveu para sua própria companheira. Não tinha a intenção de cometer com ela o mesmo engano que Lyan tinha cometido com Krista a princípio. Depois que Savannah estivesse debaixo dele, tinha a intenção de afundar nela suas presas de emparelhamento. Ela nunca seria capaz de desaparecer de sua vida depois de que ele tivesse feito isso.

Uma sirene soou na distância e Savannah ficou de pé.

— Maldição, temos que ir daqui. Saíamos do beco e rodeemos isto. Quanto menos gente nos veja, melhor será.

Krista franziu o cenho.

— Não deveria ficar e fazer um relatório, ou algo assim?

— Confia em mim, isso fará mais mal que bem, se meu capitão descobrir. E até que saiba mais sobre o que está acontecendo, vou jogar esta mão perto do peito¹. O Furão disse que era algo grande. Não sei quanto tempo tomará para que descubram que o carro pertencia a ele, mas tenho que chegar à casa do Furão e ver se encontro algo que me ajude a dar sentido à nisto.

— Irei com você — Disse Krista, enquanto ela e Kye, seguiam Savannah até o final do beco e giravam a esquina.

Savannah negou com a cabeça.

— Não. Seria mais seguro se não o fizesse. Por favor, vá à cabana. Liguei para te avisar quando chegar em casa.

A determinação cresceu na face de Krista.

— Não te deixarei ir sozinha. Irei com você, embora tenha que esperar no carro.

Kye apertou a mandíbula. Sua companheira logo aprenderia que o ficar em perigo era inaceitável. Apesar de sua promessa a Krista, enviou uma sonda mental para determinar se Lyan e Adan se encontravam perto. O aliviou o encheu quando encontrou que se aproximavam rapidamente à cidade. Logo estariam aqui para tomar conta de sua mulher.

Kye e as duas mulheres entraram no estacionamento do The Dive sem ser notados. Uma multidão se reunia ao redor dos restos do Beamer negro. Savannah usou o comando a distância de seu chaveiro para abrir as portas de sua caminhonete. Krista disse.

— Não vou deixá-la ir sozinha, segui-la-ei em meu carro.

— Não — Disse Kye. Não podia permitir que acontecesse nada à companheira do Lyan e Adan — Eu irei com Savannah.

¹ Referência ao jogo de cartas, quando se escondem as cartas perto do peito para que não as possa ver o contrário.



Savannah ficou rígida.

— Não acredito que foi convidado.

A atenção de Kye foi imediatamente atraída por sua companheira. Tomou pelo braço e tratou de tirar as chaves. Quando ela não cedeu, ele a apertou contra seu corpo. Seu aroma encheu seu nariz, imprimindo-se em sua alma.

— Para trás — Grunhiu ela, tentando escapar de seus braços.

A luta de Savannah só serviu para pressionar com força seus seios contra seu peito. Ele sorriu. Ela não era imune a ele. Mas se olhares matassem, sua companheira agora se enfrentaria a cargos por assassinato.

— Não. Temos muito do que falar — Kye não se incomodou em esconder o grunhido de sua voz, tirou as chaves da mão, abriu a porta, e insistiu Savannah a subir à caminhonete. Uma vez que ela esteve dentro, voltou-se para a Krista e tomou sua face entre suas mãos — Tem minha palavra de que mantereí a sua amiga segura. Os que tentem fazer mal a ela pagarão com suas vidas.

Os olhos de Krista se alargaram. Kye sorriu, e pressionou seus lábios contra os dela, lambendo e brincando, até que ela abriu sua boca para ele. Sua língua se moveu sobre a dela, oferecendo consolo e tranquilidade, assim como o sabor e a lembrança dele, para que Lyan o pudesse encontrar nela e reagisse. Era uma tolice irritar seu primo dessa maneira, mas não pôde evitá-lo.

— Vá agora. Não se preocupe por sua amiga — Disse, quando terminou o beijo.

Krista entrou em seu carro. De a contra gosto. Ele podia sentir o olhar hostil de sua própria companheira, fixo em suas costas, e isso enviou mais sangue a seu pênis, enquanto permanecia de pé no estacionamento, olhando Krista ir-se. Quando esteve fora de sua vista, deu a volta e subiu à caminhonete, sentindo seu controle cambalear pelo aroma embriagador e a beleza de Savannah.

— Está bem, Batman — Disse ela — Fiz isso pelo bem de Krista. Mas temos que esclarecer um par de coisas... — Fez uma pausa para olhar a multidão crescente de pessoas ao redor do Beamer — Depois que saímos daqui.

Uma onda de choque se moveu por Kye. Batman?² Tinha vislumbrado sua verdadeira forma? Seu coração disparou. Só os seres humanos que levavam o marcador do gene Falou podiam ver os Vesti e Amato como realmente eram.

O cenho franzido de sua companheira se fez mais profundo.

— Ponha em movimento, ou saia da caminhonete.

Kye sorriu diante sua ordem. OH, sim, ele e sua companheira definitivamente tinham um par de coisas que esclarecer. E não era a menor destas, que a partir deste momento, seriam suas ordens as que seriam seguidas, e não as dela. Savannah agora pertencia a ele, e não ficaria em perigo, nem faria o que quisesse sem ter em conta sua própria segurança.

Ligou a caminhonete e saiu do estacionamento, afastando-se da zona, enquanto os carros patrulha rugiam com suas sirenes a todo volume e suas luzes cintilantes. A seu lado, Savannah deu a volta, com o cenho franzido, enquanto olhava pela janela traseira. A frustração atravessou Kye. Se já houvessem se acasalado, conheceria os pensamentos de Savannah, mas como ainda não estavam unidos dessa maneira, tinha que perguntar

² Homem-morcego



— Por que franze o cenho?

Ela girou para ele, franzindo mais o cenho, embora ele sentia que estava dirigido para si mesmo, e não a ele.

— Não estava pensando com clareza. Devia ao menos, ter comprovado o carro, para ver se o corpo do Furão estava nele — Ela se inclinou e ligou o rádio de polícia, o ruído da estática e grasnidos puxaram os nervos do Kye, ainda mais.

— Quem é esse Furão?

— Um informante — Quando Kye franziu o cenho, explicou — Um informante pago.

— Toma dinheiro pela informação?

— Às vezes.

A indignação atravessou Kye. Primitiva e quente, e dirigida a que logo seria sua companheira.

— Confiou nesse homem!

O caráter flamejou em seus olhos, uma provocação que apertou o corpo de Kye com mais desejo.

— Olhe, Batman, a única razão pela que não te deixo na parada de ônibus mais próxima, para que possa comprar um bilhete e vá retorno à caverna de onde saiu, é porque não tenho tempo neste momento. Agora, gira à esquerda no seguinte semáforo.

Um choque de risada encheu o peito de Kye diante as palavras de fogo de sua companheira, de sua audácia e confiança. Sua audácia para ameaçá-lo fazendo-o descer, inclusive enquanto o conduzia seu veículo primitivo!

Mas girou onde havia dito, discutindo com o mesmo a respeito da sabedoria de deixá-la ir a casa desse Furão, embora temia que tinha poucas opções. Ela não estaria de bom humor para aceitar seus avanços até que se ocupassem deste assunto, e não podia permitir o luxo de separar-se dela até que a houvesse fodido e perfurado com suas presas.

As mãos de Kye se apertaram ao volante à espera desse momento. Seu pênis protestando pela demora, levantando-se dolorosamente contra as calças, incomodamente apertadas, que se via obrigado a usar enquanto estava no mundo de Savannah.

A necessidade de acasalar-se com ela era quase insuportável. Os feromônios de seu corpo o estavam assaltando, convertendo cada momento em sua presença em uma batalha pelo controle. A febre de emparelhamento Vesti esteve sobre ele a partir do primeiro momento em que a viu.

Pelas estrelas, ele não tinha esperado que isto acontecesse. Na verdade, não o tinha desejado... Ainda.

Tinha devotado seus serviços ao Conselho, porque acreditava que a única maneira de superar a devastação causada pela maldição dos Hotalings era trabalhar juntos, para mudar e aceitar o inevitável. Que ambas as raças não fossem condenadas à extinção era um milagre, embora agora só eram as mulheres humanas, com a sequência de genes Falou, as que proporcionavam a esperança e a promessa de filhos. Apesar disso, Kye não estava completamente resignado a compartilhar a uma companheira com ninguém. Ainda não podia imaginar sobre tudo com a febre de emparelhamento Vesti ardendo por suas veias, e correndo por seu pênis e testículo.



Uma vez, os Vesti e Amato tinham sido uma só raça de grandes troca-formas. Mas a arrogância e a inveja, o orgulho e os prejuízos, tinham-nos destruído, fragmentando-os em uma multidão de raças que eram algo menos do que alguma vez tinham sido.

E depois os Hotalings os tinham golpeado. Soltando suas armas biogenéticas, pensando em matar a todos aqueles em Belizair, para possuir como contrabando longo as pedras de poder Ylan, ou talvez simplesmente em manter a ameaça de extinção sobre as cabeças dos Vesti e Amato, para obter o que desejavam.

Alguns em Belizair tinham morrido como consequência do vírus, sobre tudo os fracos, e os velhos. Sua morte foi dolorosa, mas não uma ferida aberta. Muito mais devastadores tinham sido os abortos involuntários das mulheres que tinham gravidezes iniciais, para depois descobrir-se que não haveria novas gravidezes.

Kye dirigiu sua atenção a Savannah e sentiu que seu coração se expandia. Ela era um presente que ele não tinha pedido, ou esperado, mas que não se negaria. Tinha estado contente de usar suas habilidades como caçador de recompensas, um agente da lei, para realizar um seguimento e velar pelas mulheres, portadoras dos genes Falou, que os cientistas do Conselho tinham descoberto. A companheira de Lyan e Adan era uma dessas mulheres.

Kye franziu o cenho, pensando em todas as cidades pelas que tinha viajado Krista, sem ficar mais que uns dias em qualquer delas. Primeiro tinha estado em São Francisco, onde era professora. Mas antes que os cientistas pudessem emparelhar a sequência de seus genes com um companheiro Amato ou Vesti, ela tinha desaparecido.

Tinha decidido arriscar-se à censura e o ridículo, ao implantar de um diminuto chip de seguimento, sem que assim o indicassem os cientistas do Conselho. Pelo geral, o chip se implantava só quando os cientistas temiam perder a pista de uma possível companheira de vínculo potencial. Se fazia a distância, com um dispositivo especial, para não assustar ou acautelar à mulher. A picada não era mais dolorosa que a de um inseto e o chip era facilmente destruído uma vez que a mulher era reclamada e acasalada.

Se fosse por ele, então todas as companheiras potenciais seriam marcadas. Por que arriscar-se às perder? Sobre tudo agora, quando o velho ciúmes e rancores contidos por muito tempo, ameaçavam emergindo e tomar o controle, como consequência do ataque dos Hotalings.

Certo, os Amato eram muito rigorosos no cumprimento da lei, em comparação com os Vesti, que eram mais irascíveis. Mas nenhuma raça tinha permitido que a hostilidade de seus próprios membros se intensificasse até o ponto de chegar ao derramamento de sangue. E agora cada raça necessitava da outra desesperadamente.

Kye negou com a cabeça, contente de ter marcado a Krista. Se não fosse assim, nunca teria tornado a encontrá-la. Seus movimentos por todo o país tinham sido imprevisíveis, exceto pelo fato que parecia ter ganho o dinheiro que precisava visitando casas de jogo clandestino.

Kye se moveu em seu assento, tentando aliviar um pouco a pressão de seu pênis muito cheio. Obrigado às estrelas, agora Krista é responsabilidade de Adan e Lyan! Sua própria companheira ia requerer toda sua atenção.

— Estaciona nesse lugar — Disse Savannah, disparando seu pulso uns minutos mais tarde, quando saiu da caminhonete, afastando-se a pernadas, antes que tivesse parado o motor.



Fazendo-o sair atrás dela como um banzit atrás da fruta caída.

Entrou no segundo edifício pelo que passaram, quando ela o fez, mas só teve tempo para ver um dos elevadores fechar-se. O temor por sua segurança se enfrentava com sua cólera por estar indefeso, esperando ver em que andar parava o elevador, enquanto esperava que fosse realmente o mesmo aonde tinha ido ela.

Apesar de sua demonstração de valentia frente à Krista e Kye, a adrenalina, misturada com a cautela, amontoava-se no corpo de Savannah, enquanto dava os poucos passos finais por volta do quarto andar. Tinha tido um montão de escapadas pelo fio durante sua vida, a ocasião em que ela tombou seu veículo SUV durante a perseguição de um touro furioso, depois, um primo que os visitava encontrou um rifle no barracão e tinha disparado sobre ela, sem dar-se conta que estava carregado, em outra ocasião, tinha terminado no hospital quando um motorista bêbado a tirou fora da estrada e tombou o carro. Mas nunca tinha tido a alguém que a quisesse morta de verdade, para pôr uma bomba e fazê-la explodir.

Estremeceu, abrindo a porta da escada. O que poderia ter sabido o Furão? E por que chamou a ela, em vez da alguém com mais poder na polícia? Embora a resposta era óbvia, quando pensava nisso. Talvez só tinha pensado que acreditaria. Tinha deixado passar alguma infração menor, uma ou duas vezes, em troca de informação, bom, talvez mais de uma vez ou duas.

Seu estômago se apertou. Tinha cruzado pela cabeça que talvez fosse uma armadilha. Mas não podia pensar em algo que tivesse visto, feito ou dito que justificasse a explosão de um carro.

Maldição! Teria que ter tomado um momento para ver se havia um corpo no carro. Poderia ajudar se soubesse se a informação que o Furão tinha, era o suficientemente boa, como para que alguém ficasse para ver quem se apresentava ao encontro. Embora, é obvio, se a reconheceram antes de tentar fazê-la explodir, as coisas poderiam ficar um pouco arriscadas, uma vez que se dessem conta que tinham falhado. Savannah duvidava que Krista tivesse visto algo mais depois daqueles primeiros segundos, depois que ele carro tinha explodido, mas quando a chamasse mais tarde para comprovar como estava, perguntaria se tinha notado se o carro negro e seus ocupantes se ficaram o tempo suficiente para ver o resultado da explosão.

Savannah inclinou a cabeça, surpreendida por que não se ouvissem passos nas escadas. Por outra parte, tinha tido sorte, quando um casal de velhos tinha entrado no elevador e a porta se fechou, logo que ela tinha entrado. Isto poderia entreter Kye durante uns minutos. Tinha o mau pressentimento de que ia ter os suficientes problemas sem necessidade de implicar a um civil neles, embora o civil fosse o homem mais bonito que jamais tivesse conhecido.

Só era sua sorte, encontrar-se com ele hoje, quando Krista estava na cidade, e depois da confissão ruborizada de Krista de ter estado com dois homens de uma vez. Era uma das fantasias favoritas de Savannah, inclusive sem a corda com a que tinha brincado.

Olhou o número da porta através do oco da escada. Dependendo de quantas unidades se encontrassem em cada andar, o andar do Furão estava no outro extremo, no mesmo lado onde ela estava, a menos que fosse ao redor de uma ou outra esquina, onde o vestíbulo formava um 'T' com outra seção. Não podia adivinhar como estavam numerados esses apartamentos.



Savannah verificou duas vezes que o seguro de sua arma estivesse tirado, antes de continuar em frente. O mais provável era que quem fizesse explodir o carro do Furão já tivesse estado em seu apartamento, e se tivesse ido. Mas ela não ia comportar-se como uma estúpida.

A impaciência se arrastou sobre a pele de Kye, adicionando-se ao clamor que tilintava em suas terminações nervosas, que o deixavam em carne viva pelo desaparecimento de sua companheira de vínculo. Quando pusesse suas mãos nela... Sua atenção se centrou nos números que apareciam por cima do elevador, e soube imediatamente que tinha cometido um engano ao esperar para ver em que andar se detinha. Ela não teria tomado o elevador até o segundo andar.

Voltou sobre seus passos e encontrou a escada, amaldiçoando-se enquanto subia, fazendo uma pausa na porta do primeiro andar. Não havia nenhuma opção, só abri-la. Para ver o corredor vazio e comprovar na esquina, e depois lançar-se de novo ao oco das escadas, para repetir outra vez o processo no seguinte andar. E depois no seguinte.

Sua formação como encarregado da lei serviu, ao igual a seu instinto. Apesar que também podia dar crédito à sorte e ao fraco rastro do perfume de sua evasiva companheira, para levá-lo por um corredor e girar uma esquina onde havia uma porta aberta, as maldições de Savannah o encontraram no vestíbulo.

Kye fechou a distância entre eles, prometendo-se que as coisas mudariam uma vez que ele conseguisse levá-la a um lugar privado e reclamá-la. Tinha a intenção de montá-la tão ferozmente, que o prazer a deixaria tão satisfeita e cansada, que não encontraria tão fácil afastar-se da cama, mais que para ir à cozinha ou ao banheiro.

Entrou na residência do Furão, que era um caos. O lugar tinha sido saqueado, e no meio, rodeada por escombros, estava Savannah.

Kye encontrou realmente divertida a vista. Podia imaginar que sua companheira de vínculo, de cabelo de fogo, poderia ser capaz de tal fúria, embora duvidasse que ela pudesse ter deixado o andar nessas condições, em um período tão curto de tempo.

— Pelo que parece alguém esteve aqui antes de nós — Disse Kye — Duvido que possa encontrar algo útil aqui.

— Merda! Em que estava metido o Furão?

Ela se moveu mais pelo apartamento, seguida por Kye, ambos detendo-se na entrada do pequeno quarto. Observando o colchão cortado, as gavetas atiradas pelo chão e com seu conteúdo por toda parte.

Capítulo 3

— Terei que dizer ao capitão para acelerar isto, e ele vai cravar meu traseiro em uma cadeira de escritório, se tiver sorte — Disse Savannah, caminhado pelo desastre do quarto sem tocar nada.



Kye assentiu com a cabeça em aprovação, e depois ficou imóvel quando Savannah girou a cabeça e o fulminou com o olhar.

— Se for vir comigo, Batman, será melhor que comece a prestar atenção a seu redor.

Kye riu, sem deixar-se intimidar por sua batalhadora companheira de vínculo, embora seu olhar foi imediatamente ao espelho, onde seu rosto e expressões eram capturados. Revelados.

Sorriu, sem arrepender-se. Seus dias na Terra estavam contados, e o preferiria que ela não trabalhasse absolutamente. Mas se devia fazê-lo, então ganharia um pouco de consolo sabendo que estava segura em um escritório, sem perigo, sepultada em um desses edifícios parecidos com uma caverna nos quais os humanos pareciam sentir-se mais seguros.

Tinha que obter uma amostra de seu DNA para que os cientistas do Conselho pudessem confirmar o que pênis e seu instinto já sabiam. Ela era dele. Uma vez que tivesse sido confirmado pelos cientistas, então só teria que escolher um Co-companheiro entre os Amato e fazer os acertos para alojar-se em Winseka, a Cidade Ponte, em que viviam todos os recém vinculados com seres humanos.

Certo, estava o pequeno problema de conseguir que ela consentisse em passar pela cerimônia de vinculação e voltar para casa com seus companheiros de vínculo, já que seu destino e sua forma verdadeira não podia ser revelada até estar na câmara de transporte, mas Kye não duvidava de sua capacidade para convencer Savannah de que seu futuro estava com ele... E com outro.

Seu peito se oprimiu em sinal de protesto diante a ideia de compartilhar Savannah. Não era costume Vesti compartilhar suas companheiras. Desde o começo tinha sido sempre só um homem e uma mulher.

A ideia de outro homem cobrindo o corpo de Savannah, empurrando seu pênis dentro dela, fazia que Kye apertasse os dentes. Ia contra sua natureza, de seu instinto, convertia o calor da febre de emparelhamento em um inferno, uma insistente demanda para que ele a entesourasse, protegesse-a, mantivera-a para si mesmo.

Kye se obrigou a afastar esses pensamentos. Não havia mais remédio que escolher um Co-companheiro. Formar um trio.

Até agora, os cientistas do Conselho só tinham encontrado uma maneira de derrotar o vírus Hotaling. Agora, os agentes do Conselho procuravam entre os seres humanos, com o fim de identificar a aquelas mulheres que tinham o marcador genético de um dos Falou, o ancestral comum de ambas as raças, Amato e Vesti.

Toda a esperança de evitar a extinção estava nos varões não emparelhados, entretanto, cada homem tinha, tanto o medo de que não houvesse nenhuma companheira para ele, como o conhecimento de requerer a um Vesti ou um Amato como Co-companheiro, com o fim de produzir descendência. Embora os cientistas não puderam reproduzir os resultados no laboratório, já fora com uma mulher Amato ou Vesti, quando se tratava das mulheres humanas que levavam o gene Falou, tinham a teoria de que o soro de um varão Vesti, injetado durante o emparelhamento, trocava de algum jeito a química da mulher, permitindo que tanto o esperma Amato como o Vesti, fertilizassem seus óvulos.

Tropeçaram-se com isto por acaso, quando um Amato, em um programa experimental, foi



emparelhado com uma humana, mas escolheu compartilhá-la com seu melhor amigo, um Vesti. Ela tinha saído grávida, e os resultados dos testes eram confusos sobre se os meninos seriam Amato ou Vesti, já que de quão gêmeos levava tinham os marcadores genéticos de ambas as raças.

De todos os modos, era a primeira concepção, a primeira vez que uma mulher em Belizair tinha conseguido tal façanha desde que o vírus Hotaling tinha atacado. E já que nenhuma das uniões “experimentais” anteriores entre uma mulher humana e um Vesti ou um Amato por separado tinham produzido um menino, os cientistas tinham ido a aqueles casais, e os tinham insistido a tomar um Co-companheiro. Tinha sido uma tarefa difícil, mas finalmente tudo os casais se ampliaram para incluir a outro companheiro em sua união, e agora todos esperavam filhos. Gêmeos. Os resultados dos testes nos fetos eram igualmente confusos, mas os cientistas prediziam um menino de cada raça. Suspeitavam que talvez o vírus Hotaling fazia mudar o esperma dos varões, de tal maneira ambos tinham que estar presentes em um útero humano que tivesse o gene Falou, e que este devia ser injetado com o soro Vesti durante o emparelhamento.

Assim, os varões não acasalados em Belizair que se resignaram à ideia de compartilhar uma companheira, de tomar uma fêmea humana, deram suas amostras de DNA e esperaram que se encontrasse uma companheira compatível, enquanto pensavam a quem escolheriam como Co-companheiro.

Kye não tinha pensado muito nas opções para um Co-companheiro. Em troca, apresentou-se diante o Conselho, e tinha pedido ser enviado a Terra como um daqueles que ajudavam aos cientistas a descobrir mulheres com o marcador Falou, as monitorando e as protegendo, e depois minimizando o impacto de seu desaparecimento quando fossem levadas a Belizair.

Era um trabalho que o satisfazia. Divertido em sua maior parte, e tinha tomado carinho ao mundo de Savannah.

Sua companheira de vínculo deu a volta para ele, com o cenho franzido.

— Saíamos daqui.

— Bom plano.

Seu cenho se fez mais profundo, juntando a pele entre suas sobrancelhas e fazendo que Kye quisesse estender a mão e alisar essas rugas. Ele resistiu, com medo de que se começava a tocá-la não fosse capaz de deter-se.

Seu pênis o estava matando com suas exigências, sua necessidade de afundar-se no calor úmido e o glorioso mistério feminino. Só o imaginá-lo, o fazia apertar suas nádegas, enquanto dedos invisíveis de desejo ao vermelho vivo se estendiam através de seu eixo e para cima por sua coluna vertebral.

Algo em sua expressão o delatou. Os olhos de Savannah se abriram como pratos. Sua face se ruborizou ligeiramente enquanto sua língua aparecia entre uns lábios destinados para o prazer de seu companheiro.

— Saíamos daqui — Disse Kye, repetindo sua declaração anterior. Com medo de que logo tivesse que escolher entre duas más opções, tomá-la nesse lugar, onde outros poderiam chegar e interferir, ou tomar seu pênis em sua própria mão.

Savannah deu um passo para frente, e o rubor de sua face se tornou mais profundo. Não



podia acreditá-lo! Deveria estar concentrada no que fazer a seguir, em como esquivar da bala disciplinadora do capitão para poder seguir investigando o que sabia O Furão. Em troca, estava sendo difícil desviar sua atenção dos inchados lábios de sua boceta e seu ereto clitóris. Cada passo que dava, enviava uma pequena explosão de sensações através dela. Carne cheia de sangue lutando com a restrição de uma tanga e encontrando a resistência de uns jeans rígidos.

Maldição. Não recordava ter reagido diante de um homem da maneira como o fazia com o que estava diante dela. Que tinha intenções de macho, com seu pênis sendo um sinal de admiração diante sua crença de que ele estaria a cargo.

Ah, sim. Ele podia tentá-lo, e ambos passariam um bom momento. Depois do dia que tinha tido, estava mais que disposta a desafojar-se. E neste momento, um gole não era tão interessante para ela como o duro pênis de Kye.

Se não se prometeu, que ia tentar controlar sua impulsividade e trabalhar de acordo às regras, então, já estaria estudando minuciosamente a cena do crime até encontrar algo, ou estar convencida de que não havia nada que encontrar. Mas não servia de nada piorar as coisas para si mesma. A reunião acordada com o Furão não deveria causar suficientes problemas, mas abandonar a cena da explosão do Beamer poderia fazê-lo. E depois isto de vir aqui, em vez de pedir ajuda. Suspirou, esperando que o capitão tivesse tomado sua medicação para a pressão arterial.

Moveu-se do centro do quarto para a entrada, ficando rígida quando dois homens armados entraram no apartamento, com suas armas desencapadas, e seus corpos assinalando que pensavam disparar se fossem provocados.

Só a formação de Kye como caçador de recompensas o impediu de usar as pedras Ylan de seus pulsos para desmaterializar os homens que entraram no apartamento do Furão. Só o conhecimento de que um movimento rápido podia pôr em perigo Savannah, o impediu de estender sua mão e empurrá-la atrás dele.

— O que estão fazendo aqui meninos? — Perguntou Savannah, e os dois homens baixaram seus braços, embainhando suas primitivas armas, embora Kye não baixou o guarda.

— Poderíamos te perguntar o mesmo — Disse um dos homens. Seu rosto se endureceu, levantando o lábio em uma leve careta, quando seu olhar se fixou em Kye — E quem é o moço bonito?

Savannah franziu o cenho.

— Não é seu assunto, Mastrin. Então, Tem a Antidroga algum interesse no... — Ela se deteve e depois disse um nome que Kye não reconheceu — ... No Ricky?

— É seu primeiro contato com a vida dos baixos recursos, Holden? — Perguntou o outro homem, trocando seu peso de um pé ao outro, seu olhar se moveu para observar a desordem da sala — Tomou Ricky algo que te pertence? É por isso que destruiu seu lar?

Savannah ficou rígida.

— Este é o modo em que o encontrei depois de que ele não se apresentasse. Qual é seu interesse nele?

O policial chamado Mastrin sorriu, o brilho de seus dentes recordou Kye os tubarões que tinha visto enquanto vigiava Krista, quando ela visitou o aquário.



— Isso é algo que não precisa saber, Holden. A última vez que olhei, seu nome não estava na lista.

— A última vez que comprovei — Interveio o outro policial — Esta não era sua investigação. Sabe o capitão que trata com informantes como Nowak?

— Isso é algo que não precisa saber, Creech — Respondeu Savannah, movendo-se para o espaço pessoal dos outros policiais.

Eles se moveram de seu caminho no último momento, deixando um claro caminho para a saída.

— Chamarão vocês por reforços ou preferem que o eu faça? — Perguntou ela da entrada.

Os olhos de Kye se estreitaram, quando observou os dois homens trocar um olhar. O que se chamava Creech disse.

— Dirigiremo-lo nós. Viu algo? Tocou algo? Encontrou algo?

— Não, não e não.

Kye se moveu ao lado de Savannah.

— E ele? — Perguntou Mastrin.

— Não — Disse Kye, sem fazer evidente a desconfiança de sua voz, sentindo-se tentado a advertir os dois caras que Savannah não estava desprotegida — Também estou envolvido na aplicação da lei, e treinado para dirigir este tipo de situação.

Mastrin riu, com um som pouco amistoso.

— É um guarda-costas?

— Um caçador de recompensas.

Creech deu uma olhada a Kye e franziu o cenho.

— Saltou Nowak à fiança em algum lugar?

A diversão percorreu Kye. Suspeitava que o pagaria com uma repreensão de sua companheira, mas não pôde resistir.

— Como seu companheiro disse antes, Isso é algo que não precisa saber, e seu nome não aparece na lista.

A face de Creech se tornou vermelha pela fúria.

— Onde poderemos te encontrar?

— Comigo — Disse Savannah, tomando o pulso de Kye — E nos desapareceremos.

Kye felicitou a sua companheira pelo controle de seu caráter até que estiveram dentro do elevador. Inclusive conseguiu manter seu reflexo sombrio entre as brilhantes paredes metálicas, quando Savannah destrambelhou e amaldiçoou com frustração, embora também escutasse a preocupação subjacente pelo delator cujo carro tinha explodido. Quando ela finalmente ficou em silêncio, ele disse.

— Não confio nesses dois caras.

Savannah franziu o cenho, e ele teve de novo o impulso de acariciar sua pele, para eliminar as rugas.

— Creech e Mastrin? Eles ainda estão zangados comigo por me colocar em sua investigação.

— O que aconteceu? — Perguntou Kye, quando as portas do elevador se abriram e saíram ao vestíbulo.



Savannah suspirou, e seus ombros caíram levemente, e Kye foi impossível não estender as mãos para ela, e levá-la para seus braços para abraçá-la contra seu corpo, com seus rostos a poucos centímetros de distância. Seus olhares se encontraram.

A alegria percorreu ao Kye pela forma em que se relaxou contra ele, aceitando por instinto a proteção e o cuidado que ele oferecia. Reconhecendo, ao menos no momento, que aceitava a ordem natural das coisas, a forma em que se supunha que deviam ser entre companheiros. Ele se encarregaria que não ocorresse nenhum dano. De fato, logo que o fosse possível, veria a alojada sem perigo em Belizair.

— O que aconteceu? — Perguntou de novo.

— Apanhei um par de garotas menores de idade metidas em prostituição, e pisei em alguns dedos dos pés dos caras do antidroga, incluindo os de Creech e Mastrin — Ela se afastou de seus braços — É hora que a música soe.

Ele se permitiu um pequeno sorriso. Os refrões da Terra o divertiam, e a frase anterior de sua companheira, desaparecemo-nos, era uma que tinha a intenção de recordar e utilizar, justo antes da desmaterialização e o transporte.

Saíram do edifício, a formação de Kye assumiu o controle e examinou com seus olhos a zona, em busca de possíveis perigos para sua companheira. Incomodava-o ter tido que deixar sua caminhonete desprotegida, mas não tinha tido mais remédio que fazê-lo. Uma inoportuna ideia ocorreu. Um Co-companheiro poderia ser útil enquanto Savannah permanecesse na Terra.

Afastou esse pensamento. O orgulho o encheu quando viu Savannah esquadrihar a área ao redor deles, à medida que avançavam. Gostava que sua companheira fosse uma guerreira, embora não permitiria seguir com essa linha de trabalho em Belizair. Ela já era importante para ele, e se tinha o gene marcador Falou como suspeitava, então seria muito valiosa para seu mundo para arriscá-la.

Kye inspecionou a área outra vez, sentindo perigo. Embora não tinha a ampla experiência de seu primo Lyan, Kye tinha estado em boa parte de planetas primitivos e cidades estranhas e hostis. Antes de começar seu serviço para o Conselho, tinha protegido tanto os Amato como os Vesti por igual, enquanto trabalhavam em outros mundos.

Um estremecimento de advertência percorreu a coluna de Kye e girou, com o instinto e a experiência convergindo, e em um movimento fluido levantou seu pulso, sua mente já ordenando às pedras Ylan, para que em um abrir e fechar de olhos, quando avistou um franco-atirador apontando para Savannah da parte superior de uma garagem próxima, as pedras reagiram, reduzindo o assassino e sua arma a partículas tão pequenas, que nem um curador nem um sacerdote Amato, seriam capazes de voltar a unir.

— Vê algo? — Perguntou Savannah, e Kye girou para ela, seu coração trovejava em seus ouvidos, a adrenalina disparou por seu corpo como uma série de relâmpagos. Diante sua expressão zombadora baixou seu pulso. A sensação de ser observado, de perigo, foi-se.

— Não — Disse Kye, fechando a distância, ambos comprovaram a caminhonete procurando sinais de manipulação ou explosivos, antes de subir nela. Kye outra vez no assento do condutor.

Savannah chamou à delegacia de polícia, mas não se surpreendeu ao saber que Creech e Mastrin já tinham posto as rodas em movimento para conseguir uma reprimenda para ela por



parte o capitão.

— Traga seu traseiro aqui, Holden — Disse ele, quando sua chamada foi passada diretamente.

— Ficaré na caminhonete? — Perguntou Savannah momentos depois, quando estacionaram na parte reservada para os empregados do departamento de polícia.

Kye franziu o cenho, mas assentiu. Odiava a ideia de que se afastasse de sua vista, mas sua presença só complicaria o assunto para ela, e sabia que estaria segura dentro de seu lugar de trabalho.

Savannah endireitou os ombros e entrou, ensaiando argumentos em sua mente, embora a culpa enchia seu estômago ao recordar a conversa anterior com o capitão, e seu sufocado impulso de contar sobre a chamada do Furão. Ele ia estar zangado, e ela sabia que tinha direito a está-lo.

— Sente-se, Holden — Vociferou, logo que ela entrou em seu escritório.

Ela se sentou.

— Capitão, estou...

— Se prepare para tomar algumas de suas férias.

Seu coração se sacudiu, o fundo de culpa se transformou em um lago de água gelada. Ia perder seu trabalho por isso? Preferiria sabê-lo imediatamente a ter que adivinhar.

— E quando voltar das férias?

— Esperemos que as coisas se acalmaram e os meninos do Antidroga se esqueceram de seu nome — Lançou um duro olhar — E não fará nada mais para atrair sua atenção. Agora me diga o que fez depois de sair da delegacia de polícia. Depois que tivemos nosso pequeno bate-papo, e concordamos que ia se manter fora de problemas — Não havia nenhuma dúvida do sarcasmo e a ira de sua voz.

— Encontrei-me com uma amiga em um lugar chamado The Dive.

Um músculo se contraiu na bochecha do capitão.

— O mesmo lugar onde explodiu um Beamer pertencente a Ricky Nowak?

— supunha-se que ia reunir me ali com ele, mas não se apresentou. Ia dizer depois de falar com ele, quando tivesse algo que poder contar.

O capitão fechou seus olhos e massageou a testa.

— O que poderia te dizer ele?

— Tudo o que pude obter dele, é que sabia algo muito grande para falá-lo por telefone. Mas como disse, encontrei-me com uma amiga. Ela chegou à cidade inesperadamente, e depois O Furão... Ricky Nowak... Não apareceu. Quão seguinte soube, é que o Beamer explodiu — Fez uma pausa, perguntando se devia mencionar o carro negro que Krista viu, mas depois decidiu não fazê-lo. Krista fugia de algo. O instinto de Savannah, disse que era algo mais que de sua possível relação com os dois homens.

Tinha tido a intenção de tentar tirar a verdade de Krista quando fizesse uma visita “amistosa” à cabana mais tarde. Mas considerando a natureza de seu próprio conjunto de problemas, Savannah sabia que ia ter que pôr isso em espera. Não podia arriscar ir perto de sua família ou de Krista até que pudesse descobrir se a bomba era para ela, ou se o atacante simplesmente se cansou de esperar e decidiu fazer explodir o carro do Furão, talvez como uma



advertência.

Savannah decidiu a arriscar-se a perguntar, agora que o capitão parecia relativamente tranquilo.

— Encontraram-no no carro?

As mãos do capitão deixaram de mover-se, um mau sinal. Ela as separou de sua face e deu outro duro olhar.

— Não cheguei a melhor parte da história ainda, Holden. Por que Antidroga te encontrou no apartamento de Nowak? por que não houve nenhuma chamada sua, nenhuma frase que indicasse suas intenções, suas suspeitas, ou que necessitasse apoio? — Deu um murro na mesa — OH, certo. Tinha apoio. Um caçador de recompensas!

A culpa esmagou Savannah, fazendo que suas costas se dobrasse ligeiramente e puxando seus ombros para baixo.

— Sinto muito, capitão. Deixe-me arrastar pelo calor do momento — Ela decidiu embelezá-lo um pouco com a esperança de dar ao capitão um pouco de tranquilidade — E o caçador de recompensas não está trabalhando no caso. É o primo do namorado de minha amiga. Ele foi tão amável de unir-se no último minuto.

O capitão suspirou, um som comprido e torturado de “por que eu”? Que fez que Savannah se sentisse esperançada.

— Isto é o que vai acontecer, Holden. Primeiro vai dizer me se encontrou algo de interessante no apartamento de Nowak.

— Nada, senhor.

— Bem. Agora, vai tirar seu traseiro de meu escritório, desta delegacia, e se for inteligente, também da cidade, ao menos por um tempo. A partir de agora, está de férias. Repete depois de mim, Holden, estou de férias.

— Estou de férias — Repetiu Savannah diligentemente — Durante quanto tempo?

— Mínimo uma semana.

— E o que passa com...?

O capitão levantou a mão.

— Eu me encarregarei dos trâmites. Encarregar-me-ei das explicações. Inclusive me encarregarei do Antidroga — Fez uma pausa — Holden, parece que desfruto beijando traseiros?

Savannah fez uma careta.

— Não, senhor.

— Quer saber por que estou disposto a fazê-lo?

Esteve tentada a dizer que não, só para evitar sentir-se pior, por não mencionar antes o de seu encontro com o Furão, quando tinha tido uma possibilidade de ter saído bem parada de tudo isto.

— Sim, senhor.

O capitão soltou um bufo.

— Não acredito. Mas direi isso de todos os modos. Orgulho, Holden. De meus oficiais, quais às vezes fazem um pouco mais do que devem, mas que são uns bons policiais. E devido a seus tios e eu nos conhecemos há muito tempo. Agora saia daqui.



Savannah ficou de pé. Depois vacilou. Queria voltar a perguntar se o corpo do Furão tinha estado no carro. Decidiu não fazê-lo. Mas depois pensou que nunca seria capaz de pensar em outra coisa se não sabia a resposta.

— Sobre... O Ricky Nowak. Encontrava-se no Beamer?

O capitão suspirou.

— Até onde sei, o carro estava vazio.

— Obrigado, capitão. Por tudo.

— Sim, quando voltar de férias pode me demonstrar seu agradecimento me trazendo um pouco desse molho que faz seu avô. Vou precisar tomar algo quente e condimentado, para me desfazer do mau sabor de minha boca, logo depois de beijar traseiros.

Savannah pôs-se a rir, mas rapidamente se reprimiu quando viu que ele não estava preparado para deixar de lado seu “aborrecimento” ainda.

— Uma coisa mais, Holden — Disse o capitão quando chegava à porta — Quero que se ponha em contato diariamente. A minha linha direta. E só para estar seguros, usa um telefone público. Não use o mesmo duas vezes.

— De acordo, capitão.

Ele suspirou, a preocupação vacilou em sua expressão durante um instante.

— Saia daqui — E ela saiu de seu escritório, e da delegacia de polícia, com o coração mais leve e a resolução de não pô-lo de novo em outra má posição, embora logo que tomou a resolução, perguntou-se que ia fazer com respeito ao Furão.

Nada, obrigou-se a responder. Nada. Embora a resposta a irritou como um par de botas de vaqueiro mau ajustadas.

Capítulo 4

Savannah olhou para seu golpeado Chevy, e a visão de seu carro nunca tinha parecido tão boa. Riu dissimuladamente. É obvio, isso poderia ter algo haver com o homem que se apoiava despreocupadamente contra o capô. Wow! Quem teria imaginado que um homem com o cabelo comprido poderia ser tão quente? Ela tinha crescido com vaqueiros, e pelo geral, esse era o tipo de homem que procurava, mas nesse momento se imaginou passando seus dedos por toda esse sedoso e escuro cabelo, e utilizá-la para ancorar Kye contra o colchão, enquanto o montava até levá-lo a um orgasmo alucinante, e essa imagem quase a fez ofegar.

É obvio, dar a mesma oportunidade a ele seria jogo limpo, e se queria fazer o mesmo com ela, estava disposta. Savannah sorriu. Depois do dia que tinha tido, a semana que tinha tido, demônios! Do último ano do que não tinha tido, estava mais que disposta, e ele era uma aposta segura por estar aparentado com um dos namorados de Krista, por isso não era exatamente um estranho.

Pena que não houvesse trazido um amigo com ele. OH sim, tomar a dois homens de uma vez era uma de suas maiores fantasias. Mas, ele era magnífico, e estava segura que poderia ajudar a



mantê-la ocupada e portanto, a estar longe dos problemas até que as coisas se acalmassem e os meninos do Antidroga não estivessem atrás dela. Savannah pôs-se a rir. Provavelmente foi melhor que Kye estivesse sozinho. Ele se parecia muito a seus irmãos, e embora ela podia enlaçar, montar, curar, marcar e castrar como o melhor deles, a todos os homens de sua família parecia que as mulheres deviam ser protegidas, não só dos possíveis perigos do exterior mas também inclusive de si mesmas.

Os pensamentos de Savannah reviveram o que aconteceu no estacionamento do The Dive, e como Kye tinha tirado as chaves, depois tinha aberto a porta e a tinha forçado a subir à caminhonete. Como mantinha as chaves ainda.

Sim, era muito parecido a seus irmãos, o que significava que ia dar trabalho. Seu olhar percorreu seu corpo, detendo-se na clara evidência de sua ereção, antes de passar aos duros abdominais, a seu musculoso peito e a uma face que poderia parar o trânsito. Maldição, era magnífico. Olhou-o nos olhos e sua boceta se contraiu pelo calor e a possessiva confiança que viu neles. OH sim, ele ia dar bastante trabalho, e ela era a mulher que o levaria a cabo.

Kye se endireitou, separando-se da caminhonete, e se aproximou de Savannah. A confiança de seu passo disse que não se colocou em muitos problemas com seu capitão, e o olhar de seus olhos fez saber que estava pronta para iniciar a importante tarefa de seu acoplamento.

Sorriu, ainda quando seu pênis tratava de sair de maneira forçada dos limites da incômoda roupa da Terra. Era provavelmente algo bom que sua companheira não tivesse nem ideia do que estava reservado para ela. Um vínculo permanente. Uma mudança de direção, como às pessoas de seu mundo gostava de dizer.

Pelas estrelas, era toda uma visão. Uma tigresa, que não se diferenciava em nada dos grandes felinos que se podiam encontrar nas selvas de Belizair. E mal podia esperar para montá-la, reclamá-la, afundar suas presas de emparelhamento nela.

— As chaves, Batman — Disse ela, detendo-se diante dele e expondo a palma da mão, desafiando-o e disparando seu sangue, jogando lenha ao fogo da febre de emparelhamento Vesti.

— Continuarei dirigindo — Disse ele, desfrutando do estreitamento de seus olhos verdes, da ideia de domá-la.

Debatia-se entre o desejo que o tinha assaltado, quando viu o fogo em seus olhos, e a esperança de que ela esperasse até que tivessem um pouco de privacidade. Apesar do audaz que era sua companheira, duvidava que gostasse de umas palmadas em público. Embora havia poucas dúvidas de que seu comportamento logo garantiria a sensação de sua mão nas nádegas nuas dela.

Kye fez uma careta, mal podendo conter o impulso de tomar sua ereção, quando seu pênis se sacudiu ao imaginá-la pressionada contra ele, quando estivesse atravessada em seu colo para receber seu castigo. Separou-se dela, decidindo que era melhor evitar uma confrontação adicional, entrando simplesmente no assento do motorista e deixando-a sem nenhuma outra opção, salvo ser o passageiro.

Savannah deu instruções para chegar a um edifício de apartamentos que o fez franzir o cenho com desgosto.

— Sim, sei — Disse ela — Mas não passo muito tempo em casa, e não posso me permitir pagar uma fortuna pelo aluguel de algo melhor.



Saíram da caminhonete, e ambos se detiveram olhá-la, sem dúvida pensando no carro destruído do informante. Savannah franziu o cenho, olhando para ambos os lados da rua.

— Por que não fica aqui enquanto tomo alguma de minhas coisas? Talvez fique um par de dias em Tahoe, enquanto se esfriam as coisas.

Kye não tinha nenhuma intenção de permitir afastar-se de sua vista outra vez.

— Onde está seu apartamento?

— No quinto andar.

— Neste lado?

Ela assinalou para cima e à esquerda.

— Na esquina.

— Se formos rapidamente, posso vigiar a caminhonete de lá.

Savannah hesitou durante tão somente um segundo antes de assentir com a cabeça.

— Bem — Levantou a mão — As chaves.

Desta vez Kye as entregou, mal sendo capaz de suprimir um sorriso. Sua companheira poderia pensar que agora tinha a vantagem, mas ele era consciente de que poderia recuperar as chaves na intimidade de seu apartamento.

Tomaram o elevador, chegando a seu andar em um tempo recorde, e Kye se dirigiu diretamente para a janela.

— Merda — Disse Savannah, ainda de pé junto à porta e explorando seu diminuto apartamento. Cheirando, capturando só um indício de loção de barbear. Um aroma familiar, embora não ativou seus alarmes internos.

— Alguém esteve aqui.

O corpo inteiro de Kye se esticou.

— Reúna suas coisas — Disse, seu tom fez que ela o olhasse. Fazendo-a pensar que apesar de sua arrogância e sua risada fácil, provavelmente era um muito bom caçador de recompensas.

Não discutiu. Não tinha desejos de morrer. Em seu lugar se moveu pelo apartamento, fazendo uma rápida comprovação, dando-se conta que os que tinham estado ali tinham sido muito cuidadosos. Tinham revisado seu escritório, procurado entre as coisas dos armários da cozinha e a mesa de café, tentando deixar as coisas da mesma maneira que as tinham encontrado.

Teriam sido os mesmos caras que tinham estado no apartamento do Furão, mas com um modus operandi diferente? Ou caras diferentes com a mesma intenção?

Tinha tido toda a intenção de tirar férias. Inclusive havia se meio convencido que ela e Krista tinham estado no lugar e momento equivocados, talvez um caso de identidade trocada pela impaciência dos criminosos, quando Beamer explodiu. Mas isto elevava as apostas. Dizia que em tudo o que o Furão estivesse comprometido, agora ela também o estava.

Merda! Só o fato de que a maioria de suas coisas ainda estivessem no Bar None, o fazia fácil saber que alguém tinha revisado as poucas coisas que mantinha na cidade. Não é que nenhuma pudesse ser de interesse para ninguém mais que para ela, e isso era algo bom.

Ao menos ela não devia temer que possuíssem algo de interesse para ela. Não seria notícia de primeira página se alguém filtrava o fato de que gostava das tangas, e que às vezes era culpada de olhar a revista Playgirl, e sim, tinha vários DVD pornô porque os tempos desesperados às vezes



requeriam medidas desesperadas.

Savannah tomou uma bolsa de ginástica e colocou um pouco de roupa. Havia vantagens claras a favor de preferir vestir com jeans e camisetas informais. Isso reduzia o que considerava essencial.

Sorriu, conseguindo encontrar um pouco de humor, quando deu uma olhada para o Kye. Não havia nenhuma razão para colocar um pouco de roupa de dormir. Em primeiro lugar, porque não tinha a intenção de dormir muito. Em segundo lugar, porque a visão de sua ereção, o fazia saber que não necessitava nada do Victoria's Secret para inspirá-lo à ação.

— Pronta — Disse ela, movendo-se para a porta.

Kye se uniu a ela, agarrando seus pulsos e os fixando à porta, as imobilizando em um punho e com seu peso, quando libertou uma de suas próprias mãos para colocá-la no bolso de seu jeans para recuperar as chaves. Foi tão suave e eficiente, que o levou a cabo em questão de segundos, deixando sua admiração em guerra com a indignação.

— Recordarei isto, Batman — Disse ela quando a deixou em liberdade. Saíram ao corredor — E para que conste, eu não me zango, tomo a revanche.

Atrás dela, Kye sorriu, aprendendo de cor suas palavras. *"Eu não me zango, tomo a revanche"*. Compartilhá-lo-ia com seus irmãos e primos. Talvez este dito poderia ser útil para um caçador de recompensas. Talvez inclusive se convertesse no lema para a casa de seu clã, embora sem dúvida os Amato, quais eram pessoas suscetíveis e repartiam a justiça de uma forma sombria e ordenada, encontrassem-nas ofensivas.

Revisaram a caminhonete em busca de explosivos, antes de subir e afastar-se, Kye outra vez pediu instruções.

Savannah suspirou. O momento da verdade tinha chegado, e a verdade no momento era que não poderiam chegar rapidamente a Tahoe. O que deixava duas opções viáveis. Um hotel, ou a cabana no rancho de seu tio avô, uma choça que em um tempo tinha sido seriamente remodelada por seus irmãos para fazê-la adequada para suas escapadas sexuais.

Tinha sabido de ciência certa que a cabana estaria bem abastecida com mantimentos em conservas, e que deveria estar desocupada. Seus pais estavam de viagem, e seus irmãos tinham a casa do rancho para eles. E já que o gado de seu tio avô tinha sido levado em caminhão a zonas de pastoreio diferentes, não havia razão para que os peões do rancho estivessem ali.

OH, sim. A cabana era a ganhadora. Estava em meio de um nada. Era fácil de defender. E não havia maneira de que alguém atrás dela soubesse de sua existência, ou pudesse supor que ela estaria ali.

Deu uma olhada ao homem que estava a seu lado e sorriu. Por não mencionar, que a cabana era o lugar perfeito para ser escandalosa e desafogar-se.

Seu olhar se fixou na ereção de Kye e seu sorriso se alargou. Ele definitivamente continha bastante calor, e era o momento de tirá-lo flutuação e aproveitá-lo.

Kye se agarrou o volante, querendo manter o controle. Se sua companheira suspeitasse a ferocidade com que o dominava a febre de emparelhamento Vesti, não sorriria com ar de suficiência e nem encheria o interior do veículo com o aroma embriagador de sua excitação. Pelas estrelas, necessitava cada parte de sua formação para resistir o impulso de estacionar a um lado



do caminho e tomá-la ali, um ato desaprovado em seu mundo, e contra a lei no seu.

Com grande esforço, controlou sua respiração com inspirações pouco profundas e inclinou ligeiramente a cabeça para beneficiar-se da janela aberta, enquanto fantasiava sobre o que faria quando chegassem a essa “cabana” que tinha mencionado.

Ele se despiria primeiro, antes que a roupa da Terra fizesse dele um castrado. E depois insistiria em tira a de Savannah.

Não tinha vontades de jogar com ela, nem de convertê-lo em um jogo de sedução.

Queria acasalar-se. Pô-la sobre suas mãos e joelhos e montá-la. Empurrar seu pênis dentro e fora dela, e ouvir seus gritos afogados de prazer.

Queria enterrar suas presas de emparelhamento em seu ombro no momento do clímax, algo que nunca tinha feito antes, e sentir a doce felicidade de uma liberação aumentada, enquanto obtinha a segurança de saber que ela nunca poderia escapar dele de novo. Que tinha dado o primeiro passo para a formação de um vínculo com ela.

Não era o protocolo que deveria seguir-se. Em vez de fodê-la, deveria velar por sua segurança primeiro, e depois tomar uma amostra de seu DNA para levar aos cientistas do Conselho. Deveria esperar que a união fosse oficialmente passada. Deveria selecionar a um Co-companheiro entre os Amato, uma ideia com a qual se reconciliou, embora preferisse não contemplar a realidade de outro varão cobrindo a sua companheira... À companheira de ambos.

Fez uma careta. Depois recordou que se Lyan podia suportar tal coisa, então ele não podia ser menos.

O pênis de Kye pulsou com avidez dentro da constritiva vestimenta, e soube a verdadeira razão pela qual passaria por cima o protocolo e tomaria Savannah, montaria seu ardente corpo durante toda a noite. Queria acumular seus gritos de prazer. Queria lembranças que pertencessem só dois. Desejava o que seus antepassados sempre tinham tido. Uma companheira que só pertencesse a ele. E por esta noite, a teria.

Sem dúvida, teria que suportar os sermões, os sussurros de que se parecia com seu primo Lyan, quem parecia sentir prazer em torcer, a não ser romper totalmente a lei. Mais de uma vez, tinha visto as suspeitas em algumas caras dos cientistas e membros do Conselho. Mas ele provou como um homem de honra. Um homem capaz de velar pela segurança das mulheres humanas identificadas como possíveis companheiras de vínculo, até que pudessem ser reclamadas.

Não tinha tomado liberdades com nenhuma mulher humana, nem ainda com aquelas que não tinham a sequência de gene Falou. E não é que não tivesse estado tentado.

Pelas estrelas, que o tinha estado. Suas fantasias se encheram de mulheres como sua companheira, ruivas e com uns brilhantes olhos verdes. Mal podia acreditar sua boa sorte ao encontrar Savannah.

Em Belizair, só alguns clãs Amato se gabavam de uma coloração similar. E daqueles... Kye estremeceu. Tinha poucas dúvidas de que as imagens humanas de anjos vingadores provinham dos encontros com os Amato que possuíam asas da cor de fogo, e cabelo rajado da mesma cor. Não podia imaginar-se unido a alguém da casa desses clãs, não podia imaginar compartilhar sua cama com uma mulher pertencente a um desses. O que o fazia apreciar ainda mais Savannah, e dar graças as seu Deus errante Vesti por levá-lo até ela.



Encontrou uma pequena medida de alívio quando Savannah finalmente disse

— Ali está — Embora tomou um momento poder ver a pequena cabana rodeada por árvores. Era perfeita. Privada. Recordando a câmara de transporte que havia no profundo da Serra. A distância entre as duas não era tão grande como para não poder usar as pedras Ylan para chegar ali amanhã. E depois utilizar o portal para levar uma amostra de seu DNA aos cientistas em São Francisco.

Mas até então... A antecipação rugia através dele. Ela estava excitada e não havia ninguém ao redor. Tomaria debaixo das árvores e sob o céu se fosse necessário. Mas, tomaria. Ela era dele.

Kye estacionou onde Savannah disse, e quase tomou seu pênis na mão diante o pequeno sorriso que dirigiu, enquanto tomava sua sacola esportiva da caminhonete e tirava uma das bolsas de comestíveis que insistiu em deter-se comprar. Ele tomou as demais, levando a caixa de gelo e bebidas, enquanto a seguia. Cada passo era uma dolorosa lembrança de quão limitante era a roupa da Terra.

A cabana cheirava a mofo, uma situação facilmente remediada abrindo as janelas. Desejava equilibrar-se sobre ela, mas se obrigou a ajudar Savannah a guardar os comestíveis e a fazer a cama, a dar uns minutos para relaxar-se. Na verdade, necessitava uns minutos para afastar o horror pelos dois atentados contra sua vida, para permitir que a tranquilidade do entorno se filtrasse nele.

Desejava levá-la rapidamente a Belizair. A Terra era muito violenta, muito perigosa, e suspeitava que sua companheira de vínculo era um ímã para os problemas.

Sabia.

O sorriso que dirigia era a prova de que não tinha nem ideia do perigo.

As fossas nasais de Kye se ampliaram quando ela se moveu para ele. Sua intenção era clara. Seu domínio era excitante, mais potente que a bebida mais forte do Setor de Jogo Kotaka. Quando pôs suas mãos sobre seu peito o sangue rugiu tanto em seu pênis, como em seus ouvidos.

Savannah sorriu. Se ficava algum pensamento na cabeça, então ela deveria ser expulsa do corpo de polícia por sua incapacidade para dar-se conta de uma situação com clareza. Maldição, era magnífico. Músculos duros. Uma ereção como um haste de bandeira, pronta para fazer explodir suas calças e ondear a cor vermelha, branco e azul, tudo ao ritmo do Star-Spangled Banner.

Seu evidente desejo para ela, era sexy como o inferno. E um verdadeiro impulso a sua moral e sua libido.

Ela fechou os dedos, agarrando sua camiseta, e conseguindo apanhar os diminutos mamilos masculinos debaixo desta ao mesmo tempo. O rosto de Kye se endureceu e sob a cabeça. Sem prévio aviso, seus braços a rodearam, levando-a contra seu corpo, e apanhando-a ali.

— Daqui em diante responderá diante a mim — Disse ele, cobrindo sua boca antes que ela pudesse comentar ou discutir. Afugentando sua escandalosa declaração com o assalto de sua língua contra a dela.

Deus. Ele sabia beijar.

Esses foram os últimos pensamentos de Savannah quando o impulso agressivo de sua língua fez desejar a sensação de carne contra carne, a fazia desejar envolver suas pernas ao redor de sua



cintura e sentir seu pênis em sua vagina.

Ela gemeu, enredando sua língua com a dele, deslizando-a e esfregando-a, enquanto sua pélvis fazia o mesmo com sua ereção.

Ele grunhiu em resposta, a fez caminhar para trás, até que suas coxas se chocaram com a mesa da cozinha. Um obstáculo irrelevante para ele. Seguiu empurrando, usando seu peito, braços e os firmes músculos de suas coxas, para fazer recuar a parte superior de seu corpo até que ela deitou sobre a mesa, até que esteve apanhada ali, a dura ponta de seu pênis coberta pelos jeans, agora roçava seu núcleo, protegido também pela roupa.

Savannah lutou com os botões de sua camisa, com as mãos ainda apanhadas entre eles. Ele fez um som faminto, da parte profunda de sua garganta, suas mãos se uniram às dela, rasgando a roupa até que a pele tocou pele.

Deteve-se então, levantou a boca da dela. Encontrando seus olhos.

Sua boceta se apertou em resposta ao feroz desejo que viu ali. Enviando uma nova onda de excitação a suas calcinhas, que já estavam empapadas.

As fossas nasais de Kye se estenderam como se pudesse cheirá-la. Sua respiração saía em um ofego cortou atrás de outro.

— É minha.

— Demonstra-o.

Com um grunhido, ele se levantou fazendo alavanca, suas mãos fixaram seus pulsos à mesa, junto a seus quadris, seu olhar se moveu para baixo por seu corpo, voltando para seus seios expostos, deixando-o fundido.

Kye se queimava com a febre de sua raça. Faminto por provar cada polegada de Savannah. Por reclamar cada centímetro.

Era deliciosa. Sua beleza ardente era incomparável a qualquer mulher que tivesse tido antes que ela.

Tinha pensado em tomá-la, em acasalar-se com ela, mas agora queria saboreá-la. Sugar seus seios até que seus mamilos se obscurecessem e doessem de prazer. Enterrar seu rosto entre suas coxas, e banhar-se no aroma dela enquanto seus lábios e língua exploravam o feminino calor úmido.

Era uma chamada primitiva. Uma necessidade básica.

Kye se inclinou e tomou seu mamilo em sua boca, atacou-o tão implacavelmente como tinha assaltado sua boca. Ele não era nenhum bebê no colo de sua mãe, e não houve nada suave no modo em que a reclamou, na mensagem que transmitiu com sua língua e dentes, com os fortes e ferozes puxões, primeiro em um mamilo e depois no outro.

O corpo de Savannah se arqueou sob seu ataque, sua cabeça se movia e sua voz se converteu em uma súplica por mais do que ele tinha que oferecer. Liberou seus pulsos, e uma selvagem satisfação se precipitou através dele quando suas mãos se dirigiram a seu cabelo, seu agarre era tão forte como o de qualquer guerreiro, enquanto o sustentava contra seu seios, empurrava-o contra ela, como se quisesse que a engolissem inteira.

Kye libertou o primeiro botão de suas calças jeans e puxou o zíper, baixando com força as calças para baixo por suas pernas, que se enredaram em seus tornozelos, até que ele se desfez de



seus sapatos, deixando o passo livre às calças para cair ao chão. Estremeceu-se ao sentir suas calcinhas empapadas por sua excitação contra sua carne quente.

Ele levantou a cabeça e suportou o agudo puxão. Os dedos dela se agarraram a seu comprido cabelo enquanto tentava levá-lo de novo a seu seio. Mas não podia resistir à tentação de sua boceta agora, não quando mantinha oculto só por uma magra barreira de tecido.

Entretanto, ele era um homem que tinha sobrevivido trabalhando para o Conselho porque podia cumprir. Não poderia fazer menos pela mulher que seria sua companheira de vínculo.

Roçou seus seios com os lábios, rendendo comemoração a um machucado mamilo, e depois a outro, antes de dirigir-se para baixo, deixando um úmido rastro de beijos e mordiscos, detendo-se no umbigo para provar sua profundidade com a língua antes de continuar para baixo, atormentando-os a ambos mordiscando o bordo elástico de suas calcinhas verde escuro, tocando com sua boca e nariz o erguido clitóris, torturando-o através do tecido, seu fôlego se acrescentava ao calor e umidade.

Tomou suas nádegas, levantando-a, pressionando seu coberto montículo contra sua face. Mas quando suas mãos se dirigiram a seus próprios quadris, ele as agarrou e impediu de retirar suas calcinhas. Pelas estrelas, ela o tinha torturado do primeiro momento em que a tinha visto e agora experimentaria o mesmo!

Capítulo 5

Kye sugou seus clitóris em sua boca, o tecido que o cobria fazia muito pouco para ocultar sua excitação. Jogou com a ponta congestionada, até que a fez retorcer-se, rogando pelo prazer de sentir sua boca em sua carne ardente e nua.

Estava além de algo que tivesse conhecido alguma vez com uma mulher. Pelo que tivesse esperado experimentar.

Agora encontrava um propósito às capas de roupa que levavam as mulheres da Terra. Para aumentar ainda mais a luxúria. As ridículas tiras de tecido, convertiam a uma mulher em um pacote erótico para ser desenvolvido.

Seu pênis palpitava e gotejava. Sua bolas estavam pesadas e cheias, e se amaldiçoou por não abrir suas próprias calças antes de começar sua reclamação de Savannah. Mas não havia nenhuma maneira de libertar-se dos limites de seus jeans, nenhum modo de tomar-se com uma mão sem soltar os pulsos de Savannah. Por isso teve que aguentar, dolorido e sofrendo, enquanto seguia assaltando-a com a boca, até que já não pôde suportar a barreira de tecido entre eles.

Soltou os pulsos de Savannah. Arrastou suas calcinhas para baixo para que se unissem às calças no chão e fez uma pausa. Capturando uma imagem de sua boceta, para recordar esta primeira vista deste durante o resto de sua vida. O prolixo triângulo de pelo púbico de cor vermelha profunda, estava orientando como uma flecha para baixo, apontando para os lábios inchados, abertos e brilhantes, que esperavam seu beijo.

Ele não necessitou nenhum outro estímulo.



Com um gemido, baixou sua boca para ela, sugou e lambeu, empurrando sua língua dentro de seu canal enquanto seu nariz esfregava seus clitóris, que tinha seu capuz retirado, para expor a sensível pele, uma inchada protuberância desenhada unicamente para o prazer de uma mulher.

Desesperadamente, libertou seu pênis, tomando-o fortemente pela base para impedir de esvaziar sua semente sobre seu próprio abdômen. Sua outra mão se pousou sobre o ventre dela e seu montículo, fixando a à mesa enquanto ele a consumia, enchia-a com sua língua, fazendo-a gritar no orgasmo.

Kye se endireitou então, a satisfação o atravessava diante a visão da suave pele dela e seu aspecto relaxado, pela maneira como ela lutava por respirar, por seus olhos semicerrados, e seu corpo estremecendo-se pela força de sua liberação.

Já não podia esperar. Levantou-a, situando-a na borda da mesa. A alegria explodiu em seu peito quando ela riu e envolveu seus braços e pernas a seu redor. Quando seus dedos puxaram-no por seu pênis, e o guiou para sua entrada, unindo seus lábios com os dele enquanto dava a bem-vinda em seu corpo.

Kye quase gozou quando um prazer insuportável alagou seus sentidos. Quando os músculos de seu suave e quente interior se fecharam sobre seu pênis, um punho úmido que se abria e fechava, levando todas as células de seu sangue para seu inchado pênis, que pulsava ao ritmo de seu acelerado coração, expandindo-se, muito perto da explosão, pela intensidade da sensação.

Savannah gemeu, moveu-se, utilizou o comprido cabelo de Kye como uma rédea para dirigir sua face para onde ela a queria, para unir seus lábios aos dele, e que suas línguas lutassem uma vez mais. Ele a estava matando! Mas que modo de morrer!

Virtualmente acabava de fazer explodir sua cabeça com o orgasmo que tinha dado e agora... Ele era enorme. Sua presença em sua vagina era um prazer doloroso, enchendo-a, queimando-a, fazendo-a apertar sua boceta diante a invasão, enquanto suas pernas se apertavam ao redor de sua cintura para tentar levá-lo mais profundamente.

— Merda. OH, sim...

Gritou quando ele empurrou através da barreira de seus apertados músculos, e deu toda sua longitude e largura. Começou a gemer quando seus dedos apertaram seu traseiro e começou a mover-se dentro e fora de sua vagina, golpeando seus clitóris com cada empurrão para seu interior, fazendo que seu mundo girasse ao redor dele, a sensação do toque de uma língua contra a outra, a maravilha indescritível do pênis de um homem reclamando a da maneira mais íntima possível.

Savannah voluntariamente o deixou o controle, embora suas unhas se arrastavam pelas costas de Kye, e engoliu seus grunhidos de prazer, encantada pelo modo em que seus empurrões se fizeram mais agressivos, mais poderosos, até que ambos estiveram ofegando pelo fôlego, lutando pela liberação. As mãos de ambos percorreram freneticamente as peles febris e escorregadias pelo suor do outro, até que ela gozou, e ele a seguiu imediatamente, com seu sêmen jorrando para sua matriz, e seu corpo sacudindo-se e estremecendo-se entre suas coxas.

Não protestou quando Kye a colocou sobre suas costas e apoiou seu torso sobre o dela, com seu pênis ainda dentro dela, e suas pernas ainda envoltas ao redor de sua cintura. Provavelmente ele a tinha arruinado para qualquer outro homem, mas não se importava.



Uma pequena risada escapou. O sexo na mesa da cozinha nunca tinha sido uma de suas fantasias, mas agora via que tinha infinitas possibilidades... Uma vez que se repusera desta rodada. Savannah não pôde evitar dizer.

— Me alegro de te trazer para casa para jantar.

Kye sorriu, entendendo imediatamente seu senso de humor.

Pelas estrelas, como o agradava. Embora a expectativa de vida era muito mais longa em Belizair que na Terra, ainda era muito curta como para não desfrutar de cada momento e encontrar prazer em cada dia. Ele certamente tinha encontrado prazer neste dia.

Roçou a boca contra a dela, riscando a comissura de seus lábios em uma suave solicitude para que se abrisse a ele. Ela assim o fez, e enredou sua língua com a sua alegremente, em uma suave comunicação de satisfação.

Quando o beijo terminou, obrigou-se a afastar-se dela, saindo de suas profundidades femininas enquanto se endireitava e recuava. Ela ficou imóvel durante um momento, arriscando-se a ser penetrada outra vez, quando seu olhar percorreu seu deslumbrante corpo e seu pênis começou a encher-se de novo. À medida que a febre de emparelhamento Vesti ameaçava voltando para a vida outra vez.

Como tinha podido Lyan deixar partir a sua companheira? Isto tinha ainda menos sentido para o Kye agora, de que tinha tido antes.

A ideia de estar longe de Savannah... Nem sequer estavam realmente vinculados e, entretanto, a ideia de deixá-la, de permitir que estivesse fora de sua vista, era insuportável.

Teria que fazê-lo, mas seria uma prova de sua resistência... Recompensada quando os cientistas confirmassem que era sua segundo a lei do Conselho.

A mão de Kye baixou a seu pênis, e a satisfação se precipitou através de Savannah ao ver a maneira em que seu rosto se esticava. Pela forma em que estava começando a endurecer-se de novo.

Ele era especial, e se tivessem estado na cama, ela iria por outra rodada. Mas uma vez sobre a mesa era suficiente... Por hoje. E além disso, ela o queria ver totalmente nu, e não era que ali, de pé com sua camisa aberta, não fosse sexy como o inferno, mas ela queria ver o quadro completo.

Savannah pôs-se a rir e se obrigou a sentar-se, e depois deslizar-se sobre a borda da mesa para ficar de pé.

— Que tal uma ducha? E depois algo para jantar e depois disso... Estou segura que encontraremos alguma maneira de nos entreter.

Kye apertou o agarre por seu pênis, evitando que esta se liberasse até que ele pudesse montar Savannah sobre a cama, ou no chão, ou em qualquer lugar mais propício para conduzi-la a horas de prazer. Porque a próxima vez que fizessem amor, a ação não se deteria até que ambos estivessem exaustos, e muitos cansados para poder seguir. E ainda então, não tinha nenhuma intenção de deixá-la escapar de seus braços.

— Uma ducha soa bem — Disse ele, despiando-se onde estava, feliz de estar fora da restrição da roupa.

O murmurado, "OH, sim", enviou mais sangue para seu pênis, e quando ela estendeu a mão e tocou seu bracelete, ele estremeceu diante o pensamento de que ela levasse o bracelete que ele



tinha criado, com a esperança de dar algum dia a sua companheira, tremeu diante a antecipação de sentir suas pedras Ylan de seus pulsos inchar-se e multiplicar-se, pulsando com uma energia única, só experimentada durante a vinculação, e depois separar-se e migrar, justo quando se unisse com o Savannah.

Seu autocontrole desapareceu rapidamente, quando os dedos da mão livre de Savannah se dirigiram para o bracelete de seu outro pulso. Suas intenções de atrasar o emparelhamento foram esquecidas em uma onda de calor e necessidade.

Kye se deteve, só o tempo suficiente para puxar sua camisa aberta e afastá-la de seu corpo, lançando-os ao chão, antes de tomá-la em seus braços e levá-la para a cama. Ela riu quando a deixou cair sobre os limpos lençóis da cama, e lutou com ele pela posição dominante quando se reuniu com ela ali. Mas ao final, ficou colocada sobre seus cotovelos e joelhos, com as pernas estendidas para revelar a inchada e úmida carne feminina enquanto ele se ajoelhava atrás dela, com seu pênis na mão, fascinado pela visão diante dele.

— Pelas estrelas, é deliciosa, Savannah — Disse, passando a mão sobre seu montículo, inclinando-se para beijar ao longo de sua coluna vertebral e mordendo brandamente os globos de suas nádegas, enquanto seus dedos encontravam seus clitoris e a faziam gemer.

— Por favor, Kye — Gemeu ela, empurrando-se contra sua mão, o som de sua voz enchia seu coração.

Ele fechou os olhos, esfregou sua bochecha contra sua suave pele e inalou.

— Por favor, o que?

— Foda-me.

Com um gemido a montou, introduzindo seu pênis até o fundo com um só impulso. Ela estava tão apertada a seu redor, tão quente e úmida, que sentia como se seu coração pulsasse em seu pênis, como se seus corações pulsassem em uma profunda harmonia dentro do corpo dela.

— Savannah — Ofegou, incapaz de permanecer quieto, a necessidade de vincular-se verdadeiramente com ela, eliminou qualquer sinal de jogo ou suavidade de seus pensamentos. E como se sentisse o que ele queria, o que necessitava, ela empurrou para trás, levando-o mais profundamente, em um movimento agressivo que o libertou de seu autocontrole, justificando que tomasse como tinha fantasiado desde o começo, com a intensidade de um homem Vesti no calor da febre de emparelhamento.

Deleitou-se no quente aroma de sua excitação, empapou-se com seus gemidos e gritos de prazer enquanto a segurava, utilizando cada vez mais seu peso e força, em uma demonstração de quem era o companheiro dominante. Até que finalmente, suas presas de emparelhamento saíram de suas vagens e se afundaram em seu ombro, fazendo-a culminar de maneira selvagem, apertando seu pênis até que ele pensou que seu coração, mente e alma explodiriam em um êxtase incomparável enquanto suas bolas se contraíam violentamente, forçando sua semente a sair através de seu eixo, enquanto o soro saía por suas presas, na reclamação Vesti de sua companheira.

Kye estudou ao Savannah enquanto dormia em uma gloriosa nuvem de cabelo vermelho.



Ainda não podia acreditar sua boa sorte. Faziam uma pausa em suas relações sexuais a noite anterior, só o tempo suficiente para tomar banho e comer algo antes de voltar para a cama. Deveria estar cansado e satisfeito, mas entretanto, o desejo só tinha crescido.

Deveria estar em caminho para ver os cientistas do Conselho. Em troca, ainda estava na cama, com Savannah. Incapaz de resistir a tentação de sua suave pele.

Kye acariciou um lado, seu pênis se sacudiu e se encheu quando ela rodou sobre suas costas, o recordando uma vez mais aos felinos parecidos com um tigre que podiam encontrar-se nas selvas de Belizair. E sem vacilar, sua mão se moveu para seu pênis, envolvendo-se a seu redor, bombeando repetidamente de cima abaixo, lentamente, enquanto se deleitava com sua beleza, com os seios que pediam a carícia de um homem, a boca de um homem. Com seus grandes mamilos, relaxados pelo sono.

Em Belizair, as mulheres só usavam umas calças finas, e os homens uma tanga. Nenhum usava camisas, já que suas asas não estavam transmutadas quando estavam em seu planeta de origem.

Considerava-se de má educação olhar fixamente o seio de uma mulher ou a ereção escassamente tampada de um homem, e na verdade, mais à frente do momento em que os indícios da primeira atividade sexual se manifestava na juventude, a maioria encontrava bastante fácil notar a nudez parcial, mas não responder a ela fisicamente.

Kye apertou seu agarre em seu pênis, acariciando para cima até que a ponta palpitou contra sua palma, inalando de maneira entrecortada diante os quentes cheiros de necessidade que se dispararam através de sua coluna vertebral. Suas nádegas se apertaram enquanto a luxúria se reunia em seu testículo, pondo-os pesados com sua semente.

O pensamento de outros homens olhando os cheios seios de Savannah, com seus carnudos mamilos, fez que a febre de emparelhamento Vesti voltasse de novo para a vida, e uma vez mais, Kye fantasiou sobre mantê-la para si mesmo, como os Vesti sempre tinham feito com suas mulheres.

Fechou os olhos e se obrigou a imaginar seu corpo sendo montado por outro homem, um com as asas com plumas dos Amato. Mas se rendeu em uns segundos, trocando seus pensamentos, para imaginá-la com dois filhos em seus seios. Um Amato e um Vesti.

Isso o inflamou. Enviando mais sangue para seu pênis, enquanto atenuava a febre de emparelhamento.

Compartilhá-la-ia com outro. Era uma verdade inevitável.

Kye abriu os olhos, seu olhar viajou para baixo, através da pele lisa e bronzada, para o pelo púbico, uma pequena tira que o lençol não escondia. Utilizou sua perna e pé para empurrar a obstrução do tecido, contente porque em Belizair não haveria nenhuma luta com a roupa da cama. Sempre despertaria para encontrá-la nua, sua única cobertura, as asas de seus companheiros.

Ela se agitou em sono, franziu o cenho, e Kye se amaldiçoou por sua falta de controle. Tinha que partir, escapular-se, com a esperança de que ela nem sequer fosse consciente que ele se foi. Tinha que chegar à câmara de transporte, para usá-la com o fim de entregar uma amostra de seu DNA aos cientistas em São Francisco.

Só deveria levar um curto tempo para que confirmassem o que ele já sabia que era verdade,



que era sua companheira de vínculo. E depois poderia retornar, e utilizar as férias que seu capitão tinha imposto, com o fim de conhecer-se melhor, para contemplar as opções para um Co-companheiro e explorar a ideia com ela, prepará-la para a experiência de ser tomada por dois homens ao mesmo tempo.

Até agora, aqueles que tinham reclamado a suas companheiras humanas, tinham utilizado a penetração dupla, enquanto os braceletes de seus pulsos se tocavam, com o fim de fazer que suas pedras Ylan, movessem-se, fundissem e migrassem para os braceletes de sua companheira de vínculo. Talvez poderia fazer-se de outra forma. Kye não sabia e não queria arriscar-se a estar equivocado. Devia a seu clã, a sua linha, fazer tudo o que estivesse em seu poder para reclamá-la para Belizair.

Com um gemido se inclinou para frente. Incapaz de resistir a tentação de seu seio, seu mamilo. Já deveria ter ido, mas seu pênis estava duro e suas bolas doíam. Não havia maneira de que pudesse sair da cama, até que a tivesse tomado de novo. Até ter pressionado seu suave corpo contra o colchão, e engolir seus gritos de prazer quando demonstrasse de novo, que já não se pertencia só a si mesmo, e que já não era livre de fazer o que quisesse. Agora pertencia a ele, respondia diante dele.

Pôs-se a rir contra a pele de Savannah, admitindo a si mesmo que apesar da quantidade de vezes que havia se emparelhado com ela a noite anterior, apesar de tê-la injetado com o soro de sua raça e dar mais prazer do que nenhum varão humano poderia dar, não acreditava verdadeiramente que tivesse conseguido domesticá-la ou pô-la sob seu controle. Tomaria toda uma vida obter tal coisa. Mas estava disposto a assumir essa tarefa a longo prazo, e em Belizair, sua segurança estaria assegurada.

Fez rodar a língua sobre seu mamilo, sugou-o em sua boca, depois levantou a cabeça e soprou sobre este, olhando como a suave coroa se endurecia em demanda de mais atenção. Era uma demanda a que ele respondeu de boa vontade, desta vez com sucções mais fortes, e quando ela despertou, gemendo e arqueando-se para ele, dizendo seu nome enquanto seus dedos se dirigiam para seu cabelo, apertou os dentes sobre seu mamilo, dando o sinal de dor que sabia que gostava.

Ela se abriu para ele imediatamente. Envolveu suas pernas ao redor de sua cintura e inclinou a pélvis. Fez que seu pênis palpitasse quando disse

— Kye, por favor — Seu era um rouco reconhecimento de que tinha chegado a necessitar e desejar tão rapidamente como ele o tinha feito.

Um olhar, um toque, uma palavra dela, e estava desesperado por estar dentro de seu corpo, por ser um com ela.

— Admite que me pertence — Disse ele.

Ela roçou seu corpo contra o seu, molhando-o com sua excitação.

— OH sim, pode me ter.

Kye gemeu quando seu pênis se deslizou em seu sufocante calor. Estremeceu-se quando lutou contra o impulso de bombear como um louco dentro dela.

Beijou o caminho para o outro mamilo, dando a mesma atenção que tinha dado ao primeiro, enquanto se obrigava a permanecer imóvel em sua vagina. Seu pênis banhado em seu calor úmido



e aveludado. Palpitando ao tempo que sua vagina se contraía e relaxava, enquanto ele sugava e mordiscava, desfrutando-se com o som de seus gemidos e grunhidos de prazer.

Conteve-se todo o tempo que pôde. Resistiu a suas súplicas, até que a sensação de suas unhas em seus ombros e costas, os puxões que dava a seu cabelo, obrigaram-no a ir para cima e fundir sua boca com a dela, assaltando-a profundamente com sua língua, empurrando dentro e fora ao igual fazia seu pênis, fazendo que seu mundo se estreitasse, fazendo-se um com os movimentos, as sensações, o êxtase... Savannah.

Inclusive quando esteve vazio de sua semente, não tinha nenhum desejo de deixar seu corpo. Não tinha vontade de nada mais que ficar com ela. Ela era como o terceiro sol de Belizair, uma chama brilhante em seu céu, abrasando-o, queimando através de todas suas capas de proteção, com o fim de reclamar seu coração e alma.

Ela riu contra seu ombro, beliscando-o, fazendo sorrir quando exigiu que se voltasse para poder respirar. Ele se moveu, levando-a com ele para que ficassem de lado, ainda pressionados um contra o outro.

— Hmmm, muito agradável. Poderia te manter a meu redor, Batman — Disse ela, acariciando e beijando seu pescoço, antes de aconchegar-se contra ele e ir à deriva, de novo para o sono.

Ele atrasou a partir, dizendo a si mesmo que queria assegurar-se que tinha caído em um sono profundo antes de afastar-se dela. Mas em realidade, sabia que ficava na cama porque odiava a ideia de separar-se dela, de deixá-la indefesa inclusive durante um segundo do tempo que permanecesse na Terra.

Kye esfregou sua bochecha contra o cabelo de Savannah, abraçando-a fortemente contra ele enquanto tentava decidir se devia ou não tomar sua caminhonete. Poderia utilizar a necessidade de roupa limpa como uma desculpa para sua ausência. E se ele tinha a caminhonete, ela não poderia deixar a cabana para procurar a esse Furão.

Savannah podia ter sido enviada “de férias” por seu capitão, mas Kye não estava convencido que ela deixasse o assunto. E entretanto, se tomava sua caminhonete, deixá-la-ia sem um meio de transporte se tinha algum problema antes que pudesse retornar.

Ao final, forçou-se a levantar-se da cama e colocar a roupa da Terra. Fazendo caretas enquanto a punha, as odiando ainda mais pela necessidade de ter que as usar durante um segundo dia. Mas, salvo chegar nu a sua visita com os cientistas, havia poucas opções.

Comprovou o bolso de seus jeans, para assegurar-se que a mecha de cabelo de Savannah que tinha tirado de sua escova de cabelo a noite anterior, estivesse ali. Depois saiu da cabana, sua experiência e formação o levaram para um grupo espesso de árvores para manter-se oculto. Com uma ordem ao nano computador incrustada em seus braceletes, as pedras Ylan reagiram, transportando-o à câmara que estava na profundidade da Serra. Um lugar vigiado em todo momento por ao menos um caçador de recompensas, que olhava de um pequeno posto de observação.

Kye se materializou na câmara, e fez uma pequena pausa durante um momento, permitindo que suas pedras Ylan absorvessem energia, enquanto olhava a seu redor, a emoção o encheu diante a perspectiva de levar ali Savannah. Teriam que vir de carro, é obvio. Entrar no edifício de



tijolo cru protegido e deter-se no vestíbulo para tirar-se sua roupa da Terra, antes de entrar na própria câmara, o jardim íntimo e fechado, com teto transparente e uma deliciosa coleção de plantas com flores. No chão, havia uma multidão de pedras de cores dispostas em padrões exóticos, todo o qual levava a centro da sala.

A causa do decreto do Conselho, que não permitia à mulheres humanas ver a verdadeira forma de seus companheiros até que elas tivessem concordado a uma cerimônia de vinculação, ir com eles a casa, e estivessem na câmara de transporte, muitos dos que tinham vindo à Terra com o fim de reclamar suas mulheres, escolhiam fazer a cerimônia de vinculação justo antes de retornar a Belizair. Assim, no centro da sala, em meio de um espetacular desenho de cristais Ylan, havia um grosso colchão em um marco que descansava perto da terra.

Os pensamentos de colocá-la sobre essa cama, enquanto se vinculava a Savannah, fizeram que seu pênis se enchesse novamente, e pulsasse grosseiramente contra o confinamento da roupa. Fez uma careta, amaldiçoando os objetos uma vez mais. Convertê-lo-iam em um garanhão castrado, se não conseguisse levar logo Savannah a Belizair!

Com um pensamento, as pedras de seus pulsos cantaram a aquelas da câmara, começando um concerto de luz e cor, de crescente energia e com um propósito, até que, em um instante, Kye se transportou de um lugar a outro, embora a câmara a que chegou era idêntica a que tinha deixado, igual à que estava em Belizair. O desenho e a disposição das pedras era um legado de seus antepassados Fallon. As câmaras da Terra eram móveis, a de Winseka era permanente. As plantas em cada lugar era quão único diferia.

O saiu do círculo e se moveu através do jardim, saindo da sala para encontrar-se cara a cara com Jeqon d'Amato.

Então, está feito? — Perguntou Jeqon — Lyan e Adan assumiram sua companheira?

Capítulo 6

É uma forma de dizê-lo.

A sobrancelha do Jeqon se levantou, e Kye negou com sua cabeça, sorrindo quando compartilhou a cena que tinha presenciado... Seu primo e seu Co-companheiro acompanhando Krista a seu carro, beijando-a para depois deixá-la ir. Isto ainda o assombrava, e não podia esperar para brincar sem piedade a custa de Lyan, uma vez que Adan e ele voltassem com êxito a Belizair com sua companheira de vínculo humana.

Jeqon franziu o cenho.

É seguro deixá-la sem resguardo?

Eles seguiram Krista e assumiram a responsabilidade de ocupar-se de sua segurança.

Então, está aqui para procurar outra atribuição?

Kye levou a mão até o bolso de seu jeans. O entusiasmo fez acelerar seu coração e o sangue trovejou em seus ouvidos. Trocou ao modo humano de falar.

— Encontrei a minha companheira. É uma amiga de Krista.



A surpresa cintilou na face de Jeqon, seguida pela preocupação.

— As coisas são diferentes no relativo às mulheres humanas, sabe, Kye. Uma resposta de nossas pedras Ylan, o endurecimento de nosso pênis, e até a febre de emparelhamento Vesti de sua raça, não indicam a presença de uma companheira quando se trata das mulheres que levam o marcador Fallon. A correspondência de genes é a única prova que importa. É a única maneira de reclamar a uma delas e voltar para Belizair com ela.

Kye ficou rígido, negando-se a permitir a si mesmo duvidar do que sabia com cada fibra de seu ser.

— Chama-me Batman, além de provocar a febre de emparelhamento Vesti — E devido a que tinham trabalhados juntos, e que além de gostar de Jeqon como pessoa, confiava nele, Kye admitiu o que tinha feito — Minhas presas de emparelhamento saíram quando a tomei. Injetei-a com o soro de minha raça.

— Tem uma amostra de seu DNA?

Kye assentiu, tirando a mecha de cabelo de Savannah de seu bolso e dando a Jeqon, quem riu apesar do olhar de preocupação em sua face.

— Por que não me surpreende que ela tenha o cabelo da cor das chamas?

Kye riu também, embora algo da inquietação que tinha estado tratando de evitar cresceu em seu peito enquanto seguia Jeqon para a sala usado pelos cientistas para analisar e emparelhar os DNA.

No passado, Kye raramente se uniu aos cientistas no laboratório. Ele era um caçador de recompensas, um guardião da lei, e embora a ciência pudesse ser útil para solucionar delitos, na maioria dos que ele trabalhava se necessitavam capacidades de rastreamento e captura. Não era ciência espacial, como os habitantes da Terra gostavam de dizer. E, entretanto, agora era a ciência a que tinha a chave do destino de Kye. De sua felicidade. De seu futuro.

Começou a caminhar de um lado a outro. Obtendo um olhar pormenorizado por parte de Jeqon.

— Pelo menos o Conselho permitiu que modifiquemos o equipamento disponível aqui — Disse Jeqon — Não é tão rápido, mas é passível.

Quando Jeqon se mudou para outro instrumento do equipamento, Kye se uniu a ele, tão perto que Jeqon suspirou e olhou para trás.

— Se pregar a mim não fará que o processo vá mais rápido.

Kye deu um passo para um lado.

— Tem os resultados?

— Não. Estou recuperando a informação de seu DNA para compará-los.

Kye se moveu mais longe, dando a Jeqon espaço adicional para trabalhar. E em questão de segundos, encontrou-se caminhando de um lugar a outro de novo. Pensando em Savannah. Preocupando-se com ela. Perguntando se talvez devia ter tomado seu veículo.

Certamente ela não iria à cidade. Mas depois que o pensou, seu peito se apertou e se encontrou esfregando-o, diante a lembrança do franco-atirador fora do andar do Furão.

Deveria investigar a garagem e determinar se o homem ao que tinha transformado em partículas diminutas, tinha deixado algo, um carro, um telefone, alguma nota. Mas fazer isto



significaria uma separação mais longa de Savannah. E se transportava primeiro à garagem e depois à cabana, drenaria as pedras Ylan da energia que poderia necessitar para defendê-la. As pedras não eram originárias da Terra, por isso cada uso trazia um custo acrescentado.

A frustração atravessou Kye. A aceitação. Necessitava um Co-companheiro. Não só para a continuação de sua linhagem, mas também com o fim de manter segura Savannah. Não tentou enganar a si mesmo na crença que ela estaria de acordo em retornar a casa com ele, antes que o assunto do Furão fosse resolvido.

Jeqon retornou ao posto de trabalho onde o DNA de Savannah estava sendo decifrado. Ajustou o equipamento, reajustou-o, sua linguagem corporal encheu Kye de um terror gelado. Havia compaixão nos olhos de Jeqon quando finalmente levantou o olhar outra vez, para encontrar com o de Kye.

— Ela não é uma compatível para você.

A dor atravessou Kye ao ouvir as palavras. Uma dor como nunca tinha conhecido. Uma dor tão intensa que necessitou todo seu controle para não cair de joelhos.

Sua mente e seu corpo gritavam em negação. Seu coração sentia como se um punho se inundou em seu peito, e o tivesse rodeado em um feroz apertão mortal.

Durante um comprido momento não pôde falar. Não pôde pensar.

Savannah despertou com a luz do sol, e com os músculos deliciosamente doloridos, com antecipação, e depois confusão, quando se deu conta de que Kye se foi. Sua primeira ação foi saltar da cama e assegurar-se que sua caminhonete estava ali. A segunda, vestir-se e tentar rastreá-lo.

Não chegou a nenhuma parte. Com o cenho franzido, amaldiçoando e duvidando da evidência diante seus próprios olhos.

Maldição! Ele não pôde ter desaparecido no ar!

Caminhou de novo para a cabana e preparou café. Frustrada porque uma habilidade que tinha desenvolvido e aperfeiçoado quando vivia em Bar None seguindo o gado perdido, parecia ter desaparecido com Kye.

Merda! Não podia acreditar.

Por outra parte, havia dito que era um caçador de recompensas e ela supunha que era muito bom nisso. Consolou-se com o pensamento de que talvez sua incapacidade para detectar seu rastro não era porque ela fosse má, e sim porque ele era excelente.

Savannah franziu o cenho enquanto olhava as árvores e matagais que cobriam o chão que se via da janela sobre a pia. Não é que tivesse tido um sem-fim de amantes, mas nunca tinha tido um que fodesse com ela com ela e depois decidisse ir-se comungar com a natureza enquanto ela dormia os efeitos de um grande sexo.

Saiu por volta da caminhonete e tomou uma das geladeiras portáteis que não se incomodaram em levar dentro no dia anterior, recordando enquanto o fazia o por que não o tinham feito... Devido que tinham estado inundados em uma névoa de luxúria.

Savannah esfregou o ombro, e sua boceta se contraiu quando sua mão encontrou o lugar



onde Kye a tinha mordido mais de uma vez. Deus! Como teria sabido os efeitos que isso provocaria nela?

Tinha crescido em um rancho onde ver os garanhões cobrindo às éguas, tinha alimentado algumas de suas fantasias... Fantasia que sem dúvida tinha experimentado com Kye. Homem, deveria ter preso antes um homem com o cabelo comprido!

Um sorriso seguiu a esse pensamento. Depois a risada. Se ele ia seguir vagabundeando, possivelmente teria que atá-lo à cama. OH sim, essa sim era uma fantasia para converter em realidade e desfrutar durante um montão de noites por vir.

Ela não necessitaria DVDs pornô durante as noites quando estivesse excitada ou estressada, e completamente sozinha. Tudo o que precisaria seriam as lembranças de suas férias com Kye.

Tirou a outra geladeira, e pôs a comida no refrigerador, contente de que a energia solar e o propano fizessem da cabana algo mais que um lugar para pôr um saco de dormir e acampar. Serviu uma xícara de café e passou queijo em creme sobre uma torrada. Tomou uns minutos para comer e depois, sem poder evitá-lo, voltou a sair, decidida a encontrar o rastro de Kye.

Este terminava no mesmo lugar de antes. Em um grupo de árvores na parte traseira da cabana.

Moveu-se além desse ponto. Caminhou em círculos concêntricos cada vez mais largos, até estar suarenta e cansada de tanto caminhar.

Não havia rastro dele. E deveria tê-lo havido.

Inclusive tinha tentado ocultar sua própria pista em alguns lugares, e o tinha obtido em distâncias curtas. Mas era impossível cobrir tanto terreno como o tinha feito, tanto como Kye deveria ter cortado para não ver nada por nenhuma parte, e não deixar nenhum rastro absolutamente.

Savannah se sentou em uma rocha lisa, frustrada e confusa. Insegura se devia sentir-se machucada, desconfiada ou preocupada com o desaparecimento de Kye.

Homens! Agora recordava porque não tinha um permanente em sua vida.

Esfregou o lugar sobre seu coração. Fazendo uma careta enquanto o fazia, e sendo o suficientemente honesta consigo mesma para admitir que em vez de fazê-la sentir melhor, sua tentativa de humor a tinha feito sentir pior.

Sim, sabia que uma noite de sexo selvagem não forjava uma verdadeira conexão entre um homem e uma mulher, os vaqueiros com os que tinha crescido eram um exemplo andante dessa verdade. Mas Kye...

Maldição... Nem sequer tinha sentido para ela, mas ele parecia tão... Correto.

Savannah suspirou. Bom, ele se tinha ido e ela não podia fazer nada a respeito. O melhor para ele seria não encontrar-se com um urso ou um puma, já que se tinha assegurado de que não pudesse ir a seu resgate. Mas se esperava que ela se sentasse ao redor da cabana a esperar, bem, tinha um duro despertar reservado para ele.

Ficou de pé e se dirigiu para a cabana, obrigando a seus pensamentos a afastar-se de Kye, e do sexo, e dirigir-se por volta dos acontecimentos do dia anterior. Sorriu. Não era como se tivesse tido muito tempo para pensar no que tinha acontecido. Mas agora... Agora realmente poderia pensar. Neste momento, porque Kye não estava a seu redor para distraí-la, poderia trocar de ser a



deusa sexual a ser a mulher detetive.

Savannah riu dissimuladamente de suas divagações mentais. Mas bom, se não podia rir de si mesma, onde a deixava isso?

Rabiscou uma breve nota para Kye, comentando que iria à cidade, mas retornaria. E enquanto a cabana desaparecia de sua vista no retrovisor, decidiu que esbanjaria um pouco e compararia um pouco de roupa, não é que ela quisesse que ele realmente passasse muito tempo vestido uma vez que estivessem de volta na cabana. Mas, embora gostasse que seus homens fossem tipos duros e trabalhadores, também gostava que cheirassem bem e usassem roupa limpa, e ele não tinha nada mais, exceto a roupa que usava sobre as costas, por dizê-lo de algum jeito. O que levou de novo sua mente para o ponto de partida, quando explodiu o carro do Furão perto do The Dive, e a aparição repentina de Kye.

Havia dito a Krista que a tinha seguido, de modo que seu carro talvez estivesse em algum lugar perto do The Dive... O que não era útil absolutamente, já que não tinha nenhuma intenção de voltar para a cena. Ao menos hoje.

Savannah suspirou, e suas sobrancelhas se uniram em concentração. Por que uma bomba? Por que um carro bomba em particular?

Supunha-se que isto falava de terroristas?

Não acreditava.

The Dive não era um lugar de policiais ou para reuniões de militares. Não era um “destino” para turistas. Era um lugar perigoso. Literalmente.

Mordeu-se o lábio inferior enquanto se repetia a conversa que tinha tido com o Furão.

Tenho algo para você.

Escuto-o.

Não aqui. É muito importante para falar disso por telefone. Se o despejar, o bronze beijará seu traseiro e pedirão que tome a insígnia de detetive.

Onde?

Conhece um lugar chamado The Dive?

Claro.

Verei-a ali.

A conversa tinha feito pensar em um crime de alto nível. Algo local. Talvez algo em curso. Nada em suas palavras fez pensar em um complô terrorista. Demônios, ele nem sequer tinha parecido realmente assustado. Nervoso sim, quase como se tivesse pressa. Era seguro que não tinha parecido assustado do modo de “alguém me quer ver morto”.

Teria visto seu carro convertido em um despojo fumegante de metal, vidro e couro caro? Apostava a que sim.

Savannah tentou meter-se na cabeça do Furão, e pensar como ele teria pensado. Tentou recordar se tinha visto o Beamer quando chegou ao The Dive. Mas não podia.

Maldição, e isso que queria chegar a fazer-se detetive. Devia tê-lo buscado. Mas tinha estado distraída pela presença de Krista. E ainda tinha estado pensando no encontro com o Antidroga e na menina, Holland. Por não falar do sentimento de culpa por não ter sido totalmente honesta com o capitão. Além disso, ela tinha assumido que o Furão já estava ali. Imaginou-se que



ele chegaria cedo, avaliando o lugar, e aparecendo quando estivesse preparado.

Suspirou. Obviamente tinha interpretado mal quão nervoso estava. Tinha julgado mal a situação, e ele provavelmente se assustou ao vê-la com Krista. Na mente do homem, havia algo desconhecido na equação e o Furão era um tipo cauteloso. Savannah sabia isso sobre ele.

Krista não tinha a palavra polícia escrita sobre ela de maneira nenhuma, forma ou figura, por isso era provável que ele houvesse passado o tempo observando, tentando obter a coragem, ou de descobrir o que fazer a seguir. Savannah queria acreditar que ele não tinha visto ninguém converter seu carro em uma armadilha mortal e depois fugisse sem adverti-la. Gostava de pensar que era boa lendo às pessoas.

O Furão era um estelionatário, um jogador. Um homem que sempre pensava que um golpe de sorte estava à volta da esquina.

Não era a alguém a quem quereria como amigo pessoal. Mas o tinha encontrado pela primeira vez estando de patrulha, e tinha indicado como chegar a um vagabundo que morria sangrado em um beco. Muita gente teria caminhado provavelmente pelo mesmo lugar, teria visto o mesmo, e teriam seguido caminhando.

Assim, se descartava que a bomba tivesse sido plantada enquanto seu carro estava estacionado perto do The Dive. O que dizia isto?

Não sabia. Entretanto, um calafrio deslizou por suas costas quando se perguntou quando teria sido aplanado seu apartamento. Antes da bomba, ou depois?

Teria que contar ao capitão quando contatasse com ele. Depois, teria que rezar para que ele não ficasse em contato com seus tios e irmãos. E avô. Deus a guardasse se o avô vinha a meter-se nesta confusão com seu rifle.

Com um suspiro, estacionou diante de uma cabine telefônica e saiu do carro. O capitão respondeu ao primeiro toque.

Foi um choque para Kye dar-se conta das poucas diferenças que havia entre Lyan e ele. Como em seu interior, ele também desejava dobrar, e até romper as regras.

Simplesmente, permaneceria na Terra e converteria Savannah em sua esposa. E embora não haveria meninos, tampouco teria nenhuma necessidade de compartilhá-la.

Sempre e quando cumprisse sua obrigação com o Conselho e continuasse ajudando os cientistas da maneira que eles requeressem, não haveria nenhuma razão para que algum, salvo Jeqon, soubesse de sua relação com Savannah.

Uma terrível sensação de peso rodou no peito de Kye, ampliando-se e dando voltas em seu estômago, diante as lembranças da bomba que tinha explodido quando Savannah e Krista se aproximavam do carro de Furão, e do o franco-atirador que tinha estado esperando Savannah.

Seu trabalho para os cientistas do Conselho às vezes requeria que estivesse longe por compridos períodos de tempo. A ideia de voltar e descobrir que Savannah tinha sido assassinada... A dor voltou para roubar o fôlego de Kye. Ele o empurrou longe e tentou encontrar uma solução.

Se ela soubesse quem era ele, e por que tinha vindo a seu mundo, poderia mantê-la com ele. Podia mantê-la a salvo.



E se o Conselho se inteirava que ele tinha quebrado suas regras isso poderia significar seu exílio de Belizair, ou que fosse convertido em um exemplo e enviado a algum lugar diferente da Terra. Ou poderia estar restringido a seu próprio planeta durante anos, até que Savannah envelhecesse e morresse.

De qualquer maneira, desonraria seu clã. Não tanto como teria sido antes, já que muitos entenderiam o desespero que sentia pelo desejo de uma medida de felicidade, de uma companheira. Mas ainda assim, seria uma desonra, não só para si mesmo, mas também para sua família.

E Savannah? Que espécie de vida poderia lhe oferecer?

Série de televisão americana, de ficção científica, fantasia e terror, conhecida na América Latina como: A Dimensão Desconhecida e na Espanha como: Nos Limites da Realidade.

— Não está tudo perdido — Disse Jeqon, interrompendo o fluxo dos angustiantes pensamentos de Kye — Ela leva o marcador Fallon. Tanto um Vesti, como um Amato são necessários para reclamá-la.

O olhar de Kye se encontrou com o de Jeqon. A compaixão permanecia, mas também havia uma medida de entusiasmo nos olhos do Amato. A esperança voltou para a vida dentro de Kye, junto com o medo — Encontrou um compatível Amato?

— Não. Mas a boa notícia é que com cada partido que descobrimos, obtemos mais informação. Já estamos começando a ver padrões, pistas quanto a que clãs poderiam ter os candidatos mais prováveis.

Jeqon caminhou para Kye e colocou uma mão sobre seu ombro, em um gesto de apoio.

— Voltarei para Belizair e começarei a procurar entre os primeiro Amato. Se encontro um compatível possível, argumentarei seu caso. A mulher já te conhece, aceitou sua presença em sua vida e em sua cama. Isso por si só deveria acrescentar peso sobre a sabedoria de te escolher como Co-companheiro.

— Ou poderia me ver como um inimigo e apresentar uma queixa ao Conselho, a fim de assegurar-se que permaneça muito longe da vida de Savannah.

A mão de Jeqon se apertou sobre o ombro de Kye, em reconhecimento da verdade na declaração de Kye.

— Compartilha comigo o que sabe dela. Compartilha algo do que aconteceu entre vocês, para poder levar comigo essas imagens a Belizair.

Kye assentiu, vendo a sabedoria do pedido de Jeqon, enquanto documentava o perigo que ela corria, recordando os momentos no exterior do The Dive, a viagem ao apartamento saqueado do Furão, o encontro com os policiais, o franco-atirador, a busca no apartamento de Savannah. Não chegou a compartilhar tudo, além da primeira onda de calor quando ela se aproximou dele. Quando seus olhos arderam com um desejo, quase tão quente como a febre de emparelhamento Vesti.

Kye fechou a cortina que permitia a Jeqon ver suas lembranças, e este pôs-se a rir. *Ah, justo quando chegava o bom!*

Encontra sua própria mulher.

Jeqon sorriu.



— Me acredite. Estou trabalhando nisso, e desejando que chegue, embora não tenho nenhuma pressa. A diferença de muitos em Belizair, eu desfruto da Terra e dos humanos. Nada gostaria mais que ser capaz de explorar como você o tem feito.

Kye suspirou.

— Apesar da urgência de nossa missão aqui, foi uma grande aventura e sentirei falta de estar por aqui. A proteção de Krista foi uma verdadeira experiência de aprendizagem, e mal posso esperar que Lyan e Adan se vinculem com sua companheira para poder escutar a história inteira, e entender por que se mudava tão frequentemente. Eu diria que estava sendo perseguida, mas... — Encolheu os ombros — Se assim fosse, não teria nenhum sentido que Lyan e Adan permitissem afastar-se deles depois acasalar-se com ela a primeira vez.

De outra parte da casa, escutaram-se vozes. Jecon disse.

— A menos que deseje explicar sua presença, ou arriscar a que dêem outra atribuição, é melhor que volte para...

— Encontrei-a em Reno, Nevada — Kye enviou a Jecon uma imagem da cabana, junto com suas coordenadas — Irá para Belizair agora mesmo?

— Depois que você use a câmara de transporte.

— Holden, sabe por que Ricky Nowak te enviaria um envelope cheio de fichas do Cassino Easy Teme?

A Savannah tomou um segundo dar-se conta que Ricky Nowak era o Furão. E outro para pensar no que o capitão perguntava e responder.

— Não tenho ideia. Quanto dinheiro?

— Por um valor de quarenta e cinco dólares. Três vermelhas e três amarelas. O Easy Teme usa fichas de dez dólares como o fazem em Connecticut.

— Havia alguma nota?

— Não havia nada. O envelope chegou por um serviço de mensageiro. Com seu nome à frente e as impressões digitais de Nowak nas fichas. Diz que não significa nada para você?

Savannah fechou os olhos e tentou de evocar a imagem do Cassino Easy Teme, mas sua mente ficou em branco. Ela não jogava muito a jogos de azar, não em cassinos de todos os modos. Em casa, claro, uniu-se a seus irmãos e aos peões do rancho no pôquer.

As fichas eram mais fáceis de visualizar. A maioria dos cassinos de Nevada foram diretamente de fichas vermelhas de cinco dólares, nickels³, a quarters⁴, fichas verdes de vinte e cinco dólares. Entretanto, podia imaginar as fichas amarelas que o Furão tinha enviado. Essas seriam os dimes⁵.

Tinha enviado nickels e dimes. Por que?

— Holden, vai responder minha pergunta em algum momento deste século? — A voz do

³ O níquel, no uso norte-americano, é um cinco- cento moeda emitido pela Casa da Moeda dos Estados Unidos . Composto de cobre de 75% e 25% níquel, a peça foi atingido desde 1866.

⁴ Um quarto de um dólar, comumente abreviado para trimestre, é uma pena ¼ moeda de um Estados Unidos dólar ou 25 centavos de dólar.

⁵ A moeda é um 10- cento moeda , um décimo de um dólar dos Estados Unidos , marcado formalmente como "um centavo".



capitão a tirou de seus pensamentos — Está segura que este envelope não tem nenhum significado para você?

— O cassino não me faz pensar em nada. Entretanto, as fichas... Penso nelas sendo nickels e dimes, o que não tem sentido se pensar nelas como um dito. Algo assim como: nickels e dimes... São de pouco valor. Mas o... Ricky me disse que a informação que tinha era muito importante para falar dela por telefone — Suspirou. — Talvez se pudesse retornar, e passar um pouco de tempo...

— Holden, ordeno que retorne ao lugar no que se esconde. Agora mesmo... E permanece ali. Se reporte outra vez depois de amanhã. Antes do meio-dia. De acordo?

— Sim, senhor.

Ele desligou antes que ela pudesse informar que seu apartamento tinha sido revistado. Ela vacilou e depois encolheu os ombros, decidindo-se por não chamar uma segunda vez. Depois de amanhã era bastante cedo, sobre tudo porque ela não ia a nenhuma parte perto de sua casa ou a do Furão.

Tomou um minuto para comprovar seu correio de voz. Um par de chamadas nas que desligaram. Talvez o Furão, mas não havia maneira se soubesse com segurança. O estômago de Savannah se esticou. Ou talvez fosse a prostituta menor de idade. Antes que os meninos do Antidroga chegassem à cena, Holland tinha metido no bolso o cartão que Savannah tinha dado, quando seu amiga não olhava.

Savannah deixou o fone no suporte, suas boas intenções de seguir as ordens tomaram um desvio. Daria um passeio pelo hotel residencial onde vivia Holland. No caso de...

Capítulo 7

Savannah tinha ido!

O estômago de Kye se contraiu enquanto caminhava pela cabana, e a desconfiança roia o ventre, voltando uma e outra vez para a nota que ela tinha deixado. *Tenho que me reportar com o capitão. Voltarei logo.*

As pedras Ylan em seus pulsos pulsavam ao ritmo do acelerado de seu coração, em sincronização com a fúria selvagem de suas emoções. Era tudo o que podia fazer para evitar transportar-se aonde ela estava. Mas tal opção não era viável, já que ela teria que estar em um lugar fixo, e ele não poderia explicar sua aparição repentina na caminhonete.

Obrigou-se a respirar profundamente tentando acalmar-se. Ao menos, o laço que se formou entre eles quando injetou o soro de sua raça, proporcionava informação sobre seu paradeiro, junto com a segurança de que estava viva e bem.

Kye estudou a nota de novo, tentando de ler suas emoções nela, seus pensamentos. A incerteza o atormentava.

Agora se dava conta que tinha sido uma tolice não tomar sua caminhonete. Não tinha ocorrido que ela tentaria rastrear seus movimentos. Mas as provas tinham estado ali para que as visse depois de sua volta. Os rastros de suas pegadas ao redor do lugar do que se transportou. O



círculo alargando-se cada vez mais, enquanto tentava de determinar aonde tinha ido.

Suspeitaria dele agora? Teria medo dele?

O orgulho por sua inteligência e astúcia, por suas capacidades, lutavam contra um medo desesperado dentro dele... Que a nota fosse uma tática para atrasá-lo.

Tinham falado... Algo. Mas em realidade não tinha verdadeiro conhecimento sobre suas crenças. Se ela acreditava que a vida era possível em outros planetas. Se tinha perguntado alguma vez se os mitos e lendas humanas poderiam ter resultado do contato com raças mais avançadas que a sua.

Kye esfregou o peito em um esforço por reduzir a esmagante agonia. As notícias que Jecon tinha dado tinham sido quase intoleráveis, e agora isto, ela tinha ido. Se a perdesse...

Policia! A palavra foi um grito através de Savannah, quando seu olhar se fixou no homem apoiado de maneira casual contra uma parada de ônibus, a uma quadra do hotel residencial onde as duas prostitutas menores de idade tinham levado a pervertido.

Savannah continuou dirigindo, movendo-se para frente do lugar onde o homem estava de pé, cuidando de manter o rosto de perfil, e ficando rígida quando olhou pelo espelho retrovisor e o viu tirar um telefone celular de seu bolso.

Precisou dirigir um bloco para acalmar-se e dar-se conta que não o tinha visto antes, para pôr seus instintos em dúvida, embora seu estômago cheio de acidez dizia que possivelmente tinha algo que ver com a investigação dos serviços de acompanhantes.

Estava Fodida. Muito bem. Assim não tinha nada que perder detendo-se no Cassino Easy Teme. Só que, logo que chegou ao lugar, deu-se conta de que se o Furão tinha enviado essas fichas para que se apresentasse, não devia fazê-lo em sua caminhonete. Tinha que conseguir outro veículo. Um que não pudesse ser facilmente identificado com ela. Não ia deixar sua caminhonete, sem vigilância, em um lugar onde qualquer pudesse sabotá-lo. Não tinha tanta confiança em sua capacidade para detectar uma bomba, sobre tudo se era um dispositivo sofisticado.

Com um suspiro de frustração, Savannah decidiu passar por seu edifício de apartamentos. Realmente não esperava ver, nem Furão, nem Holland esperando na rua frente a este, mas o que viu quase fez pisar nos freios com brutalidade.

Outro policial. Este era moreno, e estava apoiado em um carro com matrícula da cidade.

Ele se endireitou, surpreso ao reconhecê-la quando girou na esquina. Sua linguagem corporal o delatava, embora seus óculos escuros ocultavam sua expressão.

Savannah apertou o acelerador e passou a seu lado, olhando como tomava seu telefone celular do bolso. Merda, o que estava acontecendo?

Quase correu de retorno à cabana... Quase. Mas então recordou sua intenção de comprar um pouco de roupa para Kye. Isto a fez reduzir a velocidade o suficiente para permitir pensar. Se ia obedecer as ordens do capitão e permanecer “congelada” até que voltasse a chamá-lo outra vez, então ela, com toda segurança, ia tomar algum tempo para fazer um pouco de investigação sobre o cassino Easy Teme.

Savannah tomou emprestada uma guia Telefônica do balcão de uma loja de roupas nos



subúrbios da cidade. Localizou a biblioteca mais próxima com acesso a Internet, e pouco tempo depois se sentava diante de um computador.

Seus pensamentos retornaram por volta dos dois homens que tinha visto, e se perguntou se devia fazer uma tentativa de chamar a seu capitão antes que ele se inteirasse de suas atividades ao volante. O instinto dizia que eram policiais, mas poderiam ser detetives privados, e não tinha pressa por meter-se em problemas.

Savannah fez uma careta. Ela era boa para recordar caras, mas era terrível com os nomes. Sabia que nunca antes tinha visto nenhum dos homens. Mas isso não significava nada. Havia muitos policiais em Reno e seus arredores que não conhecia de vista. Muitos mais em Nevada e o resto do país, além dos Federais.

Um mal-estar se formou na boca de seu estômago diante a imagem do homem de cabelo escuro. Tinha a aparência de um Federal.

Tentou afugentar as náuseas, aproveitando seus hormônios. Imaginou de novo os dois homens, só que desta vez, viu corpos duros que gritavam espécime masculino de primeira... Inclusive com o cabelo curto. Era uma pena para eles. Kye a tinha arruinado em relação ao cabelo.

Franziu o cenho ao pensar em Kye, e seu desaparecimento. Um pouco de preocupação se assentou na boca de seu estômago. Se ele não estava na cabana quando retornasse, teria que decidir se devia ou não ir a Bar None por um cavalo, ou um veículo SUV.

Ou chamar seus irmãos, e pedir que viessem a ajudá-la para buscá-lo.

Ou aceitar que Kye tinha saído da cama, para depois ir. Talvez caminhou para a estrada e pegou uma carona, a pesar do modo como, aquela manhã, tinha exigido que admitisse que pertencia a ele, antes de fode-la.

Só o pensamento de que se foi, fazia que o peito de Savannah se apertasse com uma dor ameaçadora. Maldição, não era de estranhar que estivesse durante compridos períodos sem um homem em sua vida.

Obrigou-se a afastar seus pensamentos dos policiais e Kye, centrando-se em troca em sua busca em Internet, para obter informação sobre o Cassino Easy Teme.

Era um relativamente Cassino pequeno. Já tinha visto isso por si mesma. E era novo. Aberto por um milionário chamado Steven Traynor.

Havia fotos dele. Um homem de sessenta anos de idade, com uma formosa esposa de 30 lado dele, estreitando a mão a promotores, políticos e homens de negócios, alguns locais e outros estrangeiros. Havia estrelas do esporte, atores e atrizes, mas não havia maneira de saber a quem tinha contratado para que aparecesse junto a ele, e quem estava ali por conta própria.

Ampliou a busca. Mas, pelo que podia ver, não havia nada especial sobre o Traynor, nada que fizesse soar os alarmes, exceto uma diminuta linha sobre sua esposa, uma ex-modelo de roupa interior de Nova Jersey, que tinha sido uma showgirl em Las Vegas antes de casar-se com o Steven Traynor.

Savannah franziu o cenho. Não provinha o Furão de Nova Jersey? Não tinha começado seu expediente ali? Se só pudesse ir à delegacia de polícia...

Deixou o computador e foi à seção de revistas. Era uma aposta arriscada, mas explorou os jornais da última semana.



Nada. Mais do mesmo. Pelo menos a nível local. E depois, um pequeno titular de três polegadas, nas notícias internacionais, chamou sua atenção. Fiscal encarregado do caso de um chefe da droga colombiano foi assassinado quando seu carro explodiu.

O estômago se apertou de repente e seu pulso se sacudiu ao compreendê-lo. Nickels e dimes. Não era só uma maneira de descrever as fichas de um cassino ou algo de pouco valor, e sim uma maneira de descrever quantidades de droga. Um pacote de níquel. Ou de dimes.

Os carros bomba estavam acostumados ser um modo popular de eliminar a alguém que tentava fechar o fluxo de drogas, nem tanto nos Estados Unidos, como em outros lugares, e as fronteiras não detêm o crime e o terror de ser importados.

Se as drogas estavam envolvidas, podia entender por que Creech e Mastrin do Antidrogas se apresentaram no apartamento do Furão. Isso explicaria porque o capitão se apressou a pendurar quando ela tinha dito os nomes do jargão para as fichas.

Savannah colocou em seu lugar o jornal, perguntando-se como encaixavam nisto os caras que tinha visto perto do hotel residencial e em seu apartamento.

Então, entendeu-o de repente.

Cassinos, prostitutas e lavagem de dinheiro. Todos foram da mão apesar das normas vigentes.

O que significava que ela tinha razão. Eram policiais. Provavelmente federais.

Savannah sorriu, a pesar do nervosismo que atravessava seu estômago. Poderia conseguir a insígnia de detetive depois de tudo, se antes não fosse despedida ou assassinada.

Saiu da biblioteca. Mas não antes de fazer uma pausa e inspecionar o estacionamento. Não antes de comprovar a caminhonete, embora conjecturava que uma bomba já não seria utilizada, agora que estava fugindo.

Bom, não literalmente fugindo. Mas escondida.

Maldição! Isto era muito para esperar durante dois dias.

Encontrou uma cabine telefônica e entrou para chamar o capitão, preparando-se para obter outra reprimenda. Só que desta vez conectou com o correio de voz.

Savannah contou tudo o que tinha feito depois de falar com ele. Inclusive comentou o ocorrido a seu apartamento, antes de desligar. Então se dirigiu à cabana, com o estômago apertado. A frustração e preocupação substituíram à adrenalina que tinha enchido seu corpo.

Como ia poder ajudar a deter os caras maus, se estava escondida em uma cabana? Claro, havia compensações, pensou quando sua agitação aumentou, se Kye estava ali. Mas se tivesse querido jogar o papel da mulherzinha que ficava em casa, enquanto os homens dirigiam as coisas perigosas, então se teria casado com um policial, em vez de converter-se em um!

Com um suspiro de frustração saiu da estrada, reduzindo a uma velocidade respeitável, até que chegou às terras privadas do rancho, então colocou a tração às quatro rodas e acelerou, deixando uma nuvem de pó a sua esteira e recuperando seu senso de humor no processo. Não, não se via como se estivesse ansiosa por voltar para certo homem de cabelo comprido, que punha sua libido a máxima velocidade.

E assim, seu sangue trovejou através de seu coração, sua cabeça e sua vagina, quanto se deteve diante da cabana e Kye saiu desta. Com uma expressão tensa, e jeans apertados. Um



homem sob um sério de ataque de testosterona a máxima potencia.

Ele esteve sobre ela no segundo em que se deslizou fora do assento do condutor. Empurrando-a contra a lateral da caminhonete, com uma mão em seu cabelo e a outra em seu peito, em um gesto inequívoco de propriedade. Seus lábios e língua tomaram os seus em uma tormenta de furiosa paixão e dominação.

Savannah não resistiu, não pensava lutar contra ele. Era uma reação à visão do policial que vigiava seu apartamento. A ter feito a conexão entre as drogas e o carro bomba. Diante do perigo.

Isso disse a si mesma. Um pensamento breve que não tinha nenhuma importância de todos os modos. Kye era uma fantasia sexual andante, e ela o desejava como nunca tinha desejado a outro homem.

O beijo foi um saque, um espetáculo selvagem de força, que só terminou quando afastou sua boca da dela, deixando a ambos ofegando, lutando pelo fôlego. Seus olhos despediam fogo verde.

— Onde esteve?

— Na cidade. Para chamar o capitão. Deixei uma nota.

Tirou sua blusa e o sutiã sem dizer nada mais, e os atirou no chão antes de empurrá-la de novo contra a caminhonete. Sua boca violou a dela, introduzindo sua língua agressivamente.

Ela lutou para conseguir colocar suas mãos entre eles. Quando o obteve, rasgou a camisa de Kye, fazendo que os botões se dispersassem no chão, enquanto o calor a percorria diante a sensação de seu peito apertado contra sua própria carne nua, aplanando seus seios sob o peso de seu corpo.

Savannah gemeu e fechou os olhos. Ardia do interior. Estava segura de que se ele não introduzisse logo seu pênis dentro dela, ia explodir.

Estava tão quente. Tão faminta. Como se um só olhar de Kye, uma só carícia, pusesse em chamas seus seios e sua boceta.

— Por favor, Kye — Disse, quando ele a deixou respirar outra vez.

— Tire as calças.

Sua boceta se apertou em reação a sua dura ordem. A excitação líquida impregnou o interior de suas coxas, e empapou sua tanga, por isso foi um gosto retirar-la de sua carne inchada e deixar que o ar envolvesse seu corpo.

A satisfação feminina a encheu, ao ver a expressão selvagem do rosto de Kye. Luxúria e necessidade. Desejo rude. Seu peito subia e descia em ofegos curtos. Suas mãos estavam na parte dianteira de suas calças, abrindo o zíper, e liberando seu pênis ereto, que deixava escapar gota a gota sua semente.

Savannah lambeu os lábios. Seus joelhos se debilitaram com o desejo repentino de deixar cair sobre elas, e tomá-lo em sua boca. Mas antes que pudesse fazê-lo, ele a tomou seu braço, e a forçou a dar uns passos para separar a da caminhonete, e depois com o passar do lado onde terminava a cabine e começava a carroceria.

A fez girar, inclinou-a para que suas mãos descansassem na borda da carroceria da caminhonete, e estendeu suas pernas, era uma versão carnal de policiais e ladrões. Ela não pôde resistir. Olhou para trás por cima de seu ombro e disse.



— Vai me revistar agora?

Kye respondeu com seu corpo, fechando a distância entre eles para que seu pênis se deslizesse através da união de suas coxas, e sobre os inchados lábios de sua molhada boceta, pressionando-se contra seu abdômen.

— Farei algo mais que te revistar.

— Bom — Disse ela, e sua resposta foi como um fósforo sobre a gasolina, o final de outra coisa diferente ao ardor, as sensações e os gritos, enquanto Kye a puxava de maneira dura e rápida, uma e outra vez, mordendo-a ao chegar ao clímax, até que finalmente, ambos ficaram apoiados contra a caminhonete. Seu metal suave, esquentado pelo sol, era o único que os mantinha em posição vertical.

Permaneceram contra a caminhonete, ofegando, momentaneamente saciados e em harmonia, até que Kye disse.

— Não irá de novo sem mim a alguma parte. Não vou tolerar. Não o permitirei.

O primeiro impulso de Savannah foi rir. Brincar com ele sobre ser um cavernícola. Seu segundo impulso foi zangar-se. Para machucar, igual a tinha feito em numerosas ocasiões, quando seus irmãos maiores colocavam a palavra permitir na oração.

Deslizou-se entre Kye e a caminhonete. Suas emoções subiam e baixavam entre os dois extremos emocionais até que finalmente se inclinaram para a cólera, quando recordou quão preocupada tinha estado por seu desaparecimento.

— Será melhor que se acalme com o de permitir, Batman — Disse ela, recolhendo sua roupa — E aqui há uma pequena elucidação para você. Você desapareceu antes que eu o fizesse. Sem se incomodar em me deixar uma nota. Ao menos eu tive a decência de te dizer onde estava e que ia retornar. Por tudo o que eu sabia, você podia ter se mandado e ter pegado uma carona para algum lugar desconhecido depois de ter... — Deixou de falar e caminhou a pernas para a porta da cabana, sabendo que era melhor deixá-lo, antes de dizer algo do que pudesse arrepender-se.

O choque percorreu Kye. A indignação. Realmente pensava que partiria depois de ter se acasalado com ela? Que partiria sem dizer uma palavra? Que desapareceria como se ela tivesse sido uma conquista que não significava nada para ele? Não havia dito repetidamente que pertencia a ele?

Só que não o fazia. Ela pertencia a outro, segundo a lei do Conselho.

A dor se uniu à indignação. Cravando-se nele, abrindo uma ferida em seu coração, de modo que o desespero emanasse desta. Correu atrás de Savannah. A emoção crua, concentrada no insulto a sua honra, exigia que a castigasse por isso.

— Minha ausência esta manhã era necessária — Grunhiu Kye, logo que entrou na cabana — Eu nunca desapareceria de sua vida sem saber que está a salvo e sob o cuidado de outros.

Savannah se deteve na porta do banheiro. Olhando sua postura agressiva. As linhas duras de seu rosto. A dor gravada ali.

Ela o tinha machucado. E nesse momento, sua própria cólera desapareceu, substituída por um brilho de culpa.

— Lamento ter pensado que é a espécie de homem que se manda depois de jogar um pó. Mas me preocupei ao ver que não havia nenhuma nota, nenhuma maneira de te encontrar, e



nenhum modo de saber se estava ferido, com problemas ou se necessitava de ajuda.

Sua preocupação derrubou Kye. Reduzindo a emoção selvagem e fazendo que seus pensamentos se centrassem de novo dentro dele.

— Ofereço minhas desculpas também. Pensei que dormiria a maior parte do dia, e que eu estaria de volta antes que despertasse.

Savannah fez rodar seus ombros, seu corpo relaxou enquanto oferecia um sorriso.

— Está bem, então já está esclarecido. Tomarei uma ducha rápida — Seu sorriso se fez brincalhão, e o amor encheu o interior de Kye. Já se estava movendo para ela, quando disse — Para sua informação Batman, o sexo foi fantástico, do tipo que te faz perder a cabeça, de fato, mas não foi tão assustador para fazer que precisasse dormir a maior parte do dia, para me recuperar.

Kye se pôs a rir. Humor, antecipação, e luxúria, todas se misturaram, e sua resolução mais cedo de castigá-la retornou, originada por sua brincadeira, por seu desafio.

O impulso dirigiu as ações de Savannah. O alívio por que estivessem de novo sobre terreno sólido. Deixou cair sua roupa e escapou, conseguindo só uma distância curta, antes que Kye a capturasse e lutasse com ela, levando-a até a cama, conseguindo deixá-la de barriga para baixo sobre suas coxas.

Ela se sacudiu, e gritou pela surpresa quando ele deu a primeira palmada forte sobre suas nádegas. A excitação cobriu a parte interna de suas coxas com a seguinte, e seu corpo se acendeu enquanto sua mente ainda lutava por processá-lo.

Savannah gemeu quando Kye acariciou com uma mão as bochechas de seu traseiro, deslizando-a entre suas pernas e sobre sua fenda, antes de surrá-la outra vez. Cada golpe a levava mais e mais longe, até que se elevava para encontrar sua mão, hiperconsciente da firmeza das coxas de Kye, a dureza de sua ereção, e os inchados lábios de sua boceta.

— Por favor — Sussurrou ela, arqueando-se para cima, Kye deu outra palmada, antes de deslizar a mão entre suas pernas. Seus dedos outra vez se introduziram em sua vagina. Empurrando dentro e fora, fazendo que sua boceta se apertasse quando tratava de agarrá-los e levá-los mais profundo.

— Por favor, o que?

— Foda-me.

Ele a fodeu com os dedos e depois se retirou. Brincando entre seus lábios inchados, antes de empurrar de novo.

— Desta maneira? Ou com meu pênis?

— De qualquer maneira. Como você queira.

E com um rugido, o desespero anterior retornou. O que ele queria era a ela. Agora. Para sempre.

Kye se moveu, pondo-a sobre suas costas, estendeu a mão para a mesinha de noite para alcançar a tira que tinha usado antes para manter seu cabelo fora de sua face, e a utilizou para assegurar seus pulsos à cabeceira.

Tinha pensado que sua ferocidade interior tinha cedido ao afundar suas presas nela, enquanto se retorcia de prazer, quando tomou contra a caminhonete. Sem engreno, cada



acoplamento só aumentava a necessidade que tinha dela. Um desejo primitivo aceso tanto pela febre de emparelhamento Vesti, como pela incerteza de seu futuro juntos.

Não podia perdê-la. Nem pela morte, nem por outro homem.

Um grito de negação cresceu dentro dele, inchando-se em seu peito, por isso cobriu com seus lábios os de Savannah com o fim de evitar que este escapasse. Beijou-a até que seu sabor, e a sensação dela baixo ele, converteram-se em sua única realidade. A boca e língua de Savannah, e suas suaves curvas, eram o que necessitava para suavizar a emoção que o atravessava, para reduzir a marcha de seu coração que pulsava irregularmente, para acalmar seus pensamentos e que estes se centrassem em agradá-la, em saboreá-la.

Com um gemido, deslizou-se para baixo por seu corpo e se agarrou a seu mamilo, lambendo, mordendo, e obtendo alívio de seus seios, inclusive enquanto seu pênis palpitava contra seu ventre.

Sugou até que ela se arqueou debaixo dele, pedindo que liberasse suas mãos para poder tocá-lo. Até que ela gemeu, arqueou a pélvis, e sua excitação umedeceu seu corpo, enquanto seus clitoris se pressionava contra ele em uma pequena e dura demanda de atenção.

Só então, deixou a sucção de seus seios, beijando para baixo até que reclamou o inchado nó, aspirando-o em sua boca, acariciando e esfregando com sua língua a cabeça nua, até que Savannah gozou com um orgasmo violento, com seu nome entre seus lábios, e seu grito libertou o que se alojava em seu peito.

Kye tirou o laço e voltou para sua posição anterior, deleitando-se com a sensação de seus braços ao redor dele enquanto deslizava seu pênis em seu interior. Seus lábios eram suaves sobre os dela e seus impulsos se ecoaram da doçura de sua boca. Lenta e profundamente. Fazendo durar cada movimento. Um ritmo destinado a durar toda uma vida. Sua liberação foi uma longa onda de calor líquido que os consumiu a ambos, e trouxe uma paz temporária.

— Tenho que me reportar com o capitão esta manhã — Disse Savannah, rodando para colocar-se de lado e movendo um dedo ao longo da comissura dos lábios de Kye, uma nova piscina de luxúria se formou em seu ventre, ondeando através de sua matriz e seios, diante a visão dos traços de Kye, suavizados pelo sono.

Ele abriu os olhos e sorveu seu dedo em sua boca, mordendo a ponta e enviando uma chicotada de fogo para seus mamilos e clitoris, que fez que suas pernas se apertassem em resposta.

A promessa sensual brilhava em seus olhos. A confiança masculina.

Kye esfregou a língua sobre a ponta de seu dedo, fazendo-a tremer pela lembrança da forma em que essa mesma língua tinha girado ao redor de seus clitoris, brincando e golpeando-o até que a fez gozar.

No dia anterior tinha sido uma confusão de sexo. E o dia antes desse... Do momento que havia retornado da viagem à cidade e a tinha tomado contra o lateral da caminhonete, tinha sido um orgasmo atrás de outro.

A diversão a percorreu ao pensar na roupa que tinha comprado. Como estava ainda



empacotada no assento dianteiro da caminhonete, porque ele parecia ter nascido sendo nudista.

Não tinha se incomodado em vestir-se, ainda quando estavam fora da cama, ou quando não estavam sobre o chão, ou no sofá, ou, inclusive enquanto estavam no exterior olhando as estrelas e identificando as diferentes constelações, ele continuava nu.

Sorriu. Não é que ela se opor. O homem era magnífico.

— O que está pensando? — Perguntou Kye, colocou o braço a seu redor e a levou para ele. A risada ameaçava escapando de seus lábios, embora sabia que sua alegria era, mais que provavelmente, provocada por ele.

Nunca tinha imaginado quão importante seria ter uma companheira com senso de humor. Nunca o considerou em seu trato com o sexo oposto. Kye só tinha desfrutado delas, ao igual a elas tinham desfrutado dele. Suas pedras Ylan, e a falta de febre de emparelhamento Vesti, diziam tanto a ele como às mulheres, que só seria um enlace temporário. E na verdade, raramente tinha se arriscado a libertar-se em suas vaginas quentes e úmidas.

Não havia nenhum controle de natalidade em seu mundo e a gravidez quase sempre levava a uma vinculação permanente, porque não havia nenhuma garantia, nem para o homem nem para a mulher, de que outro emparelhamento daria lugar a outro filho. Inclusive antes do vírus Hotaling, o nascimento de um menino era um acontecimento reverenciado. Uma bênção outorgada.

Kye inteirou a face no cabelo de Savannah, seus braços se apertaram a seu redor, enquanto o enchiam as visões dela, inchada por seus filhos.

Os Vesti eram uma raça física, e ele não era um homem sem experiência. O azeite ritzca, criado e produzido pelo clã Araquel, ajudava a tomar a entrada traseira de uma mulher, aumentando a necessidade e lubrificando os apertados músculos, por isso a dor e o prazer da penetração se misturavam em um êxtase incrível, tanto para o homem como para a mulher.

O pênis de Kye palpitou diante o pensamento de tomar Savannah dessa forma. De prepará-la para a cerimônia de vinculação, onde seria reclamada por seus dois companheiros ao mesmo tempo.

O amor e uma fera paixão caíram em cascata através dele. Seguidos pelo terror, quase assustador, que tinha sido seu companheiro constante desde sua ida a São Francisco.

Como poderia renunciar a ela, se o homem cuja reclamação era sancionada pela lei do Conselho quisesse a outro como Co-companheiro?"

A dor e o medo permaneceram, até que uma úmida língua se formou redemoinhos sobre seu mamilo, fazendo-o ofegar, enquanto seu pênis pulsava, lubrificando um pouco de sêmen em seu próprio abdômen, assim como no dela.

Sentiu o sorriso de Savannah sobre seu peito e gemeu quando seus dentes apertaram seu mamilo, o elo entre este e seu pênis era um arame ao vermelho vivo, cheio de uma necessidade insuportável.

— Savannah!

Ela riu, reduzindo-o à impotência, e expulsando todo pensamento de sua mente, quando tomo seu eixo em sua mão, bombeando-o, roçando com o polegar a úmida ponta, enquanto sua boca, dente e língua se moviam sobre seu mamilo.



A mistura de dor e prazer, as sensações o alagaram, encheram-no até fazê-lo gritar, estremecer-se e sacudir-se, enquanto sua quente semente saía através de seu pênis, seus corpos estavam tão estreitamente unidos que sua liberação salpicou através de seu estômago e chegou até a parte inferior dos seios de Savannah. A intensidade do que sentia por ela quase o deixou reduzido às lágrimas.

Ela tinha se convertido em seu mundo.

Com um beijo final em seu peito, Savannah se desenredou de Kye e se sentou.

— Vou tomar uma ducha, Batman, sozinha, e antes que esta coisa se seque, ou nunca vamos sair daqui.

Ele riu, fazendo que o coração de Savannah se acelerasse, enchendo-o com uma emoção que temia que fosse amor. Não era que ela se opor ao amor, mas algo estava preocupando Kye. Algo que ainda não dizia.

Às vezes, havia uma qualidade quase desesperada em sua vida sexual. Não o tipo de desespero de: Não joguei um pó durante anos, por isso agora tenho que recuperar o tempo perdido, e sim um tipo de intensidade parecida com um: este poderia ser todo o tempo que tenhamos juntos. E entretanto... O que se supunha que tinha que fazer com esse sentimento de desespero em seu rosto, diante suas reclamações ou suas exigências de que pertencia a ele?

Savannah suspirou. Homens. Tinham sido postos neste mundo para deixar loucas às mulheres, de uma maneira ou outra.

Tomou sua ducha e depois se vestiu, atrasando-se nas lembranças dos últimos dias, ao mesmo tempo que aceitava o que devia fazer a seguir.

Deixaria-o tomar banho primeiro, faria algo para comer, e então, enquanto tomavam o café da manhã, faria as perguntas difíceis. E não deixaria de perguntar até ter as respostas.

Possivelmente odiaria as respostas. Talvez a machucariam e desiludiriam. Mas preferia ouvir a verdade de maneira frontal e decidir o que fazer a respeito, a ter que ver que isto que tinha com Kye se convertia em uma triste canção country sobre solidão e corações quebrados.

Capítulo 8

Draigon se deteve no movimento de sentar-se, quando os sinos soaram ao longo das salas da casa de seus pais, anunciando um visitante. *Espera a alguém?* Perguntou a seu pai.

Não. Um suspiro torturado escapou, quando seu pai olhou o tabuleiro de jogo Fett, que acabavam de terminar de preparar, esperando passar a maior parte do dia jogando um contra o outro.

É melhor ser interrompidos agora, a sê-lo depois de ter começado o jogo, disse Draigon, sorrindo, sabendo de antemão quais seriam as seguintes palavras de seu pai.

Enquanto nosso convidado não seja um folgado que fique muito tempo.

Draigon riu. *Se mãe estivesse aqui, ela te repreenderia por sua carência de hospitalidade. Felizmente para você, ela e Zantara estão no mercado. Atenderei a nosso convidado inesperado e*



procurarei andar depressa. Deixou a mesa, usando as pedras Ylan de seus braceletes para enviar a ordem, de maneira que a parede de cristal de aparência sólida, reabsorvesse uma de suas porções, e formasse uma abertura.

Saudações, primo, disse Jeqon, olhando como a bem-vinda surpreendida em sua expressão, dava passo à cautela, no momento exato no que Draigon recordou que ele era um cientista do Conselho, destinado à Terra, para encontrar às companheiras do vínculo humanas. *Posso entrar?*

É obvio. Draigon recuou para permitir que Jeqon entrasse na residência, antes de estender seus braços, tomando os antebraços de Jeqon, para que seus grupos de pedras se tocassem na saudação tradicional.

O pai de Draigon se uniu a eles na entrada, saudando também Jeqon da forma habitual, perguntando enquanto o fazia, *veio por algum assunto do Conselho? Veio com notícias de alguma companheira?*

Sim.

Convocarei os outros.

Não, tio. Primeiro tenho que falar com o Draigon em privado, durante um momento.

O pai de Draigon ficou rígido. A cortesia exigia que dissesse: *Então os deixarei sozinhos para que conversem,* mas quando seus olhos se encontraram, Draigon viu o desejo de seu pai de permanecer ali e saber sobre a companheira de vínculo humana, além de falar abertamente sobre que Vesti poderia ser um Co-companheiro adequado. Se alguém saberia, esse seria Jeqon.

Jeqon tinha muitos amigos entre os Vesti. E agora estava destinado na Terra, onde tinha obtido um conhecimento mais profundo sobre os humanos.

Essas qualificações eram suficientes para que Draigon valorasse a opinião de Jeqon sem outras explicações. Mas para seu pai, também era importante que Jeqon fosse um membro da casa do clã Lahatiel. E que o tio de Jeqon fosse Raym, que estava sentado no Conselho.

Por um momento Draigon vacilou, muito perto de pedir a seu pai que ficasse. Mas no final não disse nada, e seu pai deixou a sala.

Draigon levou Jeqon para a mesa onde o jogo de estratégia que deveria ter proporcionado horas de entretenimento, agora esperaria a seu pai e a algum de seus irmãos. Perguntou-se a respeito da vacilação de seu primo, sobre a necessidade de falar em privado de um assunto que afetava a todos na casa do clã Baraqijal. *Encontrou uma companheira para mim?* Perguntou Draigon, a inquietação o encheu Diante a tardança do Jeqon para responder.

— Sim, seu nome é Savannah Holden — Disse Jeqon, trocando à forma humana de comunicação. Decidindo que era mais apropriado, tanto para o tema a tratar, como para o cuidado requerido, com o fim de navegar pelo campo de minas desta conversa em particular.

Estudou o jogo de mesa diante deles, um jogo de estratégia algo similar ao jogo de xadrez da Terra, embora muito mais complicado com seu tabuleiro extensível tridimensional e as peças, que não só representavam os arquétipos, mas também os riscos naturais e fortificações dos inimigos.

O Fett era muito popular em Belizair, e ele sabia os rudimentos de como jogá-lo, mas não se sentia atraído por este. Sobre tudo, não com a intensidade com a que os caçadores de recompensas pareciam sê-lo. Se tinha êxito ao advogar por Kye, e convencer Draigon que o aceitasse como Co-companheiro, ambos os homens teriam este jogo em comum, e Jeqon sabia



que muitas amizades profundas e duradouras tinham sido forjadas sobre um tabuleiro de Fett.

Suspirou interiormente, e moveu a ponta de seu dedo sobre uma peça esculpida em pedra Ylan dourada. Nesse momento sentiu que a tarefa que tinha por diante, requeria toda a estratégia e delicadeza de um perito jogador de Fett. A amizade de Savannah com a Krista, e a de Draigon com Adan, eram uma grande vantagem. Mas necessitaria uma abordagem cuidadosa, se esperava conseguir que Draigon evitasse sua antiga aversão por Lyan, e aceitasse Kye por seus próprios méritos.

Jeqon orou silenciosamente à Deusa e seu consorte, pedindo ajuda. Havia muito em jogo, não só para Kye, Savannah e Draigon, e sim para todos em Belizair.

Não tinha experimentado ele de primeira mão, como os prejuízos e rancores antigos subiam à superfície perigosamente? Para fazer retornar a seu mundo a aqueles dias, quando os Vesti e Amato lutavam entre si. Não tinha sido o alvo dos olhares hostis e arrebatamentos zangados, tanto de seu tio Raym como de sua irmã Zantara, por ter continuado sua amizade com os do clã Araquel, a casa Vesti que havia trazido sem saber o vírus Hotaling a Belizair?

Se os de seu mundo estavam destinados a sobreviver à ameaça da extinção, essa bagagem do passado tinha que acabar. A distância entre as duas raças deveria ser fechada para sempre. Os primeiros meninos nasceriam logo, e Jeqon estava orgulhoso de ter jogado um papel na busca de uma solução para os homens não acasalados de Belizair.

— Não é comum que os cientistas do Conselho se impliquem, além de estabelecer a coincidência genética entre uma mulher humana e um varão de Belizair, e notificar o varão sua boa sorte — Disse finalmente Jeqon. Draigon se esticou diante as palavras “boa sorte”, fazendo que Jeqon franzisse o cenho, perguntando — Sua amostra de DNA na base de dados para a busca de casais, está ali por equívoco?

Draigon se obrigou a relaxar.

— Tinha pensado que teria mais tempo para me acostumar à ideia de uma companheira humana e um Co-companheiro Vesti. Para me preparar. Meus irmãos apresentaram sua amostra de DNA quando a primeira gravidez foi anunciada. — Quadrou os ombros. Estava comprometido com esse destino e o aceitaria — Me conte dessa mulher da Terra, Savannah.

— Posso te mostrar uma imagem dela. Acredito que estará encantado de saber que seu cabelo é de um vermelho tão profundo como o do cristal de fogo Sarien.

Parte da tensão reduziu no peito de Draigon. Ele e Jeqon nunca tinham sido muito próximos, e entretanto, era mais fácil aceitar uma companheira humana, sabendo que seu primo estava comprometido no processo, e tinha tomado o tempo para dar ele mesmo as notícias; e se seu comentário anterior e seu manejo nervoso da peça de Fett eram uma indicação, talvez também para oferecer conselho sobre o possível Co-companheiro Vesti.

— Viu-a?

— Não, as imagens foram proporcionadas por outro.

— Primeiro me fale sobre ela.

— Savannah é uma mulher policial.

Draigon se sentou mais comodamente na cadeira. Uma mulher policial. Era um bom começo.



— É amiga de Krista, a companheira de vínculo de Lyan e Adan. Eles devem chegar dentro de pouco. Talvez tenha a oportunidade de conhecer Krista, antes que eles desapareçam em seus alojamentos reservados, e não sejam vistos outra vez até que ela esteja grávida. Conforme dizem todos, Adan e Lyan estão completamente apaixonados por ela, embora os tenha conduzido em uma dura perseguição emocional.

O espírito de Draigon se iluminou ainda mais, diante a menção do retorno de Adan. Diante a perspectiva de ver a felicidade de Adan.

— Farei coincidir o tempo de minha partida, com o fim de me encontrar com eles quando chegarem a Winseka.

— Preparou-se para a viagem à Terra?

— Estudei, mas não excessivamente, já que não esperava ser emparelhado tão rapidamente. Meu conhecimento é incompleto, mas me servirá para o pouco tempo que estarei ali. Tenho a intenção de ficar, só o tempo suficiente para reclamar a minha companheira e voltar com ela a Belizair.

Jeqon assentiu.

— O melhor seria que Savannah fosse trazida rapidamente. Esta em grande perigo. Enquanto estava com Krista um artefato explosivo foi detonado. Agora, parece que sua companheira de vínculo era o objetivo. Se a companheira de Lyan e Adan não tivesse intuído o perigo e agido a respeito, ambas as mulheres estariam mortas. Perdidas para nós.

Draigon ficou de pé com tal força, que várias das peças do jogo caíram.

— Onde posso encontrar a Savannah?

Jeqon também ficou de pé, ainda sustentando a peça dourada, que representava ao mensageiro da Deusa.

— Está segura no momento. Lyan e Adan estavam por perto quando o primeiro perigo de Savannah foi reconhecido. Eles assumiram a responsabilidade de sua companheira, de modo que o caçador de recompensas Vesti que cuidava de Krista, fizesse-se cargo de Savannah. Se ele não tivesse estado ali, ela teria sido assassinada pouco depois. Um franco-atirador oculto a esperava. Ele não teve outra opção, salvo utilizar as pedras Ylan para destruir o humano que tentava matá-la

— Jeqon fez uma pausa — informei ao Conselho. Ele rompeu nossas leis e correu o risco de expor nossa presença, com o fim de salvá-la. Mas à luz do fato de que Savannah é importante para Krista, e agora que foi encontrado que também possui a sequência de genes Fallon, o Conselho decidiu não sancioná-lo.

— Devo muito a ele — Disse Draigon, suspeitando diante olhar direto de Jeqon, e a suspeita subjacente do lugar para o que se dirigia a conversa.

— Ele a teria salvado sem importar se levasse o gene Fallon ou não. Era a amiga de Krista e quando a viu, a febre de emparelhamento Vesti o golpeou. Quando o apelidou Batman, ele acreditou que era sua companheira. Ele é quem me trouxe a amostra de seu DNA.

Incredulidade. Cólera. Gratidão. Todos esses sentimentos retumbaram no interior de Draigon, enquanto o conhecimento se congelava em uma massa escura em seu peito e em suas tripas.

— Ele já tocou-a?



— Ela chegou a ele, e pensou que era seu direito. Que era seu dever dar prazer e sua proteção.

— Quem é ele?

Jeqon deixou a peça, ao lado de outra que simbolizava um redemoinho caótico capaz da destruição até das peças mais poderosas, se tropeçavam com ela.

— Kye d’Vesti.

A negação atravessou Draigon. A força de esse sentimento foi tão entristecedora, que quase voltou as costas a Jeqon e se afastou da companheira de vínculo oferecida... Da mulher humana que se entregou ao primo de Lyan, que já havia sentido a mordida das presas de emparelhamento Vesti enquanto estava sendo montada. Mas quando as emoções de Draigon se formaram redemoinhos e se chocaram violentamente, seu olhar aterrissou no jogo de Fett. Nas peças quedas. Derrubadas quando tinha escutado sobre o perigo de Savannah.

Durante compridos momentos, Draigon lutou para retomar o controle de si mesmo, para restaurar a ordem onde o caos reinava. Seu comentário, dito só um momento antes, elevou-se tacitamente sobre o tabuleiro. Devo muito a ele.

Draigon se armou de coragem, mantendo-se erguido sob o peso da responsabilidade de tinha em nome de seu clã. O que outra opção tinha, mais que aceitar o varão que Savannah já tinha escolhido? O varão que a tinha encontrado e a tinha mantido a salvo.

— Aceitá-lo-ei como meu Co-companheiro. Tomará nota para o registro?

— Sim.

— Obrigado. Vou falar com meus pais e depois irei a Winseka.

Jeqon assentiu com a cabeça e depois se foi.

Draigon ficou no lugar durante um comprido momento, seus pensamentos eram uma confusão de dever e honra, misturados com surpreendida curiosidade e antecipação, quando se deu conta de que Jeqon não tinha proporcionado a imagem de Savannah.

Recolheu as peças dispersas e as colocou nas posições corretas, e depois com um último olhar ao jogo Fett, Draigon estendeu sua mente para encontrar os membros de sua família. Para compartilhar com eles as notícias de sua vinculação.

Kye fez uma careta quando se uniu a Savannah na cozinha. Entre a expressão de sua cara e a incômoda roupa nova da Terra que pôs, sabia que seu café da manhã ia ser um incômodo calvário. O fazia recordar aqueles tempos, quando tinha sido convocado às Salas do Conselho, para que Raym d’Amato pudesse interrogá-lo, tentando escavar em seus pensamentos e motivações, sem dúvida com a intenção de determinar se estes eram similares aos de Lyan.

Se seu futuro não fosse tão incerto, Kye encontraria diversão em como seus sentimentos eram agora tão parecidos com os de seu primo. Em quão desesperadamente queria ignorar a lei do Conselho. Tomar o que desejava, o que necessitava, para assegurar-se que Savannah continuasse sendo dele.

Mas a situação em Belizair era desesperada. E sua honra, e o de seu clã, exigiam que esperasse que o destino se desenvolvesse.



A ironia de que seu futuro com Savannah, estivesse nas mãos de Jeqon, o sobrinho de Raym, não passou despercebido. Mas Jeqon sempre tinha sido um homem de ideias próprias. Seu cabelo negro e asas riscadas de negro, davam uma aparência diferente ao resto dos membros, cujo cabelo era da cor das chamas. Suas muitas amizades entre os Vesti, aumentavam ainda mais essa diferença.

Kye tomou o prato de comida que Savannah ofereceu e o levou para a mesa. Sentando-se. Vendo como ela tomava posição frente a ele e esperando o que estava por chegar. Sua expressão advertia que sua mente estava ocupada, e que já não podia distraí-la com o sexo.

Savannah estudou Kye, não estava segura se devia sentir-se preocupada ou contente, ao ver quão incômodo estava. Ele sabia o que vinha. Podia vê-lo em sua face. E entretanto... Agora que o momento tinha chegado, não tinha nenhuma pressa por fazer as perguntas difíceis.

Tomou o pote de geleia de framboesa, tomando seu tempo para espalhar em sua torrada, seu estômago de repente protestou ao pensar na comida.

— Fica bem a roupa? — Perguntou, fazendo uma careta, e perguntando se o recordar que usava coisas que tinha comprado, era uma boa maneira de iniciar a conversa.

— Prefiro estar nu. Mas, a roupa fica como se supõe que deveria me sentar.

Savannah riu a pesar do nó em seu estômago.

— Sim, bom, você prefere estar nu, e eu prefiro vê-lo nu. O único problema com essa preferência em particular, é que teria que te prender logo que chegássemos à cidade — Fez uma pausa, vendo uma oportunidade para começar com suas perguntas — Assumo que estava seguindo Krista, então deve deixar seu carro perto de The Dive. Poderíamos nos aproximar o suficiente para que possa recuperá-lo, quando formos a Reno hoje.

Kye ficou imóvel. Uma sacudida de emoção e nervosismo arpoou seu peito. Sua menção de Krista proporcionava uma oportunidade inesperada para ver como se sentia ela, sobre ser compartilhada por dois homens.

Obrigou-se a imitar as ações despreocupadas de Savannah, espalhando a geleia em seu pão, e tentando de riscar o curso de sua conversa.

— Está correta. Eu conduzia um carro. Mas não estou só aqui. Meu carro já teria sido tomado por aqueles com os que trabalho.

O interesse vacilou através de sua expressão.

— Trabalha para alguém? Ou com alguém?

— No passado trabalhei para clientes fora de minha... Comunidade. Entretanto, atualmente estou trabalhando para esta. Assim é como terminei seguindo Krista. Para garantir sua segurança, até que meu primo e seu companheiro pudessem reclamá-la — Kye sorriu, apesar do importante que era essa conversa para seu futuro... Para o futuro de ambos — Ainda estou assombrado pelo espetáculo deles ao acompanhá-la a seu carro, beijando-a e permitindo partir, depois de uma noite em seus braços.

— Sabe sobre isso? — Os olhos de Savannah se alargaram — Assim, Lyan e Adan são um casal?

Kye se sacudiu como se tivesse sido golpeado, o pãozinho de que acabava de tomar uma dentada, afogou-o de repente. Savannah ficou de pé quando viu sua face avermelhada, mas ele



fez um gesto para que se mantivesse em seu lugar, seu sufoco se transformou em risada, e depois em lágrimas.

— Pelas estrelas! Não! Lyan e Adan não são amantes. Os V... Não. Não é nosso costume — limpou a umidade dos olhos e bochechas, lutando por recuperar o controle de si mesmo e da conversa — Krista te disse que tinha estado com ambos?

Agora, ele olhou com interesse como o rubor subia pela face de Savannah, e ela se movia incômoda em sua cadeira, de repente encontrando muito interessante a comida de seu prato.

— É obvio, as mulheres falam ao igual ao fazem os homens. Obviamente — Olhou-o e levantou uma sobrancelha — Já sabe, também temos nossas fantasias.

O pênis de Kye voltou para a vida, e se pressionou contra a incômoda roupa da Terra— Eu gostaria de ouvir mais sobre essas fantasias. Sobre suas fantasias.

Savannah se surpreendeu de que não saísse fumaça de seu corpo. Deus! Sua fantasia estava sentada do outro lado da mesa. Agora, tudo o que precisava era sair até a caminhonete para procurar umas cordas e correias de couro.

— Não estou segura de que pudesse dirigir minhas fantasias.

— Me ponha a prova.

Ah sim. Me ate. Savannah negou com a cabeça.

— Tudo o que te direi é que as cordas estão implicadas, Batman. Se te disser algo mais, nunca chegaremos hoje à cidade.

O calor flamejou nos olhos de Kye, e Savannah apertou as pernas. Maldição. Se não soubesse aonde conduziria isso, já teria os dedos em seus clitoris e seus mamilos.

Kye fechou os olhos brevemente. O garfo carregado de ovos se deteve a meio caminho entre o prato e sua boca. Ela o estava matando.

Baixou a mão até seu colo, tentando a libertar seu pênis, mas se o fazia... Em efeito, nunca chegariam à cidade.

Kye tomou seu pênis através do rígido tecido dos jeans. Amaldiçoando outra vez a roupa que tinha sido obrigado a usar, desde que obteve a missão na Terra.

Foi uma façanha difícil, mas se obrigou a afastar a mente da dolorosa ereção e as fantasias eróticas que se precipitavam por seus pensamentos, e se concentrou de novo na conversa original. Só que desta vez, não viu nenhuma razão para a sutileza... O que era bom, já que a sutileza não era um dos fortes de seu clã.

— Lyan e Adan vão fazer tudo o que possam, para convencer Krista a ir viver com eles como companheira vinculada. Como sua esposa compartilhada.

— Essa vai ser uma decisão difícil para ela. Adora ser professora. É tudo o que sempre quis ser — Savannah negou com a cabeça e tomou um sorvo de café, antes de acrescentar — Inclusive em São Francisco, alardear do fato de que forma parte de um trio, poderia fazer difícil que mantenha seu posto de trabalho, por aquilo das mentes impressionáveis dos jovens e todo isso — Inclinou a cabeça e o olhou — Então, vão a sério a respeito dela?

— Nunca haverá outra para eles.

— Isso é sério.

Kye vacilou. Savannah já tinha demonstrado ser inteligente, e havia coisas que não podia



revelar, e entretanto, queria prepará-la para seu mundo.

— Krista será capaz de continuar ensinando, se aceitar a oferta de Lyan e Adan, e volta para casa com eles. Vê-la com seus novos... Maridos... Será motivo de celebração entre nós, e não de censura.

— Onde está sua casa? — Perguntou Savannah, saltando de tema, como tinha temido que o fizesse.

Kye negou com a cabeça, e seu peito se apertou quando os olhos de Savannah se estreitaram diante a suspeita.

— Vivemos separados de outros.

O olhar de Savannah caiu sobre os braceletes, e as pedras Ylan que pulsavam contra sua pele.

— Formam parte de algum culto.

Uma risada surpreendida escapou de seus lábios. Alguma vez, seus antepassados humanos haviam tanto adorado como temido aos seus!

— Não. Mas já comentou quão difícil seria para uma mulher formar parte de um trio. Vivemos em um lugar onde tal coisa chegou a ser... Esperada. Inclusive necessária.

Merda Santa. Estava dizendo o que ela pensava que dizia?

— Então, os caras formam casais quando querem assentar-se com uma mulher?

— Sim — Disse ele, com uma expressão hermética. Esse fato fez que a dor atravessasse o coração de Savannah... Não porque ela não fosse experimentar sua fantasia favorita, mas sim porque finalmente teve sentido seu desespero ao fazer o amor que dizia: este poderia ser todo o tempo que tenhamos juntos. Provavelmente, ele já tinha concordado ser companheiro de algum outro, na reclamação de uma mulher, e já não poderia recuar.

Bom, está bem. Ela podia lutar com isso. Não tinha pedido promessas. Não as tinha esperado. Tinha sido divertido enquanto durou... Mas não o traria de volta à cabana com ela, depois de ir à cidade.

Fora de um pouco de sexo rude e ruidoso, não gostava da dor, sobre tudo o emocional. E além disso, tinha que ficar a trabalhar para descobrir o que era o que sabia o Furão. Ainda não sabia exatamente como ia conseguir a cooperação do capitão, mas uma vez que argumentasse seu caso, dizendo que ela era, obviamente, a pessoa com a que o Furão queria falar, então, talvez o capitão se abrandaria. Não podia permanecer escondida pelo resto de sua vida.

Savannah se levantou da mesa, levando os pratos sujos à pia. Kye se levantou e a seguiu. Seu coração trovejou em seu peito ao presenciar o jogo de emoções em seu rosto.

Parou atrás dela, e a apanhou contra o balcão, as costas de Savannah contra seu peito, quando se preparou para sua reação, para sua rejeição.

— A ideia de ter sexo com dois homens te repugna?

Os pratos caíram as poucas últimas polegadas para a pia.

— Não está já tomado?

A mão de Kye se dirigiu a um de seus seios, tomando-o através da roupa.

— Não.

— Só há um homem aqui.



Kye se atreveu a mover o nariz sobre o vermelho profundo de seu cabelo, sorrindo contra seu pescoço, embora cada instinto Vesti clamava contra a necessidade de compartilhar a sua companhia.

— E eu poderia te manter satisfeita sem a ajuda de outro, mas a decisão não tomo eu. A ideia de ser tomada por dois homens te desagrada?

— Não — Disse ela, queimando seus lábios com o calor de seu sangue, que enchia seu pescoço e suas bochechas.

— Bom — Disse ele, deu uma dentada com um pouco de sucção, e depois se retirou, tomando a precaução de não levar mais à frente a conversa, até ter falado com Jeqon, e conhecer seu destino — Pensei que talvez poderíamos praticar tiro ao alvo antes de ir à cidade — Sugeriu.

A mente de Savannah girava cheia de perguntas. Queria perguntar se tinha pensado que um terceiro se unisse a eles na cama. Queria acreditar que ele se apaixonou por ela, ao igual a ela já se apaixonou por ele. Como Krista se apaixonou pelo Lyan e Adan... E eles dela. Mas no momento, Savannah estava feliz de recolher as latas de alumínio dos refrescos, para as colocar a pouca distância da cabana, para servir como alvos. De concentrar-se em superar Kye, ou pelo menos igualar sua habilidade, enquanto disparavam um rifle em uma competição amistosa.

— Talvez quando voltarmos da cidade, possamos experimentar com um pouco de jogo com as cordas — Brincou Kye um pouco mais tarde, provavelmente para distraí-la, de modo que seus últimos disparos se afastassem do objetivo.

Não funcionou. Embora esteve perto. Savannah sorriu e baixou o rifle.

— Já veremos, Batman. Mas para que saiba, eu serei a vaqueira, e você será o novilho que deve ser preso, jogado no chão e marcado.

Kye riu, cheio de confiança masculina.

— Se essa for uma verdadeira fantasia. Inclusive se eu te desse vantagens, não há maneira de que possa fazer o que imagina.

— Mantenha esse pensamento em sua mente — Disse Savannah, apoiando o rifle contra uma árvore e dirigindo-se para a caminhonete para conseguir um laço.

CAPITULO 9

Inclusive estando preparado para ver Lyan, Draigon não pôde reprimir o brilho de ira que sentiu, quando viu Vesti surgir do edifício do portal. O que tinha começado como uma animosidade da infância se intensificou, solidificou-se com o tempo, e não ajudava que os sentimentos de Lyan fossem um reflexo dos seus, Lyan se arrepiou e o olhou com o cenho franzido logo que estiveram a distância suficiente para poder falar, fazendo que Adan se apressasse a intervir, como frequentemente tinha que fazer, dizendo

— Esta não é a maneira de forjar a paz entre nossos povos.

Como sempre, necessitaram vários segundos para que as palavras de Adan penetrassem em suas mentes, e rompessem a competição de olhares fixos que era um hábito quando Draigon e



Lyan se encontravam. Mas quando o fez, Draigon concentrou sua atenção em Krista, e sentiu que seu fôlego se detinha em sua garganta diante sua frágil beleza. Era delicada e deliciosa. Suave e dourada. Completamente desejável.

Olhou para Adan.

— Devo saudar a sua nova companheira de vínculo, e a dizer que logo seu amiga se unirá a ela em Belizair. Os cientistas determinaram que a mulher humana, Savannah, tem o marcador do gene Fallon que se emparelha com meus.

— Fazer mal a um dos Vesti, significa nos declarar a guerra a todos nós, Draigon — Disse Lyan, recebendo o duro olhar de Draigon, e fazendo que um novo sentimento de cólera se precipitasse através dele. As palavras de Lyan eram uma confirmação de que ele sabia que seu primo já havia acasalado com Savannah.

— Não haverá nenhuma guerra. Ao verdadeiro estilo Vesti, seu primo tomou o que não lhe pertencia, mas minha companheira estaria morta se ele não tivesse estado ali para intervir. Por essa razão, por essa única razão, aceitá-lo-ei como Co-companheiro.

Draigon se obrigou de novo a afastar sua atenção de Lyan, e enfocá-la em Krista, desta vez, inclinou-se para frente para pressionar os lábios contra os de Krista, um insulto para Lyan, e de uma vez, uma troca com Adan. Como Jecon havia dito, a felicidade, e a possessividade de Adan para sua companheira de vínculo, eram fáceis de ver.

Quando o beijo terminou, Draigon se girou e passou junto a eles, para o portal, com passos largos e apressados. Reconciliou-se com a ideia de tomar uma companheira humana, embora nunca antes havia se sentido atraído por nenhuma mulher, além daquelas de sua raça, e pensar em uma mulher sem asas tinha sido um grande peso em seu peito. Mas no instante que viu Krista, entendeu por que alguns dos Fallon haviam se sentido fascinados pelas mulheres da Terra, e por que não tinha visto nenhuma das outras mulheres que tinham vindo a Winseka. Seus companheiros ainda não as tinham deixado sair da cama!

O coração de Draigon se acelerou, e seu pênis se endureceu diante a antecipação. Embora antes tinha sentido resignação, agora estava ansioso por ficar na tarefa de assegurar sua companheira, trazê-la a casa, e procriar com ela para que sua linhagem continuasse.

Entrou na câmara de transporte, contente de que tivessem concedida permissão para saltar no portal de saída próximo aonde estavam Savannah e Kye, de outra maneira, teria tido que suportar horas intermináveis na Terra utilizando seus primitivos meios de transporte.

Draigon fez uma careta. Conforme diziam, a Terra era um planeta atrasado, e ele não tinha a intenção de permanecer ali durante muito tempo. Asseguraria a sua companheira e voltaria, antes que o terceiro sol saísse e se posse em Belizair.

As pedras da câmara pulsaram em uma sequencia de luz e cor, e Draigon se preparou quando os cristais Ylan de seus braceletes puxaram a energia a seu redor, preparando-se para a transmutação que precedia ao transporte. O ar se carregou, e depois, antes que pudesse tomar uma respiração, já estava na Terra.

Deteve-se o tempo suficiente para trocar sua roupa pela armazenada em uma sala continua à câmara de transporte, e depois utilizou as pedras Ylan, tanto para esconder suas asas, para transportar-se à localização de Kye. E durante um momento Draigon só pôde olhar fixamente, com



assombrada incredulidade, a imagem desdobrada diante dele.

Poria-me de pé e te saudaria apropriadamente, mas como pode ver, estou preso neste momento, disse Kye, sua voz divertida retirou a atenção de Draigon, da visão de um guerreiro Vesti preso, e deitado no chão, com uma humana sobre ele.

Como se sentisse sua presença, Savannah se voltou para Draigon, e a luxúria o atravessou, ainda quando teve que forçar-se a seguir respirando. Caminhou para ela com um só pensamento, reclamar a sua companhia.

Merda Santa! De onde saiu! Perguntou-se Savannah, enquanto tentava alcançar o rifle que apoiado contra uma árvore, e sacudia a corda ao mesmo tempo, de modo que o nó que mantinha unido os pulsos de Kye a seus tornozelos, como um bezerro em um rodeio, libertou-se.

Quem quer que fosse o Sr. Vermelho, dirigia-se para eles rapidamente. E embora não estava armado, parecia bastante mortal sem uma arma. Tomou o rifle justo quando chegou por volta do lugar no que Kye se deu a volta e estava sentado agora, liberando-se da corda.

— Pare aí mesmo — Disse Savannah, carregando e destravando o rifle e apontando ao centro do peito do estranho, vendo como seu olhar descia para a arma, e seu rosto refletia surpresa, e depois diversão. Mas fez o que ela ordenou, sem deixar de olhá-la por um segundo, ainda quando Kye pôs de pé.

— Este é Draigon d'Amato — Disse Kye — Ele não quer te machucar.

Os olhos de Savannah se estreitaram, não gostava da maneira em que o corpo de Kye irradiava tensão. Não gostava da forma como tinha expresso seu comentário. Não baixou o rifle.

— Pode ser que não queira me machucar, mas, e a você?

Kye se obrigou a relaxar, Mas pelas estrelas! Era difícil. Quando tinha visto Draigon, tinha suposto que o Amato trabalhava agora para os cientistas do Conselho. Tinha assumido que Draigon devia proteger Savannah, enquanto ele voltava para São Francisco para falar com Jeon. Mas a reação de Draigon ao ver Savannah, seu anúncio, entregue telepaticamente, de que ele era seu companheiro segundo a lei do Conselho, quase tinha devastado Kye. De todos os Amatos com os que poderia ter sido emparelhada Savannah... Que fosse este... Um homem que sempre tinha estado tão claramente em desacordo com seu primo Lyan.

Certamente nossa companheira não tem a intenção de descarregar essa arma primitiva em meu peito, disse Draigon, fazendo que a esperança transbordasse Kye, deixando-o incrédulo. Seus pensamentos ficaram fixos em só duas palavras, nossa companheira.

Aceitou-me como seu Co-companheiro? Perguntou, de uma vez dizendo a Savannah

— Ele tampouco quer me machucar. Esperava que um terceiro se unisse a nós. Embora não tinha a intenção de ser pego na posição em que Draigon me encontrou.

Ela baixou o rifle, com a suspeita ainda irradiando dela, enchendo Kye tanto de orgulho como de diversão. *Disse Jeon que Savannah foi treinada para servir como uma mulher policial entre sua gente? Adirto-o, é inteligente e observadora. Muito pouco escapa dela.* Fez uma pausa, atrevendo-se a fazer de novo a pergunta, que ainda não tinha sido respondida. *Aceitou-me como seu Co-companheiro?*

Sim. A resposta foi um grunhido hostil, mas nesse momento, Kye se encheu de alívio e gratidão, inclusive de felicidade. Até que Draigon disse, *Nos deixe sozinhos.*



A ordem foi o suficiente para fazer emergir de novo o desejo Vesti de agarrar-se a sua companheira, ardendo através das veias de Kye, com o mesmo calor que a febre de emparelhamento. Ficou rígido. Dividido entre o impulso primitivo de lutar contra Draigon pela posse de Savannah, e o conhecimento de que devia compartilhá-la com o Amato de cabelo da cor das chamas.

Kye tomou uma respiração profunda, e se obrigou introduzir em seu corpo uma calma que não sentia realmente. Concentrou-se nas lições que tinha aprendido em seu trato com os membros do Conselho que o olhavam com hostilidade e suspeita. Não teria nenhuma utilidade antagonizar com Draigon, embora Kye não tinha nenhuma intenção de ser um companheiro de menor hierarquia diante Savannah. No momento era necessária a diplomacia em vez do desafio. *Não posso ir. Ela deve ir à cidade para reportar-se com seu capitão. Seria mais seguro para ela, se nos dois fôssemos ali para velar por sua proteção.*

A face de Draigon se esticou. Cada célula de seu corpo anunciava seu desejo de estar a sós com Savannah. Mas finalmente deu uma ligeira cabeçada, e algo da tensão se drenou de ambos os homens.

Savannah olhou o jogo de emoções na face de Kye, e em seu corpo. Algo ocorria entre os dois homens... E não era algo sexual. Mas havia algo. O ar virtualmente vibrava ao redor deles.

O cabelo comprido e os braceletes nos pulsos de Draigon, diziam que provinha do mesmo lugar que Kye. E, entre a conversa que tinha tido com Kye no café da manhã, e o que ele havia dito, “esperava que um terceiro se unisse a nós”, seria lógico pensar...

Savannah sorriu. Agora que não tinha que preocupar-se com defender a si mesmo e Kye, fez água a boca ao observar o corpo duro e musculoso de Draigon. Podia inclusive despi-lo mentalmente, e imaginar-se na cama com ele.

Maldição! Fecha a porta do prado antes que o garanhão possa escapar!

Pena que tivesse que ir à cidade.

O pensamento provocou uma pergunta óbvia, agora que já havia passado a surpresa da aparição de Draigon. Como diabos tinha chegado à cabana sem que ela notasse sua presença? Porque agora que olhava com atenção, não via nenhum meio de transporte, nem sequer uma bicicleta. E embora pôde ter chegado caminhando, não estava coberto de pó e suor.

Savannah se afastou e subiu o rifle, esvaziando a câmara ao disparar a uma das latas que ela e Kye tinham utilizado em sua prática de tiro ao alvo. Ficando satisfeita quando esta cambaleou e caiu para trás.

— Deveríamos nos pôr em marcha — Disse ela, baixando o rifle e descarregando as balas restantes, enquanto caminhava a um lado do lugar no que Kye e Draigon estavam de pé.

Tomou quinze passos chegar no final do rastro de Draigon. Ou o que ela assumiu que provavelmente era seu rastro, já que ela e Kye tinham pisoteado a área ao redor da cabana com sua prática do tiro ao alvo e com seu evento espontâneo de laço de rodeio. Assombroso. O rastro simplesmente desaparecia, da mesma maneira que o do Kye tinha desaparecido. Como fizeram isto?

Voltou-se para eles, o que permitiu a seu olhar ficar com a imagem de Kye e Draigon de pé juntos, como um harmonioso par de sementes que tinham idênticas expressões de cautela.



Dirigiu-se a Draigon.

— Então, é também um caçador de recompensas?

— Sim — Disse Draigon, e ela sorriu diante o orgulho que irradiava dele.

— Você e Kye vão ter que me ensinar esse truque de desaparecimento que utilizam.

A face de Draigon se esticou e seu corpo ficou rígido. Uma aparência e rigidez similar apareceu em Kye. Savannah sacudiu a cabeça, com a música de The Twilight Zone⁶ soando em sua cabeça. Mas não tinha tempo de descobrir que demônios acontecia.

— Deveríamos ir — Disse de novo — Tenho que chamar o capitão, e se me dá o visto bom, vou começar a perguntar por aí pelo Furão.

Não permitirei isso, disse Draigon. Imagens de levar a à cabana, retendo a à força se fosse necessário, alagaram sua mente. A necessidade selvagem de olhar por seu prazer e proteção o enchiam. A intensidade de suas emoções era alheia para ele.

Draigon deu um passo para frente, precisando fechar a distância entre ele e Savannah, tomar posse dela fisicamente, e impor as regras que se aplicariam a ela, agora que ele tinha entrado na cena.

Tome cuidado, disse Kye, colocando uma mão no braço de Draigon. *Ela ainda não te conhece. Ainda não entende sua reclamação sobre ela. E a palavra “permitir” deve ser usada com precaução, quando se trata de Savannah.*

Draigon se sacudiu da mão de Kye, aceitando o que Vesti dizia, inclusive enquanto ressentia do molesto aviso de que ele era um estranho para Savannah, enquanto que Kye já a conhecia intimamente.

A dúvida percorreu Savannah enquanto observava a estranha interação entre o Draigon e Kye. As emoções selvagens que vacilavam nos olhos de Draigon, e o endurecimento das feições de Kye.

Devia ter entendido errado A menos que os homens provenientes do lugar de onde vinha Kye, emparelhassem-se tirando seus nomes de um chapéu, ela não podia imaginar estes dois unindo-se e vivendo felizmente, juntos para sempre, com a mesma mulher. Neste momento, era difícil imaginar que um deles deixasse o outro entrar no quarto.

Ainda sem uma só palavra sendo trocada, estava-se começando a sentir como um osso cobiçado, apanhado entre dois extraordinariamente formosos cães de raça. E por estranho que parecesse, não o achava adúlador.

Savannah sorriu... Mas sua perversão era ter a dois homens de uma vez, não a dois homens lutando a morte por ela. Deu a volta e se dirigiu à caminhonete. Neste momento não tinha tempo para fazer de árbitro, escolher entre eles ou chutar algum traseiro. O que significava que teriam que terminar com sua pequena guerra territorial por si mesmos.

Ou não, concluiu Savannah pouco depois, quando Kye deteve sua caminhonete, estacionando-a diante de uma cabine telefônica. Tinha sido um comprido caminho da cabana, apanhada no assento do veículo, entre dois homens tensos.

Apesar da presunção geral... E errônea no referido a Savannah, de que as ruivas eram

⁶ Série de televisão americana, de ficção científica, fantasia e terror, conhecida na América Latina como: A Dimensão Desconhecida e na Espanha como: Nos Limites da Realidade.



irascíveis, ela estava orgulhosa de ter um grande senso de humor e ser uma pessoa bastante tranquila. Mas durante uma curta viagem com Kye e Draigon, tinha tido suficiente do que estivesse acontecendo entre eles.

Sim, os dois estavam para morrer, eram magníficos, do tipo capaz de te fazer empapar suas calcinhas. Sim, ter dois homens de maneira permanente, era uma de suas fantasias favoritas. E se um deles era do cara forte e calado, estava bem. Deus sabia que podia chegar a ter muita conversa por sua própria conta. Mas ainda assim, tinha que haver uma conexão. E as conexões não se formavam sem ao menos um pouco de conversa.

O que tinha acontecido na cabine da caminhonete não se podia etiquetar em sua mente como “conversa”. Cada pergunta sobre como se conheceram, de onde provinham, sobre seus trabalhos e sua formação como caçadores de recompensas, eram respondidas com um estranho atraso, quase como se eles estivessem tentando fazer coincidir suas respostas. E depois, quando um deles finalmente respondia, quão único conseguia era uma mínima informação. Ela estava disposta a jogar às vinte perguntas quando se tratava de Huron, porque isso caía sob a descrição de seu trabalho, mas maldita fosse se ia fazer o quando se tratava de sua vida sexual.

Savannah negou com a cabeça, enquanto esperava que Kye saísse da caminhonete, para poder descer. Seus pés tocaram o chão, e uma pequena sacudida viajou por todo seu corpo, até seu coração, quando seus olhos se encontraram. Ele parecia sério, e ela não acreditava que fosse só pela chamada que estava a ponto de fazer.

— Uma pergunta — Disse ela, inclinando a cabeça ligeiramente em direção a Draigon, que agora estava de pé ao lado do que parecia uma cabine Telefônica — Ele tem algo haver com a conversa que você e eu tivemos esta manhã?

— Sim.

Ela esperou, mas quando se fez evidente que Kye não ia dizer nada mais, Savannah suspirou.

— Está bem, então. Essa era minha pergunta. Agora, aqui está meu comentário em resposta. Não vai acontecer, a menos que se produza uma importante mudança de atitude entre vocês dois — Dito isto, fez todo o possível por tirá-los de sua mente para poder concentrar-se no que ia dizer a seu capitão.

A consternação encheu Kye, enquanto Savannah se movia para a cabine telefônica, dando intencionalmente as costas a ele e a Draigon, fechando a porta simbolicamente. Seu comentário fez crescer a ansiedade em seu estômago.

A que conversa se refere? Perguntou Draigon, colocando-se à costas do Savannah.

Kye reproduziu o que tinha ocorrido durante o café da manhã, a lembrança restaurou um pouco de sua esperança, e fez agradecer que ela estivesse disposta a aceitar a dois varões. Não todos aqueles que tinham sido emparelhados com humanas com o marcador do gene Fallon, tinham voltado para Belizair com uma companheira. Alguns tinham falhado porque não conseguiram persuadir à mulher de aceitar um segundo amante.

Pelas estrelas, não podia perder ao Savannah agora. Não quando a felicidade estava à vista. Não quando o aparentemente impossível tinha acontecido, e Draigon o tinha aceito como Co-companheiro, apesar da antiga aversão entre ele e Lyan. Uma aversão que era mútua, embora Kye não estava seguro quanto ao motivo que fazia que seu primo e Draigon, sempre tivessem estado



em desacordo.

Kye se aproximou da cabine. Notando pela primeira vez quão impressionantes pareciam juntos Savannah e Draigon, com seus cabelos de fogo e seus olhos verdes.

Devemos fazer as pazes, disse Kye, fechando de maneira resolvida, a porta da herança cultural de seus antepassados. Obrigando-se inclusive a tirar de seus pensamentos a fantasia de manter Savannah para si mesmo.

Havia sentido como crescia a impaciência e irritação de Savannah, enquanto tentava cercar uma conversa com ele e Draigon. E apesar de ter alcançado um lucro importante, que ela estivesse disposta a aceitá-los, tanto a um amante Amato como um Vesti, ele a tinha conhecido o suficiente, durante os dias anteriores, para dar-se conta de quão estúpido tinha sido ao pensar que seria fácil convencê-la a abandonar a Terra. Ela tinha irmãos, primos, pais, avós, tios e tias. Um trabalho que gostava. Metas.

Kye fez uma careta. Seu serviço ao Conselho e a necessidade de aprender a chegar a compromissos, aparentemente também se aplicaria à reclamação de sua companheira. Enquanto ela permanecesse na Terra, teria que ser protegida. Um desafio que, para ser levado a cabo de maneira ótima, devia ser tomado por seus dois companheiros. E a competição contra Draigon, só afastaria Savannah.

Devemos fazer as pazes, repetiu Kye, abrindo suas lembranças e pensamentos a Draigon. Permitindo ver tudo o que tinha aprendido sobre Savannah.

Draigon cambaleou diante a franqueza de Kye. A mistura das emoções de Kye, acrescentada à confusão das suas, enquanto aprendia mais sobre sua companheira de vínculo, já se tinha convertido em um calor ardente em seu pênis e um desejo em seu coração.

Savannah o tinha deixado sentindo-se desequilibrado, desconcertado, incerto e pouco preparado. Deu a volta a seu cuidadosamente ordenando mundo e suas expectativas, deixando-os no caos.

Tinha pensado que daria a bem-vinda com os braços abertos. Em troca, tinha-o apontado com uma arma primitiva, e o olhou de maneira suspeita.

Tinha pensado, depois de ver a companheira de Adan, que a sua seria suave e frágil, e entretanto, era tão feroz e ardilosa como qualquer guerreiro.

Tinha pensado que, ao ser ela uma encarregada da lei, ambos conectariam de forma natural e a conversa seria fácil. Mas em troca, cada resposta tinha que ser recortada e ajustada, porque não podia contar nada sobre Belizair e os mundos nos que tinha servido.

E embora nunca tinha expresso a crença em voz alta, nem a tinha reconhecido diante si mesmo, em seu coração, tinha pensado que uma mulher humana, ao não estar abençoada com as asas pela Deusa, seria... Sexualmente pouco atraente.

Mas ao ver a companheira de Adan, e depois à sua, Savannah, havia sentido algo parecido à explosão de energia de uma pedra Ylan. Deixando-o palpitando pela necessidade, e ao mesmo tempo cheio de uma nervosa incerteza. Frustrado e zangado. Excitado. Aflito.

Era um golpe duro para seu orgulho, ter estado equivocado sobre tantas coisas. E a visão dela com Kye, tanto o que tinha testemunhado com seus próprios olhos, como o que tinha visto nas lembranças de Kye, acrescentava-se a seus sentimentos de desespero e inquietação. A seus



sentimentos de isolamento e exclusão. Ela era sua companheira segundo a lei do Conselho, e mesmo assim, tinha sido reduzido ao papel do intruso!

Draigon ficou rígido. A mistura selvagem de suas emoções fundidas, concentrou-se em um só objetivo. Kye d’Vesti. O primo de Lyan d’Vesti. *Quando terminarmos o que precisa fazer na cidade, quero que nos deixe sozinhos. Você teve dias com ela. Agora é minha vez.*

A cólera atravessou Kye, revolvendo os instintos possessivos dos Vesti, e convertendo em toda uma provocação manter o rumo de suas boas intenções e sua resolução mais temprana. *Se Savannah o aceitar, então a deixarei sob seu cuidado*, disse, obrigando a seus pensamentos a afastar-se de Draigon para centrar-se em Savannah, e na conversa que estava tendo com seu oficial superior.

Capítulo 10

— Holden, deveria te destinar a pôr multas de tráfico. Que parte de: ordeno que volte de novo para em qualquer lugar que está escondida agora mesmo, e permaneça ali, não entendeu?

— Eu...

— Silêncio. É muito tarde. Isto está fora de minhas mãos agora. Quer estar dentro da ação? Já o conseguiu. Mas melhor cuidar de seu traseiro, porque se seguir igual, aporrinhando os caras aos que informará, destroçarão qualquer esperança que tenha para uma carreira dentro da polícia, e isso sim não termina entre as grades por obstrução da justiça.

O coração de Savannah deu um tombo dentro de seu peito.

— Que caras?

— Os caras com os que vai se reunir logo que terminemos nossa pequena discussão. Vaccaro e Kelleher. FBI.

— Merda.

— Sim, e aterrisou justo nela. Agora tem que fazer seu melhor esforço para sair dela sem se machucar muito. Ser sábia para sua carreira, e prudente para sua saúde. Cuida seu traseiro, Holden. Suporia uma séria diminuição de minha fonte de molho e minha diversão no pôquer, se tivesse que dar más notícias a sua família.

— O que me pode dizer?

— Não muito. Depois de receber sua mensagem, fiz algumas comprovações para ver se seu apartamento estava na lista de vigilância de alguém. Não encontrei nada. Então perguntei por aí sobre o Cassino Easy Teme e o que poderia estar acontecendo ali. Depois olhei os antecedentes penais de seu informante, e fiz um par de chamadas telefônicas a Nova Jersey, e descobri que Becky Jaworski pagou várias vezes a fiança para tirar da prisão seu noivo, chamado Ricky Nowak, conhecido por você como o Furão. Um apelido agradável. Melhor não descubro se me colocou algum.

Savannah sorriu.

— Não o tenho feito. Mas só porque posso recordar seu verdadeiro nome.



— Que continue sendo assim. A relação entre Becky Jaworski Traynor e Nowak foi um bom descobrimento, Holden. Sobre tudo porque a esposa de Traynor, agora parece estar na mesma viagem que Nowak.

— Tem algum prova litográfica como pessoa desaparecida?

— Não, que eu saiba. E não me pergunte mais. Isso é tudo o que consegui antes que os federais aparecessem, para me dizer que o que estava fazendo durante suas férias era seu problema agora, e que eu não deveria fazer mais pergunta sobre o Traynor, Nowak ou Easy Teme.

Um calafrio de entusiasmo atravessou a pele de Savannah. O Furão estava certo, o que sabia, era algo grande. O suficientemente grande para envolver os federais.

— Então, onde encontro Kelleher e Vaccaro?

O capitão o disse, dando instruções antes de dizer.

— Se não conseguir repostas que a satisfaçam, me chame. Aí é onde risco a linha. Não quero que opere na escuridão. Minha gente não será usada como bucha de canhão pelos federais — Vacilou e depois acrescentou — Algo está acontecendo no Antidroga, além do que você tenha estado pisando em dedos de pés e enchendo o saco às pessoas. Assim tome cuidado com suas costas ali também.

O estômago de Savannah se contraiu.

— Policiais corruptos?

— Não sei, Holden. É só um pressentimento, mas te quero jogando com um baralho completo, se segue insistindo em jogar.

— Obrigado, capitão.

— Sei que gasto meu fôlego aqui, Holden, mas se as coisas se voltam muito quentes e quer sair do caso, me chame. De acordo?

— De acordo.

Savannah desligou o receptor e elevou a vista para encontrar Kye e Draigon, fazendo das estranhas expressões faciais, ambos com idênticos cenhos franzidos e irradiando tensão.

Um redemoinho de inquietação se apertou em seu peito quando seu olhar vagou para baixo, encontrando os estranhos braceletes que usavam em seus pulsos. Os de Kye com brilhantes pedras douradas, e os de Draigon com escuras pedras vermelhas com matizes dourados.

Pela primeira vez, ocorreu a facilidade com a que eles poderiam sequestra-la e levá-la a sua casa, em qualquer lugar que estivesse, e o pensamento subiu o nível de adrenalina que já corria por suas veias, diante a perspectiva de estar implicada em um caso grande. Ela só tinha a negação de Kye de que não pertenciam a nenhuma seita. Não tinha maneira de comprovar se era ou não verdade.

Savannah fez rodar os ombros, e se deu conta que estava preparando como se fosse haver uma briga. Mas isso não a deteve para sair da cabine telefônica a fim de dar espaço para poder manobrar. Ela não tinha crescido entre irmãos, primos, e peões de rancho sem aprender a notar quando estava iniciando um problema. Um olhar a Kye e a Draigon disse que os problemas tinham chegado.

— Escutaram? — Perguntou ela, olhando nos olhos de Kye.

— Sim.



Estava perto de um grunhido, e apesar da tensão no ar e a perspectiva de estar dentro de uma grande investigação, os mamilos de Savannah ficaram duros.

— Bom. Aqui está o trato. Não estou contra que venham comigo à reunião. Prefiro não deixar minha caminhonete sem vigilância. Se os federais perguntarem, direi que tenho um par de caçadores de recompensas como guarda-costas, já que ainda estou oficialmente de férias. A eles não vai gostar de vê-los, mas vão ter que viver com isso já que não estariam pedindo minha ajuda se não a necessitassem. — Isto era um fato. Mas não importava o por que a queriam no caso, só que ao fim tinha sua oportunidade.

— Não — Disse Draigon.

É um engano lutar com ela sobre isto, disse Kye.

Tem a intenção de permitir que fique em perigo?

Não há nenhum permitir ou não permitir. Ela é uma mulher policial, uma vigilante da lei aqui. Como pode esperar que haja diferente do que é? Não tenho intenção de pô-la tão zangada, como para que trate de me jogar, disse Kye, antes de retirar-se à caminhonete.

Draigon voltou sua atenção a sua companheira, quem agora franzia o cenho. Um mal-estar se formou em seu peito diante a possibilidade que Kye tivesse razão, e que Savannah realmente pudesse se zangar o suficiente para rejeitá-los.

— Não, como em não, eu não gosto de seu plano? — Perguntou Savannah, sem incomodar-se em ocultar a irritação que tinha estado latente desde que Draigon entrou em cena. Tinha estado disposta a dar uma oportunidade, já que podia ver quão incômodo poderia ser chegar de repente, e tentar transformar um casal em um trio, mas ele teria um rude despertar se tinha a intenção de ficar macho com ela, ao menos fora do quarto.

— Te implicar é muito perigoso — Disse Draigon.

— Notícia de última hora. Já estou implicada. Além disso do grande sexo, por que acha que Kye e eu nos refugiamos em uma cabana no meio de um nada? — Franziu o cenho. Já tinha tido um breve pensamento sobre a razão do desaparecimento de Kye a primeira manhã que estiveram na cabana, e se pudesse ter sido para ficar em contato com Draigon. Para explicar a situação e pedir reforços, talvez inclusive tivesse ajudado que Draigon estivesse acampado perto, isso teria explicado sua repentina aparição na cena sem meios visíveis de transporte. Mas agora...

Savannah sacudiu a cabeça. Tratar com eles estava começando a fazê-la sentir como se em realidade tivesse entrado no Twilight Zone e neste momento não tinha tempo para isso.

— Olha, Draigon. Esta é a situação. Vou encontrar me com Kelleher e Vaccaro. Você pode ficar aqui, ou pode vir comigo. É sua escolha, mas faça-a agora — Decidiu suavizar o desafio a seu ego acrescentando — Esta é minha grande oportunidade e não vou deixar a escapar pelo fato de que um homem formoso fique em modo cavernícola comigo.

Uma onda de calor percorreu Draigon ao saber que ela o achava desejável, apesar de seu aborrecimento por sua decisão de meter-se em uma situação perigosa. Mas não havia dúvida da determinação de Savannah. Não havia dúvida da verdade em suas palavras. Deixaria-o ali, e sem a ajuda de Kye, não havia nenhuma maneira de que pudesse a fazer retornar à cabana. Quão único podia fazer era ir com ela, para velar por sua segurança, até que pudesse reclamá-la e convencê-la de abandonar este planeta primitivo.



Entre nos dois podemos protegê-la, enviou Kye da caminhonete, como se lesse os pensamentos de Draigon. As regras do Conselho são claras. As companheiras de vínculo devem estar de acordo em voltar para casa conosco por sua própria vontade. Ela não se afastará disto a favor de um futuro que nos está proibido de revelar.

Estava molesto, mas sabia que Kye estava certo. *Eu não gosto disto.*

Nem a mim tampouco. Ela ainda não tem a proteção das pedras Ylan, e este planeta é mais primitivo que muitos nos que os Vesti e Amato servimos como guardiães da lei. Entretanto, até que Savannah termine com este assunto, não considerará fazer o que pediremos.

Draigon assentiu ligeiramente. Disse a Savannah.

— Irei com você. Mas não espere que a deixemos estar sem um de nós, te protegendo em todo momento.

— Não acredito que seja difícil os ter como guarda-costas — Disse ela, seu rápido e divertido sorriso agitou o calor através do pênis de Draigon, e fez que seu peito se expandisse com antecipação.

Retornaram à caminhonete, com Savannah, uma vez mais, sentada entre os dois homens. De novo sentiu a tensão nos homens, e entretanto, a natureza desta parecia ter trocado, fazendo-a pensar que Kye e Draigon estavam mais concentrados no possível perigo que os esperava, que por algo que tivesse estado ocorrendo entre eles.

Talvez sua conjectura anterior fosse correta depois de tudo. Talvez ambos os homens haviam se sentido afetados. Kye porque a tinha tido para ele só durante os dias anteriores, e Draigon porque era o homem que acabava de chegar, era um estranho.

Eu poderia te manter satisfeita sem a ajuda de outro, mas não sou eu quem toma a decisão, havia dito Kye, e agora que o pensava, não soavam como as palavras de um homem que queria formar um trio. O que explicaria por que a aparição tão repentina de Draigon, não tinha sido exatamente bem-vinda por Kye.

Sorriu. Bem, ainda faltavam uns minutos para chegar à cafeteria, para a reunião com os federais. Era uma pena que, ao estar sentada no meio, não pudesse olhar os rostos masculinos ao mesmo tempo. Por outra parte, ela poderia compensá-lo.

Savannah voltou ligeiramente a cabeça para poder ver a face de Draigon, enquanto colocava uma mão sobre a coxa de Kye. A ternura fluiu através dela, ao ver a piscada de desejo e a incerteza nos olhos de Draigon, antes que sua coluna ficasse rígida e sua face se voltasse ilegível.

— Então, Algum de vocês compartilhou antes uma mulher?

A coxa de Kye se sacudiu sob sua mão.

— Não, não é o costume de...

— Eu o fiz com um de meus irmãos — Interrompeu Draigon, enviando um brilho de ciúmes através de Savannah, quando seu olhar se esquentou diante a lembrança.

Ela olhou ao longe e exalou o fôlego com lentidão. Maldição, tinha saído o tiro pela culatra. Sim, a parte racional de sua mente sabia que não deveria estar molesta pela pequena viagem de Draigon em suas lembranças, mas...

Savannah negou com a cabeça, apagando esses pensamentos. Tinha que acalmar-se. Suas reações tinham provado sua teoria. O resto chegaria, riu dissimuladamente, o resto correria. Mas



quando o lugar do encontro apareceu diante sua vista, afastou os pensamentos de sua vida amorosa, a favor de suas investigações.

A cafeteria estava passada de moda. Um edifício independente com grandes janelas de cristal com vistas a um pequeno estacionamento.

Um comprido balcão de fórmica separava a área para os clientes da de trabalho. Os tamboretos do bar se alinhavam diante dela como soldados, eram uns cilindros metálicos cobertos de assentos redondos de vinil, todos vazios, esperando por clientes que chegassem e assentassem neles sua nádegas.

Kye estacionou a caminhonete diretamente diante da janela. O suficientemente perto para que Savannah visse o homem que tinha visto fora de seu apartamento, sentado junto ao que tinha estado na parada de ônibus perto do hotel residencial. — Esses são nossos caras — Disse ela, olhando quando o loiro-avermelhado levantou a mão para sua testa, saudando-a, pensou primeiro, mas depois a deixou ali, cavando-a, como se protegesse de uma luz deslumbrante, embora o sol não dava diretamente nas janelas da cafeteria.

Kye e Draigon abriram as portas e saíram, seguidos por Savannah, mas não antes que ela visse o homem moreno que tinha estado vigiando seu apartamento franzir o cenho, e proteger seus olhos também. Estranho. Por outra parte, estava começando a pensar que este ia ser um dia cheio de momentos de Twilight Zone.

— Não há razão para que não possamos nos unir com vocês na mesa — Disse Kye — Todos somos profissionais e claramente, eles a viram chegar conosco — A Draigon disse, *estive neste planeta durante um de seus anos terrestres e só ouvi em duas ocasiões, que os seres humanos demonstrem uma reação como a que esses dois estão demonstrando, protegendo os olhos, e entrecerrando-os como se não pudessem confiar no que seus olhos dizem. Em ambas as ocasiões, as reações foram de mulheres que levavam a sequência de genes Fallon. As mulheres com certas capacidades para penetrar no véu de proteção que nos proporcionam as pedras Ylan, para que não possam nos ver em nossa forma real.*

Os pensamentos de Draigon foram diretamente a sua prima, e à dor e a ira que se abatiam a seu redor agora, uma pesada carga que Zantara era incapaz de tirar de cima. *Encontraram os cientistas varões neste planeta que levem os genes dos Fallon?*

Ainda não. Mas a maior parte de seus esforços se dirigiram à localização de mulheres humanas.

Devemos nos fazer com amostras de DNA destes homens.

Esses são meus pensamentos também.

Savannah vacilou durante só um segundo, antes de trocar sua decisão anterior. Kye estava certo. Os três estavam obviamente juntos, e ela não tinha nenhuma intenção de ocultar nenhuma informação a Kye e Draigon sabendo que a foram ajudar a manter-se segura.

— Bem, mas vocês dois estão comigo, e não ao contrário — Disse ela, entrando na cafeteria em primeiro lugar, para demonstrar seu ponto.

O loiro-avermelhado era Kelleher e o homem que tinha estado fora de seu apartamento, Vaccaro. E se o estreitamento de seus olhos e seus olhares fixos olhavam a Kye e Draigon era uma indicação, nenhum estava contente de que seus caçadores de recompensas transformados em



guarda-costas estivessem na mesa com eles. Bom, ela não podia evitar como se sentiam sobre isso. Era um fato no que a ela se referia.

Savannah apresentou Kye e Draigon e declarou sua intenção de mantê-los totalmente informados. Kelleher e Vaccaro trocaram um olhar e ela teve a estranha suspeita que eles já os esperavam, enquanto recordava que o capitão já sabia sobre o Kye. Ele talvez tivesse dado a informação.

— O que está acontecendo no Cassino Easy Teme? Lavagem de dinheiro da droga? — Perguntou ela enquanto se sentava.

Os olhos de Kelleher se encontraram com os seus antes de descer para uma pasta de papelão que estava sobre a mesa diante dele. Abriu-a e tirou uma fotografia. Um homem grisalho com a pele flácida e uma ereção, que possivelmente foi induzida pela Viagra, embora também era possível que os lábios da moça que se abatiam a um fôlego desta, tivessem sido a inspiração.

— Reconhece-a?

A tripa de Savannah se retorceu ao ver a prostituta menor de idade. Os olhos da jovem se entrecerraram, como se tratasse de bloquear o que estava acontecendo.

A imagem fez mais profundo o desejo de Savannah de estar implicada, e a ambos os lados dela, Draigon e Kye vibravam de ira. Ela deu uma olhada, seu coração se alagou diante o calor da expressão em seus rostos. O desejo de corrigir algo tão claramente incorreto, como o demonstrado na foto.

— Reconheço-a — Disse Savannah — Seu nome é Holland.

— Isto envolve os dois policiais que encontramos no apartamento de seu informante? — Perguntou Kye, fazendo a conexão entre o pressentimento do capitão sobre algo incorreto no Antidroga, e o que havia dito Savannah sobre a menor de idade.

— Creech e Mastrin — Disse ela, voltando de novo para momento quando levou às jovens e ao pervertido de retorno à delegacia de polícia, vendo-o através de uma lente diferente nesta ocasião. Houve uma piscada de reconhecimento nos olhos de Holland quando os policiais do Antidroga se apresentaram? De medo?

Talvez. Savannah não podia estar segura.

— Está comprometido o Antidroga? — Perguntou a Kelleher.

— Vaccaro o explicará em um momento.

Uma segunda fotografia aterrissou sobre a primeira, reorientando a atenção de Savannah. Nesta, Holland estava tombada ao lado do homem. Uma moça mais velha se sentava escarranchado em sua cintura, suas mãos com manchas pela idade acariciavam seus seios, enquanto ela o fodia.

— E esta garota? — Perguntou Kelleher.

— Não.

— É a meio-irmã da menina, Ivy — Não se ocultava o desgosto na voz de Kelleher — Ambas estiveram em casas de acolhida a maior parte de suas vidas. Ivy esteve fora desde que tinha dezessete anos. Holland esteve escapando desde que tinha dez. Sempre terminava em qualquer lugar que sua irmã estivesse. A última vez que fugiu, Serviços Sociais finalmente atirou a toalha e deu a custódia a Ivy. Há uma diferença de oito anos entre elas.



Uma terceira foto aterrissou sobre as outras duas. Antes que Kelleher perguntasse Savannah, disse

— É uma das moças que prendi no outro dia. Camryn. Parecia que era a alcoviteira de Holland e de outra menor. Estou segura que vocês sabem mais que eu sobre isso agora. Eu fui afastada do caso uma vez que a Ira do Antidroga caiu sobre mim.

Kelleher pôs-se a rir, e durante um instante, foi fácil para Savannah esquecer que pertencia ao FBI. Tinha uns olhos maravilhosos, e um sorriso que possivelmente fazia que as mulheres se derretessem quando decidia fazer uso de seu encanto.

Quase riu em voz alta quando, tanto Kye como Draigon, se reposicionaram a cada lado dela como se tivessem escutado seus pensamentos. Foi uma distração bem-vinda para retirar sua atenção do que tinha visto nas fotografias, embora só o permitiu a si mesma durante um instante, antes de voltar para assunto em questão. — Assim que se trata de chantagem? — Perguntou, sabendo que Vaccaro e Kelleher não mostrariam as fotos se só se tratasse sobre prostituição de meninas menores de idade.

Um sinal de surpresa se evidenciou nos olhos de Kelleher, e um de respeito emergiu nos de Vaccaro.

— É o prefeito de um pequeno povoado perto da fronteira do México. Também Coproprietário de uma companhia de caminhões. Qualquer dessas coisas poderia ser relevante, ou não — Disse Kelleher — Pelo geral joga em Las Vegas, Blackjack e roleta. Não trata de ocultar suas viagens de jogo, uma vez ao mês. É um jogador moderado, põe limites e se atem a eles. Para o público local, é um homem felizmente casado que idolatra a sua neta, uma menina de treze anos, ao igual à moça que deteve.

Savannah afastou a foto de Camryn, revelando a do prefeito com Holland e sua irmã. Desta vez, estudou a face do homem. Parecia um participante ansioso, embora tivesse apostado seu pagamento de um mês a que ele não sabia que havia uma câmara enfocada em suas atividades.

Kelleher tirou uma cópia de um relatório de Assuntos Sociais da pasta, e a pôs na mesa. A foto de Holland aparecia em branco e negro, junto com sua data de nascimento e uma história parcial.

— Isto foi enviado com as notas de chantagem. Mas não há nenhum modo de saber quem fez a cópia original. O arquivo da moça passou por muitas mãos e não havia nada para que pudesse esclarecê-lo na folha que acompanhava às imagens.

Savannah reorganizou suas hipóteses com estes novos fatos. Tinha pensado que as moças branqueavam o dinheiro da droga, não que estivessem implicadas em uma chantagem. Mas obviamente o estavam, embora sempre era possível que elas não soubessem sobre a câmara.

— Já que Holland e sua irmã estão aqui, e não em Las Vegas, e que vocês estão aqui também, e não em Las Vegas, suponho que o prefeito trocou seus costumes habituais e veio jogar a Reno.

Kelleher dirigiu outro sorriso delicioso.

— Adivinhou à primeira. Chegou cortesia do programa de marketing do Cassino Easy Teme. Encontrando às moças graças a um trabalhador serviçal no hotel, que agora não podemos encontrar para que responda algumas pergunta — O sorriso se atenuou — E tampouco às garotas.



Estamos interessados nas irmãs e em Camryn.

— O que acontece a outra menor de idade que detive?

— Está de novo na rua. Ficou uma noite no refúgio e depois fugiu. Falamos com ela, mas diz que não sabe onde foram as demais.

Treze anos que pareciam cem. Endurecida. Savannah tinha sido uma policial durante muito tempo, para pensar que todo mundo podia ser ajudado. Olhou as fotos da chantagem.

— Onde foram tomadas? No Easy Teme?

Capítulo 11

— Não — Disse Kelleher — Em um apartamento na esquina. A câmara tinha desaparecido, mas vimos onde esteve. O lugar não tinha sido alugado, e não o tinha estado desde que as garotas o utilizaram, assim entramos sem ordem judicial. Ivy pagou em dinheiro e usando uma identificação falsa, mas o gerente a reconheceu quando mostramos umas fotografias.

— Algum rastro? — Perguntou Savannah.

Desta vez foi Vaccaro quem riu. Um som rouco que encaixava com sua grandiosa aparência morena.

— Sim, dois grupos diferentes. De um chefe de polícia de outro estado e de um executivo de uma companhia petrolífera com histórico militar, por isso havia nos arquivos pisa dos dois.

Savannah sorriu.

— Me deixe adivinhar, ambos conseguiram estadias gratuitas no Cassino Easy Teme, e não pensaram duas vezes nisso, já que quase todos os cassinos de Las Vegas e Reno têm programas de marketing que oferecem pacotes completos similares.

— Tem razão — Disse Kelleher — Mas se os estão chantageando, eles não o dizem.

A atenção de Savannah se dirigiu para a pasta. Parecia que haver algumas fotos de 5 x 7 adicionais na mesma.

— Então, quem está por trás da extorsão? As garotas?

Kelleher esvaziou o resto de sua xícara de café e depois tirou outra fotografia.

— Não estamos seguros. Esta é Becky Jaworski Traynor. Há uns dias, está desaparecida, voluntária ou involuntariamente. Não é um fato conhecido, mas ela dirige um serviço de acompanhantes com uma clientela que é exclusivamente de homens que se hospedam e apostam no cassino de seu marido. Estamos bastante seguros de que ela sabe sobre as garotas menores de idade, embora não está claro se estiverem ou não oficialmente em sua lista de nomes. Quando suas moças estão trabalhando, pelo geral voltam para quarto do hotel com os homens que acompanhavam por Reno. Por isso à chantagem se refere... — Encolheu os ombros e empurrou o expediente para Vaccaro — Não sabemos o que ela sabe.

O agente de cabelo escuro deixou a um lado a foto de Becky Traynor e estendeu duas novas diante Savannah, de dois homens bem vestidos que saíam do Cassino Easy Teme. Seguidas por três imagens com pôsteres de “procurados” — Para que saiba no que está se metendo.



Vaccaro deu um toque a uma das brilhantes imagens.

— Errol Abrego, Psycho I — Seus dedos se moveram para a seguinte — Jose Abrego, Psycho II — Com um olhar indicou os três pôsteres de busca — Os Primos, os irmãos Guzmán, embora nestes momentos não estamos seguros em que lado da fronteira estão. Todos são más peças e devem ser considerados armados e muito perigosos. Sobre tudo os Primos. Eles são procurados por uma ampla variedade de delitos, incluindo o assassinato.

— São traficantes de drogas? — Perguntou Savannah.

— Mas bem executores ou seguidores.

O comentário do capitão sobre a implicação do Antidroga de algum jeito, passou pelos pensamentos de Savannah.

— Está trabalhando a Antidrogas nisto?

Vaccaro e Kelleher compartilharam um olhar.

— Não — Disse Vaccaro — Eles estão fora do circuito.

— Por que?

Outro olhar entre os dois federais, e então Vaccaro encolheu os ombros.

— O par de vezes que um informante viveu o suficiente para conseguir nos passar um pouco de informação sobre os irmãos Abrego, Psycho I e II, estes foram alertados de algum jeito.

As náuseas anteriores voltaram.

— Pensam que alguém do Antidrogas o fez?

— Poderia ser uma coincidência — Disse Vaccaro, seu tom de voz disse a Savannah que ele não acreditava — E agora, temos outro ângulo para seguir — Deu uma nova olhada às fotografias — Os Abrego são clientes habituais do cassino de Traynor. Chegam um par de vezes ao dia, convertem o efetivo em fichas, depois jogam um momento, e põem o resto de suas fichas na abóbada, onde em algum momento, desaparecem — Vaccaro colocou uma última foto na mesa — Carlos Dominguez. Vive na Cidade do México e é suspeito de dirigir uma operação para passar de contrabando droga e pessoas através da fronteira. Até agora não temos nada sobre ele. É inteligente e mantém isolados seus negócios legítimos e seus interesses criminais. Vem a Reno uma vez ao mês.

— E fica no Easy Teme? — Perguntou Savannah.

— Não. Mas joga ali e sempre ganha muito bem. O dinheiro é passado a uma conta fora do país. Tudo é bonito e asquerosamente limpo. Também está casado com uma mulher que foi à universidade com Steven Traynor. Assim aí há uma conexão — Vaccaro recolheu as fotos em um montão e então colocou o último artigo da pasta em cima delas.

Savannah o reconheceu imediatamente. Ricky Nowak, também conhecido como o Furão. Que trazia para o ponto de partida quanto a por que ela estava sendo metida nesta investigação... Vaccaro e Kelleher pareciam ter a maior parte das peças ou sabiam o que faltava, mas ela não estava surpreendida por isso.

— Então, querem que apareça a cara, pergunte por aí e veja se Ricky voltar a emergir.

— Exatamente — Disse Vaccaro — Já se deu conta da relação entre ele e Becky Traynor. O carro bomba e o revisto de sua casa nos dizem que ele sabe algo. Acreditam que além do que tentava te informar, ele provavelmente também sabe onde está Becky. Precisamos encontrá-los.



Preferivelmente vivos e falando.

— E o resto da investigação? — Perguntou Savannah, agitando sua mão sobre as fotografias, sabendo a resposta que iam dar, mas querendo estar metida na ação de qualquer maneira.

Kelleher e Vaccaro compartilharam um olhar. Kelleher disse,

— Por sua ajuda, obteria um brilhante louvor em seu currículo pessoal. Talvez o suficiente para inclinar a balança e que possa subir a detetive. Mas basicamente, sua parte é conectar com Ricky Nowak e o fazer entrar em contato conosco ou, em segunda opção, descobrir o que sabe e nos passar a informação. A única razão pela que compartilhamos tudo com você é devido a seu capitão — Os olhos de Kelleher se estreitaram — Pelo visto, tem vínculos com sua família. Insistiu em que tinha que saber tudo antes de entrar para saber contra que te enfrenta.

Kelleher começou a reunir as fotos e às colocar de novo dentro da pasta de papelão. Savannah pôs a mão no expediente dos Serviços Sociais com a foto de Holland.

— Têm outra cópia disto, Não é?

— Sim, pode ficar e pode tomar a foto da amiga também. Por motivos óbvios não posso dar as fotos nas que aparece o prefeito.

Savannah levou a foto de Camryn para seu lado da mesa e Kelleher acrescentou

— O mesmo vai para as garotas. Se as encontrar, nos chamas. Temos que descobrir o que sabem.

Vaccaro se inclinou para frente, dirigindo seus comentários a Draigon e Kye.

— Se qualquer palavra desta investigação sai daqui, o escritório cortará de maneira agradável e rápida suas asas. Confiem em mim, não desejam essa espécie de dor.

A leve tensão nas musculosas coxas de Draigon e Kye, foi a única indicação de que o comentário de Vaccaro os tinha incomodado.

— A segurança de Savannah é nossa única preocupação — Disse Draigon, sua voz era suave e cheia de confiança, enviando um pulso de calor diretamente ao coração de Savannah — Se encontrarmos que retêm informação ou que deliberadamente a colocam em perigo, convertendo-a em um objetivo, então os buscaremos para nos vingar.

— Acredito que todos nos entendemos, Draigon — Disse Savannah, pondo a mão sobre seu antebraço e apertando-o, franzindo o cenho ao ver que os olhos de Vaccaro e Kelleher se entrecerraram de novo de forma idêntica.

— Vou acrescentar minha advertência a de Draigon — Disse Kye, com o rosto sério e a postura de seu corpo ameaçador — Não nos zangamos, tomamos a revanche.

Kelleher negou com a cabeça e de repente ficou de pé.

— Estaremos em contato — Disse, tirando uma carteira e pondo várias notas debaixo da xícara de café vazia, depois tirou um cartão de visita e escreveu no dorso antes de entregar a Savannah — Nos chame no celular imediatamente se Nowak ficar em contato com você, ou se encontrar a alguma das garotas.

Vaccaro também ficou em pé, ainda entrecerrando os olhos. Deixou cair um pouco de dinheiro sobre a mesa e entregou um cartão a Savannah com um número já rabiscado no dorso.

— As mesmas instruções que Kelleher. Me chame ainda se já chamou ele. Me chame só uma vez ao dia para se reportar, e mais frequentemente se ouvir algo de interesse.



Ela guardou os cartões em seu bolso enquanto saíam, e depois se voltou para Kye.

— Não nos zangamos, tomamos a revanche? Não são exatamente a espécie de palavras que alguém quer lançar aos federais.

Kye sorriu abertamente.

— Afeiçoei-me com a expressão. Talvez a converta no lema de nossa casa.

Uma garçonete se deteve junto à mesa, antes que Savannah pudesse fazer girar sua mente ao redor do lema de nossa casa.

— Desejam algo? — Perguntou a garçonete, pondo na bandeja o dinheiro do Vaccaro e Kelleher tinham deixado ao partir para cobrir a conta.

Kye tomou uma nota de cinquenta dólares de seu bolso quando a garota estendeu a mão para recolher os pratos sujos.

— Eu gostaria de levar essas duas xícaras comigo, em bolsas separadas, por favor.

A garçonete o olhou fixamente durante um comprido momento. Então piscou, processando o pedido e olhando os cinquenta dólares que oferecia.

— Volto em seguida — Disse.

Savannah conteve a risada até que a garçonete desapareceu na cozinha.

— Agora na verdade vi tudo. Exatamente, o que pensa que vai encontrar nas xícaras de café de Kelleher e Vaccaro? Evidências de consumo de drogas? Impressões digitais para descobrir se na verdade são caras maus fazendo-se passar pelos bons?

— Quero me assegurar com quem estou tratando — Disse Kye, inclinando-se e beijando ligeiramente o lugar onde tinha marcado seu pescoço.

O antebraço de Draigon se esticou contra sua palma, fazendo que o coração do Savannah se inchasse e seus pensamentos voltassem para seu pensamento anterior sobre ele sentindo-se como um estranho. Apertou seu braço de novo, e se inclinou para ele quando Kye se endireitou para afastar-se dela. Roçou os lábios contra a bochecha de Draigon, inalando seu aroma masculino e excitando-se no processo.

— Poderia significar o fim de minha carreira, mas foi doce que ameaçasse um par de Federais por mim — Disse ela, e então riu, dando outro beijo ligeiro.

O calor percorreu Draigon. Fluindo do lugar onde seus lábios haviam tocado sua pele, e viajando para baixo, atravessando seu coração no caminho para seu pênis.

Por um instante ficou paralisado, mantido em seu lugar pela primeira demonstração de afeto de Savannah. Por sua brincadeira. As emoções esquentavam seu interior, em contraste com a absoluta imobilidade de seu corpo. Só as liberando quando já não houve maneira das conter.

Girou a cabeça e sua boca se encontrou com a dela em um beijo ardente, que só era o princípio de todos os que compartilhariam.

Savannah se derreteu contra ele, e abriu a boca sob a pressão da sua. A necessidade de Draigon apagou sua consciência de tudo o resto, salvo dele mesmo.

Seu corpo vibrava com palavras não expressas, e sentimentos tão intensos que pareciam um grito silencioso e primitivo de sua alma, e ela respondeu a ele. A mão apoiada em seu antebraço se moveu para seu peito, capturando contra sua palma o ritmo rápido e feroz de seu coração. Os dedos da outra mão de Savannah se moveram para seu cabelo, liberando-o do laço que o



mantinha em seu lugar, para depois estender as luxuriosas mechas de cabelo loiro-avermelhado através de suas costas e ombros.

Savannah gemeu e se aproximou mais a ele, aflita pelo duelo selvagem de suas línguas. Desfeita pela profundidade do desejo de Draigon, e sua própria pressa pela necessidade de responder.

Na periferia de sua consciência, registrou a volta da garçonete. Mas a firme impressão dos lábios masculinos contra os seus, o toque de sua língua contra a dela, a sensação da mão de Draigon em seu lado, queimando-a sobre o fino Top e atormentando-a com sua proximidade a seu seio, era muito maravilhoso para afastar-se disso.

Só a necessidade de respirar fez terminar o beijo. E inclusive então, foi seguido por uma rápida pressão nos lábios. Uma promessa silenciosa para mais tarde.

A risada de Savannah era rouca, e seus mamilos estavam convertidos em pontos visíveis, quando se moveu para trás em seu assento, com seus olhos brilhando com picardia, enquanto parte do calor desaparecia.

— Devia tê-lo sabido. Os melancólicos e os calados são sempre barris de pólvora em espera que uma faísca os acenda.

As sobrelanceiras de Draigon se juntaram com confusão e consternação. Pensava que era melancólico? Pensava que era tímido e que necessitaria ajuda quando chegasse o momento do acoplamento e do emparelhamento?

Atraiu-a para si, desta vez sustentando-a de modo que seus deliciosos seios ficassem esmagados contra seu peito, seus mamilos duros cravando-se nele, sua presença enviando uma corrente de luxúria diretamente a seu pênis, quando sua boca capturou a dela, sua língua saqueou e dominou, comunicando seu desejo, e também sua capacidade para dar prazer.

Os dois estavam ofegando quando se separaram, e ainda assim, a satisfação percorreu Draigon ao ver seus traços avermelhados, e seu assombro silencioso. Estava começando a pensar que sua companheira de vínculo estranha vez ficava sem fala, e o agradava saber que ele o tinha obtido.

Desta vez, quando ela sorriu e pôs-se a rir, sua felicidade se verteu nele, embora seu comentário sobre a espera até que chegassem a casa antes de remover o vespeiro não tivesse sentido para Draigon, até que os pensamentos de Kye tocaram os seus com uma imagem. A voz de Kye também tinha diversão, quando disse: *A pessoa deste planeta tem um número assombroso de ditos interessantes, e Savannah mais que a maioria.* E para provar seu ponto, Kye centrou sua atenção em Savannah e perguntou:

— Pomo-nos em marcha?

— Sim, façamo-lo antes de que Wingman⁷ eu sejamos presos por ter relações sexuais em público.

O apelido sacudiu Draigon. Esse apelido significava que ela via indícios de sua verdadeira forma?

— Wingman?

⁷ Herói de desenhos japoneses com asas de anjo. Ou também companheiro de voo, ou piloto que voa a seu lado. Este termo se fez famoso com o filme *Top Gun*.



As sobrancelhas de Savannah se juntaram pelo tom de sua voz. Esperança e confusão... E também interrogação, como se o apelido fosse importante para ele. E por um instante, perguntou-se por que o tinha chamado assim, embora os apelidos sempre chegavam a ela de um nada. Seu subconsciente os compilava por algo, talvez. Ela nunca se deteve a analisá-lo.

Era terrível com os nomes, por isso geralmente se dirigia com os apelidos. Mas... Wingman? De onde tinha saído? Ela não era um piloto, e ao primeiro sinal de um filme bélico, ela era história. Por outra parte, o beijo de Draigon a tinha enviado a voar.

— Flyboy⁸ serve também — Disse ela, brincando com ele, olhando como seu nariz aristocrático se enrugava, e ele voltava para um silêncio meditabundo, fazendo que ela risse e se abrandasse — Será Wingman então. Saíamos daqui e vejamos se podemos encontrar o Furão ou às moças.

Levantaram-se, Kye recolhendo as duas embalagens, cada um marcado para refletir de quem tinha sido a xícara de café que continham. Tinha pouca dúvida de que os cientistas do Conselho encontrariam os marcadores Fallon em Kelleher e Vaccaro. E isso fazia aceitável para ele a ideia de deixar Draigon e Savannah as sós depois que terminassem seus assuntos na cidade, inclusive apetecível. Ser capaz de oferecer alguma esperança às mulheres de Belizair...

Primitivo... E feio. Inclusive mais que alguns dos estabelecimentos que se encontravam no Setor de Jogo Kotaka, pensava Draigon, enquanto seguia a esteira de Savannah, que se movia por outro cassino lotado de gente, e barulhento. Tanto ele como Kye permaneciam atrás dela, vigiando, protegendo-a, e mesmo assim, nunca permitindo muita distância entre Savannah e eles.

Draigon manobrou ao redor de uma linha de máquinas caça-níqueis, contente que Savannah estivesse longe das ruas, becos, casas de empenho e moradias de má fama, onde havia passado uma grande parte do dia, abandonando homens cheios de graxa e sem camisa, e mulheres cujo comportamento anunciavam que sua conformidade e cooperação poderiam ser obtidas por um pequeno preço, e sem fazer perguntas.

Sabia que a Terra era um planeta atrasado, embora a visão da cabana o tivesse surpreendido por sua beleza. Mas agora, rodeado e bombardeado pelo ruído, metido em um edifício lotado no que não era bem-vindo o ar fresco ou a luz do sol, Draigon não podia esperar a terminar este assunto de reclamar Savannah e voltar para Belizair, embora era uma tarefa que já não acreditava que seria levada a cabo fácil ou rapidamente. Savannah estava tão comprometida com seu trabalho como qualquer caçador de recompensas, mas como, em vez de decepcioná-lo, o fazia sentir-se orgulhoso, por seu fogo e determinação.

Jegon havia dito que Adan estava completamente apaixonado por sua companheira de vínculo humana, apesar que Krista o tinha levado a uma perseguição selvagem e emocional. Draigon já sentia o mesmo a respeito de Savannah.

Um dia dedicado a vê-la trabalhar, observando sua habilidade e força, sua inteligência e integridade, assim como admirando suas curvas, o movimento de seu corpo, sua voz... Tudo isso o

⁸ Filme bélico que trata de um grupo de jovens pilotos americanos que se unem voluntariamente para integrar a companhia Lafayette aérea na primeira guerra mundial. Se se separarem as palavras, Fly Boy, pode traduzir-se como Menino Voador.



tinha fascinado, quente, duro, e desejoso de montá-la, de enterrar seu pênis em seu apertado e úmido canal, de reclamar seu corpo e derramar sua semente enquanto a levava a orgasmo.

Trocou de postura de forma dissimulada, puxando suas calças, concluindo enquanto o fazia que os pênis humanos deviam ser menores que os de sua raça. Tinha estado na Terra menos de um dia, e já odiava a roupa que estava obrigado a usar. A estreiteza da mesma sobre sua ereção era uma fonte constante de irritação. Uma irritação que se transformou em um grunhido silencioso, quando Savannah alterou seu curso e se uniu a um homem no balcão do cassino.

Quem é ele? Enviou Draigon a Kye, a cólera o encheu quando o varão humano riu com Savannah, demonstrando claramente sua intenção de seduzi-la.

Não sei, grunhiu Kye, ambos aproximando-se. Kye se posicionou frente a uma máquina caça-níqueis, colocando fichas nela. Draigon entrou no bar, tomando assento em uma mesa, só para ser abordado rapidamente por uma mulher de grandes seios, que cheirava a sexo e a um intenso perfume. A mulher tentou encurralá-lo contra a parede, e sua mão fez uma incursão agressiva em seu colo, enquanto a risada de Kye soava em sua mente.

Savannah estava morrendo por girar-se e olhar, e ver Draigon desenredar-se de sua conquista, mas tinha que conformar-se vendo-o pelo espelho de trás do balcão.

— Me diga uma coisa, Holden — Disse seu companheiro, notando sua atenção, embora sua risada afogada deu um indício da cena que ela contemplava em primeiro lugar — É o cabelo comprido em um homem realmente excitante para vocês? Nem sequer me olhou quando me sentei.

— Poderia ser porque quando te vi pensei nas palavras Polícia Antidrogas — Disse Savannah, encontrando os olhos de Fowler no espelho — O que está fazendo aqui de todos os modos?

— Eu poderia te perguntar o mesmo. Parece que a cada lugar que fui hoje, ouvi que esteve por ali perguntando sobre Ricky Nowak e um par de moças às que deteve o outro dia. O que acontece? Pensei que estava de férias. Também pensava que estava tentando se manter sob o radar até que as coisas se tranquilizassem com o Antidrogas. Como te disse antes, se quer trabalhar com o Antidrogas, eu te recomendarei. Caralho, até poderia me oferecer a te ajudar para conhecer melhor os movimentos.

Sua voz caiu na última frase, fazendo-a soar íntima, e os mamilos de Savannah se apertaram, apesar de que não estava interessada nele, não agora de todos os modos. Os olhos de Fowler se moveram a seus seios em um movimento sutil e sorriu, um brilho todo dentes do GQ, que poderiam tê-la convertido em um atoleiro a seus pés, se seu desejo sexual não estivesse já enrascado por Kye... E depois do beijo da cafeteria, por Draigon.

Obrigou-se a prestar atenção as tentativas de Draigon para libertar-se da loira, notando como seu cenho franzido e sua expressão dura, esfriavam o interesse da mulher. Pobre cara, parecia que ia explodir, e tinha a impressão de que algo disso tinha haver com o fato de que estivesse com Fowler.

Savannah sorriu. Sim. Os calados eram sempre os que se deviam vigiar cuidadosamente.

— Ouça, Holden, não é nada boa para meu ego — Disse Fowler, retirando sua atenção de Draigon — Além disso, pareceu-me ouvir dizer a alguém do departamento que tinha com você um bonito menino de cabelo escuro, quando foi ao apartamento de Nowak. Um caçador de



recompensas que agia como seu namorado.

— Pode dizer seus nomes. Suponho que Creech e Mastrin ainda seguem fazendo fogo sobre mim? — Perguntava-se se os nomes de Abrego, Guzmán e Carlos Dominguez fariam soar nele algum sino, antes de apagar esse pensamento. Não havia nenhuma prova que houvesse uma fuga no Antidrogas.

Fowler encolheu os ombros.

— Já sabe como são. Me diga então? Está procurando Ricky Nowak?

Savannah brincou com um montão de guardanapos de coquetel que estavam sobre o balcão. Estava bastante segura que ele já o tinha ouvido de Creech e Mastrin, por isso dizer não causaria nenhum dano.

— Ricky tinha organizado um encontro comigo, mas não se apresentou.

— Para encontrar-se no The Dive? No mesmo lugar onde o carro de Nowak explodiu?

— Nesse lugar.

Fowler deu um assobio baixo e negou com a cabeça.

— Necessita alguém que te cuide, Holden — Seus olhos se encontraram com os seus outra vez, desta vez, ardendo com intensidade — Me deixe te dar um conselho. Não de policial a policial. Mas sim de um amigo a uma amiga. Porque espero que assim seja como me considera. Deveria tomar umas férias e partir de Reno por um tempo. Meu instinto me diz que o que sabe Nowak vai fazer que o matem, e os assassinos vão limpar a casa logo depois de assassiná-lo.

— Só seus instintos? — Perguntou Savannah, imaginando-se que o menino de ouro do Antidrogas provavelmente sabia mais do que dizia, e se ele pudesse dar informação, ela poderia devolver o favor.

— Só meu instinto. Algo em que andem colocados Mastrin e Creech, não conheço os detalhes. Só sei que eles a pegaram no apartamento de Ricky Nowak depois de que tivesse sido destruído, e que eles trabalham em um caso que implica a algumas moças menores de idade, em uma das quais parece ter interesse — Sacudiu a cabeça — Foi policial durante o tempo suficiente para saber que não é bom implicar-se emocionalmente. Assumo que esse é o motivo pelo que está perguntando por aí pelas moças.

A imagem da face de Holland, com os olhos fortemente fechados na fotografia, uniu-se às imagens que Savannah tinha desde dia que tinha levado às meninas e o pervertido à delegacia de polícia.

— Não acredito que seja muito tarde para uma delas.

— Vou me dar um chute por te animar. Qual?

— A de treze anos de idade. Holland — Savannah tirou de seu bolso a página dobrada do arquivo dos Serviços Sociais e a mostrou a Fowler.

— Mantereí um olho aberto por ela — Comprovou seu relógio — Tenho um pouco de tempo antes de me encontrar com um informante. Quer comer algo?

O estômago de Savannah grunhiu diante a menção da comida

— Não, obrigado, vou recolher alguma comida para levar do Bert'S.

Fowler riu.

— Uma comida desse lugar e tenho que ir ao ginásio durante um par de horas — Levantou-



se do tamborete e colocou a mão sobre o ombro de Savannah — Digo-o a sério, Holden, tira férias. Saia da cidade e pensa em minha proposta sobre o Antidroga quando retornar — Seu sorriso GQ brilhou, e suas pálpebras caíram — É uma mulher formosa e não quero vê-la sofrer algum dano pelo que Nowak tenha posto em marcha.

— Obrigado — Disse ela, e o viu afastar-se enquanto recordava com detalhe a conversa, revisando os sorrisos, o contato visual sério, os toques... E teve que rir. Homens. Alguns deles só estavam programados para competir, embora por seu aspecto, não tivesse pensado que Fowler era um deles. Por outra parte, talvez o fato de que a loira fizesse pouco caso dele, e tivesse se jogado sobre Draigon, tinha beliscado seu ego. Talvez o conhecimento de que gostavam dos tipos de cabelo comprido a tinha convertido em um desafio para ele.

Uma semana antes poderia ter sentido o calor entre eles, mas agora tinha o suficiente em seu prato. Seu olhar foi para Draigon, que estava sozinho, mas ainda se via ferido, depois para Kye, que tinha saído de algum lugar e não parecia contente por seu encontro com Fowler. OH sim, tinha bastante testosterona em seu prato, se suas expressões significavam algo.

Capítulo 12

Savannah saiu do bar e se dirigiu ao Bert's, um chiqueiro de bar e churrascaria, a pouca distância caminhando, mas a um mundo de distância em ambiente. Era um lugar barato, visitado por prostitutas e jogadores crônicos com "má sorte".

Se só procurasse informação, teria ido ali em primeiro lugar, mas o tinha deixado para o final pela remota possibilidade de que seus movimentos chegassem rapidamente para ouvidos do Furão, e este pudesse aparecer ou enviar uma mensagem. Encontraram-se no Bert's um par de vezes, de forma acidental. Brincaram sobre isto umas quantas vezes... Como tinha sido uma das razões pelas que pensava que ela estava bem para ser policial, devido a que se desviasse ao Bert's só para comprar frango frito.

Era um bom lugar e uma boa maneira de terminar a jornada trabalhista... Não é que ela tivesse muito que demonstrar, mas pensava que tinha removido bastante a Merda. Agora tinha que dar tempo a assentar-se e esperar que alguém desse um passo à frente e que devesse falar limpamente, metaforicamente falando.

Incomodava não ter encontrado nenhum rastro de Holland, sua irmã Ivy, ou sua amiga, Camryn. Mas agora que o pensava, talvez elas estavam de volta em Las Vegas.

As sobrancelhas de Savannah se juntaram enquanto repetia a conversa com o Kelleher, para assegurar-se de ter captado tudo. Sim, havia dito que as três garotas tinham chegado de Las Vegas aproximadamente seis meses antes. Perguntou-se por que, não é que Reno não estivesse cheia de ação, mas não era Las Vegas.

Maldição, devia ter pedido a Fowler que desse um nome de contato com a polícia de Las Vegas. Só tinha sido o menino de ouro do Antidroga durante pouco menos de um ano. Antes disso, tinha estado em Las Vegas. Fez uma nota mental de buscá-lo se não encontrava logo algum



rastro das moças.

Savannah entrou no Bert's e encontrou o lugar vazio, exceto por um homem com uma barba incipiente atrás do balcão. O próprio Bert.

— O habitual? — Perguntou Bert, endireitando seu avental branco salpicado de gordura, que cobria uma camiseta que não tinha melhor aspecto.

— Melhor triplica-o — O estômago de Savannah grunhiu, e fez água a boca. De repente pareceu que havia passado muito tempo desde que tinha tomado o café da manhã com Kye.

Bert assentiu e deu a volta, empurrando e cravando, selecionando peças que estavam pré-cozidas e as lançando à churrasqueira para as dourar um pouco mais, antes das colocar em uma embalagem grande para levar.

— Ouviu algo interessante ultimamente? — Perguntou Savannah.

Bert grunhiu.

— De repente, muita gente está interessada em procurar Ricky Nowak. Te incluindo.

— Tem nomes, além disso do meu?

— Alguns nomes de policiais, mas você já sabe isso.

— Antidrogas?

— Talvez.

— Creech e Mastrin?

— Não vou dizer nenhum nome.

— Alguém mais?

— Alguns outros nomes, estrangeiros, mas me encarrego de esquecê-los tão logo os ouço.

— Abrego? — Perguntou Savannah, pensando nos homens que serviam como lugares-tenentes de Carlos Domínguez, os dois irmãos que Vaccaro tinha apelidado como Psycho I e II.

Bert encolheu os ombros.

— Como disse, não os lembro. Não quero recordá-los. Recordar pode ser mau para sua saúde, tenho um negócio que atender e uma família da que me preocupar.

— Teve notícias de Ricky Nowak ultimamente?

— Não — Bert fechou a caixa de papelão e a colocou em uma sacola — Quer levar bolachas e salada de couve?

— Claro.

Tirou outra caixa e começou a enchê-la a de salada de couve.

— Recorda aquela informação que me deu, sobre as moças menores de idade que estavam trabalhando? — Perguntou Savannah, endireitando-se quando viu que as mãos tremeram um pouco. Não muito. Mas o suficiente como para que sua intuição desse um chute — Ricky te falou sobre elas?

Bert não respondeu a nenhuma das perguntas.

— Quer ter bebidas com isto?

— Talvez. Uma das garotas menores de idade desapareceu. Igual a sua irmã e a amiga de sua irmã — Savannah tirou a folha dos Serviços Sociais dobrada e uma sovada foto de Camryn — Reconhece-a?

Os ombros do Bert se desabaram derrotados.



— Olha, tudo o que sei é o que Ricky me pediu que te dissesse. De acordo? Não sei nada mais. Não quero saber nada mais. Agora, quer bebida com o pedido?

Savannah sorriu, pensando que começava a parecer que todas as peças do quebra-cabeças poderiam encontrar-se na mesma caixa. Em uma caixa chamada Ricky o Furão Nowak.

— Claro, quero três. Coca-Cola Light para mim, espera um momento e te direi as outras duas — Foi até a porta e saiu, viu Kye apoiado na esquina do beco junto ao Bert's — Poderíamos comer aqui — Disse ela, pensando que era possível que Ricky pudesse aparecer, além de que realmente tinha fome, se sentavam na parte traseira, ninguém poderia vê-los da rua, o que o fazia o suficientemente seguro e muito melhor que esperar, ou comer na cabine da caminhonete no caminho de volta a casa.

Kye se reuniu com ela antes que pudesse pagar a comida, e insistiu em fazê-lo ele. Draigon chegou um momento mais tarde e tomaram uma mesa. Savannah tinha que conceder eles tinham estado perto, protegendo-a como tinham prometido, mas tinham dado a suficiente distancia como para que ninguém fosse consciente de que Draigon e Kye estivessem com ela.

— Eu não gostei de ver que o homem do bar te tocasse — Disse Draigon — Ele te deseja.

Savannah levantou a vista, embora seguiu tirando as embalagens de comida da sacola e colocando-os na mesa.

— Não estou segura sobre a parte do desejo, mas Fowler é meu único amigo no Antidrogas — Riu, incapaz de deter-se — E estou surpreendida de que pudesse ver algo com a loira que estava pega a você. Pensei que ia ter um orgasmo selvagem só por esfregar-se contra você.

Draigon ficou rígido e ela se sentiu culpada por zombar dele. Pobre menino. Realmente tinha que soltar-se um pouco. Procurou na caixa que continha o frango, seu olhar se moveu para encontrar o de Kye.

— Coxa ou peito?

Kye não a decepcionou. Ele sorriu, fazendo uma paródia lasciva de apreciação masculina, quando sua atenção se dirigiu à frente de sua blusa e ao contorno de seus mamilos, já endurecidos, agora que sua mente estava se separando do caso e se movia para todas as coisas que poderiam acontecer quando retornasse à cabana com seus autoproclamados guarda-costas.

— Peito — Disse ele, pondo tanto ênfase na palavra, que o boceta de Savannah se apertou.

Deu um pedaço de frango, e depois perguntou ao Draigon

— E você?

Seus olhos também se dirigiram à frente de sua blusa, sua expressão era tensa e sua concentração tão extrema que seus mamilos se endureceram ainda mais, convertendo-se em brotos dolorosos.

— Tomarei peito também — Seu olhar se elevou — A mulher que me abordou foi um chateio que tratei de dirigir sem chamar a atenção para mim. Se tivesse estado em perigo, ela não me teria distraído para te proteger.

Savannah se estirou e tocou sua mão, roçou a ponta de seus dedos sobre o bracelete com estranhos redemoinhos de pedras vermelhas com bolinhas douradas, e gravados intrincados de algo que parecia como, entreabriu os olhos... A ave fênix? Isso a fez sorrir. Ele era uma contradição. Olhou-o nos olhos.



— Só estava brincando com você. Sei que teria estado ali se tivesse necessitado ajuda.

Ela retirou a mão e colocou frango no prato de Draigon, e depois selecionou uma coxa para ela, contando o pouco que tinha descoberto sobre o Furão e logo depois de ter mostrado as fotos das moças. Ao final disse.

— Já estou pronta para dar por terminado o dia, agora que deixei saber que estarei por aqui amanhã. Quem sabe onde estará escondido o Furão e quanto tomará emergir de novo à superfície. Mas o fará. É o que me diz meu instinto, e tem sentido considerando que ele é quem me enviou as fichas... — Encolheu os ombros — Hoje tenho feito tudo o que pude.

Savannah comeu outra coxa e tomou uma asa, enquanto Kye e Draigon tomavam outro peito, mas, enquanto Kye se avançou a comer imediatamente, Draigon parecia incapaz de afastar o olhar da peça que ela comia.

— O que? — Disse ela finalmente, perguntando-se pela expressão de seu rosto, uma mistura de curiosidade e horror enquanto ela lambia os dedos para limpá-los — Não viu ninguém comer uma asa antes?

Draigon estremeceu ligeiramente, a pesar do delicioso sabor dos mantimentos. Como a maioria em Belizair, ele comia pouca carne quando estava em casa. Mas quando ia a outros mundos, sua dieta a incluía frequentemente... Mas ainda assim, não estava acostumado a escolher criaturas com asas. Até que ela tirasse a asa da embalagem, ele não tinha sabido que tipo de animal estavam comendo.

— Como se chama este alimento? — Perguntou ele, dando-se conta pela expressão surpreendida de Savannah, que devia ter deixado de lado seu orgulho e ter perguntado diretamente a Kye.

— Frango — Disse Kye, com cara séria, embora sua voz levava um indício de diversão a custa de Draigon.

Com a palavra veio uma imagem. Não de Kye, mas sim da memória de Draigon, do material que tinha estudado antes de deixar Belizair. Um estudo que estava começando a pensar que tinha sido muito breve, limitado pelo tempo, e que cobria só a informação mais rudimentar.

Draigon se moveu incômodo na cadeira. Dividido entre seu desejo de tomar outro bocado do peito do frango que tinha em sua mão, ou deixá-la a um lado. Consciente de que Kye e Savannah o olhavam atentamente.

— Nunca tinha comido frango? — Perguntou Savannah.

— Não.

As sobrancelhas de Savannah se elevaram e sua expressão mostrou curiosidade. Mas antes que ela pudesse perguntar, Kye desviou seus pensamentos ao dizer.

— De onde vamos, alguns têm... Alergia... Ao comer algo alado ou com plumas.

Imediatamente, a face de Savannah se alagou de preocupação, enchendo o peito de Draigon de um incrível calor.

— Sente-se bem? — Perguntou ela.

— Estou bem. A comida está boa — Tomou outro bocado de frango para demonstrar que suas palavras eram verdadeiras.

A atenção de Savannah permaneceu nele durante um comprido momento, e sua



preocupação fez um caminho ardente diretamente a seu coração. Quando ela finalmente alcançou outro pedaço, uma coxa nesta ocasião, Draigon relaxou, contente de que seu lapso de ignorância pudesse deixar de lado e fora esquecido.

— Bert faz o melhor frango em Reno. À exceção do de minha avó, é obvio. Ninguém o prepara melhor que Grams — Um sorriso se desenhcou nos lábios do Savannah, e Draigon encontrou que podia ler sua intenção de brincar — Quando acabar a investigação, passarei pelo rancho e farei que Grams cozinhe algumas Ostras das Pradarias para vocês. São um verdadeiro prazer ao paladar e Grams tem uma receita secreta que foi transmitida de geração em geração — Savannah fez uma pausa durante um batimento do coração, o tempo suficiente para que os pensamentos de Kye e Draigon se unissem, enquanto tentavam interpretar como podiam ser encontradas as ostras na pradaria. Nesse momento, aparentemente satisfeita pelo que leu em suas expressões, Savannah disse — É obvio, isso poderia significar que terão que ficar por aqui durante algum tempo. Até que seja hora de castrar aos touros. Embora, suponho que se Grams só cozinhasse para poucas pessoas, talvez me dariam permissão para reunir algo do gado e castrá-lo adiantado. Se estão interessados em brincar de vaqueiros, até poderiam me ajudar.

Não foi necessário que o pensamento de Draigon tocasse o de Kye, para poder sentir o horror do outro homem. Ambos se esticaram em seus assentos, e suas pernas se fecharam automaticamente, como se protegessem seu próprios testículos.

Primitivo, disse Draigon. *Como os Ewellians, que comem os corações de certas bestas aquáticas com o fim de ganhar coragem.* A Savannah disse

— Não tenho nenhuma necessidade de comer testículo de touros, com o fim de me excitar ou ganhar resistência. Descobrirá que não careço dela quando te reclamar como companheira de vínculo.

Savannah piscou, a surpresa explodiu através dela, seguida uma gargalhada tão forte que teve que limpar as lágrimas dos olhos. Deus, se ela não o conhecesse, pensaria que Draigon era de outro planeta. Não devia sair muito. Inclusive seu discurso era tão... Do Velho Mundo. Formal.

— Comer testículo de touro provavelmente começou como uma superstição — Reconheceu quando pôde deixar de rir — Mas isso foi faz muito tempo. Agora são considerados um petisco para uns e uma tradição por outros. E realmente tem bom sabor. Especialmente da maneira que Grams os cozinha. Cortados finamente, cobertos de vinho e molho quente, e envoltos em farinha de milho, e então...”

Ela sorriu, decidindo pela expressão alarmada de Kye e Draigon, e ligeiramente nauseabunda, que já tinha tido suficiente diversão... No momento. Também decidindo deixar de lado o comentário de Draigon sobre uma reclamação, embora seu corpo vibrasse com interesse.

Savannah contemplou as embalagens vazias na mesa.

— Suponho que poderíamos retornar à cabana. Nosso trabalho aqui parece parecer.

Os homens ficaram de pé e a ajudaram a tirar o lixo. Depois, depois de uma breve consulta, decidiram seguir como o tinham vindo fazendo desde que saíram da caminhonete em um estacionamento seguro. Separaram-se de Savannah para que parecesse estar sozinha.

Draigon e Kye partiram juntos. Savannah se manteve perto da porta, esperando que se afastassem o suficiente para sair.



— Tem algum número ao qual Ricky possa te chamar? — Perguntou Bert, levantando seu olhar de uma revista que lia, atrás da caixa registradora.

Savannah hesitou, considerando suas opções. Não queria acreditar que algum policial corrupto de Reno estivesse envolvido, mas encontrar que o Furão estava vinculado tanto à lavagem de dinheiro como à chantagem, punha-a um pouco paranoica.

Teve que perguntar-se a respeito das chamadas penduradas em sua secretária de voz na delegacia de polícia. Tinha que pensar que algumas dessas chamadas eram de Ricky, que talvez tinha muito medo para deixar uma mensagem porque não estava seguro de quem os comprovava... O que explicaria por que tinha enviado as fichas do cassino, mas sem nenhuma nota. Diabos, por isso sabia, ele não tinha contado com que seus rastros pudessem ser obtidos. Savannah franziu o cenho, sentindo que sua paranoia aumentava quando recordou o comentário do capitão, o dia que tinha estado em seu escritório. Só para nos assegurar, usa uma cabine Telefônica. E não use a mesma duas vezes. Tinha obedecido a ordem ao pé da letra, considerando-a uma precaução razoável. Mas agora se perguntava se ele, naquele momento, já sabia algo. E talvez, sabia mais do que tinha deixado entrever. Talvez fosse mais que seu instinto o que fez dizer: *Algo está acontecendo no Antidrogas, além de que tenha estado pisando nos dedos da gente e os enchendo o saco. Assim cuide as costas ali também.*

Os telefones celulares eram rastreáveis, mas o seguimento, a sua vez, deixava um rastro. Se Mastrin e Creech... Se interrompeu. Eles eram inocentes até que se demonstrasse sua culpa. Sim. Não gostava. Má química. Um mau princípio. O que seja. Eles tinham roçado uns aos outros de má maneira, desde o começo.

Creech, porque ela o tinha detido e multado por excesso de velocidade, antes que se inteirasse que trabalhava no Antidrogas. Não é que ela o tivesse deixado ir. Ia a quarenta em uma zona de vinte e cinco milhas por hora.

Mastrin, porque ela tinha terminado uma briga em um bar em que ele estava envolvido, e o tinha levado a delegacia de polícia no assento traseiro de seu carro patrulha, junto com o cara com o que tinha estado brigando, para inteirar-se depois que Mastrin era um policial encoberto. Mas diabos, isso realmente terminou beneficiando-o, ao fazê-lo parecer legítimo. E ela deveria ter conseguido uma palmada nas costas, ou uma desculpa, pelo merda de bate-papo que teve que aguentar dele.

— E bem? — Solicitou Bert.

Merda. Era um risco. Mas poderia ter que esperar vários dias, mergulhando-se em tugúrios, cassinos e vagando pela rua, em espera que Furão se sentisse o suficientemente valente para aproximar-se dela. Deu a Bert um número de telefone.

— É meu celular. Se contatar com o Ricky, dê a ele. Do contrário esquece que o tem. De acordo?

— Já estou começando a esquecer.

Savannah assentiu e deixou o edifício. Ela não esperava problemas, mas ainda assim, comprovou a rua, tomando nota das pessoas que havia, depois caminhou para a parte da cidade onde tinham escondido sua caminhonete.

Quatro quadras mais adiante, Savannah chegou a uma zona de bares de má fama, com



bailes de colo, bebidas, e gente que se fazia da vista grossa a tudo o que acontecia nas mesas. Reduziu a marcha, tentada a deter-se, ficar por um momento e mostrar as fotos do Holland e Camryn pela segunda vez no dia, e perguntar por aí outra vez pelo Furão, mas antes que a ideia coalhasse, um carro com placas ocultas se deteve seu lado. Dois homens desceram, enquanto ela tentava alcançar sua arma. Reconheceu-os claramente, embora suas fotos nos anúncios de “procurados” tinham sido imprecisas.

Chegaram a Savannah antes que ela pudesse subir sua arma.

O primeiro deles deu um murro através da face, com a suficiente força para fazê-la cair no concreto.

O segundo irmão Guzmán deu um chute a seu antebraço para que a arma saísse voando longe.

— Filha de puta, tem o nariz metido em assuntos que não são da sua conta — Disse um terceiro homem, o motorista, enquanto levava a perna para trás, preparando-se para dar um chute na cabeça.

Mas antes que algum deles pudesse dizer ou fazer algo mais, Kye e Draigon estavam ali, saindo de um nada, com uma fúria ardente vibrando no ar. O som de violência encheu o ar, enquanto Savannah dava a volta e tratava de recuperar a arma.

Não o mate, Ou será preso! Gritou Kye na mente de Draigon, acalmando-o quando esteve a ponto de utilizar sua força superior para quebrar o pescoço do homem que se atreveu a golpear Savannah.

Com um grunhido, Draigon pôs os braços do atacante atrás de suas costas, atando-o com o laço de seu cabelo, esse era o propósito para o que tinha sido criado... Para reter infratores da lei. Tomou a arma e uma faca de seu mal-humorado prisioneiro, e depois se moveu para o motorista, ainda inconsciente dos golpes que tanto ele como Kye tinham dado.

Draigon tirou as armas do homem inconsciente, e depois desviou sua atenção para Savannah, enchendo-se de fúria diante a marca avermelhada de sua face, o alívio se misturou com o orgulho, quando se deu conta de sua postura estável, confiada, de sua arma apontando ao homem que Kye tinha submetido.

— Obrigado por me salvar — Disse ela, recuperando um fio de plástico flexível de seu bolso e jogando-o a Kye.

— Tem outra restrição? — Perguntou Kye, dando uma olhada aonde Draigon se abatia sobre o motorista caído.

Savannah negou com a cabeça e depois chamou por seu celular.

O homem sobre o que estava Draigon se moveu e gemeu, e Draigon se encontrou desejando que o agressor recuperasse a consciência e tentasse lutar outra vez. Inclusive depois de ter passado o perigo, Draigon ainda queria matar a estes homens. E a selvageria de suas emoções o inquietava. A rapidez com a que tinha quebrado a lei do Conselho, usando as pedras Ylan para fechar a distância entre ele e Savannah, preocupava-o.

Draigon tomou uma respiração profunda. Já parecia. E se inteirava o Conselho, estaria de pé diante eles na câmara de julgamento, defendendo suas ações.

Justo como Lyan d’Vesti o tem feito em numerosas ocasiões.



O pensamento era inoportuno e inquietante, e Draigon o deixou de lado a favor de centrar sua atenção nos prisioneiros.

Savannah tomou o cartão de apresentação de Vaccaro. Os policiais locais provavelmente se perguntariam como tinha chegado tão rapidamente à cena o FBI, embora poderiam esperá-los na delegacia de polícia quando os irmãos Guzmán chegassem, sua condição de procurados dava jurisdição e um motivo para interrogá-los.

— Já informou? — Perguntou Vaccaro, quando ela terminou de pôr ao dia.

— Não — Ela ouviu sirenes — Tenho aproximadamente trinta segundos antes de ter que dizer algo.

— Está bem. Dê explicações curtas e simples. Não sabe quem são. Não sabe por que a atacaram. E não mencione meu nome, nem o de Kelleher.

Savannah fez rodar os olhos diante a advertência desnecessária.

— E em troca de meu silêncio, vocês compartilharão tudo o que descobrirem ao interrogar os Primos, não?

Vaccaro fez um som. Uma risada afogada ou um gemido estrangulado. Sem ver sua face, Savannah não podia estar segura de qual era.

— Estarei em contato — Disse ele, e desligou.

Savannah guardou o telefone, sorrindo para o Kye e Draigon. Ainda assombrada e surpreendida de quão rápido tinham chegado a ela, e submetido os homens.

— Meninos, podem proteger meu corpo em qualquer momento e em qualquer lugar — Disse, seus mamilos e sua boceta se apertaram quando os olhos dos homens se acenderam, comunicando quão íntima e conscientes tinham intenção de possuir e cuidar seu corpo.

Os carros patrulha começaram a chegar à cena, e ela se preparou para as intermináveis pergunta e respostas.

— Que comece a diversão.

O tempo se reduziu a uma lenta velocidade, quase insuportável para Draigon, e rapidamente apreciou a intervenção de Kye. Se tivesse matado o humano... Deixou escapar um suspiro de alívio quando Savannah finalmente disse.

— Nos ponhamos em marcha — A frase pela primeira vez teve sentido para o Draigon. Entre o assalto a sua companheira de vínculo, a repetição de declarar os acontecimentos e a apertada roupa da terra, ele efetivamente, tinha vontades de pôr algo em marcha!

Kye levou a Savannah para seus braços e cobriu sua boca com a sua, logo que retornaram à caminhonete. O ardor de seu abraço e a selvageria de seu beijo comunicaram os sentimentos que o atravessavam. Não podia perdê-la!

Estremeceu-se, pouco disposto a retirar-se. E entretanto, sabia que devia fazê-lo.

Levarei as amostras de DNA aos cientistas em São Francisco, disse a Draigon.

A Savannah disse

— Draigon permanecerá com você. Tenho assuntos que resolver, que incluem conseguir um novo veículo para estas viagens à cidade.

Seus olhares se cruzaram. O calor cresceu entre eles.

— Voltará esta noite? — Perguntou Savannah, os lábios de sua boceta estavam inchados e



umedecidos ao pensar em estar a sós com Draigon. Seus clitóris ficou rígido diante o pensamento de que Kye se unisse a eles mais tarde.

— Sim — Disse Kye, sua voz era uma rouca promessa.

Capítulo 13

A determinação encheu Draigon, respirada pelo ataque, e também por sua convicção de que a Terra era um planeta primitivo e perigoso. E reforçada pela rigidez implacável de seu pênis e o terror de perder Savannah.

Quando chegassem à cabana, ia utilizar seu corpo para demonstrar que pertencia a ele... E que o necessitava, para convencê-la de voltar para casa com ele. A foderia até que ela estivesse de acordo na cerimônia de vinculação, e aceitasse o bracelete que tinha desenhado para ela.

Draigon apertou seu agarre pela mão de Savannah até que ela protestou, seu coração se acelerou com fúria quando ela disse

— É muito intenso, Wingman. Tem que relaxar, desafogar, deixar ir. Não estou segura de que esteja feito para o trabalho de guarda-costas.

Seu pé se moveu para o freio, levando-os a uma parada abrupta no caminho de terra que conduzia à cabana.

— Não posso tolerar que esteja em perigo — Disse, e imediatamente soube que não devia dizê-lo nesta etapa do namoro.

Os olhos de Savannah brilharam e depois se estreitaram com temperamento, seu corpo se esticou enquanto tentava retirar sua mão da dele.

— Sou um policial, Draigon. O perigo vem com o trabalho. Igual para um caçador de recompensas. Espero que não vá dizer me que o que está bem para um homem não está para uma mulher.

Um músculo se contraiu em sua bochecha. Por tudo o que era sagrado para os Amato, ele queria deixar de lado sua lei, dizer que ela era muito importante para arriscá-la, que em Belizair estaria segura, livre para mover-se e fazer amigas entre as outras mulheres humanas enquanto esperavam o nascimento dos meninos, a...

Um novo medo cresceu em seu estômago. Um pouco de sua confiança anterior cedeu passo às dúvidas diante a difícil tarefa que tinha pela frente. Ela nunca se conformaria com uma vida assim. Inclusive no curto tempo que a conhecia, podia ver que seu corpo vibrava com energia, enquanto que sua mente ia a toda velocidade, procurando quebra-cabeças para resolver e observando o mundo a seu redor, tudo isso preparando-a diretamente para reverter qualquer mal que pudesse encontrar.

Draigon afastou esses pensamentos e se obrigou a respirar profundamente. Tinha que concentrar-se na tarefa imediata, uma que seu pênis estava bem preparado para dirigir.

Uma pequena medida de paz voltou para ele quando recordou as palavras de Jegon, e recordou a si mesmo que nem sequer Adan... E Lyan, um homem ao que não preocupava o



transpassar os limites, tiveram-se que esforçar para poder reclamar a sua companheira de vínculo.

Draigon levou a mão dela a seus lábios e a beijou.

— Não quero discutir com você, Savannah. Esta é a primeira oportunidade que temos para estar sozinhos, da maneira que você e Kye o estiveram.

O corpo de Savannah se abrandou, a cólera deixou sua face para ser substituída por um sorriso zombador, um que Draigon estava aprendendo a amar e temer. Seu coração se acelerou em seu peito quando ela fechou a distância entre eles.

— As águas tranquilas são profundas — Disse ela, fazendo que desejasse rir e protestar ao mesmo tempo. Mas só pôde gemer quando seu dedo acariciou seu lábio inferior enquanto ela sussurrava — Eu tampouco quero discutir com você.

A língua de Savannah riscou a comissura de seus lábios, e Draigon esteve perdido, assaltado pelas emoções e o desejo. Seus pensamentos dissolvidos em onda após onda de necessidade. Não só a necessidade de seu corpo pela liberação, também a fome de seu coração e o desejo de sua alma. Por um futuro. Um lar que fosse mais que paredes de cristal.

— Savannah — Disse quando terminou o beijo, dando-se conta enquanto o fazia que sua mão se dirigiu a seu seio, segurando-o, pressionando o mamilo endurecido contra a sua palma.

Ela riu, um som que fez que seu pênis pulsasse e se sacudisse, seus olhos baixaram a seu seio, respirando em ofegos rápidos, para depois libertar a mão da sua e começar a desabotoar a blusa, mostrando lentamente as reveladoras curva e a carne ligeiramente bronzeada. Fazendo impossível que ele deixasse de olhá-la

Savannah não pôde deter-se. Era como tomar o desafio e montar um bronco ou um touro. Como estar montada no dorso sem sela de um cavalo, impulsionando-o a galopar. Havia algo em Draigon que o fazia ser imprudente, como se sua própria temeridade pudesse libertar esse homem do controle e restrição que se impunha a si mesmo.

Ela sorriu. Ou talvez fosse só seu olhar aceso. O desejo velado, com um toque de saudade, como um menino diante de uma cristaleira desejando o que se mostrava ali.

Não é que ela pudesse considerá-lo um menino. Era todo um homem. Duro e feroz. Forte. Total e completamente masculino.

Abriu o broche frontal de seu sutiã e o diáfano material se retirou para trás, expondo um seio com seu mamilo já franzido, dolorido por sentir os lábios de Draigon.

Sua boceta se contraiu ao ver suas fossas nasais estender-se e seus olhos obscurecer-se pela luxúria. Gemeu quando ele levantou sua mão só o suficiente para retirar a outra taça do sutiã, para que a carne pudesse tocar carne, uma calosa palma primeiro e depois uns dedos que agarraram, apertaram e puxaram, explorando enquanto ele olhava, com sua atenção completamente concentrada nela, aprendendo o que gostava, como agradá-la. Sua face mostrou sua satisfação quando ela gemeu e se arqueou diante seu toque, quando de repente, já não era suficiente e sua própria mão baixou até seu colo, desabotoando seu jeans e abrindo o zíper para poder introduzir os dedos e tocar a si mesmo.

— Pela Deusa, você me desfaz — Disse, sua expressão era tão faminta, que Savannah enredou os dedos em seu cabelo, puxando este e sussurrando.

— Ponha sua boca sobre mim.



Ele o fez com um gemido, indo com muito gosto para seu seio, com sua boca e sua língua áspera e molhada, brincando com o tenso mamilo e a carne febril, quando ela queria sucções firmes e mordidas quase dolorosas. Ela se empurrou contra ele, retorcendo-se, tentando que a sugasse com mais força, mas ele resistiu até que ela começou a suplicar, seu nome encheu a cabine da caminhonete, convertendo-se em gemidos quando ele começou a sugar como se tentasse extrair até a última gota de prazer de seu corpo, como se tratasse de puxar sua mesma alma até a sua.

Savannah se apoiou contra a porta do passageiro, levando-o com ela, gemendo quando sua mão retirou a dela, quando ele lutou contra o ângulo incômodo e a estreiteza de seu jeans, que não permitiam que sua mão se deslizasse com facilidade ao longo de sua púbis, para que seus dedos alcançassem a excitação úmida e os lábios de sua boceta, inchados e avermelhados.

— Draigon — Gemeu ela, estendendo suas pernas, movendo-se e inclinando sua pélvis, para que seus hábeis dedos pudessem entrar nela, pudessem atormentá-la enquanto imaginava como seria quando seu pênis a enchesse.

— Mais duro — Rogou — Mais — E ele gemeu, recolocando a si mesmo, pondo mais de seu peso sobre ela, enquanto sua boca cobria a dela e seus dedos bombeavam dentro dela, a palma de sua mão golpeou seus clitoris, enviando prazer através dela, com uma sacudida que quase os fez cair ao chão.

Necessitou-se um momento para que a neblina de desejo se levantasse, para que o senso de humor de Savannah emergisse, quando se deu conta que a caminhonete estava inclinada em um ângulo estranho. E depois a ternura a alagou diante a vergonha que ruborizou as bochechas de Draigon por ter se esquecido pôr o freio de mão ou desligar o motor.

Draigon se sentou de maneira rígida. Seu orgulho manchado era uma ferida que Savannah sentia em sua própria pele.

Colocou-se a seu lado, apertando seus lábios contra sua bochecha e sua mão em seu peito. Acariciando-o.

— Pode sacudir meu mundo quando desejar — Disse ela, soltando a primeira coisa que veio a sua mente, fazendo uma careta imediatamente, ao ver a rocha que tocava o para-choque do Chevy, evitando que seguissem descendo pela colina.

Suas palavras deixaram Draigon atordoado. E depois chegou a risada, que emergiu do profundo de seu corpo, aumentando até que até que as lágrimas caíram por suas bochechas.

Nunca tinha encontrado tal diversão em algum de seus próprios enganos, em seu descuido e sua carência de controle. Mas o humor fácil de Savannah levou o aguilhão de seu fracasso, e o substituiu por uma lembrança que sem dúvida seria utilizado contra ele no futuro... E entretanto, inclusive a possibilidade de ser objeto de brincadeiras por este acontecimento, enchia-o de alegria em vez de temor. De conexão em vez de distanciamento. A risada de Savannah se acrescentou a sua própria alegria.

Quando a risada terminou, Savannah roçou seus lábios contra os dele.

— Eu gosto assim. Livre e cheio de senso de humor, e um toque de homem macho, só o justo para me manter em suspense.

Draigon fechou a distância quase invisível entre seus lábios, sua língua se introduziu em sua



boca, uma carícia, uma comunicação mais terna que as palavras comovedoras, uma união que os deixou perdidos em seu próprio mundo durante um comprido momento.

Os lábios de Savannah estavam inchados quando ele se afastou, seus olhos entrecerrados, sua face refletia a fome, e entretanto, demonstrava paz e comodidade. Com ele. Com a intimidade que logo compartilhariam. Beijou-a de novo, desta vez de maneira dura e rápida, e depois voltou sua atenção para o veículo primitivo para pô-lo de novo no caminho.

Savannah se debatia entre colocar mãos à obra e sujar-se mais, ou despir-se e lavar-se, quando Draigon se deteve frente à cabana. Saiu da caminhonete, mas antes que desse um passo ele estava ali, de pé diante dela em toda sua glória masculina.

Ela deu uma olhada, seu olhar fixando-se na impressionante ereção que se apertava contra a frente de seu jeans, e não pôde suprimir uma risadinha. Não pode resistir a dizer

— O que pensa, está preparado para a jacuzzi?

Ele não era tão rápido como Kye em captá-lo. Houve um cenho fugaz, que confirmou o que Savannah tinha concluído antes, que Draigon não devia ter-se afastado de sua isolada comunidade muito frequentemente, e depois apareceu o tênue raio de compreensão masculina. Um olhar ardente quando tomo sua mão e a colocou sobre sua ereção.

— Enquanto permaneça perto sempre estarei preparado para o que te agrada — Disse, sua voz profunda e rouca fez transbordar suas calcinhas com a excitação.

Ela riu e esfregou a palma de sua mão de cima abaixo sobre seu pênis coberto pelos jeans, deleitando-se com a forma imediata em que a expressão de sua face se esticou pelo desejo, enfocado nela por completo, o que fez que se sentisse como se fosse a única mulher no mundo para ele.

— Façamo-lo — Disse ela, e desta vez sua resposta foi imediata, segura, um eco de suas próprias palavras.

— Sim, façamo-lo.

Deixaram um rastro de roupa ao redor da lateral da cabana enquanto Savannah o levava a jacuzzi que seus primos e irmãos tinham construído, a água se esquentava automaticamente com a ajuda da energia produzida por uns painéis solares, a banheira estava realmente “funda”, já que os meninos tinham construído uma pequena plataforma a seu redor. *“Assim, tudo o que temos que fazer uma vez que as garotas estejam preparadas, é as levantar e sair atrás delas”*, disse um de seus primos a primeira vez viu o que tinham acrescentado à cabana.

Não é que ela fosse algo melhor. Tinha enchido a tina de água essa manhã, preparando-se para um pouco de ação com Kye depois de que retornassem da cidade.

Seu olhar se deslizou para baixo pelo duro corpo de Draigon, encontrando-o tão excitante como o de Kye. Seu sorriso se fez mais sensual quando seu pênis se balançou como saudando-a. Não podia dizer que lamentasse o fato de estar a sós com ele neste momento, em sua primeira vez juntos.

Draigon se manteve imóvel sob o escrutínio de Savannah. Seu olhar também se moveu sobre seu corpo nu. Pela Deusa, sua beleza quase o cegou. Tinha pensado alguma vez que os humanos eram menos que eles? Que não estavam abençoados por não ter asas?

Não havia nada frágil em sua companheira, e entretanto, sua carência de asas engendrava



tais sentimentos protetores nele, que não podia suportar a ideia de separar-se de seu lado. Não era de estranhar que os Fallon se encontraram frequentemente caminhando pela terra! Não era de estranhar que alguns deles ficaram!

E embora ele ainda mantinha a opinião de que a Terra era um planeta primitivo, a ideia de permanecer na banheira de hidromassagem... Uma experiência que não poderia ter em seu mundo, já que era difícil, se não impossível para a maioria, transmutar suas asas em Belizair, e cobrir seu corpo com o seu, banhar seu pênis nas profundidades quentes de sua boceta, enquanto o resto de seu corpo estava submerso em água quente, tinha seu pênis ereto, gotejando e insistindo a procurar sua acolhedora vagina.

Ela se aproximou dele, colocando os braços ao redor de seu pescoço. As mãos de Draigon se colocaram em sua cintura, atraindo-a, para que se tocassem, pele contra pele, pela primeira vez.

— Se continuar me olhando assim, vou explodir em chamas — Disse ela, acariciando seus lábios com os seus, deixando-o sem fôlego diante o puro prazer de abraçá-la... E de ser abraçado por ela.

— Talvez deveríamos entrar na água, então — Mas ainda assim, era resistente a deixá-la ir, embora queria explorar seu corpo mais a fundo. Querendo estar em lugar no que poderia acasalar-se mais facilmente com sua companheira.

Na caminhonete, Draigon tinha pensado em tomá-la imediatamente. Montá-la duro e rápido, para escapar da fúria de suas emoções enterrando-se em seu corpo. Mas quando entraram na jacuzzi e se moveram de novo, um nos braços do outro, o mundo que os rodeava reduziu o ritmo e os insistiu a reduzir a marcha também, e assim, desfrutar desta primeira união. Para que fosse algo mais que um acoplamento apressado.

Gemeu quando seus lábios tomaram os dela, quando suas línguas se esfregaram uma contra a outra, sua decisão anterior de explorar seu corpo se debilitou ao sentir suas úmidas dobras contra seu palpitante pênis, seus seios contra seu peito.

Draigon levantou sua boca da de Savannah, seu coração elevando-se pela alegria ao ver que seus olhos verdes brilhavam com tantas coisas. Felicidade. Aceitação. Antecipação. Desejo.

— Você já se transformou em meu mundo — Disse, com temor de que fosse muito cedo para essa confissão, mas incapaz de deter-se de dizer.

A surpresa percorreu Savannah, junto com um toque de reconhecimento, um déjà vu, recordou a conversa com a Krista no bar, a pergunta de sua amiga e sua própria resposta.

“Acha que o amor pode chegar depois de uns poucos minutos, depois da luxúria a primeira vista?”

“Sim. Acredito que é possível reconhecer a alguém com o que pode passar o resto de sua vida, e que ao mesmo tempo, seus hormônios estejam a toda marcha e deseje saltar sobre seu corpo.”

OH, sim. Pensava que era possível, ainda quando não estivesse preparada para admitir diante Draigon ou Kye, que eles se converteram na encarnação de cada uma de suas fantasias, e nem sequer podia contemplar a ideia de estar sem eles.

Savannah enredou os dedos no cabelo de Draigon e puxou sua boca de novo para a sua. Dizendo com o beijo, com a pressão de seu corpo contra o dele, o que ainda não podia dizer com



palavras.

Draigon permitiu que mais de seu peso se apoiasse contra Savannah, com seu coração trovejando em seu peito, no mesmo ritmo selvagem que palpitava através de seu pênis, enquanto sua língua se cravava dentro do calor úmido de sua boca. Sua mensagem tácita o atravessou, enchendo-o de esperança.

Ela o cativava. O fazia sentir tantas emoções diferentes, que frequentemente o afligiam. Deixavam-no incerto, desequilibrado, às vezes sentindo-se como um jovem inexperiente, e outras como um bárbaro pouco civilizado.

Savannah estava feita para ele. Tão certo como se a Deusa tivesse olhado além de Belizair, e tivesse encontrado a sua outra metade, a que daria o que nenhuma outra poderia dar. Filhos, sim. Mas estes se converteram em uma feliz consequência de formar um vínculo com o Savannah, e já não eram a razão principal para fazê-lo.

Estremeceu-se quando as mãos dela acariciaram seus ombros. Gemeu quando seu pé acariciou a parte posterior de sua perna, o movimento fez que sua pélvis se inclinasse, fazendo que seus rígido clitóris se esfregasse contra seu pênis.

— Desejo-o dentro de mim — Sussurrou ela quando seu beijo terminou, suas palavras lançaram uma ardente chama de necessidade de seu coração a seu pênis.

Draigon trocou de posição, encontrou o banco submerso e se inclinou para trás, colocando Savannah sobre ele. Recordou sua fantasia mais temprana de banhar seu pênis nas profundidades quentes de sua boceta, enquanto o resto dele estava rodeado de água quente, e só o orgulho masculino permitiu ordenar, em vez de suplicar.

— Tome, então.

Ela riu, sua risada rouca foi única advertência, quando ela fez o que tinha pedido, tomando seu pênis em sua mão, e dirigindo-o para sua entrada, lentamente se empalou em sua rígida longitude, fodendo a si mesma sobre ele, polegada a polegada, seu punho limitando a profundidade de sua penetração até que ele esteve resmungando, corcoveando, louco de necessidade por ela. Até que tomou o controle, colocando os braços de Savannah ao redor de seu pescoço, enquanto suas mãos se cravavam em suas nádegas e a sustentavam em posição. Sua boca se fundiu com a sua. Empurrou a língua contra a dela, enquanto reclamava a sua companheira de vínculo, engolindo seus gritos de liberação e enchendo-a com sua semente, com suas esperanças de futuro. O jorro de esperma como lava quente, só abriu as portas da paixão que sentia por ela.

Vadiaram na jacuzzi depois, acariciando-se, brincando, lábios que se separavam só para respirar ou para uma conversa silenciosa. Cada momento para sempre gravado em vermelho vivo na lembrança de Draigon.

Queria pedir que se vinculasse com ele, que aceitasse os braceletes que tinha criado para ela, que permitisse que a pusesse ao redor dos pulsos. Queria pedir que fosse a casa com ele. Mas sabia que era muito cedo, embora ele já estava completamente perdido nela.

A contra gosto deixou sua boca, deixou beijos em sua orelha, pescoço, e para baixo, a água quente foi um obstáculo repentino, um impedimento para o que desejava, o que necessitava. Saboreá-la. Explorá-la. Reclamá-la completamente.



Com um grunhido a levantou a colocou nas almofadas branqueadas pelo sol que cobriam a plataforma, sua mente se rebelava pelo pensamento de que ela pudesse ter estado ali com outros homens, que outros pudessem ter experimentado isto com ela. A Kye podia aceitar, menos a contra gosto agora que tinha visto a verdade da avaliação mais temprana de Kye, a necessidade de dois varões para manter segura Savannah enquanto permanecesse na Terra. Mas o pensamento de alguém mais, fez que Draigon se prendesse em um mamilo de Savannah, mordendo, chupando, lambendo. Agora de maneira agressiva. Querendo marcá-la. Desejando deixar um rastro tão profundo, que ela nunca recordasse a outro homem que tivesse estado com ela nesse lugar, e desta maneira.

Savannah se arqueou para Draigon, abrindo as pernas, estendendo-se de maneira dissoluta. Os lábios de sua boceta já estavam avermelhados, separados, cobertos por sua excitação.

A lembrança das palavras de seu primo a fez rir. OH sim, ela estava preparada. E queria que Draigon rodasse sobre ela.

Gemeu em protesto quando seus lábios deixaram seu seio e ele se deslizou para baixo, pondo distância entre seu pênis e sua boceta.

Enredou seus dedos em seu cabelo, preparada para arrastar Draigon para cima, até que sua boca encontrou sua fenda. Sua língua se moveu sobre sua carne inchada, aprofundando nela, fazendo que sua vagina se apertasse em uma tentativa desesperada de retê-lo, de puxá-lo dele mais profundamente.

As mãos de Draigon a mantinham em posição, impedindo qualquer possibilidade de escapamento, mas ela era uma prisioneira disposta. As sacudidas de seus quadris se uniram a seus gritos afogados, enquanto tentava foder a si mesma com sua língua, do mesmo modo que o tinha feito com seu pênis.

Ele grunhiu e tomou o controle, utilizando seu peso e força para mantê-la imóvel, enquanto sua língua e seus lábios a assaltavam, alternando entre impulsos e lambidas a sua fenda, a seus clitoris. Até que a teve ofegando, retorcendo-se e gritando em sua liberação.

A satisfação atravessou Draigon enquanto cobria o corpo de Savannah com o seu. Quando introduziu seu pênis dentro dela, a sensação era tão intensa que queria que permanecer imóvel, saboreando-a para sempre. Ansiava estar em Belizair, onde poderia mostrar sua forma verdadeira, onde poderia estender suas asas sobre eles quando fizessem amor. Mas quando ela envolveu seus braços e pernas a seu redor e sorriu, com os olhos cheios de satisfação feminina e desejo, ele se entregou ao momento. À necessidade. Seu corpo bombeou no dela, em uma dança tão antiga como o tempo, a um ritmo que não tinha fronteiras, que transcendia os universos. Os gemidos de Savannah se uniram a seus grunhidos. Seu orgasmo convocou o dele.

Capítulo 14

A preocupação apareceu no rosto de Jeqon, quando Kye entrou nas câmaras dos cientistas.

— Há algum problema com Draigon?



— Além do fato de que é provável que esteja acoplado com Savannah neste mesmo momento? — Disse Kye, fazendo depois uma careta e levantando uma mão para deter qualquer comentário de seu amigo — Não é o costume Vesti. Mas... Realmente aceitei que Savannah pertencerá a ambos, a Draigon e a mim. E se formos permanecer na Terra durante algum período de tempo, necessitarão dois homens para mantê-la a salvo. Estou em dívida com você por levar meu caso de maneira tão convincente. Se eu tivesse sabido de antemão que Draigon era seu companheiro segundo a lei do Conselho, não teria tido nenhuma esperança de que me aceitasse como Co-companheiro. Assim que tudo vai bem. Talvez melhor do esperado. Ela aceita a ideia de dois companheiros.

— Então, por que está aqui?

— Uma esperança para nossas mulheres — Disse Kye aproximando-se de Jeqon, e pondo sobre a mesa as embalagens que levava na mão. Decidindo economizar tempo e explicações reproduzindo mentalmente os acontecimentos da cafeteria, Kelleher e Vaccaro protegendo seus olhos, seus estranhos olhares, a divertida ameaça de Vaccaro ao Draigon a respeito de cortar as asas.

Jeqon pôs-se a rir, seus olhos brilhavam.

Os Baraqijal são mais sérios que a maioria dos Amato. Não me posso imaginar que Draigon se divertisse com a ameaça, especialmente provindo de um varão humano.

Certo, Draigon não chegou a desfrutar da Terra... E dos que vivem aqui, como você e eu temos feito. Falando de outros, teve notícias sobre os progressos de Lyan e Adan com a Krista?

Hoje voltaram para Belizair. As sobranças do Jeqon se juntaram. Draigon tinha a intenção de esperar sua chegada para conhecer a Krista e dizer que Savannah se uniria logo a ela na Winseka, não o fez?

Não falamos disso. Kye franziu o cenho brevemente e depois sorriu, recordando a chegada inesperada de Draigon à cena em que Savannah estava demonstrando sua habilidade com a corda. Savannah manteve a ambos ocupados. Se tivesse ocorrido, acredito que teria facilitado o caminho falando de Krista. Penso que estava estupefato com nossa companheira de vínculo.

O sorriso deu passo a uma expressão sombria.

— Não estou seguro de quão facilmente possamos convencer Savannah para que volte para casa conosco. Ela tem uma família grande na Terra, e são muito próximos. Não acredito que o Conselho, ou inclusive os outros que retornaram a Belizair com suas companheiras humanas, estejam a favor de permitir que se viaje de ida e volta à Terra, salvo aquelas viagens essenciais para nossa sobrevivência como povo. E sobre tudo quando há... Crianças envolvidas.

A expressão de Jeqon se escureceu.

— Como dizem por aqui, Onde há vontade, existe um caminho. Ainda é muito cedo — Centrou sua atenção nas embalagens, abrindo o primeiro e tirando a xícara, tocando a mente de Kye com o fim de verificar que Kelleher era o loiro-acobreado. *Ele atrairia a nossas mulheres*, disse Jeqon, *com asas se veria como um Amato.*

— Não posso recordar nenhum caso no que a sequencia Fallon se encontrou em um varão humano.

— Não houve nenhum, embora só provamos ao azar. Até agora, a maior parte das mulheres



que identificamos foram como Krista, meninas ou pessoas que perderam o contato com seus irmãos a uma idade muito temprana. Até onde eu sei, nenhuma delas tem parentes varões de interesse para nós.

Kye olhou enquanto Jeqon tomava a amostra de DNA da taça e aplicava uma substância líquida, antes de colocá-lo em uma máquina. Estava ansioso por escutar os resultados, mas tinha aprendido fazia muito que devia abster-se de pedir aos cientistas do Conselho que dessem detalhes técnicos. Fazer isto era um convite a uma dor de cabeça.

— Quererá comprovar os irmãos e primos de Savannah?

— Sim — Jeqon alcançou a segunda embalagem — Talvez, no que se refere a Savannah, possa usar em seu benefício a tarefa de obter as amostras.

Kye assentiu com a cabeça, não vendo nenhuma razão para negar o óbvio. Outros caçadores de recompensas poderiam ser adjudicados, mas teria mais sentido que ele e Draigon o fizessem. E se parte da família de Savannah também levava a sequencia genética Fallon...

Pela primeira vez, realmente apreciou quão bom poderia resultar ter Draigon como companheiro de Savannah de acordo à lei do Conselho. De que Adan fosse o Co-companheiro de Lyan ao reclamar a amiga de Savannah. Tanto o clã de Adan como o de Draigon eram antigos e respeitados, e contavam com muitos aliados.

Kye deixou que Jeqon fizesse seu trabalho, sabendo por experiência que o faria com mais rapidez sem distrações. Dirigiu-se a grande sala de estar de cristal e se colocou diante das janelas, olhando os veleiros e navios de pesca da baía.

Havia corpos de água similares a Belizair, mas nem os Vesti, nem os Amato se sentiam atraídos para eles, não da mesma maneira em que o estavam os humanos. Em Belizair, as asas fariam que muitos dos esportes e atividades aquáticos que se realizavam na Terra fossem impossíveis ou desagradáveis. E embora alguns ao longo da costa, capturavam pescado como um meio de vida, este era um manjar caro e não um dos pilares na dieta dos Amato ou dos Vesti.

Kye tentou imaginar a reação de Savannah a seu mundo, e outra vez, sentiu-se incômodo. Antes da chegada de Draigon, haviam passado a maior parte da manhã atirando a uma ampla variedade de latas e objetivos de papel com suas armas primitivas. E enquanto o faziam, Savannah tinha falado de sua família, dando de presente com aventuras e proezas que implicavam ao gado.

Isto ainda o assombrava e horrorizava. Esta ideia de utilizar valiosos recursos em criar criaturas vivas, só para as converter em uma substância alimentícia, que servia a menos pessoas para nutrir-se, pelo que teria sido se esses recursos se dirigiram de outra maneira. Sabia que era parte dos costumes humanos. Mas nenhuma das companheiras de vínculo que tinha conhecido estava implicada em tais atividades.

E entretanto... Tinha pego gosto ao frango frito do Coronel⁹. E quando tinha seguido Krista por todo o país, os sanduíches com salsichas e molho que ela comia com frequência, finalmente o tinham tentado a prová-los.

Pelas estrelas, sua boca se fazia água só de pensar neles.

O reflexo de Jeqon apareceu na janela, distraindo Kye de seus pensamentos sobre mantimentos. Deu a volta, pedindo... Desejando escutar a resposta tão claramente escrita na face

⁹ Referência a Harland David "Coronel" Sanders, fundador da cadeia de comida rápida KFC (Kentucky Fried Chicken).



de Jeqon. *São descendentes dos Fallon?*

Sim! Ambos, como predisse.

— O notificará ao Conselho?

— Serão informados dentro de pouco. Os outros cientistas estão repetindo meu trabalho agora. Quando suas conclusões se realizarem, e concordem com a minha, levaremos os resultados a Belizair, e discutiremos como proceder a seguir — A face de Jeqon ficou séria, pensativa — Mas teremos que fazê-lo com cautela. Não há nenhuma garantia de que este descobrimento ofereça uma diferença para nossas mulheres. Dirá só a Draigon?

Kye assentiu com a cabeça.

— Aumentar as esperanças de nossas mulheres, só para ter as esmagada depois, seria insuportável para todos nós.

— Assegurar-me-ei de que o Conselho saiba que é o responsável por este descobrimento.

— Obrigado.

— Ficará aqui esta noite? — Disse Jeqon, girando seu corpo, sua atenção já à deriva para as atividades que se estavam realizando nos laboratórios.

— Não. Irei à câmara de transporte da Serra e reclamarei um dos automóveis, assim como roupa adicional para Draigon e para mim. Depois voltarei para Reno e verei o que posso fazer para ajudar Savannah na investigação em que nos envolveu.

Jeqon pôs-se a rir, com sua atenção completamente em Kye de novo.

— Tome cuidado e trate de não fazer nada para recordar ao Conselho que é o primo de Lyan.

— Suponho que deveria ter deixado uma chave baixo uma das almofadas ou ter deixado a porta traseira aberta — Disse Savannah, enquanto caminhavam ao redor da cabana, agachando-se para recolher a roupa que tinham ido descartando pelo caminho.

Draigon riu entre dentes, quando ouviu esse som, ela fez uma pausa e olhou para trás por cima do ombro, abrindo amplamente os olhos diante a visão de seu pênis, que estava cheio de novo.

— Estou impressionada — Disse, lambendo seus lábios e fazendo que o pênis dele se sacudisse ao imaginar a boca de sua companheira de vínculo no lugar que estava admirando.

Ela soltou uma risadinha, sem dúvida muito consciente de seus pensamentos, seus olhos brilhavam, tanto por diversão como por intenção sexual, enquanto redigiria sua atenção, para agachar-se e recolher seu sutiã, o movimento fez que o olhar de Draigon fosse para o lugar onde suas pernas, ligeiramente musculosas, uniam-se em uma vulva inchada, parcialmente aberta, em uma oferta sedutora para outro beijo, ou para outra fodida com sua língua.

Draigon gemeu e tomou a si mesmo com a mão, quando o fogo se arrastou por seu eixo, e sua bolas se esticaram, pesadas outra vez e cheias de semente. Seu olhar subiu dos lábios inferiores femininos às cremosas nádegas e a fenda entre elas.

A luxúria o atravessou diante a ideia de estender essas deliciosas bochechas e tomá-la analmente. Uma forma comum de fazer amor em Belizair, mas pouco praticada na Terra, se tinha



entendido bem o material que estudou em sua preparação prévia para reclamar a sua companheira de vínculo.

O ciúmes chegaram, igual a quando tinha reclamado Savannah sobre as almofadas ao lado da jacuzzi, uma possessividade que o fazia perguntar se algum homem humano a tinha tirado dessa forma. Se Kye o tinha feito.

O agarre de Draigon se apertou em seu pênis. Sua outra mão apertou em um punho a roupa que tinha recolhido. A palma de sua mão encontrou o tubo diminuto que Jejon tinha entregue antes de deixar Winseka.

Durante um momento, sentiu como se o tempo se deteve, como se até seu coração o tivesse feito. O aspecto impreciso do calor de sua intenção se chocava com os meios a utilizar para ter o que queria.

Draigon liberou seu pênis com o fim de procurar o tubo de azeite ritzca que estava no bolso de seu jeans. Então deixou cair a odiosa roupa terrestre no chão. Aproximou-se rapidamente de Savannah, enquanto ela permanecia agachada, tentando alcançar sua roupa interior de renda.

Seu braço se moveu ao redor de sua cintura, sua mão foi infalivelmente para seu montículo, e seus dedos encontraram o que seus olhos já tinham mostrado. Carne feminina, úmida e inchada.

— OH, Deus — Disse ela, estremeando-se, excitada, separando suas pernas e empurrando seus clitóris contra a palma de sua mão, de forma que ele pudesse enterrar as pontas de seus dedos em sua vagina apertada.

— Não — Ordenou ele, quando ela começou a endireitar-se e levantar-se. Seu pênis pulsou quando ela obedeceu. Uma fina capa de suor se uniu à água do banho que ainda permanecia sobre sua pele. A paixão de Savannah o queimava vivo.

Ele se inclinou, e beijou a parte posterior de seu pescoço, e os ombros, seu pênis pulsava, urgindo-o a tomá-la, enquanto seus lábios se arrastavam sobre o lugar no que Kye a tinha marcado.

Draigon arrastou seus nódulos para baixo pelas costas de Savannah. O tubo absorvia o calor de seu punho, embora isto não fosse necessário.

O azeite ritzca se esquentaria no momento que tocasse a pele. Suas propriedades se liberariam com o contato, lubrificando a entrada traseira de Savannah, fazendo-a mais consciente de cada terminação nervosa e acentuando a necessidade de uma liberação sexual.

Apertou o braço ao redor de sua cintura e enterrou seus dedos mais profundamente em sua boceta, com o fim de evitar que se afastasse. Então abriu o outro punho, que roçava sua coluna vertebral, o suficiente para liberar dois dedos e entretanto continuar segurando o tubo, com esses dedos roçou a fenda de seu traseiro, antes de empurrar entre as bochechas e borderar a pele franzida que rodeava seu ânus.

Ela se sacudiu contra ele, mas não lutou, não protestou. E ele se atreveu a dizer o que estava pensando.

— Terei-a por aqui agora.

Savannah gemeu em resposta, com sua boceta fechando-se e abrindo-se sobre os dedos que ele tinha dentro dela. Sua excitação alagou sua mão, enquanto a luxúria os atravessava aos dois.

A mão de Savannah cobriu a dele, fazendo que palma se pressionasse mais contra seus



clitóris.

— Na cama — Disse, as palavras foram só um ofego, embora foram um grito na mente de Draigon.

Soltou-a, mas só o suficiente para entrar na cabana. Ela caiu na cama, sobre suas costas, a mão de Draigon se dirigiu novamente a seu montículo, cavando-o, embora desta vez, seus dedos só permaneceram em sua fenda durante um momento, só o tempo suficiente para rodear-se de sua umidade, antes de mover-se a seu ânus. Suas pernas estendidas e sua expressão excitada agitou à besta que Draigon não reconhecia em si mesmo.

— Fez isto antes? — Grunhiu ele. O ciúmes e a possessividade o atravessaram. Ameaçando roubar seu prazer.

Os olhos de Savannah se alargaram ligeiramente. O entendimento vacilou neles. A surpresa.

— Uma vez. Mas foi bom para mim — Um sorriso brincou na face de Savannah, encontrando um pequeno lugar para aninhar em seu peito, alargando-se quando disse — Acredito que você pode fazê-lo melhor.

Em um instante, a onda selvagem de emoções trocou de forma, convertendo-se em confiança masculina e um desafio arrogante. Desafiava a qualquer outra recordação a permanecer, depois de que ele tivesse terminado com ela.

Draigon abriu o tubo e afastou a mão do corpo de Savannah, cobrindo os dedos com azeite ritzca. Seu palpitante pênis, já esperava o que aconteceria o transistasse seu caminho por sua entrada traseira, primeiro a cabeça de seu pênis e depois seu eixo se saturariam com o azeite. Então, a sensação se intensificaria para ambos, a dor e o prazer se misturariam em um momento de necessidade deliciosa e agonia.

Pela Deusa. Poderia morrer na Terra ao fazer amor com sua companheira de vínculo!

O peito de Savannah se encheu de uma terna emoção, enquanto olhava o passar das expressões que cruzavam a face de Draigon. Ele era uma fascinante contradição. Um quebra-cabeças que ela poderia passar toda uma vida tentando armar. Uma dependência sexual da que não tinha nenhum interesse de curar-se.

Colocou os braços ao redor de seu pescoço, e o atraiu para ela, dando a bem-vinda a seu beijo, enquanto ela tentava de não esticar-se quando seus dedos acariciaram seu ânus. Um calor inesperado queimou através do escuro orifício.

Ela se arqueou, engolindo seu grunhido de triunfo e prazer. Seu corpo se amotinou, seu coração estava acelerado, galopante, e suas pernas cada vez mais separadas, permitindo um melhor acesso para que pudesse prepará-la, enquanto cada terminação nervosa ganhava vida. Exigindo ser cheia.

Em poucos segundos esteve suplicando, dando a bem-vinda à invasão de seu pênis, esforçando-se por tomar mais dele, lançando um grito quando ele se introduziu nela, estirando-a. O rosto de Draigon era uma máscara de dura necessidade masculina, sua respiração irregular e entrecortada, igual à dela.

Draigon ficou imóvel quando esteve completamente em seu interior, seu olhar se encontrou com o dela com uma possessividade inequívoca, suas palavras foram um eco das de Kye.

— Reconhece que me pertence.



— Pertenço — Disse Savannah, necessitando tanto o que ele tinha para oferecer, que ela não podia brincar, só exigir. Suplicar.

— Agora foda-me. Por favor.”

E ele o fez, deslizando-se dentro e fora de seu buraco quase virgem, até que ela esteve gritando, gozando. Suas unhas arranharam suas costas e o levaram sobre a borda com ela.

Kye estacionou no nível inferior da garagem que estava frente ao bloco de apartamentos do Furão. Realmente não esperava encontrar alguma prova quanto à identidade do franco-atirador ao que tinha matado aquele primeiro dia. Mas até este momento, não tinha tido a liberdade de retornar a investigar, embora a imagem da arma primitiva do franco-atirador e a facilidade com a que Savannah poderia ter morrido, eram um horror que não esqueceria facilmente.

Usou a escada aberta para chegar ao andar superior da garagem, movendo-se com cautela, silenciosamente. A tênue iluminação que havia tanto no oco da escada como na garagem, eliminava a máscara de escuridão que o céu noturno teria imposto de outro modo. Havia carros de todo tipo no edifício, e Kye só podia mover a cabeça com assombro pela quantidade de espaço que se requeria para protegê-los do sol, e para o fácil acesso para o uso de seus donos.

Se a pessoa de Belizair utilizasse estes veículos, seu mundo logo estaria tão poluído como partes da Terra já o estavam. Seus recursos naturais desapareceriam sob o ataque de uma tecnologia que deixaria um açougue ambiental a seu passo. Isto faria que sua gente perdesse o contato com o mundo natural que os rodeava, e deixassem de cuidar deste.

O deus dos Vesti era um deus errante, suas crenças eram simples comparadas com as dos Amato. E entretanto, uma crença era compartilhada por ambas as raças. Tinham que cuidar de Belizair. Não fazer nada para danificá-lo. E em troca, Belizair protegeria a aqueles que vivessem ali. Fazendo-os impermeáveis aos ataques de forças externas. Ou ao menos tinha sido assim antes do vírus Hotaling.

A maior parte do trabalho de um caçador de recompensas, era proteger os trabalhadores Vesti e Amato e seus interesses em outros mundos. Onde os produtos, como o azeite ritzca Vesti, e o material sedoso utilizado para fazer os objetos de vestir eram produzidos e criados.

Em Belizair, não havia um feio crescimento de plantas de fabricação ou armazéns, edifícios de escritórios ou gigantescos centros comerciais. Seu planeta era um paraíso. Mantido na simplicidade, em harmonia com a natureza que os rodeava. Seus habitantes saíam durante temporadas para trabalhar ou explorar, mas nunca de forma permanente, a não ser que a morte os surpreendesse. E mesmo assim, a maioria acreditava que seus espíritos voltariam para Belizair.

Kye saiu do oco da escada, atento à presença de outros e ao perigo que isso pudesse representar. Mas tudo o que o saudou foi o som do rangido de restos de papel, e copos de bebidas para levar, movidos pelo vento. O rangido sutil e estalo do esfriamento de um motor. O aroma de óleo e concreto. Borracha e gasolina.

Moveu-se para a parede baixa, e olhou o edifício de apartamentos do Furão, vendo em sua imaginação o ponto onde tinha estado estacionada a caminhonete de Savannah, para depois caminhar até chegar ao ponto onde tinha estado o franco-atirador. Não havia rastro dele, ou de



suas armas. Mas Kye não tinha esperado que o houvesse. Não aqui. Não neste lugar. As pedras Ylan não teriam deixado nada visível.

Kye olhou a seu redor, vendo as coisas como o franco-atirador as teria visto. Obrigou a seus pensamentos a converter-se nos de um franco-atirador.

Da garagem, o apartamento do Furão não era visível. Mas sim o tinha sido a caminhonete de Savannah. E inclusive agora, na escuridão, a rua entre o estacionamento e o edifício estava ocupada, a diferença das ruas quase abandonadas ao redor do The Dive.

Teria sido arriscado estacionar na calçada, esperar uma oportunidade para disparar e depois incorporar-se ao tráfico sem ser visto. Entretanto, da garagem... Sobre tudo se o aspirante a assassino tinha a intenção de esperar que Savannah entrasse na caminhonete, e se, especialmente, tinha um silenciador unido a sua arma...

O assassino poderia ter colocado a arma sobre o porta-malas de seu carro e escapar, possivelmente inclusive a pé, na confusão que se produziria quando os transeuntes se dessem conta que se produziu um assassinato. Ou mais provavelmente, dois assassinatos.

Duvidava que o assassino o tivesse deixado com vida. Não quando ele não podia estar seguro de que Savannah poderia ter dito.

Kye deu a volta e se concentrou nos carros que estavam perto de onde estava parado. Um sorriso se formou em seu rosto quando viu a caminhonete que estava imediatamente diante dele.

Sua altura teria evitado facilmente que o franco-atirador fosse visto, e teria dado o tempo suficiente para ocultar uma arma, se fosse necessário. Com uns passos, o rifle poderia ter sido guardado sob os assentos.

Kye se aproximou, e olhou através dos vidro escuros da caminhonete. E encontrou o que procurava. Talvez. O estojo de um rifle, embora não podia estar seguro.

Uma pequena risada escapou quando recordou a advertência de Jegon. Tome cuidado, e trate de não fazer nada para recordar ao Conselho que é o primo de Lyan.

Não pela primeira vez desde que conheceu Savannah, admitiu que talvez, parecia-se mais a seu primo do que tinha pensado antes. Se estivesse absolutamente seguro que a caminhonete pertencia ao franco-atirador, e se pensasse que obteria informação importante, não duvidaria em forçar o veículo, inclusive sabendo que deixaria suas próprias impressões digitais ao fazê-lo.

Mas ainda se atrevia a irromper no veículo, não teria acesso aos arquivos de impressões digitais que tinham os humanos, para propósitos de identificação. Nem tampouco tinha o material necessário para recuperar os rastros da caminhonete.

Só tinha um pressentimento. A imagem rápida do homem que tinha matado. Sua cara parcialmente oculta pela arma, embora Kye acreditasse que o homem era um dos irmãos Abrego.

Decidiu memorizar a matrícula, a marca e o modelo da caminhonete.

Daria esta informação a Vaccaro ou Kelleher diretamente, ou faria que Savannah o fizesse. Teria que pensar em uma história para fazer que se interessassem nesse veículo, já que não havia nenhum corpo, nenhuma arma, ou nenhuma evidencia clara de um franco-atirador.

Kye voltou sobre seus passos à escada. Duvidando. Tentado a voltar para a caminhonete. Com medo a que esta desaparecesse, embora não tinha nenhuma prova que esta tivesse algo que ver com o homem que tinha matado. Tratou de afastar suas dúvidas a favor da lógica em que



apoiava suas ações. Mas ao chegar ao nível inferior da garagem e ao carro do Conselho, agora equipado com os instrumentos que tinha encontrado úteis servindo aos interesses dos cientistas como caçador de recompensas, sua resolução se decantou a favor de um dito da Terra, que bem poderia ter sido criado por seu primo. É mais fácil ganhar o perdão que conseguir a permissão.

Tomou um pequeno arame fino do carro e retornou à caminhonete, a satisfação e a justificação o encheram, quando recuperou da caminhonete uma mala preta de plástico que estava debaixo do assento, e ao abri-la, viu um contorno aveludado, a prova de que tinha agasalhado uma arma.

Tomou uns momentos para revista o resto do veículo. Mas além dos papéis de registro com o nome de uma empresa desconhecida, a caminhonete estava irrepreensível. Meteu-se os papéis em um bolso e fechou com o seguro as portas, antes de voltar outra vez sobre seus passos, só para ficar rígido quando se encontrou os dois policiais do Antidrogas, rondando perto do lugar no que estava estacionado seu carro.

Creech, com a face vermelha apesar da refrescante noite, apoiava-se em um carro próximo. Mastrin, que tinha chamado Kye “guarda de segurança”, esperava na base da escada, com a jaqueta aberta e a mão sobre sua arma de fogo.

— Bom, bom, bom, Não é o menino bonito de Holden?

Capítulo 15

Savannah estava de lado, frente a Draigon, admirando os duros traços de seu rosto, seu nariz aristocrático, os cheios lábios masculinos e a queda seu cabelo ondulado, esparsos sobre os travesseiros. Deus, era formoso. Tão magnífico como Kye. E igual de aditivo.

Seus dedos fizeram círculos preguiçosos em seu peito, aproximando-se de um endurecido mamilo masculino, para depois afastar-se. Seu sorriso cresceu quando ele se queixou e tomou sua mão, cobrindo seu mamilo com esta, o verde brilhante de seus olhos era visível por debaixo de suas pestanas.

Ela puxou sua mão e ele a soltou quando ela se inclinou, pressionando sua boca contra a dele, seguindo a comissura de seus lábios com a língua, persuadindo-o para que abrisse a boca para ela. Para dar a bem-vinda ao beijo, à exploração lenta de língua contra língua, enquanto sua mão percorria seu corpo para baixo, fazendo uma pausa para explorar os músculos tensos de seu abdômen antes de continuar.

Ele já estava semiereto, mas seu pênis saltou em saudação quando sua mão chegou até ele, encheu-se de sangue quando Savannah rodeou com seus dedos a carne quente, acariciando-o. Acima e abaixo. Para cima e baixo, até que seus quadris se levantaram da cama, sua língua esfregando-se agressivamente contra a dela, preparando-se para fazer uma demanda para que cedesse o controle, e permitisse cobrir seu corpo com o seu, uma demanda que ela não seria capaz de recusar, se permitido chegar tão longe. Com uma risada rouca, ela terminou o beijo.

— OH, não, tenho algo planejado.



Savannah ficou de joelhos e disse

— Se deslize desta forma — A antecipação se precipitou através dela, quando permitiu que recolocasse seu corpo para poder ajoelhar-se sobre ele, oferecendo seu seio, enquanto ela atormentava seu mamilo com sua língua e lábios.

Gemeu quando a boca de Draigon tomou seu oferecimento, seu mamilo estava sensível por toda a atenção que tinha recebido. A sensação da língua e a boca de Draigon a fazia sentir como se um fio ardente passasse desde seu seio a sua boceta. Sua sucção a fazia balançar-se na fina borda entre a dor e o prazer. Cada puxão em seu mamilo fazia que os músculos de seu canal se esticassem e afrouxassem, cada toque de sua língua fazia pulsar seus clitóris, e o conjunto a fazia arder por dentro, revestindo sua pele de um ligeiro suor brilhante, de modo que quando ele gemeu e a insistiu a dirigir-se para baixo, ela não resistiu.

Draigon estremeceu quando os lábios de Savannah brincaram em seu caminho para seu eixo. Nunca tinha pensado em morrer de prazer, mas sua companheira de vínculo o estava matando com seus cuidados.

Sacudiu-se quando sua suave boca finalmente tocou a cabeça de seu pênis, gritou contra os úmidos lábios de sua boceta, quando sua língua rodeou a ponta de seu pênis, empurrando sua própria língua em sua boceta e depois movendo a seus clitóris, imitando seus movimentos na cabeça de seu pênis, sugando o botão inchado quando ela tomou em sua boca e fez o mesmo com ele.

A luxúria era um rugido que apagava todo pensamento, uma corrida que não deixava espaço para nada, exceto as sensações, um desejo feroz que exigia tudo. Ele se afogou em sua perfumada excitação, ardeu em seus braços, entregou-se completamente a Savannah, ainda quando se deleitava do modo que ela entregava tão livremente à paixão, a ele.

Kye obrigou a seu corpo a relaxar-se diante a presença dos dois policiais do Antidrogas. Não confiava neles. Não gostava. E entretanto, não podia permitir-se chateá-los.

Eles poderiam matá-lo com suas armas primitivas se dava a oportunidade. Ou poderiam atrasar sua volta para Savannah com uma viagem a delegacia de polícia, se permitia incitá-lo a dizer algo, ou a fazer algo pelo que eles pudessem apresentar queixas. Kye decidiu não fazer caso, tentar de chegar a seu carro sem uma confrontação.

Mastrin e Creech fecharam filas, bloqueando seu caminho.

— Onde está sua namorada? — Perguntou Creech, apertando sua mandíbula.

Kye encolheu os ombros e mentiu.

— Não sei onde está neste momento.

Creech zombou.

— Talvez está escondida em algum quarto de hotel, junto ao outro menino bonito que escutamos que se uniu a ela.

Kye ficou rígido, seu corpo inteiro gritava pelo ultraje, pelo desejo de fazer pedaços ao policial que tinha frente a ele, por falar de Savannah de uma forma tão insultante. Só sua formação, seu tempo servindo ao Conselho, permitiu não ceder à emoção. A visão tanto de



Mastrin, como de Creech esticando-se, como se esperassem que ele os atacasse e desse uma razão para detê-lo ou matar, proporcionou a Kye uma razão adicional para abster-se de ações violentas. Mas isto não esfriou a cólera que o atravessava.

Mastrin começou onde seu companheiro tinha acabado. Seu sorriso era um gesto que não alcançava seus olhos.

— Cada ruiva com a que estive foi como uma égua selvagem na cama. Mas nunca tive que pedir reforços.

Kye considerou suas opções. Não daria as costas a nenhum dos homens, e suspeitava que eles seguiriam bloqueando seu caminho se tentava passar a seu lado. Não queria matá-los, tampouco pensava que uma ameaça dando conta de sua conduta trabalhasse a seu favor. A conversa se apagou sozinha e utilizou o passar do tempo como uma arma.

— Se tiverem terminado de divertir-se a minha custa, possivelmente possam me dizer por que estão aqui — Disse Kye, quando ouviu o som de um carro que entrava no estacionamento e se dirigia para onde estavam.

Creech trocou a postura, olhando sobre seu ombro para onde os feixes de luz iluminavam a parede. Mastrin disse

— Boa pergunta. E eu poderia perguntar o mesmo — Os olhos do policial foram ao estojo na mão de Kye, estreitando os olhos — O que há dentro?

— Nada. Está vazio.

O corpo de Mastrin se esticou, voltando sua postura mais agressiva.

— Então não se importará abri-la e permitir que o vejamos por nós mesmos.

— Têm uma ordem judicial? — Perguntou Kye, agradecido de ter se preparado bem para seu trabalho na Terra.

— Podemos te levar a Central — Ameaçou Creech.

— Se decidem fazê-lo, não posso detê-los.

A frustração cruzou o rosto de Creech. Ele e Mastrin trocaram olhadas, uma mensagem silenciosa passou entre eles, antes que Creech dissesse

— Olha, começamos com mau pé aqui. Não temos problemas com você. Mas sim com sua namorada. Ela está estragando uma investigação que temos em marcha. Inclusive hoje, quando se supunha que devia estar de férias, cada vez que nos damos a volta, de repente, ela esteve ali, fazendo perguntas, e pondo às pessoas nervosa. Simplesmente queremos que pare antes de fazer que as coisas se danifiquem completamente e se veja apanhada no fogo cruzado. Porque agora mesmo não sabemos até que ponto chega o que estamos investigando. Não sabemos quão se desesperadas vão pôr os sujeitos, nem se forem disparar primeiro e perguntar depois. Entende onde quero chegar? Diga que passaremos por cima sua saída de hoje, e não faremos nada mais, se só recordar que se supõe que deve estar de férias.

Mastrin assentiu e adicionou

— Olha, ela é formosa. Se não fosse uma dor no traseiro, eu mesmo consideraria pedir sair comigo. Por que não fazer disto algo vantajoso para todos nós? Talvez possa mantê-la na cama por um par de dias, mantê-la a salvo e desfrutar fazendo-o. Quero dizer, nossa! Um homem pode passar um dia inteiro admirando seus seios... — Interrompeu-se quando viu Kye esticar-se —



Certo, certo. Ouça, sem ressentimentos — Baixou o olhar à caixa contra a perna de Kye — Tem isso algo haver com o destroço do apartamento de Ricky Nowak?

— Não — Disse Kye, seu tom emparelhado ao dos dois homens, como se em efeito não houvesse nenhum ressentimento — Savannah disse a verdade. O apartamento já estava saqueado quando chegamos, e não tocamos nada.

Creech exalou um suspiro forte de ar.

— Está bem então, já terminamos aqui.

Savannah despertou, imediatamente alerta, embora não podia recordar ter ficado adormecida depois de tomar banho e de voltar a deitar-se. Um motor rugia na distância, o som chegava no silêncio da noite, acelerando os batimentos de seu coração. Mas quando começou procurar sua roupa e sua arma, Draigon riu, apertando momentaneamente seu braço e sustentando suas costas contra seu peito.

— É só Kye — Disse, com voz tão segura que ela não o questionou, e entretanto, como podia estar tão seguro?

— Não ouvi o som do telefone — De fato, agora que o pensava, não tinha visto que Kye ou Draigon levassem um celular, e o seu estava recarregando-se na cozinha.

Draigon fechou os olhos brevemente, sepultando sua face contra o pescoço de Savannah, acariciando com o queixo sua pele suave, beijando-a, amaldiçoando-se por ter esquecido quão inteligente era, enquanto tentava distraí-la de sua linha de pensamento. O alívio o atravessou quando ela riu, quando deu a volta em seus braços e se arqueou, expondo a longitude de seu pescoço, e seus seios, nus e tentadores, tão exuberantes que nunca deixariam de chamar a atenção de Draigon para eles.

Beijou um caminho para baixo por sua garganta, sem incomodar-se em brincar com uma aproximação lenta, e sim indo diretamente a seu muito querido mamilo, tomando-o e sugando-o, dando um banquete, engolindo seus gemidos de prazer, buscando-os para encher-se deles, da mesma maneira que um dia seus filhos os buscariam por seu leite.

Ele não tinha tido a intenção de tomá-la. Que Kye se aproximasse deles enquanto estavam em algo íntimo, e entretanto, algo primitivo encheu Draigon, exigindo que a reclamasse da maneira das bestas, não dos homens.

Com um grunhido, elevou-se por cima dela, usando sua força para sustentá-la, de maneira que sua boca pudesse permanecer em seu seio, enquanto a empalava com um impulso duro e rápido, fodendo dentro e fora dela, de uma maneira que a fez gemer de prazer.

Soube o momento em que Kye entrou na cabana. Pôde sentir a mistura selvagem das emoções Vesti, junto às suas próprias. E isto alimentou a necessidade de dominar Savannah, reclamando-a até que ela gritou em seu orgasmo, e sua semente ardente saiu através de seu pênis, sua liberação tão violenta que paralisou na cama ao lado dela, fraco além de toda imaginação. Muito fraco até para pensar, ou protestar, quando viu o corpo de Kye cobrir Savannah, e o pênis do Vesti empurrar no mesmo lugar no que ele acabava de estar.

Savannah envolveu as pernas ao redor da cintura de Kye, seu corpo assinalando que



necessitava isto tão desesperadamente como tinha necessitado de Draigon fazia só um momento.

— Vocês dois me transformaram em uma ninfomaníaca — Disse ela com uma risada, e a neblina vermelha deixou a mente de Kye. A razão voltou, a aceitação. O rugido primitivo de seus antepassados em duelo com a sensação de sua vagina, com suas palavras roucas. Não tinha gostado de ver Draigon cobrindo Savannah, fodendo-a. Mas era impossível permanecer zangado em sua presença. Pensar em algo mais que acasalar-se com ela.

Pelas estrelas, embora tinha sido tomada repetidamente, sua boceta era um punho ao redor de seu pênis, extraíndo tudo o que ele tinha que oferecer.

— Savannah — Sussurrou, abraçando-a mais fortemente, enquanto se inundava dentro e fora dela, sua boca dirigindo-se para a sua, engolindo avidamente seus suspiros e gemidos, a intensidade das emoções e sensações físicas que não deixaram espaço para a doçura. Só havia uma corrida selvagem e dura para o final. Ao êxtase. A ser um com ela. Uma liberação que o deixou tremulo, seus músculos moles, seu coração trovejando em sua cabeça.

Kye estremeceu quando Savannah passou as unhas pelas costas e por cima de suas nádegas, grunhindo quando o mordeu no queixo, e riu quando ela murmurou

— É melhor que saia de cima, Batman. Por muito que eu gostaria de te comer, necessito algo mais nutritivo — Fez ênfase na declaração mordiscando seus lábios — E a menos que o grande sexo me faça ter alucinações, posso cheirar comida chinesa. Trouxe?

Ele deu a volta, levando-a com ele para pô-la ao longo de seu corpo.

— Sim — Desta vez foi o turno dele para fazê-la estremeecer, quando roçou com suas unhas ao longo de suas costas e suas nádegas — Queria me assegurar que esteja bem alimentada para a noite que temos pela frente — Disse Kye, com seu pênis agitando-se. Um desejo alheio a sua natureza invadiu seus pensamentos, junto às imagens de tomá-la de novo diante de Draigon. De demonstrar sua reclamação por ela em frente do outro homem. E na base dessa necessidade, chegaram os pensamentos de compartilhá-la. De tomá-la juntos em um verdadeiro trio.

Kye a beijou, abraçando-a, antes de colocar suas mãos suavemente sobre seus lados.

— Vai ter que se levantar por sua conta. Não sou capaz de te afastar de mim.

Savannah riu e baixou a cabeça, roçando seus lábios contra os dele, antes de rodar para um lado e sentar-se na borda da cama.

— Tomarei primeiro uma ducha.

Tomou banho rapidamente, colocando uma tanga negra e uma das camisas que tinha comprado para Kye, uma verde que fazia jogo com seus olhos e os dela, e agora com os de Draigon também. Por alguma razão, o pensar que todos tinham essa característica em comum a fez sorrir. Infernos, a quem queria enganar? Eles provocavam seu sorriso. E era mais que um grande sexo, mais que ter sua fantasia favorita ao fim em seu quarto, contra o lateral da caminhonete, na mesa da cozinha, e... Savannah riu. A lista poderia continuar para sempre com Kye e Draigon como inspiração.

Saiu do banheiro e encontrou Draigon e Kye já tinham posto a mesa. Deteve-se diante o balcão da cozinha, só o suficiente para olhar em seu celular e comprovar as mensagem em seu correio de voz. Seu olhar pousou em um estojo de rifle e em uns papéis de registro de um veículo, caso que pertenciam a Kye, e perguntando-se pelo nome nos papéis, Investimentos Wray, antes



de concentrar-se nas poucas mensagens que havia, com a esperança que o Furão tivesse chamado. Não o tinha feito. Savannah deixou o telefone no balcão e se uniu a Kye e Draigon na mesa. Eles encheram seus pratos, silenciosos durante os primeiros minutos enquanto comiam.

Deveria sentir-se completamente aniquilada por todo o sexo, unido ao feito de ter estado percorrendo Reno, perguntando pelo Furão e as moças, além de sua briga com os irmãos Guzmán... E não é que ela tivesse tido um montão de ação nessa briga. Mas em vez de estar esgotada, Savannah sentia uma satisfação absoluta, uma satisfação na alma que irradiava ao exterior e parecia empapar cada célula. Tão absurdo como parecia, tão louco como soava, agora que Kye e Draigon estavam em cena, sentia como se tivesse encontrado seu lugar no esquema das coisas. O que não era uma conclusão lógica, dado que se estava escondendo em uma cabana, e não estava muito mais cerda de voltar para suas rondas regulares como polícia.

Uma pequena preocupação entrou em sua mente sigilosamente, diante o pensamento de seu trabalho. Sobre a realidade que a esperava depois de que esta confusão ficasse para trás. Sua conversa com a Krista voltou para perturbá-la.

Então, o que te detém? Tem medo que o Diretor de sua escola descubra e te despeça por faltar à moral?

Sim, algo assim.

Savannah estudou Kye durante um momento e voltou sua atenção para Draigon. Eles não estavam aqui só para a festa. Estavam por algo a longo prazo. Ela o sentia. Acreditava. Tudo o que haviam dito e feito o confirmava. Isto não era casual para eles. Estavam jogando para conservá-la.

A boa vontade de Kye para compartilhá-la, quando era algo que nunca antes tinha feito, era parte da prova. A natureza séria de Draigon, seu exterior rígido que permitiu que ela desentupisse, expondo sua vulnerabilidade, era outra peça das provas. Teria apostado seu cavalo favorito que Draigon não permitia a muitas pessoas ver o homem que ela tinha vislumbrado na caminhonete quando sua sessão de beijos tinha terminado abruptamente, homem que riu de si mesmo até que as lágrimas caíram por sua face.

Savannah suspirou e olhou para baixo. Tomou um rolo de verduras e o impregnou em mostarda quente. Se sugeriam viver juntos, quanto tempo passaria antes de que se fizesse evidente para outros que não eram só companheiros de quarto? E que significaria isso, não só para suas possibilidades de subir a detetive, mas também para ficar como policial?

Justo ou injusto, esperava-se que os policiais vivessem suas vidas regendo-se pelos padrões mais altos. O departamento, poderia não despedi-la por viver com dois meninos que também eram seus amantes, mas isso não significava que não iam instigá-la a partir. Havia muitos trabalhos na polícia que não tinha nenhum interesse em fazer. Trabalhos que fariam muito difícil conseguir sua placa.

Suspirou, recordando a conversa que tinha tido com algumas de suas primas, sobre o muito que estariam dispostas a renunciar por um bom homem, o homem perfeito, como se tal criatura existisse. Savannah tomou um bocado do rolo de verduras, estudando de novo Kye e Draigon. A quanto estaria disposta a renunciar por estar com ambos?

Kye estendeu a mão para ela e alisou a pele entre suas sobrancelhas.

— O que está pensando? O que te preocupa?



Savannah tentou encolher os ombros, e deixar o futuro a um lado.

— Só pensava em Krista — O que era certo em parte. Os pensamentos sobre Krista a tinham levado a pensar nos problemas potenciais em sua carreira profissional, que chegariam devido Kye e Draigon.

Kye sorriu, e imediatamente o estado de ânimo se aliviou em Savannah.

— Não tem nenhuma necessidade de preocupar-se por seu amiga. Ela está segura e bem cuidada. Draigon pode te dar testemunho deste fato. Presenciou a chegada de Krista quando ele partia para vir aqui.

— A chegada da Krista aonde? — Perguntou Savannah, sua atenção movendo-se para Draigon, e vendo a careta de Kye pela extremidade do olho.

Draigon acariciou a suave pele do dorso da mão de Savannah, movendo-se para cima, envolvendo os dedos ao redor de seu pulso, lamentando que não fosse seu bracelete, a que tinha criado para a cerimônia de união, a que estivesse em contato com sua própria carne.

— A cidade que é nosso... Lar, Savannah. Um lugar ao que Kye e eu esperamos poder te levar. Um lugar onde sua amiga já encontrou a felicidade com Adan, quem foi meu amigo da infância, e com Lyan, que é primo de Kye.

— Feliz, e muito em breve também grávida, tendo em conta a natureza de meu primo e Adan — Disse Kye — Ela terá sorte se permitem colocar roupa em cima ou sair de sua residência.

— Descalça, com o traseiro ao ar, e grávida. E quem não teria essa fantasia? — Disse Savannah, seu tom era indecifrável para Draigon.

— Não quer ter filhos? — Ateveu-se a perguntar, preparando-se para a resposta, sabendo que quando o fizesse, independentemente do que dissesse, seria impossível para ele renunciar a ela.

A cautela deslizou ao longo da coluna vertebral de Savannah. Whoa. Como tinham terminado as coisas ficando tão sérias de repente? Draigon parecia que não tinha intenção de respirar até que respondesse a pergunta, e Kye se transformou em uma grande imitação de uma estátua.

Merda. Savannah recordou a conversa, e não sabia se estar comovida ou preocupada. Sim, estes meninos estavam pensando em algo duradouro e sério. Cercas e crianças eram algo bastante sério.

Fez rodar os ombros e disse a verdade.

— Claro que sim, quero filhos. No futuro. Em um futuro longínquo. Como quando chegar a ser detetive — E depois, em uma tentativa nada sutil de trocar de tema, perguntou a Kye — Então, confirmaram as xícaras de Kelleher e Vaccaro que são quem eles diziam que eram?

— Os cientistas ainda estão investigando — Respondeu Kye, fazendo uma careta quando a viu franzir o cenho, quando leu sua intenção de seguir interrogando-o. Pelas estrelas, era toda uma provocação! Decidiu distraí-la, substituir sua curiosidade pela ira que estava seguro da que seria o branco — Quando retornei a Reno, recuperei um estojo da garagem frente à casa do Furão. Estava preparado para a arma de um franco-atirador, e acredito que poderia pertencer a um dos irmãos Abrego. Talvez Kelleher ou Vaccaro estariam interessados nisso.

Os olhos de Savannah se abriram amplamente, e depois se entrecerraram pela suspeita. Seu



olhar se dirigiu ao estojo e aos papéis de registro que tinha visto antes, para depois voltar para Kye.

— Foi ao bloco de apartamentos onde vivia o Furão?

— Não. Só à garagem — Kye se moveu em sua cadeira, odiando não poder dizer toda a verdade a Savannah, que ele tinha descoberto o franco-atirador, que o tinha reduzido a partículas dias atrás, e agora só procurava verificar que era um dos tenentes de um senhor da droga, para poder saber qual de seus inimigos já não era uma preocupação.

— E enquanto comprovava a garagem, foi que tropeçou com um estojo que poderia ter contido o rifle de um franco-atirador?

Kye estremeceu diante o cepticismo na voz de Savannah, e decidiu que se devia levar o peso de sua cólera, preferia que fosse rapidamente.

— Estava dentro de uma caminhonete colocada de forma que poderia ocultar o franco-atirador da vista, e ainda permitiria que este pudesse ver a entrada dianteira do edifício do Furão. Também tenho os papéis de registro do carro.

Savannah fechou os olhos brevemente. Não sabia se ria, gritar ou subir pelas paredes.

— Vamos ver se entendi, Forçou uma caminhonete, e roubou objetos dela? Está admitindo diante um policial que violou a lei?

— Eu não te poria nessa difícil posição — Disse Kye — Simplesmente estou dizendo o dos artigos para que possa decidir se deve ou não passar a Kelleher e Vaccaro para que os processem.

Savannah respirou fundo, recordando-se que Kye era um caçador de recompensas, e estes eram celebrem por dirigir-se com um conjunto de regras diferentes. Regras que poderiam levá-los facilmente a prisão, tão facilmente como podiam conseguir colocar um criminoso entre as grades.

Merda, um minuto antes, a ideia de viver com ambos abertamente tinha parecido um assassinato potencial para sua carreira. E agora isto! Não seria divertido? Ter um namorado ao que ter que estar conseguindo uma fiança constantemente! A ideia a fez rir, seu senso de humor se interpunha, apesar da gravidade da situação subjacente.

— Estou perdoado? — Perguntou Kye, sua voz era esperançosa enquanto se movia mais perto dela. Seus lábios eram incrivelmente persuasivos, enquanto arrastava beijos de sua orelha a sua boca — Te manter a salvo é tudo o que me importa, Savannah.

— A nós — Disse Draigon, também aproximando-se, desabotoando sua blusa e segurando um seio, brincando com seu mamilo e enviando uma onda de calor diretamente a seus clitoris. Sua mão seguiu o rastro de sua necessidade e seus dedos se enterraram em suas calcinhas, inundando-se em sua excitação antes de retirar-se para acariciar e manipular broto inchado.

Durante um breve instante Savannah pensou em alegar “falta”, assinalando que dois contra um não era jogar limpo, mas à medida que as ondas douradas de prazer a atravessaram, entregou-se a suas mãos e bocas. E não resistiu quando a levaram de retorno à cama.

Capítulo 16



Estenderam Savannah na cama, trabalhando juntos, Draigon tomando posse de um pulso e fixando-a ao colchão por cima de sua cabeça, enquanto que Kye sustentava a outra. Seus lábios, acariciaram lentamente seus ombros, dirigindo-se para baixo e alcançando seus seios ao mesmo tempo.

O ventre de Savannah se agitou com a sensação de suas suaves línguas e bocas. Gritou quando ambos começaram a sugar, seus movimentos tão em sincronia que era difícil de acreditar que nunca antes tivessem feito isto juntos, que não tivessem ensaiado até ter aperfeiçoado sua técnica, até que as palavras não fossem necessárias entre eles com o fim de coordenar seu assalto a um corpo de mulher.

A seu corpo.

Não podia suportar a ideia deles com alguém mais.

— Por favor — Rogou Savannah, abrindo as pernas, arqueando-se, começando a corcovear quando seus clitóris palpitou ao mesmo tempo de suas sucções, quando sua vagina teve espasmos, com os lábios de sua boceta já inchados, abertos... Necessitados.

E eles responderam, ainda sincronizados, suas mãos livres vagavam sobre seu ventre, persistentes, acariciando a pele suave e os músculos tensos, antes de arrastar-se sobre seu quadril e para baixo, explorando a parte interna de suas coxas como se estivessem medindo sua excitação pela umidade que encontraram ali. Obrigando-a a rogar outra vez, um por favor que foi só um pouco mais que um sussurro ofegado.

O corpo de Savannah se sacudiu quando suas mãos se deslizaram para cima, e fechou os olhos diante o intenso prazer, quando os dedos de Kye rodearam e acariciaram seus clitóris, enquanto Draigon explorava sua fenda, brincando com seus lábios avermelhados e inchados, inundando-se em seu canal e depois retirando-se, fodendo-a com impulsos superficiais de modo que sua boceta se converteu em uma boca se desesperada e faminta, que apertava e se afrouxava tratando de capturar seus dedos.

Suas súplicas ofegantes pela liberação se converteram em soluços, quando a levaram a borda uma e outra vez só para retirar-se. Para começar de novo desde o começo, até que ela se fez hiper-consciente de cada polegada de seu corpo, de cada lugar nos que eles tinham estado, e sobre tudo os lugares que ainda tocavam. Suas mãos em seus pulsos, suas pernas sobre as dela, segurando-a em seu lugar. Seus lábios em seus seios. Suas mãos livres entre suas pernas. Seus pênis úmidos e duros apoiadas contra suas coxas.

A boca de Draigon deixou seu mamilo esquerdo, e até a sensação do ar contra seu aréola molhada, era uma tortura prazenteira que a tinha ao bordo do pranto. O beijou para cima, até que sua face se abateu sobre a sua. Seus olhos se encontraram. Brilhavam, intensamente. Decidido.

— Aceita o bracelete que tenho feito para você — Disse ele, seus dedos até fode-la, recordando que ele tinha a chave de sua liberação.

Ela se arqueou e gemeu, teria prometido tudo com tal de que permitissem gozar. Não havia nenhuma outra possibilidade, nenhum pensamento de responder nada diferente de “sim”.

A boca de Draigon tomou a sua então, e ela pôde provar sua felicidade, sua alegria enquanto sua língua se deslizava contra a sua, quando a emoção emanou desta, enchendo-a, enchendo-os a ambos, e fazendo parecer como se só estivessem os dois. Apanhados juntos nesse momento



dourado que parecia eterno.

Quando o beijo terminou, Draigon se moveu e Kye estava ali. Olhos escuros pela necessidade. Suas fossas nasais estendidas. Sua face tensa.

— Aceita meu bracelete também — Disse ele, mal permitindo dizer “sim”, antes que seus lábios cobrissem os seus, sua língua inundando-se em sua boca. O beijo foi selvagem a princípio, e depois se fez gentil, e ela nesse momento pôde sentir sua felicidade, sua satisfação, sua alegria. E tudo isso a afundou, uma onda que se precipitou sobre ela e depois recuou, levando-a com ela. Deixando-a acesa, necessitada.

Soltaram seus pulsos e seus tornozelos, e Savannah se aproveitou disso quando o beijo terminou. Rodou, sentando-se escarranchado sobre as pernas de Kye. Sua mão foi a seu pênis, seus primeiros pensamentos foram de empalar-se neste, mas então os dedos de Draigon estavam entre suas coxas, persuadindo-a para que se inclinasse para trás e se colocasse sobre seus antebraços e joelhos, enquanto Kye tomava posição, suas mãos se agarraram à cabeceira, e seu pênis ficou agora a só uns centímetros da face de Savannah.

O calor rugiu através de Kye, a necessidade desesperada para liberação. Tinha odiado a ideia de compartilhar Savannah com outro, ainda não estava completamente confortável com a ideia de sentir a pênis de Draigon roçando contra o seu próprio na estreiteza do corpo de sua companheira de vínculo, mas nunca tinha experimentado uma necessidade tão potente, um desejo tão cru, como o que tinha experimentado quando ele e Draigon tinham trabalhado juntos, convertidos de repente em uma só mente, para fazer algum progresso na reclamação de Savannah.

Kye se sacudiu quando a língua de Savannah saiu como uma flecha, lambendo a cabeça de seu pênis e enviando pulsos acesos de prazer sobre seu eixo. Sussurrou, “Por favor”, quando ela o agarrou mais fortemente, quando tomou em sua boca e começou a sugar, reduzindo-o à mesma impotência na qual eles a tinham mantido. Suas bolas se apertaram, seu pênis palpitava, pulsando, pedindo a gritos sua liberação.

Savannah saboreou as suplicas de Kye. O poder feminino e a satisfação a enchiam, só para ser reduzidos à necessidade, ofegando quando os dedos de Draigon encontraram seus clitóris, deslizando-se sobre este ao tempo que ela chupava a pênis de Kye, brincando com ela até que foi ela quem estava tensa e tremendo, permitindo a liberação de Kye para depois gritar de prazer quando Draigon finalmente encheu o espaço vazio e necessitado dentro dela. Suas investidas eram rápidas e duras, seu testículo golpeavam contra sua carne enquanto seus erguido clitóris se apertava contra sua mão, disparando o prazer e logo o êxtase através dela até que se gozou de forma explosiva, seu canal o agarrou, sugando sua liberação, enquanto desabava, cheia de uma esgotada satisfação.

Savannah despertou no céu, ou perto deste, com Kye pressionado contra suas costas e Draigon diante dela, deitado de barriga para cima com o braço de Savannah sobre seu peito e suas pernas entre as dele. Deus, há algo melhor que isto? Ela sorriu. Diabos não!

A realidade era muito melhor que a fantasia, ainda quando a realidade chegava com uma complicação... Dizer a Kelleher e Vaccaro sobre o presumido aplanamento de carro de Kye.



Savannah fez uma careta. Presumido. Claro. Por outra parte, Vaccaro e Kelleher estavam atrás peixes maiores, por isso tinha a sensação que não fariam um montão de perguntas.

Levou um momento dar-se conta do bracelete em seu pulso, comprovando o outro e vendo que também havia ali um bracelete. Recordando como eles a tinham torturado, não permitindo chegar ao orgasmo até que aceitou o que eles queriam.

Cada vez que olhasse os braceletes, pensaria no tipo de persuasão que utilizavam Kye e Draigon. E depois que tivesse a oportunidade, ia tirar as cordas e corresponder. Ataria-os à cama um por um, e encontraria cada zona erógena, depois as exploraria até que eles concordassem ao que ela queria... Respostas. Sobre seu lar. Sua gente. Sua cultura. E sobre tudo, por que havia dois homens para cada mulher?

OH, sim, eles contariam tudo o que queria saber, e ela os recompensaria como eles a tinham premiado. Com um prazer tão intenso que os deixaria fora de combate.

Levantou-se sobre um cotovelo para poder estudar Draigon enquanto dormia. Ele era uma surpresa. O oposto de Kye e a ela mesma em muitos sentidos. E entretanto, ela o desfrutava. Imensamente. E não só pelo sexo fantástico. Ele era o complemento perfeito para ela e Kye. O homem sério em sua equipe de comédia. Acrescentava profundidade, textura, e riqueza com sua presença.

Ela acariciou o peito, encantada com o cálida que se sentia sua pele contra a sua, sorriu quando ele se moveu e abriu os olhos, revelando uma riqueza de emoções não contidas quando seu pênis se ecoou de seu prazer de despertar, para encontrar sua atenção posta nele. Savannah se inclinou, roçou seus lábios contra os dele, rindo suavemente quando seu pênis palpitou contra sua coxa.

— Alguém está contente — Brincou, gemendo quando os dedos de Draigon se enredaram em seu cabelo, sustentando-a para poder cravar sua língua em sua boca, em um beijo que não deixou nenhuma dúvida de quais eram suas intenções.

— Está bem? — Perguntou ele, o brilho de satisfação e orgulho masculino diziam que desfrutaria fazer perder o sentido muitas vezes, no futuro.

— Bem e riscando minha vingança.

— Não tenho medo.

— Deveria ter. Muito, muito medo — Mas antes que ela pudesse explicar-se, o telefone celular começou a soar.

Savannah saiu da cama, despertando Kye no processo. Ambos os homens a seguiram à cozinha. Distraíndo-a por um instante com sua nudez e seus duplo cenhos franzidos... Até que ela respondeu o telefone.

— Ainda quer se encontrar comigo?

Ela mostrou seu polegar para cima a Kye e Draigon, para ouvir o som da voz do Furão.

— Onde?

— Quanto tomaria chegar a três e quarenta e um em direção a Virginia City?

— Uma hora, talvez um pouco mais.

— Quanto tomaria sair?

— Logo que me vista.



— Está bem. Sobe pela três e quarenta e um. Chamarei-a mais tarde e te indicarei onde nos encontraremos. Não siga mais adiante de Virginia City se não tiver notícias de mim — Fez uma pausa — Veem sozinha. Nenhum outro policial. Se vir outro policial, você não me verá.

Talvez antes que os irmãos Guzmán tivessem saltado sobre ela, teria concordado. Agora não.

— Não levarei nenhum policial, mas tive que me conseguir um par de guarda-costas desde que consertou a primeira reunião.

— Estão com você agora?

Savannah elevou a vista, encontrando Kye e Draigon de pé diante dela. A tensão irradiava deles. Seus músculos tensos, mostrando seus corpos de guerreiro, embora suas expressões claramente diziam que ela não iria a nenhuma parte se dependesse deles.

— Estou vendo-os.

— São os caras que comeram contigo no restaurante do Bert?

— Sim. Eles vêm comigo ou eu não chegarei absolutamente — Disse Savannah, seu senso de humor interferindo assim que suas palavras saíram de sua boca. OH sim, estava bastante segura de que Kye e Draigon a tinham arruinado para qualquer outro homem. Agora ela teria sorte se podia fazer vir a si mesma.

— Está bem. Traga-os — Disse o Furão e a linha morreu.

Savannah só se atrasou o tempo suficiente para dizer o plano ao Kye e Draigon, e então deixou o telefone para poder tomar um dos cartões dos agentes do FBI.

Ela usa nossos braceletes, disse Draigon, com seu olhar fixo nos movimentos de Savannah. Deveríamos pôr fim a esta tolice, agora.

Ainda tem ilusões? Você passou tempo a sós com ela. De verdade acha que é possível impedi-la de fazer isto? Kye negou com a cabeça. Se quiser escolher este momento para brigar com Savannah, é sua escolha. Mas tenho que te perguntar, ela deu algo mais que uma olhada de passada aos braceletes? Falou com ela sobre seu significado?

Não.

Nem eu. São simplesmente peças de joalheria para ela. Nada mais. Sabíamos que esta reunião era uma possibilidade. E vamos mantê-la a salvo. Quanto antes termine com este assunto, mais cedo poderemos convencê-la de vir conosco.

O cenho franzido de Draigon se intensificou quando Savannah caminhou para eles, com o cartão de Vaccaro na mão. Recordou o brilho de cólera de Savannah na caminhonete, quando disse que não podia tolerar que ficasse em perigo. Sua resposta acalorada chegou facilmente a sua mente. “Sou um policial, Draigon. O perigo vem com o trabalho. Igual ao ser um caçador de recompensas. Espero que não vá dizer que o que está bem para um homem não o está para uma mulher”.

Odiava admiti-lo, mas Kye estava certo. Não poderia ganhar esta luta com ela. Estava decidida a levá-la a cabo, e tudo o que fizessem para impedir jogaria no lixo os progressos que tinham feito com ela. Com uma cabeçada silenciosa, Draigon esteve de acordo com a avaliação de Kye, e trocou sua atenção à conversa de Savannah com o agente do FBI.

— Acabo de estabelecer um encontro com Ricky — Disse, sem surpreender-se quando Vaccaro respondeu ao primeiro toque — Está de acordo em que vá com meu guarda-costas, mas



diz que desaparecerá se vá a alguém mais.

- Onde?
- Não sei ainda. Ele me chamará em uma hora.
- A seu celular?
- Sim.
- Um momento. Kelleher está aqui.

Podia ouvir uma conversa em voz baixa. Estratégia mais que argumentos. Vaccaro voltou para a linha.

— Está bem. Independentemente do oferecimento de Nowak, diga que pode prometer imunidade e proteção imediata, se estiver disposto a falar conosco. Se aceitar, chama e nos dê uma localização, e Kelleher e eu iremos e assumiremos tudo.

Savannah enrugou o nariz. Claro. Seu fácil consentimento a fez pensar que eles iam usar seu telefone celular para rastreá-la... Se não o estavam fazendo já. Do contrário, Vaccaro nunca a teria deixado tomar as rédeas. Fazer-se a um lado não era a maneira de fazer as coisas do FBI.

— Outra coisa — Disse ela, olhando o estojo do rifle e querendo deixar para trás a erro de Kye na garagem — Ouviram falar de Investimentos Wray?

— Por que? — Desta vez o tom de voz de Vaccaro era claramente FBI.

— Havia uma caminhonete registrada em nome de Investimentos Wray na garagem frente ao apartamento de Nowak. Dentro da caminhonete havia um estojo, que agora está em meu poder. O rifle falta, mas a disposição do interior me diz que era o de um franco-atirador — Não é que ela tivesse visto o interior, mas confiava na avaliação de Kye.

— E como chegou a suas mãos, Holden?

— Então sabe algo sobre o Wray?

Um suspiro.

— Estou começando a entender como conseguiu sua reputação de ser uma dor no traseiro.

Savannah sorriu, apesar de sua preocupação subjacente por Kye.

— Sim, bom, é só um rumor mau intencionado. Me deixe adivinhar. Investimentos Wray é uma das empresas suspeitas de Carlos Domínguez — Outro suspiro no outro extremo. Ela pressionou na questão — Estamos perdendo o tempo aqui, Vaccaro. Supõe-se que já deveria estar em caminho para me encontrar com Nowak. Sim ou não. Está Investimentos Wray relacionada com o Domínguez?

Vaccaro reprimiu uma risada.

— Sim. Não se incomode em me dizer que a caminhonete estava sem fechar com chave, e que a porta estava aberta, assumirei que assim era. Tem o número de matrícula?

— Um pouco ainda melhor. Tenho os papéis do registro — Savannah os olhou e leu o número de matrícula.

— Provavelmente pertencia a Errol Abrego. Vimo-lo em uma caminhonete com essa matrícula.

— Qual é, Psycho I ou Psycho II? — Necessitava os apelidos que Vaccaro usou ao lhe mostrar as fotografias, com o fim de recordar seu aspecto.

— Psycho I. Não havia rastro dele na garagem? — Agora a voz de Vaccaro soava perplexa.



— Nenhum — Savannah hesitou — Mastrin e Creech do Antidrogas apareceram quando minha... Fonte se ia.

— Passarei a informação a Kelleher. Sairá agora a se encontrar com o Nowak?

— Sim.

— Leva os papéis e o estojo

— Claro — Disse à linha morta.

Savannah fechou o telefone e olhou a Kye.

— Bom, isso esteve melhor do que esperava. Preparado para que a diversão comece?

Kye fechou a distância entre eles e a colocou entre seus braços.

— Preparado para que isto termine e poder te levar para casa conosco.

— Para me apresentar a sua família?

O olhar de Kye se encontrou com o de Draigon.

— Para te conservar.

Savannah o abraçou e se retirou, fazendo caso omissa do matiz que escutou em sua voz, e renunciando os pensamentos de como a ia apresentar a Kye e Draigon a sua família.

— Terminemos com isto — Disse ela, depois de que todos se vestiram, usando um pano de cozinha para evitar que se marcassem seus rastros sobre o estojo do rifle ou nos papéis do registro... Não é que ela estivesse convencida de que Vaccaro os incluía entre as provas. Mas de novo, tendo em conta a participação de Kye, a preocupação acabaria logo que o material desaparecesse.

Tomaram a caminhonete em que Kye tinha chegado. Esperando poder chegar ao encontro de forma despercebida, já que eram as únicas três pessoas que conheciam esses carros. Provavelmente. Ela não podia assegurar que Vaccaro e Kelleher não tivessem a cabana vigiada, embora não tinha visto nenhum sinal de rastro ao deixar o rancho, ou quando chegaram perto de Virginia City.

Savannah comprovou sua pistola, franzindo o cenho ao pensar no fato de que Kye e Draigon estavam desarmados. Era uma incongruência, algo que deveria ter notado desde o começo. Por outra parte, eles não eram realmente guarda-costas profissionais, eram caçadores de recompensas. Talvez a espécie de missões que tomavam não requeria que levassem armas ocultas, e isto em realidade era uma espécie de alívio para ela. O estômago de Savannah se revolveu pensando em como se sentiria amando a alguém cujo trabalho o pusesse na linha de fogo todos os dias.

Ela fez uma careta. Sim, algo assim como amar um policial. Colocou a pistola na capa e tomou o telefone celular para comprovar o nível de carga e a força do sinal pela enésima vez. Quase o deixou cair quando soou.

— Onde estão? — Perguntou o Furão.

Ela o disse.

— Está bem. Façam uma mudança de sentido. Vão à parada de caminhões Gold Country. Entrem no restaurante e esperem — Passou as instruções a Kye e pouco tempo depois, chegaram ao lugar.

A parada de caminhões estava cheia, mas não lotada. Havia talvez vinte caminhões grandes



alinhados em três filas no estacionamento de asfalto gretado à direita dos fornecedores. Savannah o tinha visto mais cheio. Quando o mau tempo chegava a Califórnia havia condutores presos e esperando, porque não queriam ficar apanhados na neve, ou ser atrasados por um acidente em cadeia.

Decidiram entrar juntos, já que o Furão esperava os guarda-costas. Ele a surpreendeu. Pensou que teria que esperar a que se mostrasse, se chegava a apresentar-se. Mas estava sentado na parte de trás, escondido atrás de um arbusto em um vaso de barro, com brilhantes folhas de plástico.

Draigon se deteve perto da porta.

— Ficaremos aqui.

Kye parou a seu lado.

— Ele falará mais livremente se souber que controlamos o estacionamento.

— Obrigado — Disse Savannah e continuou caminhando.

— Reconheço o de cabelo escuro, estava no exterior de The Dive — Disse o Furão quando ela se uniu a ele.

— Teria sido agradável que me advertisse que seu carro ia explodir. Se minha amiga não me tivesse empurrado para beco, eu não estaria sentada aqui agora mesmo.

— Tem que acreditar. Nunca o suspeitei. Quero dizer, não um carro bomba. Te teria advertido se soubesse.

O Furão deu uma olhada a sua ao redor de forma nervosa, o perfil de seus traços estreitos e agudos, recordaram Savannah porque tinha dado esse apelido.

— Olha — Disse ele — O dia que te chamei para o encontro, cheguei a meu apartamento para encontrar que tinha sido destruído. Então fui ao The Dive e te vi com alguém mais. O que se supõe que devia pensar? Pus-me nervoso. De repente uma nova cara aparecia, quando cada vez que me girava via alguém do Antidrogas farejando e perguntando por mim.

O Furão tirou um maço de cigarros do bolso de sua camisa, golpeou-a com a costa de sua mão, e um par de cigarros saíram. Ele os apertou com seu polegar, e imediatamente voltou a dar um golpe no pacote, fazendo saltar os cigarros como o pão de uma torradeira. Voltando a colocá-los enquanto dizia.

— Tenho uma amiga. Ela tem informação. Informação de alto nível. Só que há complicações. A espécie da que pode pôr a uma pessoa no depósito de cadáveres.

— Está falando de Becky Jaworski, agora Becky Traynor.

Ele tirou um cigarro e colocou o pacote no bolso de sua camisa.

— Já o deduziu.

— Você enviou as fichas de níquel e dimes à delegacia de polícia. Queria que investigasse o Cassino Easy Teme, o que se movia lá encima, e que talvez descobrisse que Becky tinha desaparecido e muita gente estava perguntando por aí, procurando-a, ainda quando seu marido não o denunciou a pessoas desaparecidas — Savannah inclinou a cabeça — O que não posso entender é por que fez que Bert me desse a dica sobre as moças menores de idade, que Becky usava como parte de seu serviço de acompanhantes. Não me diga que ela de repente conseguiu uma consciência, e decidiu que as garotas deviam sair dali, e ir a famílias adotivas.



— Becky não foi ao jardim de infância a atrair essas meninas à má vida. Elas já estavam no negócio — Ele parecia incômodo e Savannah se perguntou se haveria dito a Becky que passou a informação sobre as moças.

— Ela sabia que não eram maiores de idade — Disse Savannah.

— Sim, embora, quem poderia demonstrar isso?

— Uma delas, Holland, tem treze anos. E agora desapareceu. Bert te disse isso?

— Pensei que as tinha detido.

— Fiz. Pelo visto, não funcionou. A que estou mais interessada em ajudar é Holland. Ela está provavelmente com sua irmã Ivy e com outra moça chamada Camryn. Sabe onde poderiam estar?

— Não — O Furão fez rodar o cigarro em sua mão e fechou os dedos a seu redor — Olha, não te digo que esteja bem foder a uma menina de treze anos, mas esse não é o assunto aqui. O mais importante é o que Steven Traynor tem com um cara chamado Carlos Domínguez.

— Lavando os lucros de Domínguez provenientes do contrabando e a chantagem?

— Que chantagem?

— Está me dizendo que não sabe nada a respeito de atrair homens a Easy Teme, logo citá-los com as moças e depois tomar fotografias de suas férias, do tipo não destinado para que as esposas e seus filhos as vejam?

— Se isto estava acontecendo, tudo era ideia de Traynor. O das moças foi sua ideia, mas pôs a operação em nome de Becky e a deixou dirigi-la. Ela assinou um contrato pré-nupcial quando disse que essa era a única condição para que se casasse com ela. Não haveria nenhuma pensão alimentícia se separavam, mas ela poderia ficar com tudo o que tirasse dos serviços de acompanhantes enquanto estivessem casados.

— Soa como o motivo perfeito para executar um plano de chantagem, junto às garotas.

O Furão negou com a cabeça.

— Olhe, Becky não necessitava dinheiro extra. Não pensava terminar as coisas com Traynor, e ele não era miserável na hora de comprar o que quisesse. É um tipo ao que gosta que os famosos e os peixes gordos venham a seu cassino. Gosta de ser visto, e adornar a uma esposa da melhor maneira era parte do espetáculo. Mas Becky sabe o valor de afastar um pouco de dinheiro em efetivo se por acaso as coisas não resultam do modo que deveriam. Ela dirigiu o serviço de acompanhantes e gostou de fazê-lo. Gostava de formar parte das coisas.

— Então, O que saiu errado?

Capítulo 17

— Traynor não podia manter suas calças postas, isso é o que falhou — O Furão abriu sua mão e deixou cair o cigarro murcho na mesa — Becky fará trinta este ano. Já sabe como é isso, não é? Não pessoalmente, quero dizer, mas sabe do que estou falando, certo? Trinta poderia significar estar fora de ação em Las Vegas, como foder a sua avó. Não é tão mau em Reno... — Olhou para a porta e brincou com o saleiro e pimenteiro.



— Ela o pegou traindo-a — Disse Savannah.

— Sim. Ela realmente não pensava que ele estava conseguindo-o em outra parte... Quero dizer, Becky é atraente, e não estou contando contos, ela e eu estivemos juntos faz tempo, e realmente sabe como manter a um tipo feliz. Mas se estava aproximando dos Três Grandes¹⁰, e o fez seguir. Descobriu que provava a mercadoria. Usando a uma das moças que ela contratava.

— Uma das menores de idade?

— Não. Camryn — Olhou nos olhos de Savannah — Prendeu-a. Tem que saber de quem falo.

OH, sim, Savannah sabia quem era... E tinha uma grande aversão pela participação de Camryn ao vender às menores de idade. Uma grande boca, uma grande atitude. Tenho o mundo agarrado pelo pênis e vou aproveitar me disso, era só o princípio em como poderia ser resumida Camryn. E inclusive sem conhecer Becky Jaworski, Savannah podia ficar em seu lugar. Imaginar que Becky havia sentido. Descobrir que seu marido a enganava. Não com uma estranha, e sim com uma moça que provavelmente sorria com satisfação e se desfrutava, todas aquelas olhadas que de repente davam no alvo e jogavam com os medos de Becky, com sua confiança. Com sua ira.

— Me deixe adivinhar, em vez de enfrentar Traynor, Becky começou a recolher informação sobre suas atividades na lavagem de dinheiro. Talvez pensando em negociar um bom acordo de divórcio. Só que ele não cooperou.

— Não quis ou não pôde. O cara com o que tinha estado tratando não gostava dos cabos soltos ou as balas perdidas. Um par de sustos e Becky veio para mim. É por esse motivo pelo que estamos aqui sentados. Ela quer negociar — O Furão suspirou, uma forte exalação que o desinflou ligeiramente — Ela tem informação de Traynor, mas ele tem informação sobre ela também.

— Dirigindo às menores de idade?

— Talvez mais que isso. Não sei.

Savannah adivinhava que a chantagem era o “mais que isso” que Traynor tinha sobre sua esposa. Sobre tudo se ele estava fodendo Camryn, e esta estava com implicada em suas atividades. Mas acreditava em Ricky quando dizia que não sabia nada a respeito.

O Furão afrouxou o colarinho da camisa.

— Traynor é a espécie de cara que tem conexões. Das que cumprem a lei, e com outras pessoas que não o fazem tanto. Ela não sabia em quem confiar. É pelo que ela me chamou e eu chamei a você. Para que ponha em marcha as coisas para obter um trato. Ela quer a imunidade no processo. Quer proteção. E quer afastar-se de tudo com o que ganhou no serviço de acompanhantes. Em troca, ela entregará tudo o que descobriu sobre Traynor e seus negócios com o Carlos Domínguez.

Savannah quase sorriu do modo em que o Furão tinha levado a conversa aonde ela queria.

— Eu diria que um trato é possível. Muito possível. O FBI esteve investigando o cassino de Traynor por um tempo. Já suspeitavam a conexão com Domínguez e estão ansiosos por prendê-los. O bastante desejosos para que, quando seu carro voou e descobriram que eu estava te procurando, foram até meu capitão e me chamaram. Eles querem te oferecer proteção e imunidade imediata. Se você tomar, com certeza que pode conseguir o mesmo para Becky. É o melhor que posso fazer por você, Ricky.

¹⁰ Os Três Grandes, referência aos trinta anos.



O Furão puxou novamente o colarinho de sua camisa, desta vez deixando suor no tecido.

— Confia nas pessoas com as que estiveste falando?

— Vaccaro e Kelleher. Sim, confio neles para que cumpram suas promessas. Disse a Vaccaro a respeito de nosso encontro depois de que ligou — Ela tirou seu telefone celular, decidindo-se a jogar para demonstrar que podia confiar nela com o fim de fechar o trato — Mas este é o elo mais frágil. Pode ser rastreado por satélite. Assim não estranharia que Vaccaro e Kelleher estejam perto. Se quiser ir, ficarei aqui o tempo suficiente para te dar uma boa vantagem. É sua decisão. Mas se fosse você, tomaria sua oferta e assim poderia seguir com minha vida.

O Furão recolheu o cigarro, fechando seus dedos ao redor dele, e finalmente perguntou

— Importa-se?

Savannah fez uma careta.

— Sim. Mas continua se tiver que fazê-lo.

A resposta pareceu acalmá-lo. Ele negou com a cabeça e colocou o cigarro no bolso da camisa.

— É por isso que te chamei. Você joga limpo. É uma policial honesta — Recuperou o cigarro e o pôs na boca, deixando-o pendurar no canto de maneira que se balançou quando disse — Falarei com os caras com os que estive tratando.

Savannah abriu o celular

— Agora?

— Sim — O cigarro voltou para bolso outra vez — Becky não está feita para quartos toscos de motéis e passar despercebida.

Savannah não deu tempo para mudar de opinião. Chamou Vaccaro.

— Ricky está de acordo em fazer o trato, fazer outro pelo Becky Traynor.

— Onde está?

— Realmente necessita que diga isso?

Silêncio. Uma gargalhada.

— Estamos a caminho. Vou em um carro Town Lincoln negro. Kelleher em uma de cor azul escura.

Ela fechou o telefone.

— Estarão aqui em um minuto. Está seguro que não pode me dizer onde estão as três moças?

— Por que quer dar com as garotas? O que Becky dará sobre Traynor é muito. Mais que suficiente.

Savannah encolheu os ombros. Ela não ia falar sobre a chantagem.

— Principalmente estou interessada pela menina. Holland. Ela me comoveu.

O Furão começou a alcançar o cigarro outra vez, mas deixou cair a mão e recolocou o saleiro e pimenteiro, para pô-los novamente em sua posição original.

— Perguntarei a Becky assim que a veja. Ela mencionou um lugar que mantinha. Para clientes que queriam relaxar, jogar, merda, ou o que seja. Talvez as garotas estejam se escondendo aí — Ele se removeu durante uns minutos. Limpou as mãos na calça, tirou de novo o cigarro do bolso — Olha, tenho que tirar algo de meu carro.



— Está bem. Os meninos e eu sairemos com você — Savannah ficou de pé, perguntando-se o que poderia fazer ele ficava nervoso e tentar sair fugindo.

— Tenho que fumar um cigarro.

— Está bem. Darei espaço — Decidiu voltar a jogar — O esperarei aqui. Como te disse faz um minuto, Ricky. É sua decisão.

Ele esfregou as palmas das mãos sobre suas coxas, deixando um rastro brilhante de suor.

— Não. Não. Isso está bem — Fez uma pausa, como se um pensamento acabasse de ocorrer-se — Como é que tinha um guarda-costas com você no The Dive?

— Não o tinha. Ele é uma nova adição a minha vida. De fato, ele realmente seguia à mulher com a que me viu me encontrar. Ela é uma amiga. Ele está relacionado com seu namorado. Mas para cortar essa longa história, o namorado está agora em cena e Kye está livre, por isso é meu guarda-costas — Entre outras coisas, está cuidando minha saúde sexual. Embora Savannah tentou manter esse pensamento fora de sua face e de sua voz.

O Furão assentiu, aparentemente satisfeito, e se dirigiu à porta.

Savannah viu a oportunidade de conseguir umas últimas respostas. Uma vez que os federais o tivessem, ela teria sorte se descobrisse algo.

— Ouviu se alguém do Antidrogas está passando informação a Domínguez, a seus lugares-tenentes, ou a Traynor?

Ricky sacudiu a cabeça enquanto chegavam onde Kye e Draigon se posicionaram.

— Tudo bem por aqui? — Perguntou Savannah.

— Os caminhões bloqueiam uma parte da entrada — Advertiu Kye, quando o Furão alcançou a porta principal.

Savannah captou um movimento na periferia de sua visão. Um carro Town azul escuro entrava no estacionamento.

— Esse é Kelleher.

Savannah seguiu Furão ao sair pela porta, seus passos rápidos a fizeram apressar-se, fazendo soar seus nervos apesar de que logo ele ia deixar de ser seu problema.

Deveria ter se sentido aliviada. Em troca, sentia-se tensa. Como um corredor em uma corrida de substituições, que só tinha que manter-se à cabeça do grupo durante uns minutos mais, até que pudesse passar o bastão, e depois poderia paralisar à margem.

O motor de um grande caminhão arrancou. E depois outro. E depois um terceiro. Cuspindo nuvens de gases de combustão diesel. Um comboio preparado para sair. Seu som mascarando qualquer outro durante um momento.

O Furão acendeu o cigarro. Quietamente. Consciente da aproximação do carro que se aproximava.

— Esse é um dos caras dos que te fale — Disse Savannah. Contendo o fôlego. Esperando ver se Ricky decidia fugir deles.

Não o fez.

Ela exalou. Sentindo um pouco de tensão sair de seu corpo quando Kelleher estacionou o carro e saiu, deixando em motor ligado.

Um carro negro saiu de entre os caminhões. Movendo-se rapidamente.



Vaccaro, pensou Savannah, mas sua mão já se dirigia para sua arma. Seu corpo reagindo antes que sua mente.

Um segundo olhar. Sombras de déjà vu. O carro negro que estava fora do The Dive, embora só seu subconsciente o tivesse notado.

Ela disparou justo quando o braço do condutor surgia do carro com uma arma. Um tiro saiu desta, justo quando ela puxava o gatilho e enviava uma segunda bala em direção ao carro.

O Furão gritou. A dor e o medo ressoaram no ar enquanto Savannah descarregava todas suas balas e o carro seguia aproximando-se. Detendo-se só quando se chocou com o veículo de Kelleher.

Dois vencidos, falta um, pensou Savannah, com a mente fria e o coração trovejando em seus ouvidos, reconhecendo um dos irmãos Abrego. Psycho II. A parte superior de seu crânio era uma massa de osso e sangue contra o interior do carro cinza escuro. Ela não podia recordar seu nome.

— Jose Abrego — Disse Kelleher, devolvendo-a ao presente, a uma consciência de ofegos masculinos. Deu a volta. Sentindo-se em câmara lenta. De repente com medo ao que ia encontrar.

Seu coração quase se deteve quando viu sangue em Kye. Em Draigon.

Então a realidade retornou a seu lugar. O momento voltou a mover-se em tempo real.

O Furão tinha sido alcançado. Sangrava. Mas inclusive para seu olho inexperiente, ele não estava em estado crítico.

Uma multidão estava começando a juntar-se. A curiosidade, superando o sentido comum e ao medo.

Depois Vaccaro estava ali. Mostrando sua placa do FBI, e dizendo quem era.

Savannah se ajoelhou junto a Ricky e ele tomou sua mão como se ela fosse seu salva-vidas.

— Calma. Vamos tirá-lo daqui.

— Como porra... É que eles me encontraram? — Perguntou, com a respiração entrecortada, ofegando quando Kye trocou seu peso, aplicando mais pressão à ferida no ombro de Ricky. O sangue se filtrava sob a mão de Kye.

— Boa pergunta. Uma cuja resposta tenho a intenção de descobrir — Disse Savannah. Sentindo-se culpada. Zangada.

Ela tinha assumido que se seu celular estava sendo rastreado por Kelleher e Vaccaro, eles estariam observando se alguém mais estava rastreando-a. Talvez não foi assim.

O resto do dia transcorreu em um torvelinho impreciso de declarações. Uma viagem de volta a Reno e ao escritório do capitão. Entregar sua arma. Uma oferta de assessoramento psicológico. Tapinhas nas costas. Perguntas. Não havia nenhuma maneira de esconder a conexão entre ela, Vaccaro e Kelleher desta vez, embora os detalhes da operação em que estavam implicados, manteve-se em segredo.

— O interrogaremos logo que consigamos que Nowak esteja seguro, longe, e que Becky Traynor esteja no programa de proteção a testemunhas — Disse Vaccaro antes que os homens se fossem.

— Está de licença administrativa — Disse Kelleher — Tome umas férias de verdade. Saia da cidade. Vamos investigar como José Abrego encontrou Nowak.

— O que acontecerá as moças? O que acontecerá com as fotos da chantagem? — Perguntou



Savannah, remontando a fina borda entre a raiva e as lágrimas, e odiando a cada segundo disso.

Kelleher pôs uma mão sobre seu ombro.

— Já fez sua parte. Agora está no banquinho. Este é um procedimento operativo padrão.

— Porquê matei um cara que não deveria ter estado ali em primeiro lugar.

Kelleher passou os dedos pelo cabelo suspirando.

— Sinto muito. Não sei o que te dizer exceto Vaccaro e eu o vamos descobrir. Provavelmente se sabem que temos à esposa de Traynor e Nowak. Se Becky Traynor realmente tiver algo contra Domínguez e seu marido, então conseguiremos pôr a rodar a bola para capturar Traynor e começar o processo de extradição para o Domínguez. Sua parte está terminada. Já não há nenhuma razão para que alguém venha fazendo fogo contra você.

— E o outro irmão? — Recordou o estojo e os papéis de registrou ainda no porta-malas da caminhonete de Kye.

As sobranças de Kelleher se juntaram.

— Acreditam que já retornou ao México. Não há rastro dele. Só a caminhonete abandonada na garagem de frente do apartamento do Nowak. Ainda tem isso?

— Está no carro.

— Localizarei seu guarda-costas antes de ir e os pedirei — Ele encolheu os ombros — Não acredito que ninguém mais venha atrás de você, mas talvez deveria manter com você os guarda-costas um pouco mais de tempo.

— Decidi fazê-lo.

— Bom.

Savannah tomou uma respiração profunda. Ele provavelmente tinha razão. Provavelmente estava segura, ainda se sentia que se não terminou para ela. Talvez pela menina. Holland. Nem sequer podia explicar a si mesmo porquê importava tanto... Além do que tinha explicado a Krista no The Dive. Holland parecia ainda vulnerável. Acessível.

— Chamarão-me se as garotas aparecem?

Kelleher sacudiu a cabeça.

— Mantenha fora disto a partir de agora. Entende-o? Interrogaremos quanto antes. — Pôs a mão sobre o ombro de Savannah uma vez mais — Obrigado por nos salvar. Tem uns bons instintos e reage rápido. Se fosse um pouco mais lenta, todos poderíamos ter caído. Estarei em contato.

Savannah o olhou afastar-se. Suas emoções rodavam como uma montanha russa dentro dela. Esfregou os olhos com as costas de suas mãos, de repente querendo estar com Kye e Draigon mais que tudo no mundo.

Ela se deteve em seu armário, tendo a intenção de atirar seu telefone celular dentro, mas o pensou melhor. Estava paranoica. Diabos, por tudo o que ela sabia, Psycho II tinha seguido Furão à parada de caminhões com a esperança de que levasse a Becky Traynor. Isso tinha mais sentido, a que alguém a tivesse estado seguindo a ela, em primeiro lugar porque ela mesma tinha estado observando em busca de alguma pista de que fossem seguidos, e além disso, Kye e Draigon tinham vigiado o estacionamento. Tudo tinha acontecido tão rápido, um ataque precipitado em vez de um franco-atirador, e só quando Kelleher se apresentou e se fez evidente que o Furão estava passando a sua custódia.



Savannah esfregou a parte posterior do pescoço e fechou o armário sem deixar o telefone. Ela estava fora do circuito agora... A menos que o Furão chamasse com o endereço da casa onde os clientes de Becky foram relaxar se, jogar, merda, ou o que seja. Por outra parte, não havia nenhuma razão pela que Becky não pudesse dar a informação diretamente a Kelleher e Vaccaro.

Kye e Draigon a estavam esperando na área de recepção. Suas expressões eram sérias e preocupadas. Estavam tensos.

— Vamos — Disse Savannah, com vontade de chegar ao carro antes de derrubar-se contra eles, porque assim que os viu, deu-se conta disso era o que queria mais que tudo, o que necessitava mais que tudo no mundo, era estar com eles na cama. Sentir sua carne quente contra a dela até que seu próprio intumescimento começasse a desaparecer e a realidade voltasse para ela. O conhecimento que no profundo de sua alma tinha conseguido manter a raia respondendo perguntas e resumindo o acontecido.

Tinha matado um homem.

Tinha matado um homem que merecia estar morto. Que tinha procurado ser morto. Que a teria matado em um segundo.

Ela não se sentia culpada. Assim não era a consciência.

Fazia o que tinha que fazer. O que era necessário fazer. Sabendo que era uma possibilidade do momento em que decidiu pela primeira vez converter-se em um policial. Mas agora as imagens a bombardeavam. Um fio sem fim que não era capaz de apagar. As palavras: matei um homem hoje, repetiam-se em seus pensamentos, uma e outra vez, até que começaram a deprimi-la.

E era uma cadela. Um choque.

Era arrancar a malha da confiança em si mesma.

Respondeu com monossílabos enquanto Kye conduzia. Eles fizeram o mesmo. Sua conversa mais longa foi quando Kye se deteve no estacionamento de um hotel, em vez de voltar para a cabana.

— Esta provavelmente seja uma boa ideia — Disse Savannah — Kelleher pensa que o irmão de Jose Abrego está de volta no México, já que não foi visto, e você encontrou a caminhonete na garagem. De todos os modos, provavelmente estejamos mais seguros aqui. Seria mais difícil para um franco-atirador nos liquidar — Ela apertou as mãos — Deveria ter deixado o telefone em meu armário. O que chamei o Furão com a localização das moças é uma possibilidade remota. Poderia dizer a Kelleher. Ou Becky poderia fazê-lo. Eu não tinha direito a...

— Shhhhh — Disse Draigon, inclinando-se e pressionando seu beijo a boca. Obrigando-a a calar.

— Acredito que estamos seguros de ambos os Abrego — Disse Kye, sua voz era tão confiada que Savannah deu a volta e o olhou, perguntando-se durante um breve instante se Kye tinha encontrado o irmão apelidado por Vaccaro como Psycho I no estacionamento e tinha feito algo. Mas depois negou com a cabeça, afastando o pensamento. O ritmo rápido de seu coração e seu estômago contraído como em um punho, eram um doloroso aviso de que ele estava desarmado.

Registraram-se em recepção e se dirigiram a seu quarto.

— Acredito que gostaria de uma ducha — Disse Savannah, odiando que sua voz parecesse tremulo. Que só queria fechar os olhos, mas cada vez que o fazia, revivia o tiroteio. E começava o



diálogo interno de novo. Só que agora havia perguntas adicionais *“E se tivessem matado Kye? Ou Draigon? Por que tinha permitido que fossem com ela quando não tinham armas com as que defender-se?”*

Seguiram-na ao banheiro, seu comportamento fez que uma risadinha escapasse de seus lábios, e depois um suspiro, quando começaram a despi-la. Ela queria protestar, indicar que se esteve banhando sozinha durante muitos anos, mas não pôde fazê-lo. Ainda não podia suportar a ideia de que eles estivessem fora de sua vista. E seus cuidados eram um bálsamo para sua alma.

— Está alterada — Disse Kye, ajoelhando-se diante dela, tirando os sapatos e meias, e depois puxando seu jeans e calcinhas para baixo, enquanto Draigon tirava a blusa e o sutiã.

— Está sendo mais difícil para mim do que esperava — Confessou Savannah.

Draigon segurou seus seios, beijando ao longo de seu ombro e seu pescoço, com seu corpo quente e duro contra suas costas.

— Me perdoe. Falhei. Era meu dever te proteger, mas foi você a que me protegeu.

Kye ficou de pé e se apertou contra seu peito.

— Me perdoe também. Só pensava no momento em que o Furão estivesse nas mãos de Kelleher e pudéssemos te falar sobre um vínculo permanente. O peso dessa morte não deveria ter caído em você.

Savannah envolveu os braços ao redor de sua cintura e fechou os olhos, saboreando ser abraçada entre dois corpos ferozmente masculinos. Sua presença combinada a fazia sentir como se estivesse dentro de um casulo vivo. Seu calor aliviava algo da opressão de seu interior.

— Não há nada que perdoar. Sou policial e estava fazendo meu trabalho. Vou superá-lo.

— Tomar uma vida não deveria ser um acontecimento casual — Disse Draigon, acariciando o cabelo e beijando seu ouvido — Feito pelo motivo correto ou incorreto, deveria deixar um rastro em você. A primeira vez é a mais difícil, a mais dolorosa. A que demora mais tempo em sair de seus pensamentos, não importa se a morte é em defesa própria ou de acordo à lei.

Savannah voltou ligeiramente a cabeça, tremendo quando o movimento centrou sua orelha contra a boca de Draigon, e sua língua explorou sua concha.

— Teve que matar a alguém.

— Sim.

Kye acariciou sua bochecha com o dorso da mão.

— Como o tive que fazer eu. A ajudaremos a lutar com isto, e no futuro, nunca terá que conhecer esta espécie de dor outra vez.

— Não pode me garantir isso. Inclusive se deixasse de ser policial, o que não tenho nenhuma intenção de fazer, ainda poderia acontecer outra vez. Ainda poderia ter que matar a alguém — Emitiu uma risada tremula — Milhares de horas jogando a jogos de tiro ao alvo com meus irmãos, além de crescer em um rancho de gado para o matadouro, é... Pensei que estaria preparada para isto.

— Fez o que tinha que fazer — Disse Draigon, fazendo-a gemer quando sua língua explorou sua orelha, uma de suas mãos acariciou seu seio, e a outra roçou seu ventre em seu caminho para seu montículo.

— Se algo houvesse acontecido a algum de vocês...



— Nada aconteceu — Disse Kye, e ela gemeu quando sua boca assaltou sua outra orelha, seus dedos se agarraram a seu cabelo enquanto sua mão livre segurava seu outro seio, beliscando e fazendo girar o mamilo, recordando as horas que eles haviam passado sugando-os, amando-a.

— Vocês fazem difícil que possa pensar — Sussurrou.

— Então não pense em nada, salvo em nós — Disse Draigon — Nos deixe cuidar de você como é nosso direito, nosso dever.

Parecia algo passado de moda. Estranhamente formal.

E entretanto, parecia correto provindo dele. Deles.

— No momento — Murmurou.

— Para sempre — Disse Draigon, sua mão deixou sua boceta quando Kye se ajoelhou de novo e afundou seu rosto no pelo púbico, lambendo ao longo da fenda e depois rodeando seus clitóris. Acariciando-o. Sorvendo-o. Enchendo-o de sangue e sensações, até que o capuz recuou para expor a diminuta cabeça, vulnerável ao prazer.

Ela se arqueou e estremeceu. Incapaz de pensar em outra coisa, mais que nos fragmentos ardentes que pulsavam através de seus clitóris, a sensação da língua de Draigon que explorava seu ouvido, sua mão roçando seu mamilo sensível, enquanto sua matriz revoava.

— Já usa nossos braceletes — Sussurrou Draigon, deixando seu canal auditivo e chupando o lóbulo da orelha, mantendo-o dentro de sua boca, puxando suavemente e mordendo, antes de soltá-lo — Dá-nos seu consentimento para um vínculo permanente.

Seus dedos apertaram seu mamilo, puxando ao mesmo ritmo no que Kye sugava seus clitóris. A fazendo recordar a perfeita sincronia de seus movimentos quando a agradaram até que aceitou usar os braceletes... Uns que tinha notado que coincidiam com as que eles usavam, à exceção da falta de pedras nos dela. Seu bracelete direito estava gravado com a mesma criatura que se encontrava nos de Kye. E o esquerdo era idêntico o dos pulsos de Draigon.

— Não estão jogando limpo — Foi capaz de dizer, e Kye riu contra sua boceta, baixou a cabeça e afundou sua língua em seu canal, em um comprido beijo francês, antes de levantar a face dizendo — Não há um dito que diz: Tudo vale no amor e a guerra?

— Se esquece de minha frase favorita — Conseguiu dizer, entre as ondas de prazer delirante— Eu não me zango, tomo a revanche.

Kye riu entre dentes. Um som rouco de confiança masculina enquanto lambia a cabeça diminuta de seus clitóris.

— Podemos tomar algo que nos lance, amada, e voltar por uma segunda rodada — Sorveu o inchado botão em sua boca, levando-a ao ponto do orgasmo antes de libertá-la — Aceita passar sua vida unida a nós, Savannah. Aceita celebrar uma cerimônia de vinculação — Disse ele, pontuando sua demanda ao introduzir a língua em seu canal.

Ela fechou os olhos tentando suportar o prazer. Sabendo em minutos que ela estaria disposta a prometer tudo, se só permitiam gozar. Pensando outra vez na conversa que tinha tido com Krista, só uns dias antes. Entendendo completamente por que Krista se apaixonou por Adan e Lyan, se eles eram um pouco parecido ao Draigon e Kye.

— Abra os olhos — Sussurrou Draigon — Olhe no espelho e observa a seus companheiros de vínculo te dando prazer como é seu direito, e seu dever.



Savannah fez o que ordenou, e o calor se precipitou através de seu corpo diante a imagem capturada no espelho de corpo completo. Kye ajoelhado diante dela, com a face sepultada entre suas coxas, e os dedos dela obstinados a seu cabelo, levando-o mais perto de seu corpo. Draigon atrás dela. Sua face esculpida à perfeição. Sua expressão cheia de amor, luxúria e determinação.

Ele acariciou sua bochecha com a dele, tomou seus seios e esfregou os polegares sobre os mamilos ultrassensíveis, fazendo-a arquear-se e gemer, vendo o brilho de necessidade deliciosa em sua própria face. Gemeu quando Kye renovou seu assalto sobre seus clitóris, seus lábios o rodearam e sugaram enquanto sua língua se movia sobre ele até fazê-la ofegar e mover-se contra sua boca, desesperada pela liberação.

Os dedos de Draigon capturaram seus mamilos, e então sua face se converteu em uma tensa máscara de determinação masculina. Seu ataque sobre seus mamilos em sincronização perfeita ao assalto de Kye em sua boceta e clitóris.

- Aceita realizar uma cerimônia de vinculação conosco.
- Sim — Disse Savannah, gritando quando eles cederam, quando o orgasmo a atravessou.

Capítulo 18

Tinham-no feito de novo, pensou Savannah, tinham usado seu corpo para conseguir o que queriam. Mas, como podia zangar-se com eles? Especialmente quando despertar com dois formosos deuses do sexo, um a cada lado dela, era sua ideia exata do paraíso.

Ergueu-se para sentar-se. Olhou o relógio de ao lado da cama, e não se surpreendeu ao descobrir que tinham dormido mais à frente do café da manhã e do almoço.

Cada parte dela estremeceu quando olhou seus corpos bronzeados, seus músculos duros, o cabelo comprido estendido ao longo dos travesseiros e sobre o peito e ombros. Maldição, quem teria pensado que os homens de cabelo comprido pudessem ser tão excitantes para ela?

Mas definitivamente o eram. Embora fosse problemático que eles soubessem exatamente quanto ansiava estar com eles. Quanto poder tinham sobre ela. Estava total e completamente enganchada. Não podia imaginar dormindo sozinha agora. Mas ao melhor isto funcionava em ambos os sentidos. Ambos estavam pressionados contra ela como se não pudessem suportar estar longe dela, inclusive durante o sono.

Savannah suspirou, e estudou os braceletes que tinham posto em seus pulsos a primeira vez que utilizaram seu corpo contra ela. Tinha sabido em algum nível de sua mente que os braceletes eram algo mais que umas simples peças de joalheria. Mas depois de ontem à noite...

Sentiu mariposas em seu ventre. Estava começando a pensar que os braceletes poderiam ser sua versão dos anéis de compromisso.

“Já usa nossos braceletes. Dá seu consentimento para um vínculo permanente”.

“Aceita passar sua vida unida a nós, Savannah. Aceita celebrar uma cerimônia de vinculação”.

Era possível alguma outra interpretação?



Savannah não acreditava.

Isto a pôs um pouco nervosa, mas não ia assustar-se... Ainda. Por outra parte, ela sempre tinha vivido mais ou menos segundo seus instintos. Com o instinto que sentia em suas vísceras.

Amava Kye e Draigon. Pensava que tinha um futuro com eles. Queria um futuro com eles. E como havia dito a Krista, acreditava no amor à primeira vista. Ou ao menos na possibilidade de reconhecer um companheiro da alma... Ou dois, enquanto estava em meio da luxúria.

Uma risada escapou ao pensar em todas as capelas de casamento em Las Vegas. Obviamente não era quão única acreditava no amor à primeira vista.

Distraidamente brincou com mechas de seu cabelo, revivendo a noite anterior, o sexo quase ininterrupto que começou na ducha, depois que ela concordou a uma união com eles, e depois continuou na cama. Tinham-na tomado sobre suas mãos e joelhos, analmente, tinham-na convencido para que os montasse, trocaram lugares para que ambos pudessem estar sobre ela, fodendo-a... E a levaram a orgasmo tantas vezes que não houve espaço para nada mais, salvo para as sensações físicas.

Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios. Eles o tinham feito para eles mesmos, sem dúvida para reforçar sua reclamação sobre ela, e embora duvidava que Draigon ou Kye o admitissem, também para competir um com o outro. Mas principalmente o tinham feito para ela, para impedir que pensasse em que tinha matado a um homem.

E tinha funcionado.

O fio repetitivo de imagens e perguntas se deteve. Inclusive agora, voltando sobre o que tinha acontecido, ela sentia... Calma, aceitação. Era uma morte justa. Não procurada, mas inevitável.

E ela poderia viver com isso. Sentia-se bem a respeito.

Savannah saiu da cama. Estirando-se. Depois suprimindo um gemido quando seu corpo começou a catalogar exatamente quão bem a tinham amado a noite anterior.

Outra risada escapou. Talvez tivesse que converter-se em nudista, porque agora mesmo, o pensamento de roupa era pura tortura.

De todos os modos, não pôde resistir a tomar uma de suas camisas antes de caminhar para a pequena cozinha, abotoando só um par de botões, antes de fazer uma cafeteira e verter uma xícara, para depois mover-se para a janela. Pensando.

Estava de licença administrativa. Oficialmente. Definitivamente. No banquinho, como Kelleher havia dito. Deixada de lado. Fora do circuito, e da investigação.

O que significava que devia fazer... O que? Ir de férias, ou talvez até de lua de mel?

Savannah fechou os olhos e se apoiou contra o vidro da janela, esquentado pelo sol. O óbvio, o que provavelmente não ia ser capaz de evitar, era uma séria discussão com Draigon e Kye sobre os braceletes, a cerimônia de vinculação, seu lar... Em qualquer lugar no inferno que estivesse. Estremeceu-se. De algum jeito sentia que a conversa não ia ser tranquila.

Com um suspiro, abriu os olhos e tomou um sorvo de café. Admitindo a si mesma enquanto o fazia, que o que realmente queria fazer, o que tinha que fazer a fim de deixar isto para trás, era encontrar Holland e assegurar-se que estava bem. Oferecer-se a ajudá-la uma vez mais. Se ela pudesse fazer só isso... Então poderia deixar isto atrás.



Uns passos soaram atrás dela. Deu a volta e sorriu, sem surpreender-se ao ver Kye uns passos atrás, nu. Ele se deteve, e imediatamente alcançou os botões da camisa, abrindo-os para que as bordas se separassem, revelando seus seios, seu ventre, e sua boceta.

— Acredito que esta é minha camisa — Disse Kye, seu pênis se agitou diante a visão de sua companheira de vínculo. A companheira de vínculo de ambos.

Suas pedras Ylan palpitavam diante da iminência de sua migração para os braceletes dos pulsos de Savannah. Sua vibração sobre sua pele advertia que era muito perigoso para ele acasalar-se com ela. Arriscar-se que seus braceletes se tocassem, ao estar em contato íntimo, a menos que estivessem na câmara de transporte, e ele e Draigon tomassem na cerimônia de vinculação. Uma vez que ela levasse as pedras Ylan, não haveria forma de esconder sua verdadeira forma, nem ocultar seus pensamentos ou emoções.

— Diz que quer que te devolva sua camisa? — Disse Savannah em tom de brincadeira, enchendo o coração de Kye de felicidade, e de alívio porque ela tivesse deixado para trás os acontecimentos do dia anterior.

Estendeu a mão e acariciou seu lado, adorando a sensação da pele suave sobre seus músculos suaves. Seu pênis se ecoou de seus pensamentos, levantando-se como um sinal de exclamação entre eles.

— Sim, acredito que é seguro dizer que quero que me devolva isso — Disse, puxando-a para ele e tomando sua xícara de café, colocando-a no batente, para desta maneira poder envolvê-la em seu abraço — Mas talvez seja melhor comer algo primeiro.

Savannah se apertou contra ele, esfregando seu pênis contra a parte inferior de seu corpo, enviando fogo através de seu eixo e sua coluna vertebral.

— Está falando de comida? — Perguntou ela.

Kye deslizou suas mãos para baixo para cavar seu traseiro.

— Para começar.

— Hmmm, essa poderia ser uma boa ideia. Sobre tudo se formos ter uma repetição dessa maratona sexual que tivemos ontem à noite.

Kye pôs-se a rir, empurrando suavemente contra seu púbis, a cabeça de seu pênis se encheu de umidade, quando se roçou contra seu ventre plano.

— Acredito que me levantei para isso.

— Posso vê-lo. Posso senti-lo.

Ele se inclinou e capturou sua boca em um breve beijo. Com medo que se o aprofundasse, a levaria de novo à cama. Mas, por muito que desejasse fazer exatamente isso, tinham que falar primeiro, e temia que a conversa não iria bem... Embora Savannah já tivesse concordado a realizar a cerimônia de vinculação.

— Tenho uma pergunta para você — Sussurrou ela, com uma expressão que despertou sua curiosidade e conteve seu temor a raia, o tempo suficiente para que ele dissesse.

— Faça.

— Na caminhonete o outro dia, disse que nunca antes tinha compartilhado a uma mulher.

— É certo — Disse ele, seus pensamentos corriam em rápida sucessão, tentando determinar a direção de seus pensamentos, se por acaso tinha que rebatê-los. Mas não conseguiu fazê-lo.



— A Draigon gosta do sexo anal. E a você também. Obviamente. Já que o fizemos ontem à noite — Inclinou a cabeça, seus olhos brilhavam, embora um rastro de rubor se abriu passo através de suas bochechas.

— O que diz é certo. Desfruto ao toma-la dessa maneira — Respondeu ele, ouvindo precaução em sua própria voz. O sorriso de Savannah o fez saber que também a tinha escutado.

— Assim, agora que os três estamos juntos acha que você gostaria que ambos me tomassem de uma vez?

Kye ficou tenso e sentiu o aumento de calor em sua face. Também sentiu a diversão de Draigon com o passar do laço mental que compartilhavam, e soube que o outro homem estava acordado, e escutando a conversa.

Quando ele não respondeu, Savannah emitiu uma risada rouca e o abraçou.

— Esquece que o perguntei. Pela expressão de sua face adivinhei que a resposta é não, e posso adivinhar por que. É, provavelmente, muito contato macho-macho para caras heterossexuais. E pelo que posso dizer, você é muito heterossexual — Disse ela, esfregando-se contra sua grossa ereção. A conversa e seus movimentos quase fizeram que Kye gozasse.

Ele gemeu e afundou os dedos em seu traseiro, impedindo seus movimentos, antes de cobrir a ambos com sua semente.

— Draigon e eu a tomaremos juntos durante a cerimônia de vinculação.

— Falando disso... — Disse Savannah, contente de que ele o mencionasse, embora pela breve expressão de sua face, e os nervos repentinos que revoaram em seu próprio ventre, talvez teria sido melhor comer primeiro, jogar um pouco mais e depois abordar o tema. Mas em vez de recuar, ela continuou — Quer me explicar exatamente a que me persuadiram a estar de acordo você e Draigon? — Ela soltou seu abraço, só o suficiente para esfregar ligeiramente um bracelete sobre o traseiro de Kye — Suponho que estas coisas são sua versão dos anéis de compromisso. Certo?

— Sim — Disse Kye, dando uma olhada para a cama.

A atenção de Savannah seguiu a dele. O calor, o amor e o desejo se instalaram em sua boceta quando Draigon se levantou e caminhou para unir-se a eles. Seu pênis estava cheio e a ponta já brilhava.

Ela gemeu quando ele se apertou contra suas costas, beijando ao longo de seu ombro em uma repetição de sua atuação da noite anterior.

— Não vai funcionar desta vez — Disse ela, sem fazer nenhum esforço para afastar um ou outro homem, mas resolvida a não deixar usar seu corpo contra ela — Temos que falar. Sobre muitas coisas.

A mão de Draigon deslizou entre seu peito e o de Kye, encontrando seu seio e segurando-o, enviando raios de prazer aceso através seu mamilo, enquanto fazia sobre ele lentos movimentos circulares com sua palma.

— Temos toda uma vida para falar. Uma vez que aceite ir casa conosco, poderemos nos unir com você da maneira da que falava com Kye, e depois poderemos partir.

Savannah fechou os olhos, saboreando a sensação deles contra seu corpo, ainda quando seu coração saltou um batimento, antes de continuar em um galope acelerado, quando sua mente de



policial entendeu exatamente o que Draigon dizia. Voltaram as suspeitas que tinha tido ao princípio, quando acusou Kye de pertencer a uma seita.

Ela respirou fundo. Forçou uma pequena medida de calma a entrar em seu corpo.

Talvez eles não jogassem limpo na hora de obter seu acordo para que usasse seus braceletes, e para realizar uma cerimônia com eles, mas não acreditavam que pudessem sequestrá-la. Confiava neles. E confiava em seus próprios instintos.

— Quando diz “ir para a casa” — Disse ela — Espero que se refira a ir casa para me apresentar a suas famílias antes de retornar a Reno, onde Savannah tem um trabalho, uma vida e uma grande família. Não é que me oponha a viver e ser policial em outro lugar, depois de tê-lo discutido e concordado. Mas não tenho intenção de desaparecer da face da Terra com vocês. Sem importar o muito que os amo.

A repentina tensão dos dois homens, disse que tinha acertado no alvo. Seu silêncio recordou todas as vezes que os tinha visto com expressões idênticas, tão completamente enfocados para seu interior, que bem pudessem ter estado mantendo uma conversa privada. Ou fazendo a fusão mental Vulcano¹¹.

Negou com a cabeça quando o tema do Star Trek trocou ao de Twilight Zone. Ela não necessitava disto neste momento.

— Diga que virá para casa conosco — Disse Draigon.

— Irei para casa com vocês — Disse Savannah, sem poder continuar em um comprido momento, porque a boca de Kye cobriu a dela, evitando-o. Mas quando o beijo terminou, acrescentou — Para uma visita.

Seu telefone celular soou, detendo o resto da conversa. Ela saiu de seus braços e o respondeu.

— Olha, tenho que ser rápido — Disse o Furão — Aqui está o endereço desse lugar que te disse. Isto ainda não nos foi interrogado, e Becky não o ofereceu de maneira voluntária a Vaccaro e Kelleher.

Savannah procurou um papel e um lápis e escreveu.

— Tem-na?

Ela a leu para confirmar.

— Essa. Eles estão de volta. Tenho que ir — Fez uma pausa — Obrigado por me salvar ontem.

— Sempre que o necessite — Disse Savannah, a linha ficou morta, e a lembrança de ter matado um homem retornou a ela. Mas em vez de ameaçar afligindo-a, encontrou que podia examinar o acontecimento e depois guardá-lo em seu lugar, a favor de concentrar-se em um plano de ação.

— Era Ricky — Disse, enrugando o nariz com desgosto enquanto olhava a roupa que tinha usado no dia anterior, decidindo que tinham o tempo suficiente para comprar ou procurar algo limpo antes de fazer algo mais — Chamou para me dar o endereço de um lugar que Becky tinha para os clientes que queriam privacidade enquanto se divertiam com as moças. É um risco, mas quero comprová-lo.

¹¹ Referência ao personagem Sr. Spock, da série de televisão e filme Star Trek (Viaje às estrelas), que podia ler as mentes.



O cenho franzido de Draigon foi imediato, e ganhou uma pequena sacudida de cabeça de parte de Kye, junto com uma advertência. *Não o faça. Não tente influir nela. Considere esta interrupção como uma bênção. Uma oportunidade para nos reagrupar e decidir o que fazer a seguir. O que dizer. Já aparei com ela tantas vezes, que as pedras Ylan estão pulsando em advertência contra meu pulso.*

Com uma careta, Draigon deu uma leve cabeçada. *As minhas também.*

— Pensei que seu informante estava agora com Kelleher e Vaccaro — Disse Draigon, satisfeito por soar tão razoável, quando sua companheira quase o estava deixando louco com sua indiferença diante o perigo.

— Está.

— Então, por que não dar a informação e permitir que eles a sigam? Acreditava que agora estava de licença administrativa. Livre para fazer com seu tempo o que queira.

Savannah dirigiu um olhar.

— Estou. E o que quero fazer, além de conseguir um pouco de roupa limpa e comida, é comprovar este endereço.

— Amada...

Ela elevou a mão para detê-lo.

— Isto não é negociável. Se prefere fique aqui ou voltar para a cabana...

— Não farei nada disso — Grunhiu Draigon, fechando a distância entre eles, capturando-a contra a parede, e seus dedos afundando-se na parte superior de seus braços pela frustração — Estou tentando entender porque não só quer se pôr em perigo, e sim por que estiver disposta a romper as regras que você mesma jurou manter.

O fogo cintilou nos olhos de Savannah. Verdadeira cólera. E por uma fração de segundo, Draigon temeu ter ido muito longe. Ter aberto uma brecha ente eles. Seu peito se apertou, e não pela primeira vez, amaldiçoou a natureza primitiva da Terra, onde a capacidade de comunicar-se mente a mente tinha sido suprimida. Onde tudo o que sentia, tudo o que era, tinha que ser comunicado só através das palavras ou a linguagem corporal.

Savannah suspirou, relaxando-se contra ele, e apoiando a testa contra seu peito.

— Está bem, essas são perguntas justas.

Acariciou o lado de Draigon, e seu pênis respondeu palpitando e gotejando. As pedras Ylan de seus pulsos repetiram a advertência da que Kye tinha falado antes. Vibrando, mais densas agora, preparando-se para separar-se e migrar aos braceletes que Savannah usava.

— Por que está disposta a se pôr em perigo? Por que está disposta a romper as regras por isso? — Perguntou outra vez, sentindo-se mais tranquilo com seu toque.

Ela exalou uma rajada de ar quente contra seu peito.

— Em primeiro lugar, não estou segura que isto possa classificar-se como perigoso. Me apoiando no que Kelleher me disse, e o que disse também o Furão, no assunto da chantagem participam as garotas por sua conta, ou junto a Becky ou Steven Traynor, ou ambos. E já que Becky está agora em custódia preventiva, Kelleher e Vaccaro provavelmente já têm tudo o que necessitam para acusar o Traynor pela lavagem do dinheiro da droga. Por isso duvido que o pensamento de Traynor esteja nas moças neste momento. De fato, não estaria surpreendida de



ouvir que de repente saiu que país e não está disponível para responder perguntas. Agora, com respeito a sua segunda pergunta, isso é um pouco mais complicado.

Draigon esfregou sua bochecha contra seu cabelo quando ela não emitiu nenhuma palavra. Desfrutando da cercania que sentia com ela, uma proximidade que era mais que o contato de pele contra pele.

— Se seguissemos estritamente o manual, então sei que deveria chamar Kelleher ou Vaccaro, e fazer saber o endereço. Se só estivessem envoltas Camryn e Ivy, seria pão comido, e eu já teria passado a informação. Mas o problema é Holland. Quando a apanhei no outro dia, houve algum tipo de conexão. Talvez foi sozinho em um sentido. Talvez estou me enganando e já é muito tarde para ela — Savannah encolheu os ombros — Talvez só me recorda tanto a Krista e a mim quando tínhamos sua idade, que só vejo o que quero ver. Não sei. Mas meu instinto me diz que a encontre primeiro e que faça tudo o que possa para impedir que desapareça na rua ou que termine em um reformatório juvenil.

— Tem a intenção em transformá-la em parte de sua família? — Perguntou Draigon, com suas próprias emoções vacilando entre o orgulho e a consternação.

Savannah pôs-se a rir.

— Estou improvisando neste momento, Draigon. Uma coisa de uma vez — Suas mãos se deslizaram para seus quadris e se inclinou para ele, dando um beijo — Está preparado para se vestir e sair?

Seus dedos se enredaram no cabelo de Savannah, levando sua face para a sua para dar um beijo mais longo, mais profundo. Encontrando divertido o conhecimento de que, pouco a pouco, sua companheira de vínculo o estava corrompendo.

O endereço era de uma casa construída perto de um lago artificial. Era mas bem pequena, desenhada para manter a intimidade e a privacidade, para passar um fim de semana em vez da vida diária. Ou ao menos isso acreditava Savannah, dado que a maioria das casas vizinhas tinham a aparência de estar vazias ou ser para render...

— Vou bater na porta principal — Disse, enquanto Kye girava a caminhonete em um meio-fio a várias quadras da casa — Quem quer cobrir a parte de trás?

Houve a usual vacilação estranha, e depois Draigon respondeu.

— Eu entrarei pela parte de trás. Kye tentará entrar pela porta principal. Você permanecerá no carro até que tenhamos assegurado a casa — Seu tom sugeria que não só falava a sério, mas também pensava que ela ia estar de acordo com sua sugestão.

Savannah negou com a cabeça.

— Não. As garotas me conhecem. Pode que não estejam contentes de me ver, mas minha aparição não as assustará.

— Como queira — Disse Draigon.

Savannah girou no assento junto a ele para poder ler sua expressão. Sua resposta tranquila a fazia suspeitar. Uma suspeita que se fez tangível um momento depois, quando Kye passou junto à casa e seguiu de comprido, dizendo sem palavras que ele e Draigon estavam na mesma longitude



de onda.

— Você gostaria de reconsiderar minha sugestão? — Perguntou Draigon. A diversão masculina e superioridade em sua voz, raspavam através dos nervos de Savannah.

Savannah fechou os olhos e contou até dez. Isto era algo que nunca tinha contemplado quando fantasiou estar com dois homens de uma vez... A forma em que ambos poderiam conspirar contra ela!

Infelizmente, não tinha tempo para cortar este problema de raiz. Ao menos não nesse momento.

— Está bem, ficarei no carro — Disse ela, consolando-se com o conhecimento, embora no caso de Holland detestava a ideia, de que as moças em questão estavam acostumadas a que homens estranhos aparecessem e fizessem muito mais que assegurar-se de que o lugar fosse seguro.

Kye se deteve em outra entrada com o fim de girar. Draigon segurou a bochecha de Savannah e a obrigou a encontrar seu olhar.

— Promete que ficará no carro até que um de nós te dê um sinal.

Savannah suspirou. Era impossível estar zangada com ele. Não quando irradiava preocupação. Não quando viu o amor em seus olhos, sua preocupação.

— Prometo-o.

Ele deu um breve beijo e reposicionou em seu assento. Ela ficou as mãos sobre as coxas, apertando-os.

— Tomem cuidado, OK? Não há nenhum carro frente à casa, por isso é possível que não haja ninguém — Ela suspirou — Não posso acreditar que eu esteja dizendo isto, mas me sentiria melhor se vocês tivessem armas.

Kye cobriu sua mão com a dele.

— Não se preocupe. É um jogo de crianças para nós.

— Com que um jogo de crianças, em? — Mas não pediu que se explicasse. E tampouco rompeu sua promessa.

Inclusive quando Holland abriu a porta, Savannah esperou que Draigon aparecesse e fizesse sinais para que se unisse a eles.

— Algo aconteceu — Disse Holland, com os braços ao redor de seu corpo e os ombros encurvados para escutar as notícias que ela pensava que trazia Savannah — Estão mortas, não é? É por isso que não respondem seus telefones.

Capítulo 19

— Sua irmã e Camryn? — Perguntou Savannah, seu coração esmigalhado por quão vulnerável parecia Holland. Quão jovem parecia, apesar de tudo o que tinha visto e feito.

Os braços de Holland caíram a seus flancos. A surpresa se via em seus olhos. A esperança. A dúvida.



— Não está aqui por elas?

— Estou aqui por você — Disse Savannah — O plano de chantagem está a ponto de cair, Holland. O FBI as está procurando, a você, a sua irmã e Camryn. Não pode se esconder para sempre. É o suficientemente inteligente para sabê-lo. Acredito que podem obter um trato.

Holland se cruzou de braços, desta vez cravando seus dedos na pele com a força suficiente para deixar pequenas marcas.

— Prefiro que me prendam a voltar para lar de acolhida.

— Não, não o faz.

— Você não sabe disso!

Savannah hesitou e depois assentiu.

— Tem razão. Não sei como foi sua vida. Posso adivinhá-lo, mas realmente não sei. O único que sei com certeza é que eu gostaria de te ajudar.

— O que vai me custar isto? — Disse Holland, com a expressão de estar cansada da vida, de ser muito velha, sem esperança, enquanto olhava Draigon e Kye.

Savannah seguiu seus instintos, do mesmo modo que o tinha feito na parada de caminhões com o Furão. Tomou os ombros de Holland e deu uma pequena sacudida.

— Eles são meus e não os compartilho. Mantenha seus olhos e seu corpo longe deles, ou me vou zangar de verdade.

A surpresa substituiu à aceitação a contra gosto no rosto cansado de Holland. Sua boca se abriu um segundo antes de dizer

— Os dois? Mas você é uma policial.

— Sim e os policiais não têm uma vida pessoal. Ambos são meus, mas apreciaria muito que não estendesse essa informação — Savannah fez uma pausa durante um segundo, antes de acrescentar — É por isso pelo que estão comigo. Não estou de serviço agora mesmo. Só estou reiterando a oferta que te fiz o outro dia. Te ajudar a sair da situação em que está.

Holland arrastou as mãos por seus braços, deixando raia vermelhas onde suas unhas tocavam.

— Não há nenhuma saída. Prefiro ficar com Ivy e Camryn, que voltar para sistema de lares de acolhida.

Savannah deu uma olhada a Kye e Draigon, desejando ter discutido com eles as diferentes opções se encontravam Holland.

Sua relação era tão nova. A chamada do Furão tinha interrompido a conversa sobre a cerimônia de vinculação, e os termos exatos de ir-se casa com eles, e não tinham tido a possibilidade de voltar para isso.

Não tinha ideia sobre como se sentiam sobre ser responsáveis por uma menina que não era própria, e ela era o bastante honesta consigo mesma para confessar, que não estava pronta para prometer-se a algo a longo prazo, quando correspondia a Holland. Ela só... Diabos, só estava improvisando, como era usual. Mas tinha chegado tão longe, e tudo o que realmente precisava era conseguir algum tempo.

— Você gosta dos cavalos? — Perguntou, estremeando-se diante a perspectiva de chegar ao rancho Bar None de seus avós com Draigon e Kye nas costas. Mas ela necessitava um lugar para



deixar Holland, um onde não entrasse em pânico e fugisse, e a gente onde tivesse supervisão de adultos.

— Cavalos? — Perguntou Holland, olhando ao Savannah com estranheza.

— Minha família possui um rancho. Poderia ficar ali até que as coisas se acalmem.

— E Ivy e Camryn?

— Teríamos que perguntar a elas e ver que querem fazer — Respondeu Savannah, evitando a verdadeira pergunta porque não queria mentir a Holland. Mas não havia nenhuma maneira de que qualquer das outras moças, pusessem um pé no Bar None.

Holland esfregou seus braços. Seu olhar se dirigiu do chão à face de Savannah, lançando-se depois a Kye, e depois a Draigon, antes de dirigir-se de novo a Savannah.

Savannah pressionou.

— Disse a verdade antes, dois agentes do FBI estão na cidade te buscando. É só questão de tempo antes que seja detida e acusada.

O silêncio durou durante vários compridos minutos antes que Holland dissesse

— Por que se preocupa por mim?

Savannah encolheu os ombros.

— Não sei. Só o faço.

Holland apertou seus braços até que seus nódulos ficaram brancos, e finalmente soltou seu apertão e permitiu que o sangue circulasse, oferecendo uma tentativa de sorriso.

— Irei com você.

— Tem que recolher suas coisas?

— Não há muito. Fugimos logo que deixamos a delegacia de polícia o outro dia.

Savannah se alegrou de que não houvesse raiva na voz de Holland. Por outra parte, uma viagem à delegacia de polícia provavelmente era muito melhor que ter que atender ao pervertido que Camryn tinha enviado ao quarto com Holland e a outra garota.

Holland voltou a entrar na casa para a sala de estar, parando-se ao lado de um sofá que também servia como sua cama. Começou a encher de roupa uma bolsa de ginástica.

Savannah tinha pensado interrogar Holland mais adiante, quando estivessem em seu carro, mas agora lamentava partir sem revistar a casa.

— Sabe onde estão Ivy e Camryn?

Holland se deteve, seus ombros se encolheram para frente, só um pouco. Não o suficiente para que se notasse, exceto para Savannah, que tinha estado olhando-a diretamente quando o fez.

Savannah se aproximou e se ajoelhou junto à menina.

— Tinha medo de que algo tivesse ocorrido quando me viu.

— Elas se foram ontem. Não retornaram e nenhuma responde a seu celular — Um sussurro — Sempre respondem a seus celulares. Não de maneira imediata se estão trabalhando. Mas justo depois de acabar.

— Foram encontrar se com alguém?

Uma cabeçada leve.

— Isso acredito. Mas não me disseram isso — Ela elevou a vista. Com os olhos atormentados



— Eu não perguntei. Não queria ir com elas.

Savannah se armou de coragem contra a imagem de Holland fazendo uma mamada a um homem o suficientemente velho para ser seu avô.

— Foram ver um cliente?

Holland alcançou um montão de meias e os pôs na bolsa. Continuando, uma camiseta. E outra camiseta. Seus movimentos eram lentos, como se estivesse usando o tempo para chegar a uma decisão. Finalmente olhou para cima, diretamente nos olhos de Savannah.

— Acredito que foram encontrar se com o Sr. Traynor.

— É ele quem dizia a sua irmã e Camryn a que homens levar ao quarto que tinha a câmara?

Os olhos de Holland se encheram de lágrimas e Savannah se aproximou dela, insegura se o contato físico seria bem-vindo ou repellido.

— Não sei. Talvez, às vezes. Sobre tudo eram Camryn e seu irmão.

— Pode identificar ao irmão de Camryn?

O olhar de Holland se deslizou longe do de Savannah. Baixou a cabeça e jogou um olhar debaixo do sofá, tirando uma meia solta, enquanto respondia

— Não.

Savannah o deixou passar no momento.

— Por que acha que Ivy e Camryn foram se reunir com o Traynor?

— Ivy me deu dinheiro para que pedisse uma pizza. Quando se foram, ouvi como brincava Camryn sobre quão agradável era ter uma apólice de seguros que cobrisse as drogas — Holland elevou a vista e encontrou de novo os olhos de Savannah — Camryn o fodeu e deu drogas para as festas. Ela o chamava sua apólice de seguros.

Holland ficou de pé e olhou a seu redor.

— Estou pronta.

Savannah ficou de pé também, perguntando-se se talvez, Camryn chantageava Steven Traynor, perguntando se Camryn conhecia sua conexão com o Domínguez, e a facilidade com que podia prover a de drogas como consequência disso. Por outra parte, se ela estava chantageando Traynor, este poderia ter resolvido o problema pedindo a Domínguez que enviasse os Psycho ou os Primos atrás dela.

— Aonde vão de festa Ivy e Camryn? — Perguntou Savannah.

— A casa do Alphonso. Sempre vão ali diretamente depois de receber um pacote de festa do senhor Traynor — Holland apertou seu agarre pela sacola esportiva contra seu peito, como um escudo, quando pequenos tremores atravessaram seu corpo.

O coração de Savannah se apertou, quando imaginou com facilidade todos os motivos pelos que Holland podia ter medo, sobre tudo se as drogas estavam implicadas.

— Podemos te levar a Bar None. Depois Kye, Draigon e eu, podemos voltar e comprovar a casa do Alphonso. Tem o endereço?

Holland respirou fundo e negou com a cabeça.

— Irei com vocês.

Savannah começou a dizer que não, e depois o deixou estar. Não queria transformar-se na carcereira de Holland. Tinha trabalhado como polícia o tempo suficiente, para saber que algumas



peessoas nunca se libertam de seus problemas, nunca se livram da confusão em que converteram suas vidas pelas más escolhas.

Segundo o relatório da Assistência Social que Kelleher tinha mostrado, Holland tinha estado escapando do cuidado adotivo desde que tinha dez anos, sempre partindo com Ivy. Talvez este padrão já estava muito inculcado nela. Ou talvez, Holland necessitava uma confrontação final com sua irmã para rompê-lo.

— Está bem — Disse Savannah — Saíamos daqui.

A casa do Alphonso era uma casa em uma extensão dos bairros residenciais. Um pátio com jardim, com caros e brilhantes carros no meio-fio e uma calçada ao redor da casa.

Savannah deu uma olhada a Kye e Draigon, perguntando-se o que pensavam. Desde que encontraram Holland, não haviam dito nenhuma só palavra. Talvez estivessem concentrados em ser seu guarda-costas. Ou possivelmente, esperavam o momento oportuno, enquanto que a situação terminava, e assim poder ir a algum lugar onde pudessem falar as coisas em privado.

Isto funcionava para ela.

— Esse é o carro de Ivy — Disse Holland, assinalando para o conversível prateado estacionado no meio-fio.

— Quando se supunha que se encontrariam com Traynor? — Perguntou Savannah, tentando conseguir uma aproximação do tempo que levava divertindo as pessoas dentro da casa. A resposta de Holland fez que o estômago de Savannah se contrair, quando se deu conta que Ivy e Camryn tinham saído, mais ou menos ao mesmo tempo, que seu enfrentamento com Psycho II começou a dar a conhecer nas notícias.

Chegaram à porta principal, Kye e Draigon se colocaram atrás, em vez de insistir em ir primeiro. Savannah tocou a campainha. Em várias ocasiões. Continuando, tentou abrir a porta e a encontrou destravada.

Por costume, a mão de Savannah se dirigiu ao lugar onde, pelo geral, descansava sua arma em sua capa. Teve um momento de desorientação procurando-a, para descobrir que faltava, então respirou fundo e abriu a porta. Gritou “olá” sem obter resposta. Não se ouvia nada, além da música. Hip-hop. As palavras eram tão rápidas que não podia as distinguir.

Gritou “olá” de novo, e depois entrou. Kye e Draigon se dispersaram, movendo-se diante dela. Holland a empurrou para passar a seu lado, o que obrigou a Savannah a agarrar o braço da menina, com o fim de evitar que seguisse em frente.

— Deveria esperar no carro enquanto comprovamos este lugar — Disse Savannah. Holland não respondeu, só puxou seu braço, tentando que Savannah a deixasse ir.

Havia aroma de maconha. Só um indício no vestibulo enquanto caminhavam para o fundo da casa, e à fonte da música.

Savannah gritou outra vez. Preocupada porque alguém da casa pudesse levar uma arma, e não querendo assustá-los ou que entrassem em pânico... Especialmente se estavam sob os efeitos da droga.

A poucos metros de uma porta aberta, sentiu o aroma característico dos intestinos



esvaziados. Deteve-se, e apertou o braço de Holland.

— Terá que esperar que revisemos o lugar, ou voltar para carro.

Holland fez um som de arcadas e assentiu com a cabeça. Savannah não tinha mais remédio que confiar nela. Libertando o braço de Holland, lançou-se para frente, entrando na sala da festa uns passos atrás de Kye e Draigon. Um olhar à cena disse tudo o que precisava saber.

Sete corpos.

Alguns aconchegados em posição fetal. Alguns estendidos.

No chão. No fofo sofá.

Todos em um silêncio de morte.

Um sortido de drogas na mesa do centro. Comida. Garrafas de licor. Refrescos.

Vômitos. Urina. Sedimentos. As vãs tentativas dos corpos de esvaziar-se disso.

Kye ficou em de cócoras junto a Camryn. Olhou Savannah e sacudiu a cabeça. Draigon se moveu para Ivy, mas Savannah já sabia que eles eram as três únicas pessoas vivas da sala.

Um soluço soou na entrada. Um ofego, o som de arcadas e Savannah voltou a interceptar Holland antes que caísse de joelhos.

— Vamos — Disse — Chamarei para informar do carro.

Este planeta fica mais terrível a cada momento, disse Draigon, tanto ele como Kye esperaram, permitindo a Savannah tomar a dianteira, enquanto levava a menina pelo corredor.

Isto não foi nenhum acidente, disse Kye. *Mas sem conhecer mais sobre os hábitos de Traynor, não podemos estar seguros que a morte não estivesse destinada para ele.*

É mais provável que ele fosse o que estivesse atrás do plano de chantagem, e esta foi sua maneira de eliminar a todos os que podiam declarar contra ele.

Kye assentiu com a cabeça. *Certo. Isto solucionaria o problema das testemunhas.*

Se Traynor for o responsável, então Holland deveria estar segura uma vez que Vaccaro e Kelleher o prendam. Ainda assim, o clã Baraqijal não carece de recursos. Podem-se contratar caçadores de recompensas para proteger Holland e a seus cuidadores.

As sobancelhas de Kye se levantaram em resposta, e Draigon fez uma careta em reconhecimento silencioso, e adicionou, *Tem razão, temo-me que nossa estadia aqui, acaba de prorrogar-se. Savannah não entregará facilmente Holland às autoridades, ou se irá até que a menina esteja segura.*

Teremos que confiar nos seres humanos para que investiguem os corpos e os carros, e determinem a verdade do que aconteceu aqui. A expressão de Kye se endureceu ao olhar a morte a seu redor. *Este não é nosso assunto, não devemos interferir nele, embora se a oportunidade se apresentasse, eu gostaria de repartir justiça pelo que se fez hoje aqui, e pelo que se fez à menina.*

Draigon assentiu com a cabeça. Uma opressão se instaurou em seu peito. Não porque não estivesse de acordo com Kye, mas sim porque estava de acordo com ele, e chegando ao conhecimento não desejado do porquê, Adan podia ser tão bom amigo de Lyan d’Vesti, um homem cuja vontade de esquivar e estirar as regras era bem conhecida.

Savannah chegou ao carro e tirou um dos cartões do FBI de seu bolso. O de Kelleher. Esse não era o procedimento de operações padrão. Mas ela não estava de serviço. E se imaginou que



teria uma melhor oportunidade de ir, antes que os policiais enchessem a cena, se o deixava em mão dos federais, deixando dirigir as questões de jurisdição.

Isto possivelmente poderia ficar como uma morte accidental por overdose. Mas talvez, se Kelleher e Vaccaro o investigavam, encontrariam algo aqui que pudesse conectá-lo com Traynor, ou com Carlos Domínguez. Enquanto isso, ela tinha que proteger Holland.

Savannah olhou para onde a menina se aconchegava contra a porta do carro. Chorando. Não eram uns estalos de soluços ruidosos. Entretanto, esse estremecimento silencioso atormentava seu corpo.

Merda. Esta era a parte em que não era boa. Consolo. E por uma fração de segundo, Savannah teve a tentação de chamar um conselheiro da Assistência Social e jogar tudo neles.

Savannah respirou fundo e marcou o número de Kelleher.

— Esta é uma chamada de cortesia — Disse, quando ele respondeu, recordando sua última conversa e acrescentou — Não é que vocês me tivessem feito o mesmo favor. Tenho um endereço para você. Dentro há sete corpos. Duas mulheres. Cinco homens. A causa de sua morte será drogas poluídas, ou uma overdose de um material super puro.

— Camryn e Ivy?

— Sim.

— chamou a polícia?

— É o primeiro a quem chamo — Savannah hesitou um momento — Tenho razões para acreditar que Traynor foi a fonte de algumas droga.

Houve um comprido momento de silêncio no outro extremo da linha, seguido de um suspiro.

— Tem à menina?

— Estive em contato com ela — Concordou Savannah.

— Teremos que falar com ela.

— Só falar?

— Que mais?

— Serviços Sociais, Reformatório.

— Não estamos interessados em procurar nenhum desses resultados.

— Uma vez que a prova litográfica, estará fora de minhas mãos — Savannah respirou fundo e confessou — Holland está comigo. Entrou na casa quando eu o fiz.

— Espera um minuto — Houve uma conversa em voz baixa ao fundo. Quando voltou, Kelleher disse — Os guarda-costas também estão com você?

Savannah olhou para cima enquanto Kye e Draigon abriam as portas do carro, e deslizavam no assento dianteiro.

— Sim, estão aqui.

— Os quatro entraram na casa?

— Sim — Savannah adivinhou para onde se dirigia e ofereceu a informação — Holland não tocou em nada. Eu toquei o pomo da porta principal, ao entrar e ao sair, mas nada mais — Olhou com cenho a Kye e Draygon, se perguntando por que demoravam para ir do lugar — Não estava olhando os meninos.



— Sabe a menina quem está por trás da chantagem?

— Vou ter que voltar a falar com você se descobrir algo. Mas penso que deveria comprovar nos antecedentes de Camryn, procurando um irmão.

— Está bem. Isto é o que quero que faça. Vá. Leva a menina a seu apartamento e mantenha ali. Vaccaro e eu estamos de caminho à cena. Para o registro, um informante falou e o comprovamos. Quando chegarmos, dirigiremos a chamada à polícia local. Mantenha seu telefone celular ligado. Chamaremos mais tarde.

O alívio atravessou Savannah. Ela articulou as palavras

— Vamos — A Kye, depois voltou sua atenção à conversa com Kelleher para poder informar o endereço em que Holland e as outras garotas estavam alojando-se.

Ela pôde ouvir a risada na voz de Kelleher quando disse

— Isso é tudo? Ou tenho que te recordar que está de licença administrativa?

— Isso é tudo — Não pôde resistir a dizer — No momento.

— Será o melhor.

— Descobriram como Psycho II nos encontrou na parada de caminhões?

— O que podemos dizer até agora, é que teve sorte e viu Nowak, e depois o seguiu, com a esperança de apanhá-lo com Becky Traynor.

Kelleher se despediu e Savannah estudou Holland. As lágrimas na face da menina estavam secas agora, embora seus punhos estavam apertados em seu colo. Ela tinha tirado seu iPod, e escutava as canções de Keith Urban. O volume alto era um sinal de “Não incomode”.

— Aonde? — Perguntou Kye.

— A meu apartamento — Disse Savannah, ainda preocupada porque Holland entrasse em pânico e fugisse. Mas não queria despistar Kelleher e Vaccaro. E sabia que isto nunca ia terminar para Holland, até que todos os jogadores fossem apanhados e estivessem entre as grades.

Savannah não tinha ideia do que ia fazer com Holland. Pelo menos a longo prazo. A história de minha vida, pensou. Saltar primeiro, e me preocupar com a aterrissagem mais tarde.

O movimento no assento dianteiro chamou sua atenção para o perfil de Kye, e depois ao de Draigon. O humor a encontrou e ela sorriu. Por outra parte, definitivamente haviam vantagens em: saltar primeiro, e preocupar da aterrissagem mais tarde.

Quando chegaram ao apartamento de Savannah, dirigiu a Holland para o quarto, e olhou enquanto a menina deixava sua sacola esportiva sobre a cômoda, sua expressão parecia perdida no espelho. Triste. Atormentada.

A compaixão puxou Savannah para ela. Chegou até Holland, e tirou o fone.

— Quer falar?

Seus olhos se encontraram no espelho. Azul líquido e verde esmeralda.

As lágrimas corriam pela face de Holland.

— Odiava-a. Disse que a odiava. Odiava as às duas — Um soluço escapou do mais profundo do peito de Holland, seguido por outro, e outro.

Voltou-se para Savannah, aceitando seu abraço, as palavras sussurradas de Savannah de



compreensão, chorou até que desabou e Savannah a levou para a borda da cama, onde se sentaram.

— Eu só queria que fôssemos Ivy e eu — Holland engoliu um tremulo suspiro — Quando eu era pequena, Ivy se ocupava de mim. Só queria que fosse assim de novo. Só que melhor, porque agora eu posso cuidar de mim mesma.

Savannah se separou de Holland, o suficiente para alcançar a caixa de lenços da mesinha de noite e pô-los na mão da menina, antes de retirar o outro fone e pentear suavemente o cabelo da face de Holland.

— Ela era oito anos mais velha que você, não é certo? — Disse Savannah, recordando o comentário de Kelleher quando se encontraram no restaurante.

Holland assentiu com a cabeça, esfregando as bochechas úmidas.

— Ivy nunca teria feito nada disto se não tivesse sido por Camryn. Ela fazia o que Camryn dizia que fizesse. Tudo.

Savannah não tinha nenhuma maneira de saber se era certo, ou se Holland só necessitava que o fosse.

— Quer dizer a prostituição, a chantagem? As drogas?

Outro estremecimento, seguido de um tremor que sacudiu todo o corpo de Holland.

— Sim.

— Faziam Ivy e Camryn o mesmo em Las Vegas?

— Sim — Os olhos cheios de lágrimas encontraram os de Savannah — Eu não sabia a princípio. Mas um dia, Ivy me levou a um apartamento — Holland levou seus joelhos até seu peito, e as rodeou com seus braços — Ela me fez uma vitamina. De chocolate. Só que pôs algo nele para que não me importasse nada — Um soluço escapou, e Holland afundou a face contra os joelhos. Balançando-se — Então, Camryn chegou. Havia um homem com ela. Depois... Havia fotos, e Camryn disse que isso é o que se paga pela vida. E Ivy esteve de acordo com ela. Como sempre.

Soluços atravessavam o corpo de Holland, deixando Savannah desconsolada, doída, sentindo-se inadequada e impotente. O impulso de tentar aliviar a dor de Holland era esmagante.

Savannah esfregou as costas de Holland, sussurrando que estava a salvo agora. Esperando que suas lágrimas cessassem.

Quando Holland deixou de chorar, Savannah disse

— Os agentes do FBI chegarão logo. Eles vão fazer perguntas. Mas não estão interessados em nada mais que suas respostas. Não vão chamar os Serviços Sociais. Não vão leva-la a nenhum lugar.

Holland a olhou nos olhos

— E então, o que?

— Descobri-lo-emos conforme avançemos.

— Não voltarei. Fugirei antes de voltar.

A suspeita se instalou nas vísceras de Savannah. A raiva e as náuseas se juntaram com ela.

— Aconteceu algo em sua última família de acolhida?

— Não quero falar disso — Sussurrou Holland.

Savannah o deixou passar. Não pressionou Holland em busca de mais respostas, ou para



tentar que não colocasse os fones de novo e se murasse atrás de uma barricada de música.

Ficou com Holland até que o horror, a preocupação e o esgotamento finalmente cobraram seu preço, e Holland se aconchegou na cama e fechou os olhos. Depois, ficou até que a respiração da menina foi tranquila. O sono o bastante profundo, como para que não houvesse sinal de pensamento.

Kye e Draigon tinham idênticas expressões severas em suas faces quando Savannah se uniu a eles na sala de estar. E como se os três estivessem na mesma longitude de onda, encontraram-se no meio, Savannah contente por encontrar-se entre os dois homens.

— Escutaram algo disso? — Perguntou, depois de vários minutos de só saborear a sensação de músculos firmes e calor masculino.

— Tudo — Disse Draigon. A cólera vibrava em sua voz.

— Ela será protegida e cuidada de agora em diante — Prometeu Kye.

Eles se retiraram e Kye se deixou cair no fofo sofá de Savannah. Draigon tomou a cadeira, mas Savannah estava muito tensa para sentar-se. Caminhou a curta distância para a janela e olhou fora, depois decidiu pôr um pouco de música.

A campainha soou.

— Será provavelmente Kelleher ou Vaccaro — Disse Savannah, chegando em primeiro lugar, já que estava mais perto. A surpresa a atravessou quando abriu a porta, e encontrou Fowler.

— Posso entrar? — Perguntou ele, com o rosto gasto, preocupado. O aspecto GQ sossegado, mas a espécie de silêncio que puxava as fibras sensíveis de uma mulher.

Capítulo 20

— É obvio. O que aconteceu? — Disse Savannah, deixando-o entrar e fechando a porta. Não se surpreendeu quando Kye e Draigon ficaram de pé e se aproximaram para colocar-se a cada lado dela, permanecendo ali, inclusive depois que ela tivesse feito as apresentações.

— Sabe sobre as moças sobre as que estava perguntando por aí? — Perguntou Fowler.

Savannah adivinhou por onde ia a conversa, e a emocionou que um policial do Antidrogas fosse dar as más notícias pessoalmente. Por uma fração de segundo, esteve tentada a fazer fácil, e dizer que já sabia sobre Ivy e Camryn, mas não tinha aceso a emissora da polícia, não tinha falado com Kelleher ou Vaccaro, por isso não sabia em que situação estava a investigação.

— O que aconteceu a elas?

Algo piscou nos olhos de Fowler. Pena, talvez. Tristeza.

— Duas delas estão mortas. Passei pela cena faz um minuto, quando ouvi que entrou o aviso. Overdose de drogas.

Deu uma olhada ao redor da sala, detendo-se por um momento na porta de seu quarto, antes de seguir para a cozinha, separada da sala de estar por um curto balcão.

— Recordou às imagens de suicídios em massa. Aqueles em que os líderes do culto convencem a seus seguidores de tomar Kool-Aid envenenado. Havia sete corpos na cena —



Passou os dedos pelo cabelo enquanto seu olhar voltava para Savannah, seu mal-estar era evidente — Pensei que você gostaria de sabê-lo.

— Obrigado.

— Poderia me dar um pouco de água antes de partir?

Savannah assentiu com a cabeça e se dirigiu à cozinha. Seu pulso se acelerou quando Fowler foi junto a ela e passaram diante a porta do quarto, parcialmente aberta.

Pela extremidade do olho o viu dar uma olhada dentro.

— Então encontrou à garota — Disse, com resignação na voz — Sabe o de Camryn e Ivy?

— Tenho água engarrafada. Com sabor a cereja negra. Prefere tomar isso? — Perguntou Savannah, tentando evitar sua pergunta, girando para o refrigerador. Dando-se conta muito tarde, de quão casualmente tinha usado Fowler o nome das moças.

Ele a tomou pelo braço e pressionou o cano de sua arma com silenciador contra um lado de sua cabeça.

— Fiquem ai mesmo — Disse Fowler a Draigon e Kye. Mantendo-os a raia do outro lado do balcão.

Eles levantaram devagar suas mãos. Embora Savannah estivesse segura que Fowler sabia que estavam desarmados.

— Cristo, Holden, fiz tudo, salvo comprar um bilhete para que saísse da cidade. Mas você não podia deixar isto em paz. Devia ter feito que Camryn se encarregasse da garota. Dar algo e acabar com ela, depois de que me viu trocar o chip da memória da câmara um par de semanas atrás. Nunca quis que isto acontecesse. Durante todo o caminho até aqui vim rezando para não encontrar à menina aqui. Tive um localizador no carro de seu namorado desde ontem. Eu sabia que tinha ido a casinha de jogos de Becky Traynor. Então a chamada entrou... Cristo! — Foi quase um grito. O corpo de Fowler virtualmente vibrava contra o seu. Cheio de emoção.

A mente de Savannah ia a toda velocidade, tentando encontrar um modo para obter que todos pudessem sair disto com vida. E nesse momento soube.

— É o irmão de Camryn. O FBI já está te procurando.

Ele soltou uma gargalhada. Um som breve.

— Boa tentativa. Mas Camryn foi presa em Las Vegas com alguns cargos leves. Esses são os únicos rastros no sistema dela. Assegurei-me que os arquivos refletissem que é filha única. Pais falecidos. Nenhum parente vivo conhecido.

Uma fria náusea encheu o estômago de Savannah. O horror de fazer tão mau julgamento com respeito a esse homem. Tinha-o considerado seu único amigo no Antidrogas.

— Matou Camryn e os outros?

— Não. Traynor o fez com um de seus pacotes de festa. E receberá o que merece por isso. Na cárcere ou fora desta. Assegurar-me-ei disso — Ele vacilou — Sinto por isso, Holden. Realmente o faço. Eu gosto de você e essa é a verdade.

Savannah soube o momento que ele tinha a intenção de apertar o gatilho e então, fez a única coisa que podia fazer. Deixou-se cair, esperando levá-lo com ela, fazer Fowler perder o equilíbrio e dividir sua atenção.

Kye e Draigon saltaram através do balcão sobre ele, no mesmo instante que Fowler soltou



Savannah, sacudindo sua mão para cima e disparando a arma.

O vermelho encheu a parte frontal da camisa de Kye, e ele caiu para trás. A luz brilhou no bracelete de Draigon e depois, em uma incongruência surrealista, ele baixou sua mão. Retirando-se do outro lado do balcão, tomando Kye em seus braços.

— Voltaremos para você — Disse Draigon, as pedras vermelhas de seus braceletes brilharam de maneira tão forte que Savannah piscou. Então piscou outra vez, dando-se conta que não havia ninguém com ela na sala. Só o sangue no balcão e nos ladrilhos, demonstravam que o que tinha acontecido era real.

Draigon podia sentir que a força da vida de Kye se apagava. Podia sentir a energia frenética das pedras Ylan nos braceletes dos pulsos de Kye, tentando mantê-lo vivo.

Sem vacilar, usou suas próprias pedras Ylan para transmutar, para viajar à câmara de transporte na Serra, e depois a Belizair, à Cidade Ponte de Winseka, onde estava o único portal para a Terra, e de ali, usou o último do poder e a energia armazenada em seus braceletes para ir às montanhas, onde viviam os curadores de Belizair.

— Me siga — Disse um ancião Amato em sinal de saudação, girando sem dizer outra palavra, e guiando Draigon pelas antigas e tortuosas passagens subterrâneas, suas paredes com profundos tons de pedras Ylan, em símbolos e padrões que uma vez significaram algo para os Fallon.

Parte da tensão se aliviou no peito e ombros de Draigon. As asas, que tinham permanecido como uma coleção de partículas na Terra, agora se abriam ligeiramente, relaxando-se.

Embora Kye ainda era um peso morto nos braços de Draigon, pôde sentir que Kye se estabilizava. Como se a morte não se atrevesse a entrar neste lugar, onde as veias do Consorte estavam ao descoberto, abertas e estendidas em forma de pedras Ylan através das paredes e tetos, misturando-se com as antigas runas dos Fallon.

Quando tinha estudado os costumes da Terra, em preparação para reclamar a sua companheira de vínculo, Draigon tinha lido as histórias de como os seres humanos tinham visto alguma vez os de sua espécie. Como alguns de seus lugares de culto, continham imagens de homens mulheres e meninos alados, anjos, pintados em suas paredes e tingindo suas janelas.

Não tinha tido tempo para visitar um desses “lugares Santos” dos humanos, mas agora, enquanto caminhava pelas antigas cavernas dos Fallon, Draigon se deu conta que este lugar de cura dos corpos, era muito parecido ao lugar onde a pessoa da terra curava as almas. Irradiava paz e poder, com ecos do passado, uma conexão com o princípio da existência.

O curador entrou em uma sala, fazendo gestos a Draigon para que se dirigisse ao centro, e a respiração de Draigon se entrecortou diante a visão do altar em seu interior. Estava feito principalmente com pedras Ylan de cor azul escura, mas tecidas através das pedras havia fitas de lavanda que continham múltiplos cores brilhantes. As lágrimas da Deusa.

Poucos as tinham encontrado alguma vez em Belizair. Tinham um valor inestimável... Até para os Vesti, embora devido a sua escassez mais que a seu significado religioso. Até esse momento, Draigon só havia visto reflexo as Lágrimas em poder de sacerdotes ou sacerdotisas. Eram pedras pequenas que facilmente podiam ser sustentadas no punho de um menino.



Sem que dissessem nada, Draigon colocou Kye no altar, colocando-se junto a ele, a lembrança da face angustiada de Savannah chegou a sua mente, enquanto olhava o Vesti que era seu Co-companheiro. O homem que tinha encontrado Savannah e a tinha protegido, e a quem Draigon tinha pensado ter ressentimento e entretanto, descobriu que não podia.

A força de vida de Kye era fraca, sua respiração quase imperceptível, suas asas pareciam um ente escuro cobrindo o altar, recordando a Draigon a roupa de cama da Terra. *Ficará bem?*

O curador colocou a mão sobre o ombro de Draigon. *Isso dependerá da Deusa e seu consorte. Nos deixe agora. Minha neta te espera fora para te mostrar um quarto. Suas viagens drenaram suas pedras Ylan. Pode ficar aqui enquanto se recarregam.*

Savannah limpou o sangue com uma esponja, lavando o balcão e o chão. O tema musical do The Twilight Zone soava em sua cabeça, junto com visões de alguma agência secreta do governo, chegando a seu apartamento para procurar DNA alienígena.

Só os braceletes que usava em seus pulsos e a presença de Holland no quarto, tinham evitado que se derrubasse depois dos primeiros momentos, logo depois de que Kye, Draigon e Fowler desaparecessem. Agora as lembranças dos últimos dias se precipitaram sobre ela, pistas sutis, e não tão sutis, que tinha captado, mas não tinha reconhecido como tais.

O leve aroma familiar da colônia de Fowler em seu apartamento, o dia que ela e Kye chegaram para encontrar que tinha sido revistado, provavelmente por uma pessoa diferente da que tinha destruído o apartamento do Furão.

O desaparecimento de Kye sem deixar nenhum rastro a manhã seguinte. A aparição repentina de Draigon uns dias mais tarde. Em ambos os casos, os rastros chegavam a um ponto e simplesmente desapareciam.

Draigon, que não conhecia o que era o frango frito. Grande essa pista.

O fato de que não usassem armas, apesar de ser caçadores de recompensas. Tinha deixado passar essa também.

Savannah se moveu até a janela e olhou para fora. Esfregou o peito com uma mão, que de repente estava tremula, agora que o assunto da destruição da cena do crime tinha sido levado a cabo. Um soluço forçou sua saída através de sua boca. OH Deus, e se Kye tivesse morrido?

As lágrimas escaparam de seus olhos e ela os fechou, querendo que as lágrimas ficassem dentro. Esperando que ficassem. Tentando agarrar-se à promessa de Draigon de que voltariam. Não disse "voltarei", e sim "voltaremos".

Combateu as lágrimas com respirações profundas. Dizendo-se que se podiam desaparecer no ar, então certamente teriam a tecnologia para salvar Kye de uma ferida de bala.

Em vez disso, obrigou-se a pensar no caso. Vendo como os pontos se conectavam agora. Fowler com Camryn. Camryn com Ivy e Holland. Camryn com o Traynor. Traynor com Domínguez. Domínguez com os Primos e os Psycho. Todo mundo tinha uma explicação salvo a ausência do irmão Abrego, Psycho I, cuja caminhonete Kye tinha encontrada abandonada em uma garagem próxima ao bloco do apartamento do Furão.

Merda. Savannah apoiou a testa contra o vidro da janela. Em sua mente, voltou a viver



aquele primeiro dia que passaram juntos. A viagem ao apartamento do Furão. Girar para Kye quando estavam na calçada, dirigindo-se à caminhonete, perguntando se tinha visto algo, só notando vagamente que baixava o braço a seu lado, da mesma forma que Draigon o tinha feito justo depois do brilho que devia ter feito o desaparecimento de Fowler.

Esfregou a testa contra o suave vidro. Nem sequer tinha perguntado a Kye, por que pensava que um franco-atirador poderia ter estado na garagem. Embora em sua defesa, depois da explosão do carro do Furão, um franco-atirador não estava fora da equação. Mas ir uns dias mais tarde, e encontrar de maneira tão conveniente uma capa de fuzil e uns documentos de registro...

No fundo o tinha sabido. Depois do tiroteio com Psycho II, quando se preparavam para registrar-se no hotel, quando ela tinha estado tão preocupada, e Kye tinha parecido tão seguro ao dizer que estavam a salvo dos dois Abrego, tinha tido um breve momento de brilhantismo, quando se perguntou se Kye teria encontrado Psycho I no estacionamento e tinha feito algo.

Mas, é obvio, ela tinha apagado de sua mente esse pensamento.

O telefone soou, e Savannah abriu os olhos e se separou da janela. Quando respondeu, não se surpreendeu para ouvir a voz de Kelleher dizendo que estavam em caminho para falar com Holland.

Dirigiu-se ao quarto e encontrou Holland acordada, sua face mostrava sinais de lágrimas, mas não estava úmida. Savannah se sentou na cama e tentou lamentar-se por ter insistido em seguir procurando Holland, em vez de partir a algum lugar desconhecido. Tentando dizer-se que se o tivesse feito, então Kye não teria recebido um tiro.

Mas não lamentava tentar ajudar Holland. Simplesmente não podia. E em seu coração, não acreditava que Kye ou Draigon o lamentassem tampouco.

Savannah tomou a mão de Holland, quase esperando que a menina rejeitasse o contato e se afastasse. Pelo contrário, Holland se agarrou a ela. Seus olhos se encontraram com os de Savannah. Confiados. Cautelosos.

— Era um dos agentes do FBI. Estarão aqui dentro de uns minutos. Se quer deixar tudo para trás de você, tem que contar tudo. Incluindo o que saiba sobre o irmão de Camryn. É um policial, certo?

A mão de Holland se esticou sobre a de Savannah em resposta.

— Como o soube?

— Só era uma conjectura — Disse Savannah, uma paga com sangue, mas não havia maneira de que ela pudesse dizer a verdade a Holland.

— Eu não sabia que era um policial até o dia que me levou a delegada. Vi-o ali, mas ele não me viu.

Savannah fechou os olhos. Se só Holland tivesse contado isso antes, em vez de negar saber qual era a aparência do irmão de Camryn. Se tão somente...

Bom, não tinha nenhum objetivo pensar nos se tão somente. Só estavam o aqui e o agora, e talvez o porquê Holland tinha evitado dar a informação.

Devia ter feito que Camryn se encarregasse da garota. Dar algo e acabar com ela, depois de que me visse trocar o chip da memória da câmara um par de semanas atrás.

— É o irmão do Camryn quem dirigia a chantagem? — Perguntou Savannah e Holland



imediatamente evitou seu olhar. Sua voz foi um sussurro agudo cheio de vergonha quando respondeu

— Ele é quem tem todas as fotos.

Draigon caminhou pelo quarto de convidados. Estirando suas asas enquanto o fazia, desfrutando do movimento e a possibilidade de manter sua forma verdadeira. Seus pensamentos giravam entre a preocupação por Kye e a angústia por Savannah. Seu coração se sentia pesado pelo conhecimento de que, quando tinha recolhido Kye em seus braços e o tinha transportado diante de sua companheira de vínculo, talvez tinha arruinado qualquer possibilidade para que eles pudessem terminar de reclamá-la.

A ameaça da perda de Savannah o preocupava muito mais que o fato de ter violado uma das mais estritas regras do Conselho, para aqueles que viajavam à Terra. Seu desaparecimento diante de Savannah tinha sido uma prova direta da presença dos de Belizair, embora poucos o criticariam por suas ações. Assim como poucos o culpariam por usar as pedras Ylan para destruir seu atacante.

Com um suspiro Draigon se sentou em uma cadeira, esculpida de maneira singela e com um respaldo baixo, forçando a sua mente longe da confusão de seus pensamentos, a favor de reviver o tempo que havia passado na Terra em companhia de Savannah. Seu corpo se esticou ao recordar seu primeiro acoplamento na jacuzzi. Seu pênis se encheu como se uns lábios fantasmas o beijassem. A necessidade de estar com ela era quase entristecedora.

A diversão encheu seu coração ao recordar o caminho à cabana, e como tinha sido tão cativado pela visão de seus seios, pela umidade de sua boceta, que tinha perdido o controle do veículo.

Pôs a rir a gargalhadas, pensando nas vezes que ela tinha brincado com ele, levando-o para uma leveza de espírito a qual não estava acostumado.

Sacudiu a cabeça, pensando em como, sua resolução confiada para afastá-la de seu planeta primitivo, tinha sido relegada ao fracasso, só uns minutos depois de conhecê-la.

Draigon ficou de pé e continuou caminhando. Fazendo uma careta quando seu pênis se apertou contra a ajustada roupa da Terra. Os jeans que se pôs de novo com a esperança silenciosa de que este fosse o dia que Kye fosse declarado apto, e pudessem retornar juntos à Terra.

As pedras Ylan dos pulsos de Draigon estavam carregadas de energia. E entretanto, os curadores ainda não tinham permitido ver Kye.

Não podia voltar para Savannah, não estando só. Não sem respostas às perguntas que faria. Respostas que tinha proibido dar conforme à lei do Conselho.

Draigon suspirou, a derrota permanecia na borda de sua preocupação. Savannah era a primeira, das mulheres que tinham a sequência de genes Fallon, que tinha família na Terra, um sentido de pertença que não podia ser facilmente duplicado e apagar o original.

Não tinha havido tempo para discutir seus planos com respeito de Holland. E tanto ele como Kye tinham estado agradecidos de esquivar a discussão a respeito da cerimônia de vinculação e sua volta a casa.



Um movimento na entrada fez que Draigon deixasse a um lado suas preocupações. Levantou o olhar. A irritação passaram por ele ao ver Lyan. E entretanto, em vez de estabelecer-se nele, como tão frequentemente o faziam, as emoções foram fugazes, foram-se antes que pudesse dizer algo para chatear Vesti.

— Ele está a salvo da morte — Encontrou a si mesmo dizendo em seu lugar.

— Posso entrar?

— Sim.

Lyan entrou no quarto, e ofereceu seus antebraços na saudação tradicional.

— Quero te agradecer por salvar sua vida.

Draigon cortou a distância entre eles. Roçou seus braceletes contra os de Lyan. Suas mãos apertaram brevemente os antebraços do outro, antes de separar-se a um passo de distância.

— Ele teria feito o mesmo por mim.

— Como vai com Savannah?

Draigon sacudiu a cabeça ligeiramente. Dando-se conta nesse instante, o muito que sua companheira de vínculo o tinha corrompido. Quanto o tinha trocado seu amor por ela. Em vez de desdém e cólera para Lyan, encontrou-se perguntando-se como o Vesti, amplamente conhecido por estirar e dobrar as leis do Conselho e evitar sanções sérias, dirigiria a situação em que ele e Kye estavam nesse momento.

— Fica mais complicado cada dia que Kye e eu passamos com ela — Admitiu Draigon, tomando assento e fazendo gestos a Lyan para que se unisse a ele.

Lyan se sentou, colocando comodamente suas asas negras.

— Escuto se desejas compartilhar o que aconteceu com ela.

Draigon encontrou mais fácil mostrar a Lyan os eventos, fez ver suas lembranças em um filme censurado, que terminou com os acontecimentos em seu apartamento. Quando terminou, Lyan compartilhou as imagens da busca que ele e Adan tiveram que atravessar para conseguir Krista. Como ele também tinha matado o homem que ameaçou a sua companheira de vínculo.

— É um planeta primitivo e me confesso culpado de estar contente por ter conseguido convencer Krista para que voltasse para casa conosco — Disse Lyan — E tem razão, sua situação é mais complicada que a que Adan e eu tivemos em nossas mãos, mas posso ver um modo para que possam estar com sua companheira de vínculo... Se estiverem dispostos a permanecer na Terra.

— A lei do Conselho...

Lyan levantou uma mão e Draigon se deteve. A surpresa o fez estremecer-se, diante a ideia de estar disposto a escutar Lyan até o final.

— Primeiro — Disse Lyan — Sua casa é respeitada e é um caçador de recompensas com experiência, cujos talentos seriam de valor aos cientistas na Terra. Kye já serviu ao Conselho desse modo. E embora os deveres de Savannah não são iguais, ela é uma guardiã da lei, cujo conhecimento e formação poderiam complementar os seus e os de Kye.

— Segundo, a lei do Conselho não requer que tragam sua companheira de vínculo a Belizair. Só diz que ela deve concordar a vir para casa com vocês... Algo que sua companheira de vínculo já tem feito. E que uma vez aqui, devem viver em Winseka até que nasça o primeiro de seus meninos.



— E em terceiro lugar, a lei do Conselho declara que nosso aspecto verdadeiro só pode ser revelado a nossas companheiras de vínculo na câmara de transporte antes de trazê-las. Não diz nada de que o transporte seja obrigatório uma vez que tal revelação seja feita.

— Por isso poderia ser razoável deduzir que são livres para completar a cerimônia de vinculação e acasalar-se com Savannah em outros momentos em sua forma verdadeira, sempre e quando o fizerem na câmara de transporte... Que não está a uma grande distância da cidade que sua companheira de vínculo chama de lar.

— O Conselho... — Começou a dizer Draigon, preparado para explicar-se e ampliar a intenção atrás das resoluções do Conselho, mas fazendo uma pausa para examinar o raciocínio de Lyan, procurando seus defeitos.

Não encontrou nenhum.

Todos os pontos de Lyan eram válidos. E embora Draigon não tinha compartilhado com Lyan o descobrimento dos varões humanos que levavam a sequência de genes Fallon, estava o argumento aplicado que os irmãos e primos de Savannah pudessem levar os marcadores também.

Draigon tinha pensado em reclamar Savannah e voltar para Belizair. Tinha rejeitado a Terra como um planeta atrasado. Julgando-o como primitivo. Resignou-se a ter uma companheira de vínculo humana como se fosse um destino terrível.

Ele não era alguém que duvidasse de si mesmo ou de seus julgamentos, ou questionasse suas decisões, mas ele já se equivocou, já tinha descoberto parte de si mesmo ocultas sob capas de restrição, que foram libertadas pelo senso de humor de Savannah. No momento que tinha visto Krista, a companheira de Lyan e Adan, e depois à sua própria, tinha entendido por que seus antepassados foram tão atraídos pela Terra e a gente que encontraram ali. Certo, era mais perigoso que seu mundo, mas já tinha servido em outros lugares igualmente perigosos. E embora não tinham falado sobre isso, Kye parecia encontrar-se a gosto no planeta de Savannah.

Com uma claridade que Draigon encontrou difícil de acreditar, a sugestão de Lyan teve um perfeito sentido. Sua resposta era a solução óbvia.

E como se sentisse a aceitação crescente de Draigon, Lyan se inclinou para frente e disse

— O Conselho arrasta seus pés, agarra-se a decisões tomadas no passado. Abrem a porta que leva a nosso futuro, centímetro a centímetro. Mas não podemos nos permitir permanecer entupidos e rodeados por regras que já não têm sentido. Nossa presença na Terra deve crescer e devemos fazer alianças entre os seres humanos com os que temos vínculos. Devemos utilizar essas conexões para ampliar nossa busca daqueles com a sequência de genes Fallon. Há muitos em Belizair esperando que uma companheira de vínculo seja encontrada, e isso está tomando muito tempo. Se a esperança morrer, então, todos morremos.

— Falarei com Kye — Disse Draigon, os velhos hábitos ainda persistiam, fazendo impossível que dissesse a Lyan que tinha razão em seus argumentos e conclusões.

— A respeito do que falará comigo? — Perguntou Kye da porta, surpreendendo tanto a seu Co-companheiro como seu primo, embora à visão de Draigon e Lyan sentados juntos, conspirando, quase tinha feito que Kye pusesse mais em dúvida sua saúde mental que sua saúde física!

Os dois homens ficaram de pé, saudando Kye com um abraço.

Lyan partiu uma vez que se assegurou que Kye estava bem. Draigon voltou a reproduzir sua



conversa com Lyan, sobressaltando Kye por sua determinação de desafiar a intenção da lei do Conselho, se não a lei mesma. Mas o humor rapidamente voltou para ele, e não pôde resistir a dizer.

— Os seres humanos têm um dito que é perfeito para esta situação: “É mais fácil ganhar o perdão que obter a permissão”. Voltamos com Savannah?

Capítulo 21

Savannah terminou de esfregar os pratos do café da manhã enquanto seu avô terminava de preparar um molho de naipes para uma sessão de maratona do Texas hold'em¹². O alívio e uma medida de felicidade a enchiam. Seus avós tinham acolhido Holland. Tinham-na tratado como parte da família, logo que Savannah a tinha levado a Bar None.

Era um começo... Do que? Savannah não estava segura. Mas no momento, Holland estava segura e, nem a polícia nem os Serviços Sociais infantis pareciam estar procurando-a. Era uma coisa menos para preocupar-se, e isso estava bem. Porque agora mesmo, sentia-se como se sua vida estivesse em suspense.

— Vai se unir a nós? — Perguntou seu avô, quando Savannah pendurou o pano de cozinha.

Os jogos quase ininterruptos de pôquer tinham sido uma pausa de seus contínuos pensamentos sobre Draigon e Kye. Mas Savannah estava muito inquieta para unir-se a seus avós e Holland na mesa.

— Não, vou sair por alguns minutos.

Viu seus avós trocarem um olhar. Estavam preocupados por ela. Mas, o que podia dizer? Apaixonei-me por um par extraterrestres? Ou talvez, são seres sobrenaturais. Não sei exatamente o que são. Mas me protegeram, me foderam, queriam me levar a sua casa com eles... depois um deles recebeu uma bala por mim e desapareceram. E o pior de tudo é que não sei se estiver vivo ou morto, ou se alguma vez os voltarei a ver. E ainda se os vir de novo, não sei como vai sair tudo.

Savannah esfregou os braceletes. Encontrando consolo ao os sentir sob seus dedos. Encontrando um pouco de prudência ao notar sua existência. Uma prova física de que Kye e Draigon eram reais... Embora as perguntas de Holland sobre seu paradeiro também tinham sido tranquilizadoras.

Dirigiu-se ao curral e se apoiou contra a cerca de madeira, tentando interiorizar a tranquilidade mostrada por uma manada de cavalos do rancho, que estavam debaixo de várias árvores de grande tamanho. Todos eles quietos, em calma, só movendo as caudas quando se tiravam as moscas de sua sensível pele.

Não importava quão louca se tornasse a vida, quão agitada, cheia e frustrante, o Bar None era o refúgio de Savannah. Não podia seguir vivendo aqui... Ao menos não na casa de seus pais ou na de seus avós, mas ainda era seu lar de algum jeito, era mais sua casa que seu próprio apartamento.

¹² Texas hold' em é uma versão do jogo de pôquer.



Savannah estudou os braceletes de seus pulsos. Uma vez mais. Não podia tira-los. Não é que queria fazê-lo. Mas em todo o tempo que as tinha examinado, ainda não tinha encontrado um mecanismo de abertura. De fato, sentia-os tão parte de si mesma, que tinha a sensação de que entraria em pânico se alguma vez os tirasse.

A tristeza encheu Savannah. A confusão. A solidão. O medo.

Havia passado horas tentando convencer-se de que se Kye e Draigon podiam desaparecer no ar, e pelo visto levar Fowler com eles, então certamente Kye não podia morrer por uma bala. Mas depois, as dúvidas começavam a enchê-la de novo. Crescendo até estender-se como uma enfermidade em seu coração e alma. Até que se convencia de que ele tinha morrido. Até que se convencia de que nunca mais veria nenhum deles.

Um soluço ficou apanhado em sua garganta. Fazendo impossível respirar, até que as arrumou para atravessar a parede da dor.

Inalou. Uma dolorosa luta contra sua garganta, obstruída pelas lágrimas.

Frente a ela, três potros começaram a brincar. Trotando e depois correndo ao meio galope, com movimentos elegantes e poéticos, contra a cortina de fundo da Serra. Seu cabelo brilhava, liso e luminoso, sob um céu azul sem igual.

O peso cresceu no peito de Savannah. Se tivesse que escolher, ir à casa de Kye e Draigon de forma permanente, poderia deixar isto? Poderia deixar a sua família? Poderia dizer a seus parentes aonde iria? Ainda por Kye e Draigon, ela não podia desaparecer em um buraco negro e deixar os que amava preocupassem, perguntando-se o que teria acontecido.

Savannah suspirou e fechou os olhos. Esfregou as costas de suas mãos contra sua testas, fazendo pequenos movimentos circulares.

Uns passos soaram atrás dela, mas não abriu os olhos nem girou para o som. Sabia que só era uma questão de tempo, antes que seus irmãos chegassem e queriam ouvir sobre o tiroteio no que tinha estado implicada na parada de caminhões.

— Amada — Sussurrou Kye, sua voz quase fez que o coração de Savannah parasse, atordoando-a e apanhando-a em um momento de incredulidade, até que se voltou para ele e o viu.

Não teve um pensamento único, só uma cacofonia de imagens, perguntas e emoções, enquanto se jogava em seus braços. Pressionando beijos em toda sua face. Seus dedos lutando desesperadamente para abrir sua camisa, rompendo-a para revelar sua pele sem cicatrizes.

As lágrimas corriam por suas bochechas. Um soluço de felicidade fez difícil falar.

— Tinha medo de que tivesse morrido — Conseguiu dizer, enredando seus dedos no cabelo de Kye e sustentando-o contra ela, enquanto seus lábios e língua o assaltavam em um beijo, que rapidamente se converteu em outro, e depois em outro, até que seus pulmões arderam tanto pela emoção, como pela necessidade de ar.

Savannah se deu conta da presença de Draigon, mas não podia obrigar-se a soltar Kye. Estendeu a mão e puxou Draigon para eles, sua mão roçava de cima abaixo seu lado, enquanto seus lábios se encontraram em um beijo, igual de necessitado e desesperado que os que tinha compartilhado com Kye.

— Voltaram — Disse Savannah, fraca por tantos sentimentos, que se alegrava que a



estivessem sustentando, impedindo de cair ao chão.

Draigon moveu a ponta de seus dedos por sua bochecha e roçou seus lábios.

— Realmente achou que não o faríamos?

— Não sabia que pensar. Vocês só... Desapareceram.

Kye beijou sua têmpora.

— Usa nossos braceletes. Concordou a realizar uma cerimônia de vinculação. Fez uma pausa

— Concordou ir para casa conosco.

O coração de Savannah se apertou dolorosamente em seu peito. Seu sangue se movia dentro dela tão rápido que trovejava em seus ouvidos.

Queria atrasar a conversa, levá-los a celeiro e fazer amor com eles, enterrar as preocupações sobre o futuro debaixo de um apaixonado presente. Mas o comentário de Kye o fez impossível.

— Concordei em ir casa com vocês. Mas...

Kye a deteve com a pressão rápida de sua boca sobre a sua.

— É suficiente com que estivesse de acordo. E, finalmente, verá nosso mundo. Mas no momento, há trabalho que fazer aqui. Uma vida aqui para todos nós.

— Por quanto tempo?

A expressão de Kye ficou sombria.

— Todas as esperanças para nossa gente estão aqui, e há muito que pode fazer para nos ajudar.

Os filmes de ficção científica onde os alienígenas chegavam à Terra para fecundar mulheres, que tinha visto de adolescente, tentaram projetar-se na tela de sua mente.

— Ficando grávida?

Tanto Kye como Draigon sorriram, os lábios masculinos se curvaram para cima em antecipação. Mas antes que Savannah pudesse dizer algo mais, antes que pudesse inquietar-se, Draigon passou a mão por seu ventre, o que fez apertar sua boceta e seu útero vibrar, ainda quando suas palavras a tranquilizaram.

— No futuro, Savannah, mas não estamos desejosos de compartilhar sua atenção com os meninos neste momento. É uma decisão que tiraremos de forma conjunta quando chegar o momento. Kye me diz que o controle de natalidade se pratica aqui. Assim esperamos. Vamos desfrutar de nossa mútua companhia até que esteja preparada para voltar para casa conosco — Seu rosto se tornou sombrio — Nisso posso ceder. Mas não posso suportar a ideia de que ponha em perigo cada dia.

Savannah ficou tensa.

— Quer que deixe meu trabalho?

Kye beijou sua orelha, fazendo que sua coluna ficasse rígida como o aço. Encheu-se de resolução. Eles tinham usado seu corpo contra ela antes, muitas vezes, mas ela não queria que isso se convertesse no padrão que determinasse seu futuro.

Savannah tentou sair de seu abraço e foi impossível. Abriu a boca para exigir que a libertassem, para ficar imóvel quando Kye disse

— Não pretendemos que fique sentada em casa. Queremos que trabalhe conosco.

— Como caçadora de recompensas?



— Sim — Disse Kye, e ela não o pressionou para obter mais informação, embora podia adivinhar que recompensa caçavam.

Savannah fechou os olhos. Tornou-se policial porque queria fazer algo útil. Porque queria que sua vida significasse algo.

— Realiza a cerimônia de vinculação conosco — Disse Kye — Nos conheça realmente. E se decidir que não deseja trabalhar conosco, aceitaremos sua resposta, e faremos todo o possível por te proteger quando estiver trabalhando como oficial de polícia — Ele mordiscou sua orelha — Mas acredito que encontrará compensações em passar seus dias trabalhando a nosso lado — Ele sorriu contra sua pele — Ou debaixo nós. Ou em cima de nós.

Savannah abriu os olhos e encontrou seu olhar, vendo dentro de suas brincadeiras sua sinceridade, seu amor. Seu otimismo e esperança. Sua confiança. Vendo virtualmente o mesmo, quando voltou um pouco a cabeça e olhou a Draigon. Embora Draigon estivesse menos seguro, menos a gosto, e isto fez sorrir a seu coração, a fez inclinar-se e beijá-lo, uma exploração persistente da suavidade e dureza masculinas.

Amava-os tanto a ambos. Mais do que as palavras podiam expressar.

Tinham-na tomado por assalto. Afligiram seu corpo com um esbanjamento de paixão. Colocaram-se em seus pensamentos, tantas vezes, que se encontrou pensando neles, em compartilhar o que estava em sua mente com eles, visitar de novo as lembranças que tinha com eles.

Tinham enchido um lugar vazio de sua alma. Reclamado seu coração. Completamente. Totalmente. Irrevogavelmente.

— Está bem — Disse Savannah — De acordo.

A mão de Draigon se apertou em seu lado, e depois tomou posse de seu braço, para levar para seus lábios o pulso que tinha seu bracelete.

— Completará a cerimônia de vinculação conosco?

O coração de Savannah se contraiu diante sua expressão vulnerável.

— Me diga a hora e o lugar — Disse ela, enroscando sua mão para segurar sua bochecha, incapaz de evitar aliviar o ambiente com uma brincadeira — Enquanto Elvis não esteja comprometido, estarei ali para a cerimônia. Mas risco a linha em Elvis¹³

— Elvis?

Kye riu e enviou a Draigon a imagem de um cantor falecido, junto com uma mensagem, *Explicarei isso mais tarde. Ou o fará nossa companheira de vínculo. Mas no momento, estou a favor de ir à câmara de transporte.*

Ao igual eu.

Draigon se inclinou para Savannah, desejando poder abraçá-la por completamente entre seus braços, mas entendendo de sua necessidade de agarrar-se a Kye. Aceitando-a. Encontrando que não haviam ciúmes ou aborrecimento em seu coração. Descobrimo em troca, um amor quase esmagante por esta notável mulher humana que era sua companheira, e que algum dia seria a mãe de seus filhos.

¹³ Referência ao Elvis Presley. O personagem se refere a não querer casar-se em alguma capela onde um dobro do Elvis Presley realize a cerimônia. É frequente nas capelas de Las Vegas



— Amada, virá agora conosco?

Ela deu uma olhada à casa a pouca distância, perguntando-se pela primeira vez se seus avós e Holland teriam visto a chegada de Draigon e Kye, e os beijos ardentes que tinham ocorrido logo depois de sua chegada.

— Não posso só desaparecer.

Kye riu.

— A diferença do dia que Draigon apareceu quando me demonstrava suas habilidades com o laço, viemos aqui de carro.

As sobranças do Savannah se juntaram.

— Como sabiam onde me encontrar?

— Entenderá tudo depois da cerimônia de vinculação — Disse Kye, inclinando-se para deixar beijos ao longo de seu pescoço e ombro, detendo-se no lugar que tinha mordido em repetidas ocasiões — Diga a sua família que voltará mais tarde, e que nos apresentará a eles.

Savannah vacilou só por um segundo antes de assentir e afastar-se.

— Reunirei-me com vocês no carro.

A viagem à câmara de transporte na Serra foi uma tortura para Draigon. A demora quase insuportável. E para quando saíram do carro, seu corpo estava coberto por um brilho de suor, seu pênis duro e cheio, dolorido e palpitando, tanto pela necessidade como pelo protesto.

Pela Deusa e seu consorte, a tortura sensual de Savannah enquanto percorriam o caminho, quase o tinha reduzido a rogar, suplicar e “derramar suas vísceras”, como ela tinha afirmado que era sua intenção quando se negaram a responder a suas perguntas, embora derramar sua semente estava mais próximo à verdade. E Kye não estava em melhor forma que ele.

Não havia necessidade de conversa entre eles. Não havia necessidade de ler os pensamentos do outro, ou suas emoções e intenções, para coordenar suas ações. Ele e Kye eram uma só mente quando tomaram os pulsos de Savannah, e a levaram através do vestibulo, onde a maioria se despojavam de suas roupas da Terra, dirigindo a diretamente à câmara.

Ela ofegou com surpresa e admiração, sussurrando, “Isto é formoso”, com tal assombro, que a febre no sangue de Draigon se esfriou o suficiente para impedir de despi-la, e tomá-la no chão em uma união selvagem. E uma vez mais, como se a conexão com Savannah os tivesse harmonizado um com o outro, Kye o alcançou telepaticamente, dizendo, *Tenho vontade de colocar a nossa companheira na cama e fode-la até que desmaie pelo cansaço. Mas também desejo criar uma lembrança que todos possamos evocar com felicidade.*

Pensamos da mesma maneira, disse Draigon, soltando o pulso de Savannah, e tirando a tão odiada roupa da Terra, enquanto Kye fazia o mesmo. A antecipação e o amor o percorriam. Uma felicidade que não podia, nem queria, conter, enquanto girava para Savannah e obtinha sua atenção.

Savannah emitiu uma risada rouca. A câmara, com sua claraboia e suas mudas de flores deliciosas, o desenho elaborado de pedras de cristal no chão, a enorme cama em uma plataforma baixa... Tudo desaparecia ao olhar a beleza de Draigon e Kye, quando se colocaram nus frente a



ela. Seus pênis rígidos, e seus corpos de músculos duros. Suas expressões idênticas, retratos de determinação masculina, embora ela nunca os confundiria, ou queria que fossem diferentes a sua verdadeira forma de ser.

Kye. Gracioso, desinibido, brincalhão.

Draigon. Sério, reservado, cheio de lugares pouco acessíveis.

Savannah alcançou sua camiseta, com intenção de tirá-la, mas Draigon e Kye tomaram seus pulsos, evitando que o fizesse.

— OH não, amada — Disse Kye — Isso nos corresponde fazê-lo.

Beijaram os braceletes de seus pulsos antes de libertá-la. Kye se mudou para suas costas, enquanto Draigon se ajoelhava diante dela. Ambos atormentando-a com beijos e carícias, com dentadas e sucções, enquanto lentamente tiravam a roupa. Continuando com seus cuidados, muito depois que sua vestimenta tinha caído no chão.

Savannah se arqueou quando Kye acariciou seus seios. Gemeu quando beliscou seus mamilos, enquanto a língua de Draigon fazia uma incursão em sua fenda, e depois deslizava para cima, fazendo círculos e brincando com seus clitoris, até que o capuz se retirou, e revelou a diminuta cabeça ultrassensível. Ela gemeu quando ele a roçou, lambeu-a, esfregando-a com a língua, antes de tomá-la em sua boca, sugando-a, enquanto sua língua seguia lambendo e formando redemoinhou-se a seu redor. Tudo esquisitamente sincronizado com a manipulação de Kye de seus sensíveis mamilos.

Seus dedos se agarraram ao cabelo de Draigon. Levando-o para ela, enquanto a parte inferior de seu corpo se retorcia, esfregando-se e empurrando-se contra sua boca. A necessidade de liberação cresceu até que gozou, em um brilho candente, que a deixou tremendo, atônita, com sua boceta fazendo espasmos, apertando e afrouxando, desesperado por fechar-se ao redor de seus pênis.

— Minha vingança será terrível — Consegui dizer Savannah — E isto não evitará que faça perguntas no carro de novo.

Kye riu, suas palmas deslizaram sobre seus mamilos.

— Draigon e eu o esperamos com ilusão.

Draigon ficou de pé. A posição facilitou que Savannah pudesse tomar seu pênis, roçando o polegar contra a suave e úmida cabeça.

— Vou morrer se não me fodem logo. Acredito que o mencionei antes. Vocês me converteram em uma ninfomaníaca com um grave vício ao sexo.

— Enquanto o vício se limite a nós — Disse Draigon, cobriu sua mão com a sua, deixando escapar um gemido quando ela abandonou a ponta e acariciou seu eixo, de acima para baixo.

Savannah o beijou, provou-se a si mesma nele, e encontrou esse fato escuramente erótico. Sentiu que sua própria excitação percorria a face interna de suas coxas. A plenitude dos lábios de sua boceta o fazia impossível fechar as pernas. E depois a mão de Kye estava ali, evitando que o tentasse. A palma de sua mão contra seu montículo, seus clitoris cravando-se no centro da mão, enquanto seus dedos pinçavam em sua vagina e seus músculos internos reagiam, segurando-o, liberando-o só para agarrar-se novamente a ele de maneira ávida.

Não durarei muito mais, disse Draigon, retrocedendo um passo.



Tampouco eu.

Kye se obrigou a afastar do corpo de Savannah. Rodeou-a, para que ambos ficassem frente a ela.

— Deixaremos que nos veja como somos realmente, antes de nos unir completamente a você.

Savannah se esticou, mas não afastou a vista. Seu estômago dava cambalhotas e seu pulso se acelerou. Perguntou se a que tinha visto, era realmente sua aparência.

— Estou preparada — Disse, preparando-se. Rezando para não reagir negativamente e ferir seus sentimentos.

As pedras em seus braceletes formaram redemoinhos e pareceram ganhar vida. O ar atrás de suas costas brilhou, como se milhares de moléculas de repente se reunissem em um só lugar. Atrás de Draigon, a névoa fantasma cintilou com um brilho parecido ao do tecido de gaze. Atrás de Kye, havia uma profunda nuvem marrom. Até que finalmente as partículas se converteram em formas sólidas. Asas.

Savannah pôs-se a rir. Cheia de alegria. Maravilha. Amor. Humor.

— Wingman e Batman. Não sei como o faço, mas nossa que sou boa no que respeita aos apelidos.

Caminhou para eles. Fez que Draigon se estremecesse quando moveu seus dedos sobre suas plumas veteadas em vermelho e ouro. Fez que Kye fizesse o mesmo quando acariciou o aveludado de suas asas cor chocolate negro e sussurrou

— Antes pensava que eram formosos, mas agora... Só quero me envolver em vocês e ficar ali.

Draigon tomou a mão na sua.

— Acredito que Kye e eu podemos te agradecer.

Kye tomou sua outra mão, e a levaram para a cama, colocando-a entre eles, enquanto reatavam seu assalto anterior, usando suas mãos e bocas em um ataque coordenado que a deixou sem fôlego, suplicando, e tremendo para quando Kye rodou sobre suas costas e a colocou sobre ele, pondo-a sobre seu pênis, suas suaves asas estendidas como um glorioso edredom marrom escuro, suas mãos se dirigiram a suas nádegas, abrindo-a para Draigon.

Savannah ofegou quando os dedos de Draigon bordearam sua entrada traseira, seu canal apertou o pênis de Kye em um punho de calor feminino, quando o azeite que tinham utilizado nela antes passou através de seu apertado buraco, lubrificando-o, enviando um ardente desejo que irradiava para fora e para seu interior, e então gemeu, empurrando-se contra Kye, sentiu o rastro do azeite dirigir-se para baixo, sensibilizando cada lugar que tocava, alcançando sua boceta, o pênis de Kye, fazendo que ambos empurrassem e se esticassem.

O pênis de Kye se sacudiu com um prazer escuro e desconhecido quando o canal de Savannah se apertou, no momento que Draigon começou a empurrar dentro dela, seu pênis acariciou o de Kye através da fina barreira que os separava. *Se apresse!*

Draigon gemeu em resposta. Empurrando mais profundo, disse, *Coloca seus pulsos em posição*, e Kye enroscou dedos entre os do Savannah para que suas bandas se tocassem, logo, levantou os braços de ambos por cima de sua cabeça, para que Draigon pudesse unir suas mãos às



suas, seus braceletes tocaram os deles quando finalmente esteve totalmente situado. Ambos os pênis em seu interior. Os três unidos completamente.

Durante um momento permaneceram imóveis. Lutando contra as demandas de seus corpos e a necessidade febril de mover-se.

Saborearam sua primeira união completa. Mas muito cedo, os músculos internos de Savannah se contraíram ao redor dos pênis que palpitavam ao mesmo ritmo dos cristais dos braceletes de Draigon e Kye, as pedras Ylan já estavam prontas para migrar, seu poder intensificava a união, fazendo impossível que Draigon e Kye permanecessem sem mover-se por mais tempo, fazendo tudo para terminar finalmente o que tinham começado, empurrar e sair, reclamando a sua companheira de vínculo em uma corrida selvagem de paixão, amor e liberação.

Um clímax demolidor os deixou com uma capa de suor, com seus corpos misturados, e completamente abertos a outros, mente a mente, coração a coração, alma a alma. Tão intimamente conectados, que a princípio Savannah pensou que os sentimentos que a percorriam, quase implacáveis em sua intensidade, eram uma corrente de seu próprio amor, um reflexo do muito que necessitava de Draigon e Kye. Mas então, a voz de Kye apareceu em sua mente, enviando seu coração a galopar outra vez quando disse, *Nós também a necessitamos, Savannah. Nunca o duvide.*

Ela o olhou nos olhos, e recordou todas as vezes que tinha visto o Kye e Draigon de pé juntos, em um curioso silêncio. Quase como se estivessem falando um com o outro sem dizer uma palavra. E agora tinha sua resposta. *Podem ler a mente do outro*, disse. Não estando segura de como dirigir seus pensamentos.

Abrimos e fechamos nossos pensamentos a vontade, disse Draigon.

Porra! Disse Savannah, sobressaltando-se ao ouvir a voz de Draigon, embora deveria tê-la esperado.

Ele riu em sua mente. Um rouco som masculino, enquanto seus quadris bombeavam lentamente, seu pênis agora contra a greta de suas nádegas. As plumas de suas asas acariciavam sensualmente seu lado. *Se deseja purra, estou seguro que Kye e eu podemos estar à altura das circunstâncias.*

O coração de Savannah se transbordou com uma nova onda de amor. O humor rápido de Draigon e sua resposta brincalhona a fizeram rir.

Kye pressionou um beijo em seus lábios. *Este é nosso dia de vinculação, e não decepcionaremos a nossa companheira de maneira nenhuma.*

Ela estremeceu, sendo consciente de seu pênis ereto e pronto de novo, apoiado contra seu ventre. Do pênis do Draigon, igualmente ereto, apertado contra suas nádegas.

Tinha um milhão de perguntas e, entretanto, a necessidade de unir-se por completo com eles pulsava através dela como um batimento de coração unificador. Uma chamada que se originava nos braceletes em seus pulsos, e que não podia ser rejeitado.

Nesse momento, Savannah olhou os braceletes, sua mente de policial processou o que estava vendo, reconhecendo por que tinham insistido em que aceitasse os braceletes e porque isto era chamado cerimônia de vinculação, ainda quando não soube imediatamente como tinham chegado a seus braceletes, as pedras dos braceletes de Draigon e Kye.



Explicaremos isso com tanto detalhe como quer. Mais tarde, disse Kye, suas mãos foram para seus quadris, impulsionando-a a mover-se e reclamar seu pênis outra vez.

Savannah não resistiu a sua insistência. Seus dedos acariciaram a suave parte inferior de sua asa, enquanto o pênis de Kye se introduzia nela. *Falaremos no caminho ao rancho. Prometi a minha avó que estaríamos de volta a tempo para o jantar*, disse, esperando até que Draigon também tivesse unido seu corpo ao dela, para fazer uma brincadeira, recordando uma conversa anterior, *Acredito que agora seria um bom momento para me demonstrar que não precisam comer Ostras da Pradaria, com o fim de chegar ao final e manter a sua companheira de vínculo satisfeita sexualmente*.

Kye riu, enquanto Draigon murmurava algo a respeito de planetas primitivos e atrasados. Mas então, ambos a tocaram, não só com suas mãos e lábios, e sim com suas emoções e seus pensamentos. Enchendo-a com algo mais que seus pênis. Dando tudo de si mesmos, ainda quando suas vozes sussurravam em sua mente, prometendo protegê-la e dar prazer, como era seu direito, seu dever. Seu privilégio.

Epílogo

Jegon d'Amato contemplou os resultados do DNA coincidente com uma mistura de esperança e incerteza. Era um cientista, mas não excluía a possibilidade de que a sabedoria e visão da Deusa estivessem em funcionamento. Remodelando Belizair de uma maneira mais agradável para Ela.

Uma vez, os Fallon tinham sido uma grande raça de troca formas alados. Mas a arrogância e a inveja, o orgulho e os prejuízos, tinham-nos destruído, fragmentando-os em uma multidão de raças que eram menores ao que tinham sido uma vez, dispersando-se até que só os Amato e os Vesti permaneceram em Belizair.

A primeira das mulheres humanas vinculada tanto a um homem Vesti como a um Amato estava a ponto de dar à luz, o evento tão esperado era a razão pela que nesse momento tinha só para ele, a casa do Conselho e o laboratório em São Francisco.

Outros, já tinham ido a Winseka, preferindo estar perto do lugar do nascimento, e não arriscar-se a perdê-lo. E agora que tinha os resultados da comparação de DNA, unir-se-ia a eles breve.

Jegon não era o único dos cientistas em perguntar-se que habilidades teriam os meninos provenientes dessas uniões. Os testes que foram capazes de realizar nas amostras obtidas dos fetos, mostravam os marcadores distintivos de ambas as raças... A presença dos genes responsáveis pelas asas de plumas dos Amato, e também os das asas escuras, parecidas com as dos morcegos, dos Vesti.

Posto que todas as mulheres levavam gêmeos, muitos concluíram que haveria um menino Vesti e um Amato. E já que as asas não ficavam de manifesto até depois do nascimento, quando os braceletes eram colocados, e uma parte das pedras Ylan dos pais migravam para os braceletes do



menino, não havia nenhum modo de demonstrar ou refutar, de saber com segurança o que seriam esses meninos.

Jeqon pensava que talvez, esses meninos seriam mais. Pensava que, talvez, seriam o primeiro pequeno passo para a volta dos Fallon. Rezava à Deusa e seu consorte Ylan porque assim fosse.

Necessitou-se a ameaça de extinção para dirigir a atenção dos cientistas à Terra. Para fazer considerar a reserva de genes ali existentes, entre os seres humanos que eram descendentes dos Fallon. E ao fazê-lo, tinham encontrado uma esperança para os varões não emparelhados. Para Belizair em sua totalidade.

Jeqon se aproximou da janela da casa do Conselho e olhou para o exterior, à baía de São Francisco, perguntando-se se o descobrimento dos dois varões humanos que levavam a sequência de genes Fallon oferecia às mulheres não unidas de Belizair uma esperança verdadeira ou uma falsa. Se oferecia a sua irmã Zantara uma oportunidade de felicidade, ou um caminho de maior desespero.

As pedras Ylan em seus braceletes zumbiam sobre sua pele, ressoando com energia, uma indicação de que sua irmã logo chegaria à Terra. Dobrou o papel que continha os resultados da comparação do DNA e o pôs em seu bolso, enquanto se separava da janela e caminhava para a câmara de transporte, rezando à Deusa por orientação enquanto o fazia. Pelo perdão. Por poder deixar a um lado a ira entre Zantara e ele.

O vírus Hotaling fazia mais que ameaçar aos de Belizair com a extinção, tinha revivido antigas hostilidades e separado famílias. Ele e Zantara nunca tinham sido próximos como outros irmãos, mas tinham estado em termos amistosos... Até que o vírus atacou.

Sua sociedade valorava a livre escolha, o livre-arbítrio, mas mesmo assim, as mulheres grávidas e as que criavam filhos eram reverenciadas. E ser incapaz de fazê-lo...

Zantara não era a única em ver-se sem esperança, lutando com o desespero e os sentimentos de inutilidade, a cólera. A amargura. Jeqon podia entender esses sentimentos, fazia todo o possível para consolá-la, para oferecer toda a esperança que pudesse. Mas em sua dor, ela tinha arremetido contra ele por sua amizade com o Komet d’Vesti do clã Araquel. Em sua dor, ela tinha infringido angústia e miséria a outros, tinha insistido em que se examinasse o irmão mais velho de Adan, Zeraac, ao que ela se prometeu, e depois, quando se provou que era estéril, tinha-o deixado de lado... Só para dar a volta e dirigir-se a seu tio em sinal de protesto, para tentar romper o vínculo, quando Komet e Zeraac reclamaram a sua companheira, a humana chamada Ariel, e a levaram a Belizair.

Jeqon se deteve para fora da câmara de transporte, a ressonância vibratória através de seus braceletes, dizia que a sequência do portal se aproximava da finalização. Preparou-se, rezando uma vez mais pela orientação da Deusa e seu Consorte. Perguntando-se de novo sua mão estaria sobre tudo o assunto, refundando os Amato e os Vesti. Tecendo de novo a estrutura de seu mundo, fio por fio. Companheiro de vínculo a companheiro de vínculo.

As portas se abriram e Zantara saiu. Seus olhos encontraram com os dele, reluzindo com lágrimas quando caminhou para frente e estendeu os braços, tocando seus braceletes contra os de Jeqon na saudação tradicional. *Já estou em paz com o Zeraac, e obtive permissão do Conselho*



para servir como um de seus agentes aqui. Procurando meninos não desejados que levem os genes Fallon, e se encontro alguns, ajudar a criá-los até que sejam o bastante maiores para ser emparelhados e levados a Belizair, se assim o desejarem então.

A alegria atravessou Jeqon, suas palavras eram pelo que tinha rezado. *Chega no momento perfeito. Draigon, Kye e sua companheira de vínculo humana, Savannah, encontraram uma menina chamada Holland, que tem o marcador Fallon.* Fez uma pausa e depois trocou para a palavra falada

— Ela não é um bebê ou uma menina pequena. Tem treze anos terrestres e sua vida não foi fácil.

Zantara não hesitou.

— Me diga aonde tenho que ir.

Jeqon deu as coordenadas e a olhou enquanto retornava à câmara. Os braceletes de seus pulsos vibraram à vida quando se transportou.

Só quando a vibração se deteve, retornou ao laboratório e levantou o telefone. Sorrindo quando Draigon respondeu, depois dos suficientes toques para sugerir que ele pudesse ter estado ocupado, seu grunhido de “olá” o confirmou.

— Zantara está a caminho para ajudar com Holland — Disse Jeqon — Não compartilhei esta informação com ela, mas o varão humano chamado Kelleher é um companheiro para ela.

Fim

TALIONIS

*Incentive os revisores contando no nosso blog
o que achou da história do livro.*

<http://talionistw.wordpress.com/>